

PARTE III – PERCURSOS DO CURSO DE TURISMO – PUCRS

*Não é na história aprendida, é na história vivida
que se apóia a nossa memória (HALBWACHS, 1990, p. 60).*

CAPÍTULO 4 A EMERGÊNCIA DO CURSO (1972 – 1975)

Neste capítulo, abordamos a história da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, especialmente da Faculdade de Comunicação Social – FAMECOS, a fim de situar o objeto de estudo, o Curso Superior de Turismo. A investigação, ao propor uma aproximação quanto às memórias dos sujeitos do curso, não almeja descobrir o que realmente aconteceu na história do curso. Interessa, sim, compreender como as memórias de quem viveu aquele passado são construídas no presente, que implicações têm essas memórias na construção dos significados histórico e educacional atribuídos ao curso.

A história da PUCRS se inicia com a vinda dos Irmãos Maristas para o Brasil – congregação religiosa fundada por São Marcelino Champagnat, em 1817, em La Vallá (perto de Lyon – França). No ano de 1900, os primeiros Maristas chegaram à localidade de Bom Princípio (RS). Nas cidades em que se estabeleciam, iam abrindo escolas, conforme as necessidades de cada região.

Em 1904, usando as instalações da Igreja Nossa Senhora do Rosário, foi aberta a Escola Nossa Senhora do Rosário. Em 1927, se transferiu para a Praça Dom Sebastião. Nesse ano, o Irmão Afonso (Charles Désiré Joseph Herbaux), diretor da Escola, criou o Instituto Superior de Comércio.

Em 1940, foi fundada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, seguida pela Escola de Serviço Social, em 1945; pela Faculdade de Direito, em 1947. Com as quatro faculdades, a União Sul Brasileira de Educação e Ensino (USBEE), entidade civil dos Irmãos Maristas, requereu ao Ministério da Educação a equiparação de universidade.

Em 23 de agosto de 1948 foi aprovado, no Conselho Federal de Educação, o parecer nº 323, que cria a Universidade Católica do Rio Grande do Sul, constituída pelos seguintes estabelecimentos: Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; Faculdade de Direito e Escola de Serviço Social. O Presidente da República assinou o Decreto nº 25.794, de 9 de novembro de 1948, com aprovação do estatuto da Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

No dia 1º de novembro de 1950, o Papa Pio XII outorgou à Universidade o título de Pontifícia. Em 7 de março de 1951, foi instalada a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Desde então, a PUCRS vem passando por diversas mudanças, reestruturações, ampliando suas unidades acadêmicas, a oferta de cursos, o desenvolvimento do espaço físico, etc.

A história da FAMECOS – Faculdade dos Meios de Comunicação Social teve início em 1949, quando houve pressão de profissionais da área, entidades (Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre e Associação Rio-Grandense de Imprensa) e empresários (ligados à Cia. Jornalística Caldas Jr. e aos Diários e Emissoras Associadas), para a instalação do primeiro curso de Jornalismo⁸⁹ no RS e o terceiro do País (MOURA, 1994). A Associação Rio-grandense de Imprensa, o Sindicato dos Jornalistas e as empresas jornalísticas pressionaram a Universidade para que criasse o curso que daria mais cultura aos profissionais da imprensa.

Em 1964, o Curso de Jornalismo passou a ser Escola, sendo seu primeiro Diretor o professor Cláudio Goulart Candiota e, no ano seguinte, a Escola de Jornalismo transformou-se na Faculdade dos Meios de Comunicação Social, em virtude do título do documento Inter Mirifica do Concílio Vaticano II⁹⁰, em 04/12/1966.

Em 1967, teve início o curso polivalente, de quatro anos, havendo, no último, opções para as especializações em Jornalismo, Publicidade/Propaganda e Relações Públicas. Devido à Resolução nº. 11/69 do Conselho Federal de Educação, em 1970 o curso de Comunicação Social foi reestruturado com especializações em Jornalismo (Impresso, Radiofônico, Televisionado e Cinematográfico), Relações Públicas e Publicidade/Propaganda.

A partir de 30 de dezembro de 1969, assumiu a direção da FAMECOS o professor Alberto André, um dos fundadores do Curso de Jornalismo, em 1952. O Irmão Elvo Clemente, que esteve na vice-direção com o prof. Candiota, permanece com sua função, continuando a responder pela Secretaria Geral da Universidade. Formou-se, então, um triunvirato que traçou novos destinos à FAMECOS: Alberto André (diretor da FAMECOS – 1969 a 1975), Irmão Elvo Clemente (vice-diretor da FAMECOS e

⁸⁹ No Brasil, o Curso de Jornalismo foi instituído pelo Decreto-Lei 5.480 de 13 de maio e regulamentado pelos Decretos 22.245 de 6 de dezembro de 1946 e 24.719 de 29 de março de 1948. Em 4 de julho de 1949, o Conselho Universitário, por proposta do Reitor Professor Armando Pereira da Câmara, designou o Irmão Faustino João para elaborar o plano de orientação do Curso de Jornalismo, nos moldes apontados pelos Decretos. Com isso, foi elaborado o plano para o Curso, de acordo com a legislação em vigor, sendo aprovada a sugestão pela então Faculdade de Filosofia, integrante da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, que organizou uma relação de professores para ministrar as diversas disciplinas. Com o currículo e a seriação das disciplinas aprovadas pela Mantenedora e pelo Conselho Universitário, em 1950, a instituição requereu à Diretoria de Ensino Superior do Ministério da Educação a autorização para o funcionamento do Curso de Jornalismo. (JOÃO e CLEMENTE, 1997).

O Conselho Nacional de Educação aprovou a autorização de funcionamento do Curso de Jornalismo, pelo Decreto 29.831 de 31 de julho de 1951 concedido pelo governo federal. O curso começou em março de 1952, vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras. Em 11 de abril de 1956, através do Decreto nº 39.008, o Curso de Jornalismo foi reconhecido pelo governo federal. Já em 28 de janeiro de 1964, através do Parecer nº 7/64, o Conselho Federal de Educação autorizou o desdobramento, solicitado pela Direção da Faculdade de Filosofia, para a criação da Escola de Jornalismo.

⁹⁰ Decreto do Papa Paulo VI apresentado em 04/ 12/ 1966, se dirige originalmente aos que se dedicam aos Meios de Comunicação Social: a imprensa, o cinema, o rádio, e a televisão.

Secretário Geral da PUCRS) e Antônio Firmo de Oliveira Gonzalez (diretor da FAMECOS – 1976 a 1994) (DORNELES, 2002).

Em 1971, a FAMECOS mantinha a formação polivalente para todos os alunos, além dos cursos: a) Jornalismo impresso, radiofônico, televisivo e cinematográfico; b) Relações Públicas; c) Publicidade/Propaganda; d) Técnico em Planejamento de Turismo (criado em novembro de 1971 para começar a funcionar em 1972).

André (1993) revela que, quando foi indicado para a direção da Faculdade, tinha como meta sua ampliação e o desejo de torná-la mais prestigiosa perante os veículos de comunicação do Estado. A primeira iniciativa que propôs foi a construção da sede própria para a FAMECOS. O prédio veio a fazer parte da Cidade Universitária, instalada em seu novo campus, no bairro Partenon. O prédio, de número 7, se concretiza, e é onde a FAMECOS está operando até hoje (2010).



Ilustração 13 – Obras da FAMECOS PUCRS – 1972

Fonte: Assessoria de Comunicação Social – Arquivo Fotográfico - PUCRS

Em 1972, dentro do programa da XII Semana de Porto Alegre, foi lançada a pedra fundamental do prédio da FAMECOS, fato bastante marcante para a Instituição.



Ilustração 14 – Correio do Povo/RS, 06/11/1971, p. 12

Conforme abordamos em capítulo anterior, nesse período o Rio Grande do Sul estava vivendo uma fase de deslumbramento com a atividade turística; as notícias sobre turismo, no jornal Correio do Povo/RS, eram diárias. Diversas iniciativas, tanto no âmbito público quanto no privado, estavam sendo realizadas com o objetivo de desenvolver o turismo no estado, como a elaboração do plano da SUDESUL e, junto a isso, diversos estudos estavam sendo realizados que reforçam a necessidade de qualificar a mão de obra para o setor turístico.

Inicialmente, devemos dizer que não consideramos a fundação de uma instituição como um fato, um momento, uma data, mas como um processo, que inclui todos esses elementos referidos e converge para um evento particular, datado, como uma inauguração, uma solenidade, um ritual ou uma lei; que pode ser registrado como uma referência concreta ou formal da gênese de um curso que, entretanto, pode necessitar de algo mais, por exemplo, de mais uma série de fatos ou eventos para consolidar sua existência⁹¹.

No presente capítulo, partimos da análise das narrativas dos professores, ex-docentes e ex-alunos em suas memórias e de suas interlocuções sobre o Curso de Turismo, buscando mapear os sentidos que produzem em suas primeiras aproximações

⁹¹ São conhecidos exemplos de cursos criados no papel, mas que nunca existiram ou somente vieram a existir de fato tempos depois, como foi o caso do Curso de Turismo da Universidade Federal de Pelotas em 1975, conforme portaria Portaria 04/75 do CONSUN.

com esse curso. Assim, as entrevistas, os jornais, os documentos serão os indícios, pistas, dados de nossa pesquisa, mediados pela teoria.

No caso do Curso de Turismo da PUCRS, parece-nos que uma referência inicial sobre o processo de fundação configura-se com o estudo realizado pela SUDESUL, com a situação do ensino superior no Brasil nesse período, e com todo o contexto do Turismo no Brasil, especificamente, no estado, conforme descritos nos capítulos 2 e 3.

Em novembro de 1971, foi criado e autorizado pelo Parecer 35/71, do Conselho Federal de Educação, o Curso Superior de Planejamento de Turismo, com duração de três anos, no turno da noite, para iniciar suas atividades em março de 1972.

4.1 O Processo de Constituição do Curso

Interpretando-se as narrativas dos entrevistados, podemos perceber diferentes explicações no que se refere a fatores determinantes da origem do curso. Essas diferenças, provavelmente, devem-se a participações em momentos distintos das discussões. Por exemplo, o professor Masina se aproximou do curso a partir de sua atuação na SUDESUL; o professor Muza a partir de seu trabalho na ADVB – Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil. De qualquer maneira, tanto a iniciativa pública quanto a privada motivou a criação do curso.

O contato com a realidade científica da Espanha fez emergir, em um grupo de pessoas que começava a trabalhar com o turismo no RS, Edison Batista Chaves, Renato Masina, uma expectativa de transformação da realidade turística gaúcha. A partir dos contatos mantidos com o grupo espanhol, começou a se estruturar e institucionalizar essa atividade no estado, com a criação da Secretaria de Turismo e, a partir daí, reivindicar uma maior participação com uma melhor qualificação nessa área.

Para Masina (1993), o Curso Superior de Turismo surgiu como decorrência das necessidades levantadas pelo Plano Regional de Turismo da Região Sul, estudo analítico de alto nível técnico, realizado em 1970/71, pela então Superintendência de Desenvolvimento Econômico do Extremo Sul – SUDESUL. Após a realização desse Plano, foram detectados vários aspectos e, entre eles, talvez o mais importante, o problema da formação profissional, pois havia carência de pessoal para atividades nesse novo setor. Nessa época, o SENAC fazia algum trabalho de formação de garçons, de arrumadeiras, mas era uma coisa em nível básico e faltava a parte gerencial, de gestão e de qualificação. A alternativa encontrada foi a de uma universidade criar um curso de Turismo, permitindo uma formação acadêmica e mão de obra qualificada. A equipe que elaborou o Plano estabeleceu inicialmente um contato com a Universidade Federal do

Rio Grande do Sul – UFRGS, que não mostrou interesse. Então foram à PUCRS, que acolheu a idéia e se colocou à disposição.

Segundo Clemente (1993), as agências de turismo da capital insistiam seguidamente, junto à Direção da FAMECOS, para que se criasse o Curso Superior de Turismo, a fim de preparar mão de obra especializada que o campo da "indústria sem chaminés" estava a exigir. O Conselho da FAMECOS, formado pelos professores Alberto André, Ir. Elvo Clemente e Antônio Firmo Gonzalez, acatou a idéia e examinou sua aplicabilidade.

Para Gonzalez (1993), o Curso Superior de Turismo originou-se de apelo formulado a PUCRS pelo Poder Público e pela Iniciativa Privada, que, decisivamente, colaboraram para a formação de sua estrutura funcional e curricular.

Antoninho Muza Naime (08/10/2008) nos traz outro enredo para essa criação. Conta que a ideia do Curso de Turismo surgiu no escritório de planejamento do governador Euclides Triches e esse projeto passou a ser ampliando através da ADVB, porque no planejamento de governo tudo era por setores, e esta área estava a cargo da ADVB, ligada à Confederação Nacional do Comércio. O professor Muza, na época, era o diretor de capacitação da ADVB, do que decorreu sua participação nas discussões e sugestões do currículo do curso⁹².

A Confederação Nacional do Comércio encaminhou, através da sua presidência, uma solicitação ao Irmão Reitor João Otão, para que a PUCRS se tornasse parceira do programa de governo e criasse o curso superior de Turismo. O reitor, então, instituiu uma comissão e determinou que Alberto André, Elvo Clemente, Renato Masina e Antoninho Muza Naime estudassem a possibilidade de se criar esse curso.

Conforme vimos no capítulo anterior, outras iniciativas de criação de cursos de Turismo também partiram de uma solicitação da Confederação Nacional do Comércio, como por exemplo, a USP.

A PUCRS, atendendo ao apelo do governo do estado, reforçado por reivindicação da Confederação Nacional do Comércio e do empresariado, acolheu o pedido de criação de um Curso Superior de Turismo, destinado a preparar planejadores e organizadores de Turismo em nível superior. Materializava-se, dessa forma, mais um braço da política de Turismo da SETUR, atenta às exigências do mercado profissional.

⁹² Antoninho Muza Naime (08/10/2008) se dizia um curioso da área, como todos que começavam a trabalhar com o turismo na época, no estado. Para ele, existiam duas pessoas que conheciam turismo, o Walter Seabra, que foi diretor do São Rafael, e o Goidanich, que foi diretor do Serviço Estadual de Turismo. As pessoas que tinham experiência eram eles e mais ninguém. No Brasil, praticamente, todo mundo era curioso, porque formação acadêmica ninguém tinha.

(MOESCH, 1997)

Convém salientar que a legislação, através do MEC, viabilizou essa iniciativa, uma vez que, em 1971, se estabeleceu o currículo mínimo geral para os cursos de Turismo no Brasil, que foi homologado em 19/04/1971 (Jarbas Passarinho).

Para o professor Renato Masina (25/03/2008), a profissionalização em turismo foi uma exigência do próprio mercado; o setor começou a se conscientizar da atividade e notou a falta de pessoal especializado. A administração, a gerência e a gestão turística, tanto na parte de hotelaria como nas agências de viagem, o próprio setor governamental, necessitavam de pessoal especializado na área de turismo. A partir daí surgiu a necessidade da criação de um curso de Turismo que formasse pessoal qualificado para essas diversas atividades.

Alberto André (1993), no projeto de criação do curso, justificou sua criação partir do contexto: os fundamentos eram óbvios, pois, no Brasil, havia sido criada a Empresa Brasileira de Turismo, EMBRATUR, pelo Decreto Lei nº55, de 18.11.1966, que tinha como ementa definir a política nacional de turismo. No Rio Grande do Sul – Porto Alegre, Canela, Gramado e outras cidades – as condições eram adequadas, especialmente em seu condicionamento geográfico e social, rede hoteleira em expansão, organizações e agências atuantes. Os novos impulsos vieram com o Decreto Federal nº18.908, de 1.2.1968, que estabeleceu estímulos fiscais para hotéis e similares, de interesse turístico. Em nosso Estado, através da Lei 6238, de 23.7.1971, nasceu a Companhia Rio-Grandense de Turismo, CRTUR, que, na primeira etapa, foi colocada sob a Secretaria de Turismo e, extinta esta, transferida para a Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo. Também funcionava o Conselho Estadual de Turismo, CET, cujos membros participaram de algumas reuniões como presidentes da Associação Rio-Grandense de Imprensa. Já se preparava o Conselho Municipal e, em seguida, a Empresa Porto-alegrense de Turismo, EPATUR, que só viria a tornar-se realidade pela Lei municipal nº3741, de 28.12.1973. O Curso Superior de Turismo insere-se quando esses três níveis de governo estão empenhados na criação da Indústria Turística e no Desenvolvimento do Turismo. “Situa-se assim, na letra e no espírito do Decreto-Lei 55, de 18 de novembro de 1966, base da legislação e das providências que vêm sendo encaminhadas na formulação da política de turismo no país” (PROJETO DE CRIAÇÃO DO CURSO DE TURISMO - PCCT, 1972, s/p)

Teixeira (2007), analisando a trajetória dos Cursos Superiores de Turismo (1968-1976), também considera a criação, em 1966, da EMBRATUR como uma variável importante para a criação desses cursos no Brasil.

André (1993, p.122) também pondera que, na época de criação do curso, outro fator decisivo foi a pregação de Joaquim Xavier da Silveira, presidente da EMBRATUR, que considerava o turismo "prioridade nacional". Existiam ainda vários artigos nos jornais, especialmente no Correio do Povo/RS, onde pontificavam os jornalistas Oswaldo Goidanich, Kleber Borges de Assis, Lourdes Fellini Sartori, entre outros. Assim, pelo que se observa, o ambiente era oportuno para a efetivação do Curso, pois já se sentia a ausência de mão de obra especializada. “O Curso Superior⁹³ de Turismo, desde logo, mereceu o apoio do Conselho de Turismo, da Confederação Nacional do Comércio e de várias entidades, das quais cerca de quinze, então em evidência no comércio local apoiaram o turismo, já então considerado uma "indústria sem chaminé", portanto, não poluente”. Havia ainda o Parecer nº35/71, de 28.1.1971, do Conselho Federal de Educação, que fixou duração e conteúdo programático mínimo para o Curso e as exigências de sua constituição.

Lembranças refeitas e recontadas sobre um tempo e uma realidade turística única, Suzana Gastal (14/07/2008), comentando o contexto do turismo no Brasil, no momento da criação do curso da PUCRS, considera que, a partir da criação da EMBRATUR nos anos 1960, o turismo começou a ter visibilidade, com uma articulação em torno da área. Lembra, também, que era sempre o grande acontecimento do ano, o Congresso da ABAV (Associação Brasileira das Agências de Viagens), *o turismo eram os agentes de viagem e estas eram as pessoas que articulavam essa noção de turismo, os hoteleiros mais tímidos, os hoteleiros estavam lá e eles até participavam, mas quem se movimentava, quem se articulava, quem fervilhava digamos assim, em torno da área eram os agentes de viagem.* A professora destaca que, na época, havia alguns agentes de viagem, como Pedro Chaves Barcellos, Deisi Gregori:

que eram pessoas ilustradas, eram pessoas com uma formação sofisticada, e ai eu não vou te afirmar, mas eu acho que mesmo no resto do Brasil, de pessoas digamos com um bom berço, com uma boa formação, e trabalhavam como agentes de viagem, mas como uma expressão de sofisticação, não como uma expressão de negócio, então eram pessoas muito agradáveis de se lidar, eram pessoas viajadas que conheciam o mundo, as metrópoles, eram grandes pessoas, figuras muito interessantes, e isso se articula, no momento, que mesmo dentro da Ditadura, há uma ..., que isso pouco se diz no sistema da Ditadura, mas que houve muito casos em Porto Alegre, aqui no Rio Grande do Sul, talvez, [...], então por exemplo, na época, como é o nome dele agora, que é o que vai ser o secretário da Industria e

⁹³ Berenice Mércio Pereira (13/05/2008) esclarece que foi para diferenciar dos cursos que havia no SENAC que se utilizou o termo “superior”, o qual só foi retirado em 2005.

Comércio, junto com o Villela, eles são técnicos do BNDS, eles são economistas, eles são do comércio e eles são chamados para a administração. Depois os agentes de viagens passam a ser um comerciante, ele não é elitizado, ele não é um intelectual, ele é o cara ali do balcão do armazém, o negócio dele é vender.

A narrativa lembra a importância dos congressos da ABAV, momentos de aprendizados, de discussões mais profundas, e de reflexão sobre o papel dos agentes de viagem que se articulavam, incitando a atividade turística.

Assim, o Curso ora criado respondia às inúmeras organizações que sentiam a necessidade e reivindicavam por qualificação na área, a EMBRATUR, a SETUR, a SUDESUL, a Confederação Nacional do Comércio e a iniciativa privada.

Mesmo que diferentes narradores recordem do início do curso de forma diversa e que com suas memórias tragam especificidades que somente a si digam respeito, de alguma forma dividem o curso, um tempo de vida, com um grupo de pertencimento que o reconhece como parte desse Curso. Destacam muito que, nesse período, as pessoas que discutiam e trabalhavam pelo turismo no estado mantinham laços de amizade, eram bastante unidos e formavam “uma família”

Para a professora Marutschka Martini Moesch (11/09/2008), historicamente há duas pessoas que foram referências quando da fundação do curso, o Irmão Elvo que acreditou nessa idéia do novo, como fundador, e estabeleceu a organização do curso, depois o Antoninho Gonzáles, que foi um homem de visão naquele momento e deu espaço para o turismo crescer dentro da FAMECOS, tradicionalmente voltada à comunicação.

Cleusa Scroferneker (11/06/2008) se reporta a essa questão dizendo:

nós tínhamos um diretor que era Antonio Gonzáles, que era uma pessoa de muita visão, e ele tinha por hábito assumir boas idéias. O Antoninho, ele era muito relacionado na questão, ele trabalhava com a área de Turismo também, acho que até foi da SETUR, e a PUCRS sempre teve essa coisa de estar na vanguarda, eu acho que por isso que veio para a FAMECOS, pela acolhida, pelo próprio espaço que poderia ter acolhido o Turismo, hoje não, hoje tem outras áreas que poderiam acolher o Turismo sem problema nenhum.

Nesse sentido, podemos perceber na lembrança de uma ex-aluna, Lenora Horn Schneider (01/07/2008), que conta como a área da Comunicação chamava sua atenção, pela experiência das pessoas que atuavam, principalmente, Alberto André e Antoninho Gonzáles. *É tão engraçado isso que eu tô te falando, agora que ‘caiu a ficha’, porque*

naquela época do Turismo, na década de 1970, na SETUR, a imprensa era tão importante quanto o Planejamento, porque na PUCRS o turismo se constitui como um curso da área de comunicação.

Importa ressaltar que, nessa época, poucas universidades brasileiras ofereciam cursos regulares de Turismo. Isso revela o caráter de vanguarda da PUCRS. Podemos nos questionar o que este fato significou para a época um Curso Superior de Turismo. Uma época em que havia uma euforia em relação à atividade turística, época do golpe militar, o ensino superior em fase de expansão; certamente foi algo inusitado.

Do ponto de vista científico, pedagógico e acadêmico, uma área recém criada e pouco consolidada, por isso foi uma atitude inovadora, aspecto bastante salientado nas narrativas, quando se referem ao irmão Elvo Clemente, Alberto André e Antonio Gonzáles na época de criação do Curso.

4.2 A Construção do Currículo do Curso

Nesse período não havia muita liberdade em relação ao currículo, porque deviam seguir a resolução 35/71, que estabelecia o currículo mínimo dos cursos de Turismo. Então, era somente transformar matérias em disciplinas e agregar pouca coisa, basicamente aquelas disciplinas que eram do currículo comum a todos os cursos na PUCRS.

Quanto aos encaminhamentos para a construção/elaboração do curso, na documentação aparecem diversas solicitações do Irmão Elvo Clemente para subsidiar a elaboração do currículo do Curso de Turismo da PUCRS. Em 10 de dezembro de 1971, Corinho de Arruda Falcão, Presidente da Confederação Nacional do Comércio – Conselho de Turismo, situado no Rio de Janeiro, encaminha ao Professor Elvo Clemente – Secretário Geral da PUCRS, uma carta atendendo a solicitação anteriormente realizada. Nela consta o material sobre o Currículo Mínimo do Curso Superior de Turismo; uma cópia do parecer da Câmara de Ensino Superior, homologado pelo Ministro da Educação; e publicações da Universidade Católica de Petrópolis⁹⁴,

⁹⁴ O Curso de formação de profissionais em Turismo, em nível superior, é um dos cursos mais tradicionais da Universidade Católica de Petrópolis. Iniciou-se em 01/02/1972 e foi reconhecido pelo MEC através do Decreto Federal nº 76952 de 30/12/1975 e publicado no Diário Oficial da União em 31/12/1975. A turma formada em 1974 foi a primeira no Estado do Rio de Janeiro e uma das segundas turmas formadas no Brasil. O curso funcionou ininterruptamente até o segundo semestre de 1981 sendo suspenso até o segundo semestre de 2000 quando foi reaberto funcionando até o presente momento. O curso é realizado em oito períodos com a proposta de preparar e formar profissionais de nível superior para atuarem na área de Turismo em qualquer organização afim, seja pública ou particular. (www.ucp.br - 02/06/2009)

explicitando que, “o assunto está, com êxito, alcançando o desenvolvimento esperado, para ser criado em definitivo o Curso de Turismo em nível universitário”.

O Irmão Elvo Clemente juntamente com o Irmão Faustino João, foram visitar o curso de Turismo da UCP/RJ, para conhecerem a experiência de outra realidade. Também não podemos esquecer que já se tinha o exemplo de São Paulo, da Anhembi Morumbi, e da ECA/USP, para sinalizar caminhos.

André (1993) assinala que conheciam o ambiente turístico no Rio Grande do Sul, estavam interados de projeto semelhante iniciado em Petrópolis/RJ, então chegaram à conclusão de que o curso da PUCRS não seria apenas mais um curso, mas um fator básico no preparo da mão de obra turística, como técnicos, auxiliares, planejadores e pesquisadores.

O diretor da FAMECOS, o jornalista Alberto André, conhecia o trabalho do professor Renato Masina na SUDESUL, chamando-o para colaborar na montagem do curso. Renato Masina (25/03/2008) recorda que a partir de então começou a estudar com diversas pessoas do *trade*, até chegar a um projeto de como deveria ser o curso. Durante a elaboração do currículo, não havia muito a ser pesquisado; tomaram por base a bibliografia da Espanha, as informações dos espanhóis que atuavam na SUDESUL.

Norma Martini Moesch (12/03/2009) explica que o modelo espanhol que prevaleceu no Rio Grande do Sul, estava, na verdade, muito vinculado a uma outra origem.

O Gabriel [Gabriel Mário Rodrigues] levou para São Paulo o que convinha a São Paulo, um espelhamento do que se dava nos Estados Unidos. Por que o curso de turismo no Rio Grande do Sul, ele tem essa, eu diria, essa outra identidade. Porque ele não foi uma criação, uma iniciativa da PUCRS, ele na verdade é um braço, ele representa um braço da política de turismo que foi criada no Estado a partir de 1970, quando se rejeita o órgão, digamos, o governo estadual rejeita as iniciativas anteriores, desde o momento em que se cria um Conselho Estadual de Turismo, depois vem um Serviço Estadual de Turismo para posteriormente ser criado um Sistema Estadual de Turismo [...].

Dos idealizadores do curso, três são falecidos Alberto André, Elvo Clemente, Antônio Firmo de Oliveira Gonzáles; os demais estão aposentados, Renato Masina e Antoninho Muza Naime. Também aparece, nas narrativas, a contribuição de diversas pessoas ligadas à atividade turística nesse período: Geraldo Castelli, Luis Welp, diretor do Hotel São Luiz localizado na Farrapos, Julio Balzano, Lourdes Fellini. Dentre eles, alguns participaram da elaboração inicial do curso, dando sugestões durante reuniões

realizadas e, posteriormente, passaram a ser professores, sendo incorporados ao corpo docente conforme as necessidades.

Muitas outras pessoas participaram de algumas reuniões, dando sugestões, como Günter Staub, que era o presidente da ADVB e Heitor Kramer que era intendente da ADVB, já falecido. Também registram a presença de representantes da então Secretaria de Turismo do Estado, sobretudo de sua Comissão Intersetorial de Turismo, coordenada pela professora Lourdes Fellini. Durante a elaboração do curso, também mantiveram contatos com a EMBRATUR, com órgãos representativos de classe, como a Associação Brasileira de Agentes de Viagens do Rio Grande do Sul e a Associação da Indústria Hoteleira do Rio Grande do Sul, através de seus dirigentes, conselheiros e funcionários, que se dispuseram a dar uma contribuição efetiva na elaboração do currículo, bem como colaboraram eficientemente com sua experiência, ministrando aulas às primeiras turmas do curso recém criado. Também foi solicitada a colaboração de profissionais de várias outras áreas da PUCRS, como por exemplo, História, Geografia, Jornalismo.

Renato Masina (25/03/2008) diz que chegaram à conclusão de que seriam necessários conhecimentos relativos à Economia Aplicada ao Turismo, à Agência de Viagem, à Planejamento, Promoção Turística, Sociologia Turística, História do Turismo. Dessa forma, o currículo foi sendo estruturado, e o último semestre dedicado ao estágio, quando os alunos deveriam atuar em agências de viagem, hotelaria, setores do governo, etc.

Pelas páginas do jornal Correio do Povo/RS (1972), podemos acompanhar esse processo de estruturação do currículo. A matéria intitulada “FAMECOS intensifica o estudo do Turismo”, ressaltava que, a partir do segundo semestre daquele ano, o Curso de Turismo da FAMECOS/PUCRS, teria seu programa intensificado, com estudo direto da área turística. Foi o que ficou acertado entre o diretor da Faculdade, jornalista Alberto André, e o secretário de Turismo, Edison Chaves. Ponderava que, durante o primeiro semestre, o curso compreendera uma fase de reciclagem, passando, a partir de agosto, a abranger matérias específicas de turismo. Os conhecimentos seriam transmitidos através de uma série de conferências, a cargo do secretário Edison Chaves e da equipe técnica da Secretaria de Turismo. Para tanto, tinha sido elaborado um programa sobre os assuntos a serem tratados. Reforçava que o Curso de graduação em Turismo da FAMECOS havia sido criado em momento adequado, quando o governo do Estado estava dedicando atenção especial ao desenvolvimento desse setor como uma atividade econômica. (Correio do Povo/RS, 13/07/1972, p.13).

Outra reportagem do Correio do Povo/RS (30/07/1972, p.13) destacava que a Secretaria de Turismo colaborara com FAMECOS com a apresentação e o debate do plano de turismo, elaborado juntamente com a SUDESUL e técnicos espanhóis. Também abordava que o diretor da Faculdade, Alberto André, mantivera debate com dirigentes de entidades e diretores de empresas vinculadas ao turismo, na Secretaria, com os quais discutira os diversos aspectos do Curso, sobretudo o currículo dos dois anos de profissionalização, a ser desdobrado nos exercícios de 1973 e 1974. O grupo, que pertencia à Comissão Intersetorial de Turismo, iria fazer sugestões por escrito, colaborando, assim, com sua experiência para o melhor desempenho do Curso.

Pelo jornal Correio do Povo/RS, pode-se constatar que o Secretário de Turismo do Estado realizou diversas palestras no curso de Turismo, e participou ativamente, durante ano de 1972, período em que estava sendo elaborado o currículo do curso. Várias instâncias da sociedade participaram na montagem do currículo.

Embora o curso de Turismo tenha iniciado suas atividades em março de 1972, durante esse ano foram realizadas as discussões sobre o curso e a elaboração do currículo, que culminou no Projeto de Criação do Curso de Turismo em dezembro de 1972.

Edison Chaves proferiu conferências em diversas faculdades na PUCRS, na Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, na Faculdade de Direito e na FAMECOS, reforçando seu entendimento de que várias áreas deveriam trabalhar com o tema turismo.



O prof. Edison Batista Chaves, titular da Secretaria de Turismo do R. G. do Sul, quando iniciava as palestras na FAMECOS sobre o planejamento turístico do Estado

Plano de Turismo está sendo analisado na PUC

A Secretaria de Turismo e a Comanhia Riograndense de Turismo começaram na Faculdade dos Meios de Comunicação Social, da PUC, uma exposição do plano estadual de turismo para estudantes do primeiro ano básico de comunicação social e turismo, estes pertencentes ao novo Curso Superior de Turismo.

Inicialmente, o titular da Secretaria, prof. Edison Batista Chaves, palestrou sobre os aspectos gerais do plano e os trabalhos em andamento sobre turismo, com a participação da repartição e da SUDESUL. Com projeções e apreciações, aquele titular expôs os estudos e projetos elaborados com a colaboração dos técnicos espanhóis. O Curso da FAMECOS é o primeiro de caráter regular no Rio Grande do Sul, com três anos, devendo funcionar no ano vindouro o 2.º ano, já de caráter profissional.

A seguir, serão pronunciadas

dez palestras sobre os projetos, cinco pela manhã e cinco à noite, nas seguintes datas e horários: 1 — pela manhã, das 8h15 min às 9h15min nos dias 22 de agosto, 12 e 26 de setembro, 10 e 24 de outubro, na sala 308 da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas; 2 — pela noite, dias 21 de agosto, 4 e 18 de setembro, 2 e 16 de outubro, às 20h 50min, no anfiteatro da Faculdade de Direito.

As palestras terão este desdobramento: a) — O Planejamento Turístico. O mercado turístico — Marco Antonio Pinto, diretor técnico da CRTUR; b) — A Carteira de técnico de turismo. Opções e perspectivas — Freda Burger, coordenadora da CRTUR; c) — Urbanismo Turístico — arquiteto Antonio Carlos Oliveira; d) — Ordenação Turística e Incentivos Fiscais — Virginia Jacob, assessora jurídica da Secretaria de Turismo; e) — Debates com todos os conferencistas.



PALESTRA SOBRE TURISMO

O secretário de Turismo, sr. Edison Baptista Chaves, proferiu palestra para os alunos do 1.º ano da Faculdade de Meios de Comunicação Social da PUC, do curso superior de Turismo e Jornalismo. Abordou alguns aspectos do Plano de Desenvolvimento Turístico

do Estado. No próximo dia 22, em continuação ao ciclo de dez palestras sobre a matéria, falará o dr. Marco Antônio Pinto, diretor técnico da CR-TUR, que se dedicará à análise do "Planejamento Turístico". Na foto, o secretário de Turismo falando aos alunos da

FAMECOS

Ilustração 16 – Correio do Povo/RS, 15/08/1972, p. 09

Pelas páginas do jornal, é possível acompanhar a elaboração do currículo e perceber a relevância do curso na atividade local, o que permite aquilatar as expectativas dos empresários com sua implantação.

Curso Superior de Turismo terá currículo pronto até fim do mês

Até fins deste mês estará definitivamente organizado o currículo do Curso Superior de Turismo, da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC. O curso será de três anos, com o primeiro ano básico, já em andamento, e os dois outros a serem cumpridos em andamento, e os dois outros a serem cumpridos em 1973 e 1974 respectivamente.

Estão matriculados no 2.º semestre básico, ora em realização, sessenta estudantes que passaram nas provas vestibulares. A fim de facilitar a opção, eis que estão juntamente com 120 outros, candidatos aos cursos de Comunicação da Faculdade, como jornalismo, relações públicas e publicidade, a Secretaria de Turismo está aplicando um programa de seis palestras, pela manhã e à noite, durante as quais está sendo apresentado o plano de turismo do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, preparado pela SUDESUL, a Secretaria e os técnicos espanhóis.

Dando sua colaboração à FAMECOS, a Secretaria de Turismo vem promovendo reuniões entre os dirigentes da Faculdade e setores da Comissão Inter-estadual de Turismo. Na próxima terça-feira, às 16 horas, na Secretaria da Faculdade, empresários de viagens, de hotelaria e outras empresas de turismo, estarão reunidos novamente com o diretor da FAMECOS, a fim de realizar o último debate antes da elaboração definitiva do currículo. Entre as sugestões que os empresários enviaram à PUC estão as relacionadas com a realização do curso pela noite e não de manhã, como estão funcionando os dois semestres básicos. Outra foi a da inclusão de marketing de turismo, de geografia turística e economia do turismo no currículo, cujo projeto foi baseado na Resolução do Conselho Federal de Educação.

Neste encontro de terça-feira, dirigentes e professores da FAMECOS e empresários, além do pessoal da Secretaria de Turismo, farão visita às novas instalações do edifício da referida Faculdade, o qual comportará todos os seus cursos, inclusive o de Turismo. O prédio deverá ser inaugurado em novembro vindouro, por ocasião dos festejos da Semana de Porto Alegre.

Em fins do corrente mês estará sendo realizado na Universidade de Santa Maria o Curso Intensivo de Turismo, com programa de quatro meses e em caráter de pós-graduação. O da FAMECOS, com três anos, é o primeiro curricular que se instala em nosso Estado. Presentemente funcionam cursos de turismo em São Paulo, Guanabara e Estado do Rio, em Petrópolis. Dada a necessidade de mão-de-obra especializada e de administradores, os empresários não somente estão colaborando, mas se puseram à disposição, a fim de que, em 1974, possam os estudantes cumprir estágio mínimo de quatro meses, com treinamento na própria atividade, conforme é de obrigatoriedade do MEC.

Finalmente, em reunião do seu Conselho Departamental, a FAMECOS criou recentemente seu Departamento de Turismo, cuja instalação deverá ser feita em outubro próximo.

Ilustração 17 – Correio do Povo/RS, 07/09/1972, p.20

PUC organiza o programa de seu curso de turismo

A Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC já está tratando de organizar o currículo do curso de turismo que será brevemente implantado naquele estabelecimento de ensino superior.

Com este objetivo, o jornalista Alberto André, diretor da FAMECOS, esteve reunido na Secretaria de Turismo com o sr. Edison Chaves, titular da Pasta, e os mais importantes empresários de turismo do Rio Grande do Sul.

Ficou acertado, na ocasião, que o secretário Edison Chaves fará palestras aos alunos, oportunidade em que apresentará o Plano de Turismo elaborado para a região Sul pela Sudesul. O assessor para assuntos turísticos da Sudesul, economista Renato Masina, presente à reunião, propôs também que se criassem duas opções para os alunos do referido curso de nível superior: especialização na área de empresas turísticas e de planejador turístico.

Os agentes de viagem, transportes aéreos e terrestres, participantes da reunião na Secretaria de Turismo, integram a Comissão Intersetorial de Turismo — CITUR — fundada a 17 de março deste ano, na terceira etapa da estrutura institucional de turismo no Estado.

SERRA E MAR

Na última sexta-feira, reuniu-se em Nova Petrópolis a Associação

dos Municípios da Serra e Mar, com a presença do secretário de Turismo, sr. Edison Chaves, que revelou a preocupação de sua secretaria em compatibilizar as datas promocionais, evitando-se, assim, os choques de festas e promoções na mesma área e na mesma data. O calendário será organizado pela Associação em combinação com a Secretaria de Turismo.

No mundo d

POSTERGAR & TERGIVERSAR

Para exprimir as idéias de 'preterir, transgredir, desprezar' d

Observe-se bem a forma, p
ternar e prostrar, ou ainda talve
 tória do r, ocorre a forma errada

Composto de POST 'após, c
 'costas', postergar equivalia origi
 das costas". Uma metáfora, port

Lembra semanticamente outro

+ **RETRO**, pôr para trás, desvia

Um dos "sinônimos" de poste

prefixal. Já pela raiz é cognato ("

Tergiversar? A letra, 'virar' c

latinos empregavam também as l

RE, DARE, PRAEBERE — dar ou

Figuradamente, **tergiversar** pa

rodeios ou subterfúgios, procurar

ou reconhecer alguma coisa'. 'Tor

verdadeiro'.

Tergiversam aqueles que não

problemas de frente. Os que não

Ilustração 18 – Correio do Povo/RS, 03/08/1972, p. 10

Também é importante destacar que os profissionais de comunicação tiveram participação na elaboração do currículo e mantinham uma estreita relação com as esferas do governo.

Famecos e Citur ultimam o curriculum de Turismo

Sob os auspícios da Comissão Intersetorial de Turismo, a direção da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC vem discutindo o currículo profissional, para os segundo e terceiro anos, do seu Curso Superior de Turismo, cujo primeiro ano está em andamento no turno da manhã, na cidade universitária da PUC.

A segunda reunião, com a presença de representantes de entidades e empresas turísticas, te-

ve por local a Reitoria da PUC, tendo participado dos trabalhos os srs. Renato Masina, da Sudesul, Sirdar Guimarães, da Varig, Antoninho Muza Naime, da ADVB, Carlos Alberto Krause, secretário da ABAV, Paulo Renato Paradedda, diretor da Americantur, Roberto Madrid, do Sindicato das Empresas de Turismo, Fausto Gomes da Silva, do Lido Hotel; sra. Lourdes Fellini Sartor, pela Secretaria de Turismo, e os professores Alberto André e Elvo Clemente, diretor e vice-diretor da Famecos.

Foram discutidas e acolhidas diversas sugestões dos empresários para a elaboração final do currículo. Em reunião posterior, os srs. Antoninho Muza Naime, Paulo Renato Paradedda e Roberto Madrid ofereceram os estudos de um grupo de trabalho, que esteve examinando currículos de cursos de turismo brasileiros e do exterior. Depois do encontro da PUC, os participantes visitaram o novo edifício da Famecos, cuja conclusão está marcada para novembro, quando será inaugurado dentro da programação da Semana de Porto Alegre.

O Curso Superior de Turismo da Famecos começou este ano com dois semestres básicos, com uma turma de 60 alunos pela manhã. Será, no total, um curso de três anos, reservando-se os dois próximos, 1973 e 1974, para o currículo profissional. Os trabalhos estão no final, devendo o currículo estar pronto na próxima semana.

s Lojistas novo curso de para sócios

As inscrições para este curso deverão ser feitas na secretaria do sindicato, à Rua dos Andradas, 1234, 9.º andar, durante o horário comercial.

VITRINISMO

O Sindicato dos Lojistas solicita aos vitrinistas de seus cursos e que não estiveram presentes por ocasião da entrega festiva dos respectivos certificados, que retirem seus documentos na secretaria, durante o horário comercial.

Ilustração 19 – Correio do Povo/RS, 27/09/1972, p. 09

O currículo do Curso de Turismo, quanto à parte profissionalizante, foi elaborado com a participação dos diversos segmentos envolvidos na atividade, cada um sugerindo o que julgava mais adequado. O primeiro e o segundo semestres eram os mesmos dos demais cursos da FAMECOS.

Curso de turismo da FAMECOS já tem programas para 2.º e 3.º anos

O Conselho Departamental da FAMECOS vem de aprovar o currículo do 2.º e 3.º anos do Curso Superior de Turismo, equivalente a quatro semestres. O Curso, que é de seis semestres, começou em março na Cidade Universitária da PUC, sob os auspícios da sua Faculdade dos Meios de Comunicação Social. Em novembro, os estudantes estarão concluindo o primeiro ano, que é integrado de matérias básicas e de uma série de palestras sobre turismo, produzidas pela Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul.

O Curso Superior de Turismo da PUC é o quarto que funciona no Brasil, de nível superior, e conforme as normas do Parecer 31/71 do Conselho Federal de Educação-MEC. Dois outros estão em São Paulo e o terceiro na Universidade Católica de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro.

Ao todo são 60 vagas e os dois semestres estão funcionando pela manhã. Em novembro, por ocasião das matrículas, haverá as opções dos 180 participantes do 1.º ano entre as 120 vagas da área de jornalismo, relações públicas e publicidade, e as 60 des-

tinadas à continuação do Turismo.

O currículo foi elaborado em colaboração com a Comissão Intersetorial de Turismo, a Secretaria de Turismo, empresários e entidades turísticas interessadas no preparo de mão-de-obra universitária. Os trabalhos foram conduzidos inicialmente pela direção da FAMECOS e a Secretaria de Turismo, estando agora entregues ao prof. Renato B. Masina, que foi convidado para coordenador do Departamento de Turismo daquela Faculdade, tendo aceito. A criação do Departamento e a nomeação do seu coordenador estão sob apreciação do Conselho Universitário da PUC, onde serão apreciadas na primeira reunião. O prof. Renato Masina pertence à Secretaria de Turismo e está servindo na SUDESUL, onde acompanhou os estudos e o preparo do Plano Estadual de Turismo, sob responsabilidade dos técnicos espanhóis e locais.

O Currículo para os dois próximos anos ou quatro semestres, a serem cumpridos respectivamente em 1973 e 1974, é o seguinte:

III SEMESTRE — Geografia do Brasil I; História do Brasil I; Noções de Direito I; História

da Cultural; Introdução à Administração I; Organização de Empresas Turísticas I; Técnicas de Comunicação Social I; Economia Aplicada ao Turismo; Língua Estrangeira III.

IV SEMESTRE — Geografia do Brasil II; História do Brasil II; Noções de Direito II; História da Cultura II; Administração de Empresas Turísticas II; Organização de Empresas Turísticas II; Técnicas de Comunicação Social II; Contabilidade de Empresas Turísticas; Língua Estrangeira IV.

V SEMESTRE — Estudos Brasileiros e Atualidades I; Promoções Turísticas I; Administração de Empresas Turísticas III; Estatística Aplicada ao Turismo I; Planejamento do Turismo I; Mercado Turística; Organização Turística Brasileira; Técnica Fotográfica.

VI SEMESTRE — Estudos Brasileiros e Atualidades II; Promoções Turísticas II; Estatística Aplicada ao Turismo II; Planejamento de Turismo II; Planificação Territorial Urbana; Técnica Fotográfica.

No VI semestre, em 1974, haverá estágio de 4 meses em empresas e organizações turísticas, públicas e privadas.

Ilustração 20 — Correio do Povo/RS, 18/10/1972, p. 11

Algumas questões são significativas na elaboração desse currículo. Está implícito o ponto de vista de que, naquele momento, era evidente a participação do mercado na estruturação do curso, tendo, como ponto de partida, uma perspectiva mercadológica. Cabe ressaltar que o currículo foi concebido não como uma construção específica da esfera educativa, mas como uma adequação dos conhecimentos produzidos fora da universidade.

As discussões sobre o currículo incorporavam, com maior ou menor ênfase, discussões sobre as necessidades do mercado, sobre os procedimentos e técnicas que conformavam o cenário em que os conhecimentos se ensinavam e se aprendiam. Necessitavam de pessoal qualificado, mas, segundo as regras de mercado, sem uma preocupação com as transformações dessa realidade, desse aluno e da sociedade. Um curso extremamente adequado ao período vivenciado no País. Assim, o curso de turismo foi historicamente criado pela própria atividade turística, pelo mercado e para o mercado. Ressaltamos uma certa subordinação dos conhecimentos científicos à atividade turística. Esses conhecimentos sofreram efeitos dessas relações de poder. Nessa hierarquia, supervalorizavam-se as chamadas disciplinas técnicas, secundarizando-se os saberes referentes às ciências sociais e humanas.

Através do currículo, divulgam-se as concepções científicas de cada disciplina e a direção que devem tomar ao se transformarem em saber científico. No processo do curso, o discurso do poder se pronuncia sobre a educação e define seu sentido, forma, finalidade, e estabelece a formação a ser transmitida e pretendida.

A professora Norma Martini Moesch (12/03/2009), falando sobre a elaboração do currículo do curso, diz que essa estrutura tem uma natureza curiosa, e é revivida quando, muitos anos depois, a PUCRS chamou praticamente 70% dos seus cursos, através de suas coordenações, para que criassem a estrutura curricular do curso de Ciências da Aviação. *Então essas pessoas se reúnem para discutir como é que se vê aquele objeto, como é que cada uma das áreas vê a possibilidade de contribuir com o conhecimento para estruturar o currículo do curso.* No Curso de Turismo, ocorreu o mesmo, mas hoje ela não saberia enumerar todos os componentes convidados;

eu diria que é uma oficina, hoje nós usamos esses termos, mas com certeza estavam presentes ali, a PUCRS; o governo do Estado, através da Secretaria de Turismo e Edson Batista Chaves; a comissão formada por Renato Masina, pelo consórcio; depois nós temos a Confederação Nacional do Comércio, onde se encontravam ancorados os meios de hospedagem⁹⁵, a ABIH, a hotelaria de então, a hotelaria clássica ABIH; as transportadoras aéreas; o SENAC participou, [...]. A partir daí houve um ranking, o profissional de turismo se estiver atuando dentro da área, o que ele requer, que tipo de conhecimento, o que ele precisa saber? [...] Então foi assim que esse curso surgiu, só que claro tinha que caber dentro de um tempo e de um número "X" de semestres.

O Curso de Turismo inicialmente teve a duração de seis semestres ou três anos (dois semestres básicos e quatro semestres profissionais, sendo o estágio de 4 meses, obrigatório no semestre final). O ingresso seria a partir de exame vestibular promovido pela própria Universidade, em duas entradas, com sessenta alunos em cada turma; e o curso seria noturno. O currículo mínimo era de 147 créditos e 330 horas/estágio prático, fixados pela Portaria 35/71, de 28.1.1971, totalizando 1.600 horas, e sua implantação prevista para o primeiro semestre letivo de 1972, o que de fato ocorreu. O curso foi denominado Curso Superior de Turismo, e o certificado de conclusão indicava que o formando havia se diplomado em Planejador Turístico.

O currículo ficou definido, conforme consta no quadro a seguir.

⁹⁵Até bem pouco tempo ainda continuava vinculado à Confederação, parece que agora já houve uma divisão em Brasília, o Conselho Nacional de Turismo deu voto vencedor para São Paulo, para separar os restaurantes e similares da hotelaria, mas todos vinculados à Confederação Nacional do Comércio. (Norma Martini Moesch, 12/03/2008).

I Semestre	Cultura Religiosa I Filosofia I Sociologia ou Psicologia Teoria da Comunicação I Economia Política Língua Portuguesa I Língua Estrangeira I Fotografia (Fora do horário de classe)
II Semestre	Cultura Religiosa II Filosofia II Sociologia ou Psicologia Teoria da Comunicação II Economia Aplicada Língua Portuguesa II Língua Estrangeira II Fotografia (Fora do horário de classe)
III Semestre	Geografia do Brasil I História do Brasil I Noções de Direito I História da Cultura I Introdução à Administração I Organização de Empresas Turísticas I Técnica de Comunicação Social I Economia Aplicada ao Turismo Língua Estrangeira III (fora do horário normal)
IV Semestre	Geografia do Brasil II História do Brasil II Noções de Direito II História da Cultura II Administração de Empresas Turísticas II Organização de Empresas Turísticas II Técnica de Comunicação Social II Contabilidade de Empresas Turísticas Língua Estrangeira IV (fora do horário normal)
V Semestre	Estudos Brasileiros e Atualidades I Promoções Turísticas I Administração de Empresas Turísticas III Estatística Aplicada ao Turismo I Planejamento do Turismo I Mercadologia Turística Ordenação Turística Brasileira Técnica Fotográfica (fora do horário normal)
VI Semestre	Estudos Brasileiros e Atualidades II Promoções Turísticas II Estatística Aplicada ao Turismo II Planejamento do Turismo II Planificação Territorial Urbana Técnica Fotográfica (fora do horário normal) Estágio - 4 meses (fora do horário normal)

Quadro 4 – Currículo do Curso de Turismo – 1972

Fonte: PCCT (1972)

O primeiro e o segundo semestres possuíam disciplinas comuns aos demais cursos da FAMECOS e, a partir do segundo ano, havia um direcionamento para uma área profissional. O currículo elaborado atendia plenamente ao currículo mínimo previsto no parecer 35/71.

O currículo profissional fazia-se acompanhar, desde logo, do conteúdo programático básico ou extenso, de todas as disciplinas. O procedimento justificava-se

pela intenção da FAMECOS em colocar o Curso e suas disciplinas nos devidos lugares, de maneira a evitar distorções. No PPCT (1972) constava que os professores exerciam, por outro lado, sua criatividade ampliando e melhorando os programas, mantidos, no entanto, os elementos fundamentais de cada matéria.

O professor Alberto André (1972), discorrendo sobre o currículo no projeto de criação do curso, chamava a atenção para duas disciplinas, além das disciplinas profissionais do turismo: a disciplina de “Técnicas de Comunicação Social”, que era lecionada nos semestres básicos, para o aluno receber os princípios fundamentais da comunicação coletiva, indispensável ao turismo; e a de “Estudos Brasileiros e Atualidades”, na qual, além do cumprimento das normas federais (na época era obrigatória nos currículos uma disciplina sobre Estudo dos Problemas Brasileiros) abria amplo campo para a participação de empresários, professores e visitantes. Nessa disciplina, para André (1972), o aluno ouviria, como matéria de aula, personalidades que atuavam ou estavam relacionadas ao turismo, em suas modalidades e atividades. As disciplinas técnicas do turismo seriam ministradas por professores relacionados com o turismo (PCCT, 1972).

No último semestre era ofertado o estágio, uma complementação do curso com 330 horas, e, como perspectivas de campo profissional, quatro áreas: a) Órgãos oficiais de turismo, seja do estado, dos municípios⁹⁶; b) Organização de eventos⁹⁷; c) Transporte e Agenciamento de Viagens em especial, e os transportes turísticos rodoviários e aéreos; d) Hospedagem e Alimentação. Esses são os quatro cenários em que o estágio regulamentado era desenvolvido com acompanhamento, disciplinado com instrumentos de controle de desempenho dentro da organização que recebia o estagiário e um professor supervisor. Cada área com o seu coordenador, e um supervisor que circulava nas organizações para avaliar o desempenho do estudante. Conforme Norma Moesch (12/03/2009), havia claramente uma intenção de que o estagiário conseguisse ser contratado pela organização, após o término do estágio e por mais de uma década foi

⁹⁶ Nessa época havia um programa, PIEM – Plano de Integração Estado Município, que fazia com que cada micro região do Estado do Rio Grande do Sul tivesse a sua coordenação, vinculada com a Secretaria de Turismo do Estado, mas cada recorte desses representava uma micro região com secretarias municipais de turismo, com conselhos municipais de turismo, seguindo o modelo espanhol.

⁹⁷ Norma Moesch (12/03/2009) conta que o Rio Grande do Sul sempre foi uma referência em organização de eventos, desde a famosa história da grande festa da Comemoração do Centenário Farroupilha, e da Festa da Uva, como precursora das festas de culto ao vencedor, do processo imigratório, que ela defende em sua dissertação. *Morre o canto do bacharel das coxilhas, que é homem da ruralidade, os latifundiários, e surge o canto do vencedor e, em todas as regiões onde há imigração, surgem as festas para comemorar que realmente os imigrantes venceram as adversidades do meio. Então o governo do Estado tem que proporcionar um grande espaço para as celebrações, as festas, os cortejos, os carros alegóricos, toda aquela, aquela grandiosidade. Então a área de eventos era uma área muito promissora nessa época.*

absolutamente viável essa concepção pedagógica porque não havia profissionais para atuarem na área.

O curso teve como objetivo a formação, em nível universitário, de Planejadores de Turismo. O Parecer 35/71 não definiu as atribuições dessa função, deixando que os peritos e a prática o fizessem, pelo menos nessa fase inicial, em que se buscava a infraestrutura administrativa do turismo e suas instituições. O futuro planejador de turismo, assim, passaria a atuar como assessor, dirigente, pesquisador, dotado do know-how indispensável ao encadeamento da ofensiva turística em suas diferentes modalidades. (PCCT, 1972).

Para Renato Masina (25/03/2008), o profissional que a PUCRS estava propondo, naquele momento, era um planejador, uma pessoa qualificada para trabalhar no setor, na área governamental de planificação e na atividade privada. Começou a formar pessoal para agências de viagem, para gestão hoteleira, para outras áreas, mas, em princípio, era só para o setor governamental, atividades de planificação.

Em 1973, foi criado o Departamento de Turismo da FAMECOS, proposto e aprovado pelo Conselho Universitário, e o nome do prof. Renato S. Masina, assessor de turismo da SUDESUL e do quadro docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, indicado para Coordenador do Departamento.



Ilustração 21 – Correio do Povo/RS, 09/06/1973, p. 10

Os coordenadores foram os seguintes:

Período	Coordenador(a)
1972 a 1976	Prof. Renato Batista Masina
1977 a 1981	Prof. Antoninho Muza Naime
1982 a 1982	Profª Diney Adriana N. de Oliveira
1983 a 1984	Prof. Paulo Francisco Rolhano Nardi
1985 a 1987	Prof. José Pedro Braun
1988 a 1997	Profª Norma Martini Moesch
1998 a 1998	Prof. Paulo Francisco Rolhano Nardi
1999 a 2005	Profª Berenice Curtis Mércio Pereira
2005 a 2009	Profª Marutschka Martini Moesch

Quadro 5 – Coordenadores do Departamento de Turismo – 1972 a 2009

Fonte: Anuários da PUCRS

A estrutura curricular do curso refletia mudanças no ensino de graduação com a inclusão de uma série de disciplinas para atender às exigências mínimas da formação do bacharel em Turismo. Em 1973, começaram os primeiros estudos para analisar o currículo vigente e apareceram sugestões de alterações de algumas disciplinas. Isso ocorreu em função de uma determinação da FAMECOS, pois, a partir de 1972, foi extinto o caráter polivalente, sendo adotada a modalidade de dois anos gerais e dois anos para opção nas três especialidades: Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda, que passaram a funcionar em quatro anos ou oito semestres. Essa mudança curricular deu maior ênfase à formação profissionalizante, passando de dois para quatro semestres. (DORNELLES, 2002). Assim, o Curso de Turismo também passou por alteração no seu currículo, tornado-se independente, pois, até então, no 1º e 2º semestres, as disciplinas eram comuns aos demais cursos da FAMECOS.

Conforme a documentação, a proposta de alteração foi a seguinte para o Curso de Turismo:

1º Ano – Básico	Cultura Religiosa - I e II Filosofia - I e II, Língua Portuguesa - I e II, Língua Francesa - I e II ou Língua inglesa - I e II ou Língua Espanhola - I e II ou Língua Alemã - I e II Economia Política – I e II Sociologia Geral Psicologia Geral Técnica a Fotográfica (horário especial) Inclusão da disciplina Introdução ao Turismo. Com base no Parecer 35/71, do Conselho Federal de Educação, entre as matérias obrigatórias estão História do Brasil e Geografia do Brasil, portanto, a sugestão a ser examinada é de colocar História do Brasil e Geografia do Brasil no 1º ano básico.
2º Ano – Profissional	Geografia Turística do Brasil e do Exterior Introdução à Administração I Administração de Empresas vinculadas ao Turismo II Planejamento e Organização do Turismo I e II Noções de Direito aplicadas ao Turismo I e II Teoria e Técnica do Turismo I e II Relações Humanas Técnicas de Comunicação Social
3º Ano	Estudos Brasileiros I e II Planejamento e Organização do Turismo I e II Hospedagem e Turismo I Alimentação e Turismo I Turismo e Agências de Viagem I Promoção Turística I Estágio de quatro meses.

Quadro 6 – Currículo do Curso de Turismo - 1973

Fonte: Acervo do Curso de Turismo da PUCRS

Aparecem algumas modificações e, dentre elas, as disciplinas Hospedagem e Turismo; Alimentação e Turismo e Turismo e Agências de Viagens foram sugeridas com base no Programa da UCP/RJ. A disciplina Promoções Turísticas deveria abordar os elementos do COMTUR local, e destinava-se ao ensino e treinamento em projetos turísticos, como organização de festas, recepções, seminários, etc. O documento também sugeria outras disciplinas a serem estudadas no curso: 1- Administração, contabilidade e organização das empresas de turismo, abrangendo agências de viagem, de transportes, etc; 2 - Técnica Jornalística, Técnica Publicitária, Técnica de Relações Públicas; 3- Teoria da Comunicação Social aplicada ao Turismo; 4 - Turismo, Arte, Folclore, Espetáculos, etc; entre outras.

A proposta era que o curso permanecesse de 3 anos, sendo o 1º básico, modificado, e os dois outros, profissionais. Também aparecia a proposta de funcionar pela manhã – o que não se efetivou – a necessidade de continuidade em horários alternativos do ensino de idiomas e a criação de outras disciplinas que poderiam compor o currículo.



Ilustração 22 – Correio do Povo/RS, 25/10/1973, p. 16

A matéria informava que no próximo vestibular (1974) os candidatos teriam que se inscrever para o Curso de Turismo. Até então, os alunos ingressavam no vestibular na FAMECOS e, posteriormente, escolhiam entre os cursos oferecidos pela unidade.

Como o Curso de Turismo estava lotado na Faculdade de Comunicação, os alunos estudavam a parte teórica da Comunicação, pois tinham como lógica que o turismo é uma *ilha da fantasia*, e que sem a Comunicação ninguém descobre onde está esse destino e esse paraíso. Também estudavam Publicidade e Propaganda; Relações Públicas; Eventos; Administração Hoteleira; Gastronomia; Artesanato; Folclore; os saberes da cultura popular. Norma Moesch (12/03/2009) explica que muitos desses conteúdos eram ministrados em função do diagnóstico dos especialistas espanhóis da SUDESUL, que apontavam o folclore e o tradicionalismo no RS como um dos marcos da atratividade do nosso estado. Ainda estudavam psicologia, sociologia, economia, direito – noções de direito, noções de economia, noções de contabilidade, administração de empresas.

Desse modo, o currículo, inicialmente elaborado, não chegou a ser totalmente efetivado e passou por uma reestruturação, que teve por objetivo adequá-lo ao currículo de outros cursos de Turismo existentes, como o da UCP/RJ.

Podemos observar que a construção do currículo foi um modo de organizar uma série de práticas que vinha sendo realizada pela atividade turística. Esse currículo foi, portanto, expressão de diversos interesses e forças que gravitam sobre o sistema turístico num dado momento, enquanto que, através deles, se realizavam os fins da educação em Turismo.

[...] O currículo, em seu conteúdo e nas formas através das quais se nos apresenta aos professores e aos alunos, é uma opção historicamente configurada, que se sedimentou dentro de uma determinada trama cultural, política, social e escolar; está carregado, portanto, de valores e pressupostos que é preciso decifrar. (GRUNDY apud SACRISTÁN, 1998, p.17)

O processo de criação do Curso de Turismo da PUCRS evidencia a pertinência das colocações do autor acima citado, mostrando que foi um processo de conciliação de forças. Aqui vale analisar como se vai constituindo o curso de Turismo, um espaço de relações de força entre os diferentes segmentos da sociedade, cuja “causa turismo” vai se intensificando a partir da participação desses segmentos que vão se engajando.

4.3 O Curso de Turismo e a FAMECOS

André (1972) e Masina (1993) comentam sobre a afinidade do turismo com a comunicação em seu amplo leque de abrangência que envolve os setores de informação coletiva. Para eles, o Curso da PUCRS foi incorporado à Faculdade dos Meios de Comunicação Social, ante suas evidentes ligações com a comunicação coletiva e as disciplinas do setor sócio-jurídico-econômico.

O Curso de Turismo teve início no mesmo ano em que foi inaugurado o novo prédio da FAMECOS, e, dentre suas atividades, promoveu dois encontros. O primeiro, com os professores, quando foram discutidos programas, horários e inovações determinadas para o exercício, e o segundo foi a aula inaugural em seu auditório. Nesta, o diretor e o vice-diretor da Faculdade, professores Alberto André e Elvo Clemente, falaram sobre o programa a ser cumprido e deram as boas-vindas aos calouros e veteranos. Também falou o prof. José Javier Perez Rodriguez, chefe do Departamento Acadêmico da Escola Nacional de Turismo, do Peru, que compareceu à FAMECOS em companhia de Adail Moraes, presidente da LBA. (Correio do Povo/RS, 13/03/1973, p.11)

Ana Lucia Touguinha Weigle (17/07/2008), que ingressou como aluna do curso em 1975, narra que, nesse período, a sala do turismo era uma sala única e exclusiva. Cada semestre do curso tinha uma sala no prédio da FAMECOS, cada aluno com seu lugar, e os professores vinham na sala, os alunos não se deslocavam pela faculdade para as aulas.

Marutschka Martini Moesch (06/05/2009), falando sobre a relação do turismo e da comunicação, lembra que o projeto pedagógico da PUCRS era igual ao da USP e que, inclusive, ele nasceu na FAMECOS, como na USP ele nasceu na ECA, e prossegue:

inclusive o curso, no início, ele tinha o básico de Comunicação Social, os colegas de RP, Turismo e Jornal faziam os dois anos iguais, todo mundo fazia igual, isso é importante lembrar, depois que mudou com o básico, se separou aquele básico dos dois anos, tanto que os professores que se formaram na época, a professora Norma era colega de vários, hoje, professores do jornal, da PP, da PP não, era o Jornal e RP que existiam. Então, me parece que a linha foi da USP, vamos dizer assim, teve como matriz [...].

Na Alemanha, os cursos são vinculados à Geografia; na Inglaterra, encontram-se na Administração e Negócios. Segundo Marutschka Moesch (06/05/2009), a base epistemológica na América Latina foi a área de Comunicação, na grande maioria. O Turismo, visto a partir de uma ideia de lazer e cultura, acaba, por uma característica do momento político do Brasil, inclusive, surgindo nessa área.

Nos anos 1970, havia um entendimento de que a Comunicação teria uma linha de entretenimento, então o curso de Turismo entra nessa lógica, uma aproximação do lazer e do entretenimento (CAMARGO, 2002). Este trajeto aplica-se integralmente àquilo que se observa ao longo do desenvolvimento dos cursos ligados ao

entretenimento. Emblematicamente surgidos em 1968, os cursos de comunicação (jornalismo, editoração, biblioteconomia, rádio, tevê, publicidade, cinema, teatro, etc.) respondiam não apenas aos conflitos estudantis ocorridos em torno das faculdades de filosofia e ciências sociais da USP, como ao desabrochar da economia da comunicação de massa no país, agora em escala industrial, que posteriormente diversificou-se agregando as áreas de lazer, turismo e hotelaria. O autor prossegue explicando as relações entre os campos da comunicação e do entretenimento.

Os egressos das escolas de comunicação (sobretudo os jornalistas) sentem-se pouco à vontade quando catalogados dentro do campo do entretenimento. Ficariam menos constrangidos se confrontados à evidência de que o lazer das pessoas é na sua quase totalidade vivido dentro das casas, e, dentro das casas, metade desse tempo de lazer é circunscrito por meios de comunicação de massa em geral (tevê, rádio, publicidade, jornais, revistas, games eletrônicos, etc.). Em decorrência, ainda, entenderiam melhor porque os cursos de turismo, lazer e hotelaria surgem nos departamentos de comunicação das universidades, mais até mesmo do que nos departamentos de administração, como seria lógico dentro da ótica mercadológica, ou da educação, como seria lógico dentro da gênese dos problemas (sobretudo o lazer surge em diferentes sociedades como uma preocupação, de início, educacional). Resumindo, poder-se-ia colocar a hipótese de que a Academia ainda é conservadora a ponto de não aceitar o termo entretenimento, mas é lógica o suficiente para entender as afinidades entre os campos da comunicação de massa, do lazer, do turismo e da hotelaria. (CAMARGO, 2002, p. 15)

O Curso de Turismo ficou locado na FAMECOS também em função das pessoas que, na época, estavam na direção da Faculdade, que tinham uma visão multidisciplinar e apostavam na ideia de um novo curso.

O tema e a atividade turística despertavam o interesse da área de comunicação. Inúmeras reportagens de jornalistas, como Oswaldo Goidanich, Eduardo Roberto Xavier, versavam sobre turismo no estado do RGS; entidades associativas relacionadas à comunicação discutiam e participavam dessa atividade, e jornalistas ocupavam cargos importantes em órgão públicos que atuavam na área do Turismo (Secretaria do Estado, Conselho de Turismo, Touring Club). Também os economistas desenvolviam ações nesse sentido.

Em 1973, o jornal Folha da Tarde/RS anunciava que o Secretário de Turismo, Roberto Eduardo Xavier, jornalista, ex-publicitário e professor de comunicação, havia sido convidado pelos alunos da Faculdade de Relações Públicas para um debate, no auditório da FEEVALE. Os acadêmicos pretendiam discutir a possibilidade de ser incluído no currículo do curso, pelo menos um semestre de turismo muito objetivo, incluindo seu planejamento e informações sobre o que se pode fazer nesta área, sobretudo na criação e desenvolvimento da educação turística. Em um estudo prévio concluíram que seria bom terem conhecimento da área turística, mas não uma

graduação superior, pois consideravam que o mercado necessitava, realmente, de técnicos de grau médio, *maitres* de hotéis, gerentes, atendentes, cozinheiros, garçons e outros profissionais. (Folha da Tarde/RS, 16/10/1973).

O jornal Correio do Povo/RS, de 20 de outubro de 1973, também tratou dessa palestra, em que o Secretário analisara o mercado de trabalho no setor turístico e afirmara que existia uma grande carência de mão-de-obra qualificada de todos os níveis, tanto no setor público como no privado. Para o secretário, o campo de trabalho se encontrava em três setores, quais eram: no setor público, tanto a nível federal, estadual e municipal; no setor privado, a níveis de hotelaria, agências, transportadoras e comunicações; e no setor de serviços e fins, que se dedica ao planejamento, organização e administração de eventos (feiras, festas, festivais, etc.).

Nessa perspectiva, Gonzalez (1993) ressalta que o curso da PUCRS possui uma filosofia ímpar. Não está voltado para a formação de cientistas sociais de turismo, mas tem como prioridade a constante preocupação de graduar profissionais bacharéis que, pelo seu conhecimento, dominem o mercado turístico, ajudando-o a crescer sem que por ele seja subjugado. Cleusa Scroferneker (11/06/2008) lembra que sempre houve grande ênfase nessa relação do curso com o mercado e explica,

isso é uma tendência, eu diria dos cursos aqui da Comunicação, essa preocupação de estar atrelado, de não estar descolado, isso vale tanto para o Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas, agora com Áudio Visual, então sempre com essa preocupação, até porque o curso de certa forma era uma marca do diretor, do Gonzáles, isso era a marca, ele não admitia, e acho que ele estava correto, que a universidade ficasse distante do mercado, precisava dessa interlocução, [...].

Para Marutschka Martini Moesch (11/09/2008), o curso de Turismo nasce de uma demanda do mercado, pois nos documentos da sua criação está explícito que o mercado turístico do Rio Grande do Sul solicitou à PUCRS, a organização de um curso para formação de profissionais na área. Essa marca acabou sendo uma característica muito forte do discurso da década de 1970; o próprio jornalismo na comunicação também teve essa marca, com a direção do Antoninho Gonzáles, que era um jornalista, um homem de mercado.

Podemos pensar que o Curso de Turismo da PUCRS, estando vinculado à FAMECOS, e sendo idealizado por profissionais da área de comunicação e por pessoas ligadas ao mercado, no seu início, sofreu influência do modelo norte-americano, que era o modelo adotado por algumas Faculdades de Comunicação no país, conforme explicam Baldissera; Flores e Sólío (2008). Para os autores, a busca do modelo norte-americano

deu-se através do projeto que é o mais importante trabalho de transformação universitária do Brasil: projeto da Universidade de Brasília (Projeto Darcy Ribeiro, concebido antes de 1964). Na Universidade de Brasília foi criada a Faculdade de Comunicação de Massa, estruturada por Pompeu de Souza, com uma proposta de faculdade de comunicação calcada na *School of Mass Communication da Universidade de Stanford*.

De acordo com Melo (1991) esse modelo também está presente na estruturação, em 1966, da Escola de Comunicações Culturais da Universidade de São Paulo. É um projeto que procurou resgatar toda a pressão das demandas que vêm de uma indústria cultural já bastante dinâmica em São Paulo. A Escola de Comunicações Culturais estruturou-se com várias carreiras e vários cursos: Jornalismo, Relações Públicas, Rádio e Televisão e Cinema (incorporando inclusive o teatro), com a tentativa de atender às necessidades de formação profissional que ocorriam na indústria cultural paulista. Segundo Melo, a matriz era norte-americana, com certa influência espanhola, uma vez que o primeiro diretor da escola era um catedrático de Literatura Espanhola. Essa influência teve curta duração porque, no ano seguinte ao de sua instalação, a Escola de Comunicações Culturais (hoje Escola de Comunicações e Artes) já começava a fazer mudança de estrutura, conforme o modelo norte-americano.

Melo (1991) destaca que esse mesmo modelo também é encontrado na FAMECOS/PUCRS. É uma escola que se estruturou nos anos 1960 direcionada a formar profissionais com vocação profissionalizante nos moldes americanos.

Dornelles (2002) reforça que o compromisso histórico da Instituição com o mercado e suas necessidades não foi e não é uma mácula, um pecado original que o espírito acadêmico nascente deve menosprezar. A marca profissionalizante dos cursos de graduação da FAMECOS é um patrimônio a ser preservado. Há, nessa definição estratégica, atributos não desprezíveis.

No conjunto dos relatos, observamos que o Curso de Turismo da FAMECOS era marcado pela ênfase da formação voltada ao mercado, o que é percebido como um aspecto positivo. Também aparece a importância de se ter uma visão crítica desse mercado, isto é, *profissionais que dominem o mercado turístico, ajudando-o a crescer sem que por ele sejam subjugados* (GONZALEZ, 1993).

A noção de vanguarda, na década de 1970, do RS na área do Turismo e da FAMECOS foi internalizada pela sociedade, gerando uma expectativa de *glamour* da área, que pode ser percebida na narrativa dos alunos. Diney Adriana de Oliveira (08/10/2008) se recorda muito bem do seu tempo de estudante; estudar na FAMECOS

era o máximo; a vanguarda sempre passou pela FAMECOS; a intelectualidade da área de Comunicação, o que lhe trazia muito orgulho.

É importante também nos reportarmos que o Governo Militar não estava interessado na abertura de cursos que promovessem a reflexão crítica e a mudança. Eram incentivados aqueles que promoviam uma visão otimista do momento político, a esperança no sucesso do modelo econômico e uma visão superficial do funcionamento da sociedade [...]. “Os cursos de turismo, criando o imaginário das viagens, do *glamour* dos lugares exóticos, do luxo, são mais do que adequados à ditadura” (BARRETTO; TAMANINI; SILVA, 2004, p.54).

4.4 Corpo Docente

Durante a elaboração do projeto de criação do curso já começava a se pensar no corpo docente. A contratação dos primeiros professores de Turismo pressupunha a implantação gradativa de várias etapas, sendo que o primeiro resultado mais significativo da equipe contratada foi um projeto de estruturação do Departamento de Turismo. Os professores do curso trabalhavam no regime de horista, e sua formação acadêmica era bastante heterogênea. Nesse período, ainda não havia bacharéis em Turismo para ministrar as disciplinas da área.

As cadeiras básicas, Português, Geografia, História, Línguas, Comunicação, Direito, a Universidade já tinha, com professores lotados em outras faculdades; quanto à parte mais técnica do turismo, os docentes contratados foram pessoas do mercado, aquelas que já tinham experiência nas áreas. Não trouxeram ninguém de outras localidades para ministrar as aulas. De acordo com Renato Masina (25/03/2008), conseguir pessoas para lecionar as disciplinas não foi fácil, mas contou-se com o pessoal do setor – agentes de viagem, operadores turísticos, hoteleiros – para ministrarem as disciplinas, como os diretores de agências Thomé Jacinto Madeira e Eugênio Machado. Profissionais com formação superior, um economista, um advogado, um sociólogo, dando-lhes uma formação específica sobre turismo e transformando-os em professores.

Eugênio Machado (06/06/2008) conta que as suas aulas se desenvolviam da seguinte maneira: *eu dava uma aula, e na outra aula eu chamava um aluno para dar a aula no meu lugar*. Nunca esquece quando chamou a aluna Ondina da Silveira para dar aula e ela disse *a minha aula é uma aula de liberalidade, é tudo liberado*. Segundo o professor “Machadão”, como era chamado pela turma, ele dizia: *vocês não precisam vir*

aqui, que eu teoricamente dou presença para vocês, não vou cobrar nada. Ele chegava ao aeroporto e ia direto dar aula, porque o seu trabalho exigia muitas viagens.

Já as aulas do professor Julio Balzano (02/12/2008) eram expositivas: *eu fazia duas coisas: os alunos se dividiam em grupos criados por eles, a fim de elaborarem um projeto para a realização de um evento, escolhiam um evento, um tipo de evento, e tinham que simular na prática como é que era aquele evento, normalmente se fazia no auditório da FAMECOS.* Mas pondera que, nessa fase, o nível socioeconômico e cultural dos alunos era acima da média, então faziam um festival da gastronomia, traziam e montavam tudo. Suas aulas eram baseadas totalmente na prática.

Norma Martini Moesch (12/03/2009), que nesse período era aluna, conta que alguns professores nunca tinham entrado em uma sala de aula, *então, didática, que isso, vamos falar de como eu faço, eu aprendi a empilhar tijolo, tu entende isso?, [...]. eu tenho que entender como é que se constrói um hotel.*

Os docentes, que iniciaram ministrando disciplinas no turismo e que vinham com a experiência do mercado, deixam claro que sua “profissão” não era professor. Julio Balzano, Eugênio Machado, enfim, relatam que seu envolvimento com o curso era muito reduzido, basicamente davam suas aulas, porque as outras atividades que exerciam eram “mais importantes ou lhes traziam melhores rendimentos”; a docência era um “bico”.

Antoninho Muza Naime (08/10/2008) lembra os primeiros tempos:

a Ipiranga não era asfaltada, só tinha a rua do lado de cá, do lado de lá não tinha nada, era só mato, e o asfalto vinha até a Barão do Amazonas, de lá pra cá, era puro barro, os professores estacionavam o carro aqui na frente do prédio da Faculdade, puro barro aqui dentro. Era tudo difícil, professores todos horistas, então o professor para vir dar duas horas aula à noite, ele quase não ganhava salário, pagava para dar aula, porque no fim quanto os professores gastavam em gasolina, saíam do seu escritório, etc, se somar, gastavam mais do que ganhavam, então tinham muitas dificuldades.

Outro aspecto lembrado era de que os professores que vinham de suas áreas específicas, sociologia, geografia, história, por exemplo, não tinham formação em turismo. Dessa forma, o coordenador Renato Masina, no início, fazia grupos de estudos com os professores.

Quanto ao aperfeiçoamento do corpo docente na área de turismo, em 1972, o graduado em jornalismo, Geraldo Canali, atualmente professor da UFRGS, realizou

curso sobre jornalismo de turismo e jornalismo científico na Universidade de Navarra, na Espanha. Posteriormente, veio a integrar o quadro docente da FAMECOS.

A professora Cleusa Scroferneker (11/06/2008), que havia se formado em 1973, em Comunicação e Licenciatura em Geografia, foi convidada pelo Irmão Elvo Clemente para ministrar as disciplinas de Geografia do Turismo do Brasil e Geografia do Turismo do Rio Grande do Sul. Lembra que, em 1972 – 73, outra professora, Thais Casagrande, ministrava essas disciplinas.

As ex-alunas do curso citam de alguns professores e com muito carinho recordam. Lucia Touguinha Weidle (17/07/2008), formada em 1977, se recorda de vários:

da Cleusa dando Geografia; as professoras de espanhol eram a Marina, e a Maria Del Carmem; de eventos era o Julio Balzano que tem uma empresa de organização de eventos; o Renato Masina; o Mozart, um que é Jornalista; o Geraldo Canali; o irmão Mainar que era famoso, irmão Mainar, ninguém esquece as aulas dele, dava a parte de Português, a parte de redação, era um professor muito exigente e muito famoso na PUCRS. Um professor que já faleceu, Luis Welp, que ministrava a disciplina de Administração Hoteleira, era proprietário do hotel São Luís. Outro professor que era muito querido e que continua na ativa, o Geraldo Castelli. E o outro que era de Sociologia ou Política, Geraldo Canali. O Moacir Flores e a Hilda Flores, os dois deram aula.

Norma Martini Moesch (12/03/2009) também lembra de seu tempo de aluna e recorda de seus professores: Cultura Religiosa, a PUCRS; História, o Braz Brancato; Geografia, a Thais Casagrande, que já era aposentada da Universidade Federal e foi para PUCRS, *ela é uma voyer intempestiva que morava em Viamão, é uma mulher fantástica, enorme, alta, com uma cabeleira cinza fechava num coque, e que era pura energia, entrava na sala de aula era como a luz assim*; Economia, Renato Masina; Planejamento Territorial e Urbano, preliminarmente veio um engenheiro que atuava no governo do Estado e do município, que cuidava dos planos diretores dos municípios, Paulo Leiva, *nós chamavamos Paulão é um arquiteto, magrão alto, que atuava com essas disciplinas de planejamento urbano e planificação, planejamento público e planificação territorial urbana*; as contábeis, transportes aéreos, um representante da Varig, Thomé Madeira.

Diney Adriana de Oliveira (08/08/2008), conta que os professores que mais lhe marcaram no seu período de aluna foram Geraldo Castelli, que recém havia retornado da Europa, recém casado, jovem, naquela época; Renato Masina, que tinha uma visão

muito ampla de planejamento turístico, tinha participado de um dos primeiros planejamentos feitos pelo governo, então ele foi um dos economistas envolvidos; Carlos Kruger, o gerente da VARIG, uma pessoa viajada, conhecia o mundo e era muito comunicativo; Nestor Iosti, na parte de Direito; o professor Braz Brancato; o Mario Frederico Schardong professor de Fotografia.

Uma questão que fica bastante evidente nas narrativas é que os professores da área específica do Turismo vinham da prática, assim suas aulas eram baseadas na prática, nas experiências. Norma Martini Moesch (12/03/2009) relata que, no seu período de aluna, as aulas eram ministradas com vistas à operacionalidade das atividades, ninguém trabalhava base conceitual; Lenora Horn Schneider (01/07/2008) lembra que, como nessa época os professores eram profissionais da área, não havia muita didática, mas existia experiência, e isso é o que eles passavam para os alunos.

A formação de professores na área de turismo, nos anos de 1970, se articulava à estreita relação entre educação e mercado, que tende a secundarizar o conhecimento teórico e sua mediação pedagógica. Nessa concepção, o conhecimento sobre a prática acaba assumindo o papel de maior relevância, em detrimento de uma formação intelectual e política dos alunos. O ser professor assumia uma dimensão extremamente técnica. O currículo do curso de Turismo estabelecia a eficiência do processo de ensino-aprendizagem, com base nas expectativas sociais, centradas no mercado de trabalho.

Porém, essa questão não foi uma especificidade do Curso de Turismo, pois ao abordar o tema da formação pedagógica e a prática cotidiana do professor universitário, Fernandes (1998, p. 97) constata que, “no cotidiano da vida universitária, tem sido possível verificar que há preocupação institucional com a competência do profissional na área de sua formação, sem situá-la historicamente na perspectiva de ser professor”.

São lembranças que singularizam uma prática educativa de uma época reconstruída pelo trabalho das memórias daqueles que participaram e que podem revisitar estes tempos/espacos ocupando o lugar de ex-alunos ou ex-professores, porque se reconhecem como parte integrante dessa comunidade afetiva que se fez durante suas vivências no curso.

Na realidade, a constituição do corpo docente foi, desde o início do curso, um problema para seus fundadores. O professorado foi composto a partir de convite dos mentores do curso, tendo uma formação diversificada, já que a maioria era de outros departamentos da PUCRS, o que dificultava sua adesão completa às propostas do curso de Turismo. Também não havia pessoas com qualificação acadêmica para serem

contratados, portanto, os docentes da área específica do Turismo foram buscados no mercado.

Se não havia professores habilitados para as disciplinas específicas do curso, pode-se concluir que, por serem assuntos recentes para o período, o curso de turismo sofreu uma improvisação curricular, que se refletia nos conteúdos, na bibliografia e inclusive na atuação dos professores. Os docentes de outras áreas ministravam conteúdos de sua área de origem e os específicos de turismo. Como não havia literatura, uma das formas encontradas para contornar esse problema foi associar esses estudos a aspectos utilitários e ligados a um enfoque administrativo.

Em função da falta de formação em Turismo por parte dos docentes, a partir da primeira turma formada o Departamento passou a contratar seus próprios egressos, sinalizando para uma certa endogenia. A primeira professora bacharel em Turismo que ingressou no curso foi a ex-aluna Norma Martini Moesch, em 1977; a segunda foi Ondina da Silveira que permaneceu pouco tempo no curso, e Diney Adriana Nogueira de Oliveira, que veio compor o corpo docente em 1980.

4.5 Os Alunos

Os alunos ingressavam mediante o vestibular na FAMECOS, para Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Turismo. O primeiro concurso contou com um número bem superior de candidatos para as 60 vagas, sendo totalmente preenchidas, o que evidencia que o curso já conseguira receptividade, tendo uma boa procura decorrente de uma certa expectativa sobre o turismo.

Nessa época, era muito disputada uma vaga em qualquer curso universitário, mas, de um modo especial, na FAMECOS, que tinha grande procura; no caso do Jornalismo e Publicidade, eram em torno de trinta candidatos por vaga. O Turismo, no seu início, também chegou a ter dez/doze candidatos por vaga (Norma Moesch, 12/03/2009).

Muitos alunos eram pessoas que vinham do mercado, *com um perfil de quem realmente vem fazer o curso porque acredita, porque tem essa opção de curso, porque está vinculado à área e queriam desenvolver o conhecimento em Turismo e vinham para buscar esse tipo de respaldo* (Cleusa Scroferneker, 11/06/2008). Mas também tinham como perspectiva a viagem e perguntavam: *quando é que a gente vai viajar?*. A ideia do turista atrelado à viagem, e, além disso, havia os alunos turistas, aqueles que realmente vinham fazer turismo, no sentido literal da palavra, na PUCRS, só vinham, transitavam e iam embora.

Cleusa Scroferneker (11/06/2008) reforça que *o curso da PUCRS era único, foi o primeiro, era um curso que tinha muita expectativa, os alunos, eles tinham passe quase imediato, para a Secretaria de Turismo – SETUR, então tu tinhas esses espaços que eram ocupados pelos alunos. A ênfase do curso era no ensino de planejamento de Turismo*. Lenora Horn Schneider (01/07/2008), por exemplo, logo que ingressou no curso, começou a fazer estágio na Secretaria Estadual de Turismo⁹⁸, onde permanece até hoje.

A ex-aluna Lenora Horn Schneider (01/07/2008) lembra de alguns colegas que já tinham relação com a área do Turismo, Elisabet Fleck, que sua família tinha a transportadora Ouro e Prata; Beatriz Kunz, que foi da EMBRATUR; algumas pessoas que já tinham outra graduação e optaram por cursar Turismo [...], *mas era muito eclético o grupo, alguns não sabiam o que estavam fazendo, tinham alguns que não sabiam o que queriam*.

André (1972) assinala que, no primeiro processo seletivo realizado, entre os alunos aprovados, destacaram-se pessoas de meia idade, já com experiência no ramo turístico que procuravam uma profissionalização na área. Antoninho Muza Naime (08/10/2008) observa que os alunos já trabalhavam em agências, hotelaria do pai, do tio, ou do irmão mais velho, e vinham para buscar uma forma mais científica aos conhecimentos empíricos que já possuíam [...], mais da metade eram “coroas”.

Nem todos os formandos do curso atuam no turismo. Ana Lucia Touguinha Weidle (17/07/2008) informa que, mesmo a sua turma tendo sido de muitos alunos, vários acabaram não atuando na área de formação; trabalham como Auditor do Tribunal de Contas, na Justiça, no Banco do Brasil, na Companhia Telefônica, nos Correios, etc.

Tendo ingressado em 1975, Ana Lucia Touguinha Weidle apresenta um perfil de alunos quanto, à faixa-etária: poucos alunos eram mais velhos, a maioria era jovem do sexo feminino, apenas alguns homens, e cita o José Fernando, o Leo, o Valdir, o Carlos Augusto, o Nirvaldo, o Vagner e o Alexandre Bastos, que é dono de hotel de Ana Rech.

Entre os alunos havia muito entusiasmo, como Antoninho Muza Naime (08/10/2008) rememora: *entre os mais jovens era aquela euforia, aquela fantasia,*

⁹⁸ *A SETUR tinha, na época, três anos só, era tudo novo, era uma coisa totalmente nova. Era tudo novo para mim e para o turismo também. Eu sentia assim, dificuldade com relação aos professores, livros, mas no momento que eu ingressei na SETUR, na Companhia Rio Grandense de Turismo - CRTUR, eu iniciei um trabalho novo que era o Anuário Turístico do Estado do Rio Grande do Sul. Esse Anuário Turístico do Estado do Rio Grande do Sul, ele era um trabalho de identificação de todos os municípios, como data de criação do município, população, distância de Porto Alegre, principal economia, principais atrativos turísticos, principais eventos, e aí eu fui tendo noção da importância desses dados, que o turismo poderia transformar o município, [...] para saber que potencial tem esse destino, eu era uma curiosidade, naquela época era uma época que os eventos eram importantíssimos, então começam a surgir eventos nos municípios, a Festa da Uva já era um auge (Lenora Horn Schneider, 01/07/2008).*

porque ninguém pode negar que essa gurizada mais jovem, de 18 – 19 anos, que entravam no curso de Turismo, imaginava que se formando em Turismo, sairia a viajar pelo mundo. A impressão inicial que eles tinham era essa, completamente absurda, era uma ilusão.

Diney Adriana de Oliveira (08/10/2008) diz que sua turma era maravilhosa; até hoje encontra algumas colegas trabalhando, atuando na área, e, quando isso acontece, é uma festa. A sexta-feira era sagrada, a turma saía da FAMECOS e ia comer linguíça no Copacabana⁹⁹. Os trabalhos realizados também marcaram a época de estudante.

Quanto à procura pelo público feminino, Renato Masina (25/03/2008) comenta que, *as, mulheres, que queriam ter uma atividade e como o turismo estava surgindo, estava começando, era uma nova área de trabalho promissor. Então vinham com a expectativa de trabalhar na área.* Antoninho Muza (08/10/2008) também destaca que o curso sempre teve mais alunas mulheres, porque gostam de fazer e vender turismo, e explica que não sabe como funciona hoje, mas antigamente a cada X de passagens vendidas, ganhava-se uma.

Julio Balzano (02/12/2008) também percebe essas características femininas no curso:

eu acho que a mulher é um ser muito sensível, criativo, e no Turismo, tem que ter muita sensibilidade, e a mulher é uma romântica por natureza, e no Turismo a gente tem que ser romântico, então com todas essas características a mulher tem, claro que tem que ser profissional, mas isso aí é outra coisa, eu estou falando das características básicas, e aí, principalmente a sensibilidade, a mulher tem mais sensibilidade, o homem não, o homem é um trator.

Na totalidade das narrativas observamos essa questão de gênero presente entre os alunos do curso. Lewin (1980, p.55) propõe uma classificação de feminização das carreiras profissionais¹⁰⁰. De acordo com essa classificação, o Turismo é considerado uma carreira feminina, pois o percentual de mulheres varia de 60 a 100% do total.

⁹⁹ O Copacabana é um restaurante existente em Porto Alegre desde 1939, típico italiano.

¹⁰⁰ Carreiras Femininas – cuja predominância percentual de mulheres varia de 60% a 100% do total: Artes, Biblioteconomia, Comunicação, Educação, Educação Artística, Educação Familiar, Educação Física, Enfermagem, Estudos Sociais, Letras, Licenciatura em Ciências, Museologia, Nutrição, Psicologia, Serviço Social, Turismo, Ciências Biológicas, Farmácia, Filosofia, História; Carreiras Mistas – caracterizam-se pelo equilíbrio da presença de homens e mulheres, podendo ser observada uma pequena dominância de um sexo ou de outro, dentro dos limites de 59% a 41 %. Nesta categoria estão: Arquitetura, Desenho Industrial, Direito, Estatística, Filosofia, Geografia, Matemática, Medicina, Música, Odontologia, Química, Teatro, Relações Públicas; e Carreiras Masculinas – a predominância de homens pode chegar de 60% a 100% do total: Administração, Astronomia, Ciências Agrícolas, Ciências Atuariais, Ciências Contábeis, Economia, Engenharia Química, Física, Meteorologia, Veterinária, Zootecnia. (LEWIN, 1980, p. 55)

Barretto, Tamanini e Silva (2004, p. 57) assinalam que os primeiros cursos de Turismo, assim como os de comunicação, eram, na década de 1970, “chamados, jocosamente, de ‘cursos de espera marido’, com predomínio do público feminino, que supostamente os freqüentava enquanto esperava por momentos mais importantes por vir”.

A ex-aluna Norma Martini Moesch (12/03/2009) fazia parte de um pequeno grupo, dentro de um maior, constituído de mulheres com a vida estabelecida, com seus filhos, inclusive uma delas já tinha neto. Eram umas cinco mulheres, cuja faixa etária era totalmente heterogênea em relação ao grande grupo. A professora relata o seu cotidiano de aluna no curso com grande riqueza de detalhes, e é com base no seu relato que continuamos essa narrativa.

Durante a faculdade, alguns grupos se formaram, e um deles era dos alunos com uma faixa etária mais avançada – Norma Moesch, Teresa Oliveira, Ivone Silveira, Sara Pechersky e Pedro Espinosa¹⁰¹. Os outros alunos se sentiam protegidos e amparados pela tutela dos mais velhos. Norma era bastante politizada:

eu sempre fui bastante combativa, não posso negar, é meu perfil e nunca me satisfiz com o que nos era proposto de uma forma e depois nos era cobrado ou dispensado de outra, e sempre que era possível e houvesse a possibilidade de levantar a voz num plenário, num fórum, eu não me omitia, era minha missão, proteger aqueles jovens que estavam ali, já que eles estavam confiando tanto na minha coordenação, eu sempre fui a coordenadora dos nossos trabalhos de grupo. (Norma Martini Moesch, 12/03/2009)

O comportamento de Norma foi narrado quase como uma transgressão, pois era comum, durante o período de Ditadura Militar, a existência de um militar disfarçado entre os alunos. Sendo assim, podemos supor que Pedro observava os objetivos e interesses do curso de Turismo, e, que por ser um curso novo, deveria ser “vigiado”, pois poderia propor a formação de pessoas mais questionadoras e participativas, exatamente o que se objetivava calar. Os cursos, vistos como mais técnicos, seriam incentivados, principalmente se procurassem atender às demandas do mercado de trabalho.

¹⁰¹Pedro Espinosa, na verdade, era um policial, que representava o momento que vivíamos no Brasil. *Era uma figura oculta, mas muito simpático, muito receptivo, muito interessado, sempre querendo agrandar os colegas, e se surgisse algo, um tema ou um assunto, que carecia de alguma complementação informativa, ele era a pessoa que seguramente na semana seguinte nos alimentava com esses esclarecimentos. E anos e anos depois soubemos que ele era realmente o sujeito oculto de uma história que não se quer relembrar* (Norma Martini Moesch, 12/03/2009).

Barretto; Tamanini e Silva (2004) analisam a criação do curso como sendo incentivada pelo governo, pois o governo militar proibia e perseguia os cursos “pensantes”, que poderiam ir contra os projetos políticos. Incentivava os cursos que promoviam a tecnologia e o entendimento superficial da sociedade.

Nesse período, já existia o Centro Acadêmico “Alberto Pasqualini” – CAAP, da FAMECOS, vinculado ao Diretório Central de Estudantes da Universidade, no entanto, sua atuação junto aos alunos do curso de Turismo era praticamente inexistente.

4.6 As Turmas Pioneiras

A primeira turma de bacharéis em Turismo, composta por 67 alunos, foi graduada em 13 de agosto de 1976 juntamente com os que ingressaram em 1972 e 1973, pois tiveram que aguardar o reconhecimento do curso. Teve, como paraninfo, o Ministro do Trabalho, Arnaldo da Costa Pietro¹⁰². Os homenageados de honra foram os professores Alberto André, Elvo Clemente e Antoninho Muza Naime. Seu orador foi o bacharelando Luiz Fernando Costi .

A formatura já estava sendo organizada quando foram informados de que não poderiam se formar naquele momento. Os alunos se sentiram enganados, pois ninguém os havia esclarecido sobre este fato. Norma Moesch (12/03/2009) conta que promoveu um levante dentro do curso, e sugeriu/convocou/aclamou aos colegas: *vamos para rua*. Souberam disso quando eram dez horas da noite. Como a aula terminava quinze para as onze, ela disse aos colegas *nós não vamos embora, vamos sentar ali abaixo do prédio da Economia, residência do irmão Elvo Clemente, e nós vamos bater panela e fazer o irmão Elvo descer e vai ter que nos explicar o que está acontecendo. Toda a PUCRS em silêncio e nós lá batendo tambor, chamando o irmão Elvo para baixo*. Então o Irmão Elvo desceu e explicou que a estrutura básica do currículo não tinha sido homologada, e a comissão de avaliação exigira que houvesse uma reestruturação. Durante esse período, o curso ficaria em diligência. Como ainda não havia esgotado o tempo da diligência, tinham que esperar para se formar com a segunda turma.

Aquilo foi mortal, um jato da água fria. Sabe, o princípio da idoneidade da PUCRS entrou em jogo, nós chamamos eles de falsários, estavam ludibriando a ingenuidade dos alunos. Nós ficamos muito furiosos, deles terem somado com a turma dois, porque afinal todo o movimento, todo o esforço foi nosso, porque deu o maior fuzuê, quando terminamos o ano e

¹⁰² Arnaldo da Costa Pietro exerceu funções de Ministro da Previdência e Assistência Social de 01/05/1974 até a posse do primeiro titular, em 02/07/1974 e foi Ministro do Trabalho de 01/05/1974 a 15/03/1979.

soubemos, nós estávamos com a comissão de formatura se preparando (Norma Martini Moesch, 12/03/2009).

Norma Martini Moesch (12/03/2009) presidiu a comissão de formatura, e conta que a turma da vanguarda queria dar um destaque para essa colação de grau, queria mídia, queria ser notícia. No entanto, havia outros colegas que queriam um professor para paraninfo da turma. Estavam cientes de que o irmão José Otão só sairia para presidir a formatura se tivesse um nome muito forte como paraninfo, porque estava doente. Então, a turma foi em busca de uma referência que fosse capaz de despertar esse compromisso do Reitor. O grupo decidiu ter como paraninfo, Arnaldo da Costa Pietro, que, na época, era ministro do trabalho, porque havia descoberto que ele tinha sido assistente de gabinete do Reitor e havia se formado com bolsa, prestando serviços de dia e estudando à noite na PUCRS. Então a vinda do ministro para paraninfo a primeira turma de Turismo seria perfeito.

Lembra, ainda, que quando ficou decidido que as turmas se formariam juntas, a briga ficou pior, porque não chegavam a um consenso quanto ao paraninfo. Enfim, ficou definido o Ministro Arnaldo da Costa Pietro, conforme pensado anteriormente. Na época, a escolha e o discurso do paraninfo passavam pelo crivo e tinham que ser homologados pela Reitoria. O orador foi Luiz Fernando Costi, *porque era a pessoa que tinha a melhor fluência dentro daquela sala de aula, tinha voz, se comunicava bem, não era um aluno de referência, não era um aluno aplicado, enfim, era um empresário e não tinha paciência para estudar, mas tinha uma forte representatividade na sociedade.*

A formatura das primeiras turmas foi bastante noticiada no jornal Correio do Povo/RS.

Prieto paraninfa os formandos de Turismo da PUC

O ministro Arnaldo da Costa Prieto, do Trabalho, chegará a Porto Alegre amanhã, sexta-feira. À noite, estará paraninfando a solenidade de formatura das duas primeiras turmas do Curso de Turismo da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC, que teve seu funcionamento reconhecido no início deste ano.

Arnaldo Prieto foi oficialmente convidado para paraninfar esta primeira formatura no início do mês, quando recebeu, em Brasília, uma comissão que representou os alunos.

Ilustração 23 – Correio do Povo/RS, 12/08/1976, p.12

PUC formará esta noite duas turmas de Turismo

Hoje, sexta-feira, às 20h, estará acontecendo a solenidade de colação de grau das duas primeiras turmas do Curso de Turismo da PUC, no salão de atos, tendo como paraninfo o ministro Arnaldo da Costa Prieto, do Trabalho. As 9h na capela da Reitoria será oficiada uma missa e logo a seguir será feito o ensaio para a cerimônia da noite.

Os homenageados de honra são o prof. dr. Elvo Clemente e o professor Antoninho Muza Naime, enquanto que o ex-diretor da Farnecos, professor e jornalista, Alberto André, é o homenageado de honra. Os homenageados especiais são os professores Althair Rech, Ariosto Jaeger, Braz Aquino Brancato, Carlos Miranda Kruger, Cleusa Maria Andrade, Geraldo Canali, Geraldo Castelli, Guido Bakos, Harry R. Bellomo, Júlio Roberto Balzano, Júlio Rubbo, Luiz Gustavo Weip, Melchiades Stricher Filho, Moacir Flores e Paulo Sperry. A homenagem póstuma é para Ligia Martins Costa Nunes Pereira.

Os formandos do Curso de Turismo — 1.a Turma (1974) — são os seguintes: Carlos Crispim Souza Gonçalves, Carmem Lúcia Lima de Oliveira, Celia Mazzeo Oliveira, Clarice Sthal, Claudete Rosa Kaercher, Clovis Renato de Castro Portilho, Dolores Maria do Carmo Backes, Elizete Renate Sprandel, Geni Herrerias Jansen, Helenita Ferraz Severino, Hermínia Borba, José Aurélio de Curtis, Loida Strellaev, Luiz Fernando Costi, Maria Cristina Gudolle Dias, Maria de Lourdes Venturini, Maria Hercília de Castro Tarlá, Maria Hordália Cardoso, Maria Terezinha Ouriques Amaral, Mariângela Santos Germano, Marília Luz Fonseca, Marli Pacheco da Silva, Marta Angélica Loureiro Schertel, Mirna Schneider, Nara da Costa Mattos, Neli Terezinha da Silva Tramunt, Norma Martini Moesch, Pedro Ari Gobbi, Pedro Espinosa da Silva, Rosemarie dos Santos, Sara Pechersky de Medero, Sílvia Rosaria Zignago Franco, Tânia Maria Amaral Etchepare, Tânia Maria Araújo Lopes Reis, Terezinha Lovatto, Thereza Jesus de Oliveira, Valesca Taye Karan, Vânia Abott Yurgel.

A segunda turma, de 1975, é formada dos seguintes alunos: Alice dos Santos Leiva, Ana Ma-

ria Caldas Scherer, Angela Maria Silveira Moraes, Anna Luiza de Almeida Oliveira, Beatriz Lahorgue Kunz, Bernadete Rausch, Cláudia Leite Guimarães, Dalton Antonio Búrgio, Dea Lucia Coufal, Diney Adriana Nogueira de Oliveira, Elisabet Maria Fleck, Elisabeth Benites Trein, Fausto de Almeida Vieira, Fernando Correa Araujo Lopes, Heloiza Helena Pimenta D'Avila, Iara Gomes de Moraes, Lenora Maia Horn, Mara Regina Gonçalves Bernardes, Marcy Puccini de Faria, Maria Cirila Klein, Maria Luiza Schreinert, Marli Poisl, Nelsa Maria Frozi, Neusa Marques da Rocha, Ondina Maria Ohlweiler da Silveira, Rejane Schlatter Bohrer, Rosângela Cortinhas, Scheila Maria Ramos Schultz e Silvia Martha Oppliger. O orador será o aluno Luiz Fernando Costi.

Palestras sobre defesa do consumidor

O Diretório Acadêmico das Faculdades de Economia, Contabilidade e Administração está promovendo um Seminário de Debates sobre Proteção e Defesa do Consumidor. De 16 a 18 deste mês, os universitários da URGs ouvirão conferencistas e debaterão a defesa do consumidor com o deputado federal Nina Ribeiro, o sr. Frederico Mottola e o superintendente da Sunab, sr. Noé Wilke.

Segundo os estudantes, é necessária uma tomada de consciência em relação às verdadeiras aberrações que são cometidas, diariamente, contra a população.

No Mundo de

DO INFINITIVO FLEXIONA

(1) "São convidados os senhores a se reunirem em Assembléia Geral de discutirem e deliberarem sobre dia: (.....)."

Meu amigo leitor marcaria o risco? (Marcar uma frase com a ingramaticalidade, segundo convenção formacional)



Ilustração 25 – Convite de Formatura da primeira turma de Turismo FAMECOS/PUCRS, 1976



Ilustração 26 – Foto da Formatura da primeira turma do Turismo, 1976 (da esquerda para direita – Elisabet Maria Fleck, Ondina Maria O. da Silveira, Diney Adriana Oliveira, Norma Martini Moesch, Ana Luiza de Almeida Oliveira, Carmem Lucia Lima de Oliveira e Dea Lucia Coufal).



Ilustração 27 – Correio do Povo/RS, 15/08/1976, p.35

A primeira turma formada já manifestava preocupação em relação ao reconhecimento da profissão. Um dos formandos, Fausto Vieira, salienta que um dos problemas dos bacharéis era a disputa por empregos.

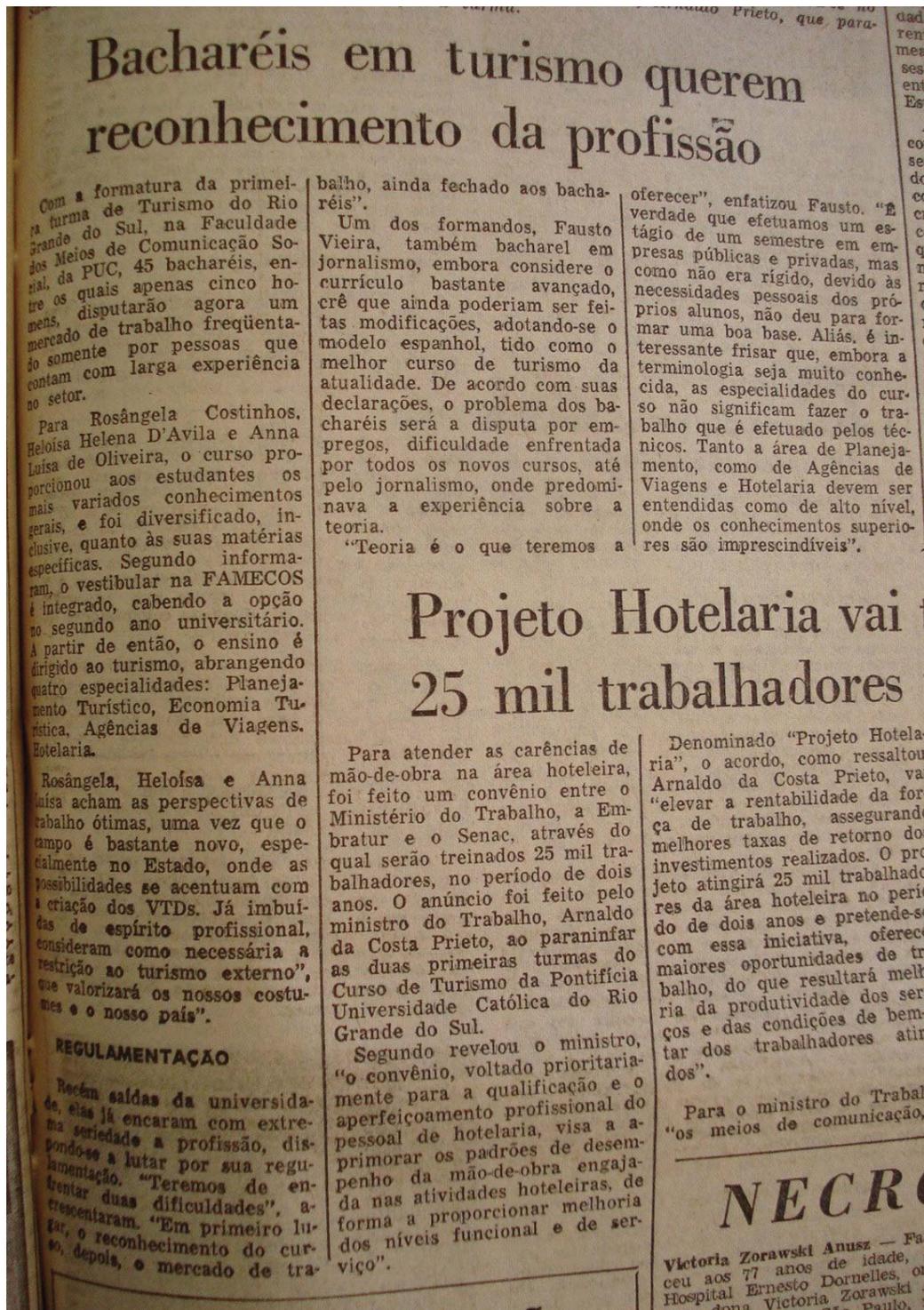


Ilustração 28 – Correio do Povo/RS, 15/08/1976, p. 35

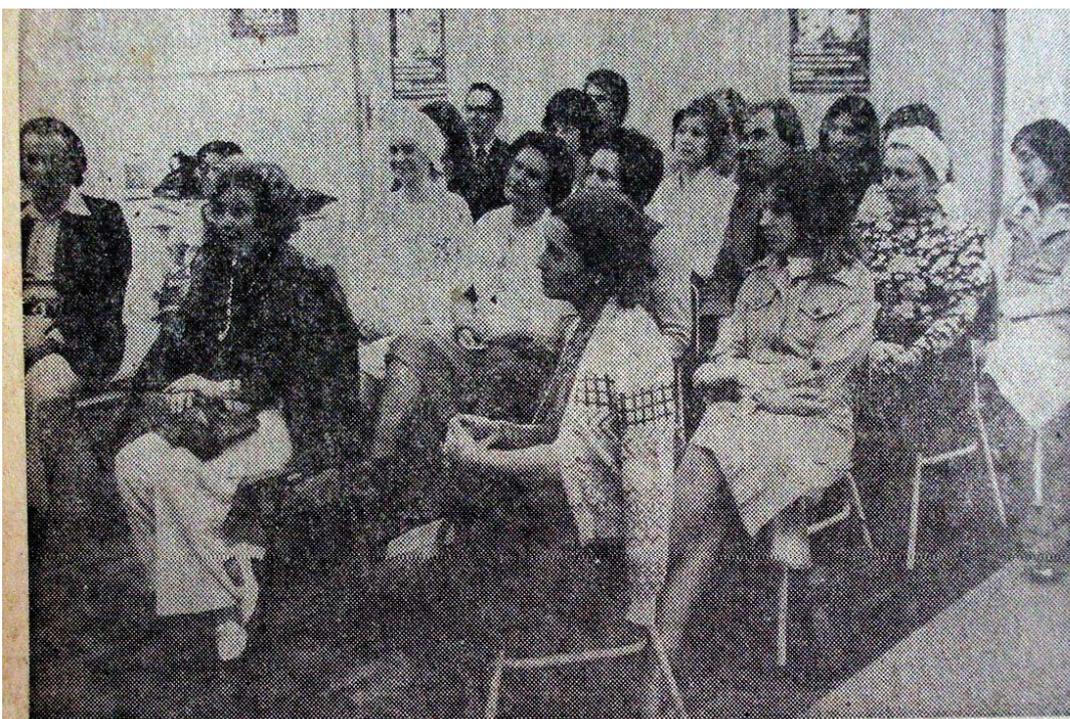
A questão da participação de formandos em Turismo na atividade turística era discutida como sendo um fator decisivo e integrador. Embora, nas narrativas sempre apareça a PUCRS mantendo um bom relacionamento com o mercado, atuando em conjunto, no desenvolvimento da atividade turística nesse período, podemos perceber

que, no contexto geral, lutavam pela regulamentação da profissão. Avaliavam que o mercado ainda estava fechado para o bacharel, que teriam que disputar um emprego. O artigo do Jornal do Brasil/RJ (31/10/1974) comentava sobre a 1ª turma formada pela Faculdade de Turismo em Petrópolis, cujos integrantes, mais do que um emprego, esperavam conseguir mudança de mentalidade dos dirigentes do turismo nacional, abrindo as portas para profissionais formados em cursos de nível superior.

Diante dessas lembranças, os significados de luta, de grupo, de estratégias, de desafios estão implícitos nas narrativas, pois essa turma aparece como bastante politizada, talvez em função do momento político vivido na época. A formatura apresenta-se como um lugar instituído na memória coletiva destes narradores.

Na época, a grande referência eram as agência de viagens e as agências de transporte aéreo. Com o Reconhecimento do Curso, após a formatura a maior parte dos formandos foi trabalhar em agências de viagem.

Alguns alunos optaram por realizar a formatura interna, em outubro de 1976.



COLAÇÃO DE GRAU EM TURISMO NA FAMECOS

Em solenidade realizada na Sala de Turismo da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica, colaram grau os bacharéis em Turismo da turma de 1974 que não compareceram ao ato de formatura por motivos particulares. A cerimônia foi presidida pelo diretor da FAMECOS, professor Antônio Firmo Gonzales, e contou com a presença dos professores Antoninho Naime Musa, Eurico Saldanha de Lemos, Melchiades Stricher Filho, Renato Masina, e Cleusa Andrade. Usou da palavra o orador da turma, Pedro Espinosa da Silva. Os formandos de 1974, que colaram grau nessa ocasião: Ana Maria Scherer, Carlos Crispin Souza Gonçalves, Célia Mazzeo Oliveira, Clarice Stahl, Dólores Maria do Carmo Baches, Fernando C. Araújo Lopes, Geny Herrerias Janssen, Iara Gomes de Moraes, José Aurélio de Curtis, Maria de Lourdes Venturini, Maria Ercília de Castro Tarlé, Mirna Schneider, Pedro Espinosa da Silva, Tânia Maria Etchepare, Tânia Maria Araújo Lopes Reis, Teresinha Lovatto e Valesca Tayé Karam.

Em 16 de dezembro de 1976, colou grau a terceira turma e teve como paraninfo o Secretário de Turismo Mário Ramos.

Mário Ramos lembra que o campo do turismo é cheio de desafios

Falando no salão de atos da PUC, como paraninfo da terceira turma de Turismo da Faculdade dos Meios de Comunicação Social daquela Universidade, o secretário de Turismo Mário Bernardino Ramos, iniciou seu agradecimento aos 50 formandos pela lembrança de seu nome, fazendo evocação à solidariedade humana, fenômeno que parece desaparecer no mundo moderno, mas que, como no espírito natalino, ressurge cíclicamente, reafirmando os melhores sentimentos entre os homens.

Citando Krishnamurti, Mário Bernardino Ramos disse, a propósito, que "o homem vive procurando novas formas de governo, novas leis sociais, supondo que a reforma das fórmulas externas lhe resolverá os problemas. Esquece-se, todavia, de que ele é quem precisa reformular-se, tornando-se mais humano, mais compreensivo e mais leal. Quando o homem se reformular, não precisará de leis ou de suas reformas".

Liberação da Usina do Gasômetro pode ocorrer logo

BRASÍLIA, 15 (CP) — A derrubada da velha usina do Gasômetro, está "dependendo apenas de autorização do ministro das Minas e Energia". A afirmação foi feita hoje pelo diretor da Divisão de Concessão de Recursos Hídricos do Departamento de Águas e Energia Elétrica do Ministério.

Ele afirmou que a Companhia Estadual de Energia Elétrica já pediu autorização à Eletrobrás para alienar a usina velha, explicando que a prefeitura de Porto Alegre pretende o terreno para a construção da Avenida Perimetral.

Segundo o diretor da Divisão de Concessão, a autorização deverá ser concedida sem maiores delongas, pois a usina do Gasômetro está paralisada há mais de dois anos. "Ela foi desativada por motivos técnicos e econômicos, não sendo viável em nenhum sentido a sua transformação de 50 para 60 ciclos".

Além disso — ponderou — há um outro fator que tem de ser levado em conta: a inutilidade da manutenção em funcionamento de uma usina obsoleta, de alto custo operacional e pequena capacidade, agora que o Estado está interligado a todo o sistema energético do Sul e do sudeste do País. Por isso, acredita que o Governo federal deverá alienar a velha usina do Gasômetro.

O campo do turismo, disse a seguir o secretário Mário Bernardino Ramos, é realmente um imenso campo de indagações e desafios. Abre-se diante dos estudiosos e interessados, no mundo de hoje, como a soma de amplos e complexos conhecimentos humanos, um campo regido por ciências como a Economia, a Administração, a Sociologia, a Psicologia, a Geografia, o Direito e até mesmo a Medicina, quando se trata do Turismo Saúde.

E é diante de tais indagações e tais desafios — acrescentou Mário Ramos — que uma nova geração de técnicos, como os formandos de Turismo da PUC, está emergindo para essa vida de ação e trabalho, provida dos conhecimentos das ciências exatas que formam o arcabouço do Turismo moderno. Para enfrentar tais indagações e tais desafios, saem aqueles moços para o estudo, a pesquisa e a perseverança em momento tão singular. Sensível por tudo isso às preocupações manifestadas antes pelo formando José Maria Ribeiro, orador da turma, quanto às oportunidades de trabalho, Mário Bernardino Ramos disse que isso tem estado igualmente na lista das grandes preocupações e das grandes iniciativas das autoridades ligadas ao Turismo cientes de que os recursos humanos, especialmente os recursos humanos qualificados, são tão importantes para o desenvolvimento do turismo quanto uma bela paisagem ou qualquer outro apelo. A soma dos apelos com a ação especializada dos técnicos e a infra-estrutura material é que faz um turismo capaz de realmente contribuir para o progresso e a riqueza do País — e é em tal sentido integral e uno que desejamos marchar e já estamos marchando, pois a própria lei que regula e garante o mercado de trabalho para os formandos em Turismo já está no Congresso Nacional.

Mário Bernardino Ramos ressaltou, ainda, no contexto de realizações e nas promissoras realidades abertas à frente dos formandos, que, já em 1977, a Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul estará implantando uma escola de hotelaria semelhante às existentes na Europa, a nível de administração gerencial, enquanto se tomam as primeiras iniciativas no sentido de um esforço conjunto dos países do Cone Sul — Brasil, Uruguai, Argentina, Paraguai e Chile — visando a estudos que possam conduzir à implantação de um turismo integrado, forma de produto compacto capaz de ser oferecido com sucesso nos importantes mercados da América do Norte e da Europa, em luta competitiva por um lugar ao sol jamais antes cogitada em nosso Continente. Mário Ramos destacou, enfim, que, diante de tais complexidades, as novas gerações de técnicos em Turismo precisavam lembrar palavras da Segunda Epístola aos Coríntios, segundo as quais "em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desesperados; perseguidos, mas

não desamparados; abatidos, mas não destruídos".

Quando alguém parte para a vida profissional, disse finalmente Mário Bernardino Ramos, e o embate se apresenta mais desafiador e violento, deve lembrar que "a semente primeiro morre na terra escura para que depois nasça do seu silêncio a planta luminosa". Que, portanto, não deveria descansar a mão do jovem formando, não desanimar a sua fé nem perecer a sua força, porque, assim, da própria pedra germinará a planta, do brejo nascerá o grão silensioso, do próprio minuto transitório surgirá a eternidade do exemplo — "e, do obscuro esforço deste que hoje te saúda, em nome dos mais humildes, pela tua lição — está a própria continuidade da tua obra".

Ministro da Saúde de indigentes

RIO, 15 (Sucursal) — O ministro Almeida Machado, da Saúde, ao presidir, hoje, às 11 horas, no Rio Othon Palace Hotel, a solenidade de instalação do Seminário Nacional Sobre Atendimento Médico-Hospitalar, que está sendo promovido no Rio de Janeiro pela Federação Brasileira de Hospitais, disse que o número de indigentes internados em hospitais do País está diminuindo gradativamente, graças à expansão continuada do atendimento através da Previdência Social, e já pode ser previsto — acentuou — o dia em que será obtida a cobertura total no atendimento desse tipo de internado.

"Reconhecendo as deficiências, mas procurando corrigi-las é que o atendimento médico-hospitalar vai melhorando em nosso País com o concurso de todos. É preciso — disse — não ocultar as falhas. É preciso reconhecê-las mas é, igualmente, preciso analisar os progressos havidos e a causa das falhas remanescentes. Em toda a parte e, principalmente no seio de um povo com baixo poder aquisitivo, a saúde só é obtida com a participação de todos: União, Estado, Município, empresa, profissionais liberais e a comunidade. Ninguém — finalizou o titular da Pasta da Saúde — pode permanecer marginalizado, ninguém, pode permanecer indiferente. O esforço conjunto de todos nós é o mínimo que merece o povo brasileiro".

Com a participação de representantes da Costa Rica e do México, a solenidade de instalação do Seminário Nacional Médico-Hospitalar foi iniciada com as palavras, pronunciadas na ocasião, pelo médico Helvé-

Mário Ramos destacou, em seu discurso, a importância da solidariedade humana para qualquer profissional e reforçou que as oportunidades de trabalho para o bacharel em Turismo eram motivo de preocupação das autoridades ligadas à área.

4.7 Desafios Iniciais

Quando os narradores nos contam sobre o curso, nesse período, destacam diversos aspectos que consideram positivos, mas aparecem alguns registros de deficiências iniciais. Conforme Norma Moesch (12/03/2009), os alunos sentiam falta de disciplinas de história da arte e de antropologia. Lenora Horn Schneider (01/07/2008) diz que, como acadêmica, sentia as deficiências do curso, por isso após sua conclusão resolveu fazer um novo vestibular para o curso de Economia. Recomenda, a todas as pessoas que cursam Turismo, que façam outro curso de formação, pois entende que, dependendo da área escolhida para atuar, há a necessidade de um maior aprofundamento. Ela se ressentiu e diz que faltavam conteúdos que o curso não abordava, *conteúdos em geral, faltou prática e faltou teoria, com certeza. Porque a teoria que a gente tinha naquela época, na década de 1970, era o modelo espanhol, era o modelo europeu, não existia o modelo brasileiro, existia um “achismo” “eu acho isso, eu acho aquilo, [...] (Lenora Horn Schneider, 01/07/2008).*

Uma das deficiências destacadas, tanto pelos ex-alunos quanto pelos professores, era a inexistência de uma bibliografia específica de turismo. No início, o livro de Luiz Fernandez Fuster, *Teoria y Técnica Del Turismo* (1974), era a única obra de consulta, uma bíblia para os cursos de Turismo. Trigo (1998) lembra que autores espanhóis, como Fuster, foram lidos por toda a primeira geração de estudantes no início da década de 1970.

Mas essas foram apenas algumas das dificuldades enfrentadas pelos alunos, às quais foram acrescentadas outras, de ordem científica e acadêmica, como podemos ver nas palavras de Norma Moesch (12/03/2009):

Teoria e Técnica do turismo, a teoria do turismo do Fuster é que nós tínhamos que dominar as técnicas para poder dar conta do turismo, [...]e tenta explicar o fenômeno que ele diz “o turismo é um fenômeno que surgiu para impacto de toda a humanidade”, surgiu na década de, remete ao período do pós-revolução industrial, com o surgimento da ferrovia, turismo do Thomas Cook, que é organizado, e do qual até hoje, ele dizia na época, isso em 1970, muito pouco se sabe, “igual ao brinquedo utilizado por uma criança, hoje desperta muito interesse e amanhã é jogado fora, como um brinquedo que já cansou”.

Ouve bem, 'atende um princípio de um modismo e da inconstância; os impactos causados, enfim, pela frequência desse movimento de estranhos, chegam ao lugar, ainda estão muito longe de serem dimensionados'. Então ele percebe que o fenômeno é forte, é impactante, é assustador, mas ele está numa posição de uma limitação extrema, por não conseguir dar conta do espectro né, que ele representa. Então ele ensaia os primeiros insights, tentativas de descrever o turismo.

Vieram outros conceitos de turismo, no entanto, todos bastante incipientes. Também havia a ideia difundida pela escola de Berlim, em 1919, que reforçava os aspectos econômicos, o que, para Norma Moesch, era uma deturpação do entendimento do turismo: *nós estávamos realmente obliterados com viseiras por todos os lados. E a nossa responsabilidade enquanto alunos, era aprender a fazer.*

A professora explica que, em função disso, a sua geração teve muitas dificuldades no momento de encarar a continuidade de um estudo superior, quando, alguns anos após, a PUCRS contemplou os professores do Curso de Turismo com um curso de pós-graduação *lato sensu*, com especialistas da Fundação Getúlio Vargas e da PUCRS, da área da Economia,

com forte presença da economia, aí entra Antonio Carlos Fraquesi, a Lucia Caron, professor da área de gestão, nós levamos um trote, nós os bacharéis em turismo, para poder assimilar o que vinha aí, porque esses professores vinham todos com formação de doutorado nos Estados Unidos ou na Europa, e nós não sabíamos pensar, nós não sabíamos identificar quais concepções e correntes da epistemologia do turismo. E, quando veio o mestrado então tivemos que entrar num profundo processo de aprendizado [...]. (Norma Moesch, 12/03/2009)

4.8 O Curso e suas Relações Locais e Nacionais

Por serem alunas bastante atuantes e lutarem pelos interesses do grupo, Norma Martini Moesch (12/03/2009) e Thereza de Oliveira estiveram na USP, para participar do I Ciclo Nacional de Estudos Turísticos, que teve como mentor Mario Beni. Contam que ficaram bastante interessadas no tema do evento e na possibilidade de participarem e conhecerem o que a USP propunha. Foi nesse evento que Norma Moesch¹⁰³ conheceu Mário Carlos Beni¹⁰⁴ e se construiu um relacionamento profissional e de amizade que dura até os dias de hoje.

¹⁰³ Segundo as narrativas, a professora constituiu-se na principal articuladora do Curso de Turismo da PUCRS.

¹⁰⁴ Na época, o único professor referendado pelo MEC para ministrar disciplinas específicas de Turismo no Brasil e, posteriormente, contribuiu no curso de Turismo da PUCRS.

Norma Martini Moesch (12/03/2009) prossegue contando que, durante o evento, ocupavam a mesa das autoridades os acadêmicos da USP, Morumbi, PUCRS e Ibero Americana de São Paulo; e um considerável número de empresários, que representavam as entidades de classe, como a ABAV, ABIH, etc. O primeiro e segundo dia transcorreram normalmente conforme o previsto, embora estivessem no famoso patamar do turismo na sua condição messiânica, como diz Jafar Jafari¹⁰⁵. O turismo vinha para consertar todas as falésias encontradas no desemprego, na falta de oportunidades, como reforço na economia, a exemplo do que se deu na Espanha do pós-guerra.

Bem, acontece que aqui no Brasil, o que se tinha com relação ao turismo era muito insignificante, e não se pensava sequer em conceituar turismo, sabia-se que turismo reunia pessoas, promovia encontros, provocava momentos de lazer, momentos de entretenimento, porque acima de tudo o turismo estava ancorado nas famosas semanas de turismo, semanas oficiais de turismo do Rio de Janeiro, de Petrópolis, o famoso cassino da Urca, do cassino de Quitandinha em Petrópolis, da presença das Companhias das Operetas italianas, dos teatros de revista que vinham da França em direção a Buenos Aires e por aqui passavam. Então era toda uma mobilidade do espetáculo, o turismo tinha essa característica, e o ícone do turismo para o mundo era o Pão de Açúcar e a Bahia de Guanabara, era isso que nós tínhamos. (Norma Moesch, 12/03/2009)

Nesse contexto, pensar o turismo como uma atividade humana, socialmente organizada, com uma forte expressão econômica, um espectro amplo, uma capacidade de geração de emprego, produção e renda se fazia necessário.

Esse era o pensamento, que para atender tantos visitantes turistas no Rio de Janeiro nas altas temporadas, era preciso muita gente para trabalhar nos cassinos, nos hotéis, e para trabalhar nessa mobilidade, para levar as pessoas ao aeroporto, para passeios, para o hotel, e centrava nestas questões e acabou. O Rio Grande do Sul, por sua vez, tinha uma realidade bastante própria em relação ao turismo. (Norma Moesch, 12/03/2009)

No último dia do Ciclo Nacional de Estudos Turísticos, os alunos da Morumbi, que estavam sentados na primeira e segunda filas do evento, passaram a questionar os empresários que estavam ocupando a mesa. Até hoje Norma Moesch (12/03/2009) vê essa cena, diz que assumiram uma atitude arrogante, e diziam que não estavam sendo preparados para serem assistentes de turismo e sim gerentes ou diretores de empresa; e

¹⁰⁵ As plataformas propostas por Jafar Jafari já foram discutidas no Capítulo anterior.

que nessa profissão nova, nesse novo campo de atuação profissional, seriam muito bem remunerados.

Esse discurso prevalecia sempre que o curso do Morumbi era apresentado, e os alunos repetiram, e aí começou um refrão que nos perseguiu pela vida a fora, não estamos sendo preparados na Faculdade Morumbi para sermos meros emissores de bilhete de passagem aérea, nós estamos sendo preparados, estamos estudando para sermos diretores de empresas.

Assim, frente a uma atividade incipiente, num país que ensaiava os primeiros passos para o turismo profissional, o turismo comercial, gerente, diretores de empresas de viagens, estavam começando também a se consolidarem, pois o setor hoteleiro atuava com *know how* estrangeiro, normalmente português, francês, alemão. Norma conta que esse questionamento foi um desafio, de quem diz *olha, logo logo nós vamos tomar o seu lugar*; e a resposta dos empresários foi imediata. Aquele momento criou uma situação de constrangimento, em outras palavras, o empresariado respondeu,

respeitamos o projeto que vocês abraçaram, [...] a caminhada ao topo do profissionalismo no turismo exigia, acima de tudo, humildade e persistência, e que o processo de aprendizado se dava no cotidiano, no fazer; e o saber, estaria emergindo dessa vivência e dessa experiência, e não o processo inverso, vocês estão aqui, estão na universidade enchendo a cabeça de teorias”, aí desancaram, “enchendo a cabeça de teorias e desrespeitando as nossas práticas” e aí aquele velho discurso, a teoria na prática é outra. (Norma Moesch, 12/03/2009)

Naquele momento, ocorreu uma ruptura e, segundo as palavras da Norma Moesch, todo e qualquer curso de turismo passou a pagar um preço pela atitude mal conduzida dos estudantes de turismo do Morumbi, sendo, então, o início desse cenário, comprometido do ponto de vista da aceitação ou de rejeição dos cursos de Turismo.

Mário Carlos Beni (06/05/2009) conta que a PUCRS de Porto Alegre se aproximou da Universidade de São Paulo (USP), quando compareceram, em massa, alunos e docentes, ao I Congresso Nacional de Turismo, primeiro CONTur¹⁰⁶(1975),

o primeiro foi em São Paulo em mil novecentos e setenta e quatro ou setenta e cinco, não me lembro, setenta e cinco talvez. E o segundo foi em Porto Alegre exatamente na PUCRS, então veja como havia uma afinidade muito grande. É verdade que nesse período a professora Norma Martini Moesch foi responsável por isso, ela principalmente que era aluna, mas já

¹⁰⁶ Foi até o décimo oitavo, depois se transformou no que hoje é conduzido pela ABBTur, Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo, passando para CBTur, Congresso Brasileiro de Turismo (Mário Carlos Beni, 06/05/2009).

compareceu na condição de aluna do último ano na USP, e já propôs o segundo lá e lá estavam todos, Antonio Muza e vários professores da época que compareceram, e Porto Alegre ganhou logo de início a simpatia de todos da universidade e a partir daí nasceu uma relação muito estreita entre o Curso de Turismo da Universidade de São Paulo (USP) e o Curso da PUCRS e um relacionamento pessoal, profissional e acadêmico muito grande com a professora Norma. Então todas as iniciativas, ela como coordenadora depois do Curso de Turismo e também era, uma coisa é preciso ser dito, o Estado do Rio Grande do Sul, nesse período, estava muito mais estruturado do que qualquer outro Estado [...], mas sem dúvida nenhuma o primeiro Estado brasileiro que se organizou e se estruturou para o turismo foi o Rio Grande do Sul e isso em razão da equipe da professora Norma, na época, o então secretário que era aqui de Caxias, o Mário Ramos que se tornou um grande amigo também, um grande incentivador e foi o responsável também por esse elo São Paulo ou USP e PUCRS. (Mário Carlos Beni, 06/05/2009)

A PUCRS, com seu Curso de Turismo, desde o início percebeu/reconheceu a questão do intercâmbio com a atividade turística como fundamental para o sucesso das atividades educacionais, acadêmicas e científicas na área, como também foi possível, a partir dessas interações, projetar um exercício moderno, científico e profissional para a educação em Turismo.

Renato Masina (27/03/2008) fala dessa interação com o mercado e lembra dos contatos com o Sindicato dos Hotéis, Sindicato das Agências de Viagem, e o estabelecimento de vínculos para os estágios dos alunos. A principal forma de manter vínculos com organizações privadas ou públicas era através de convênio para estágio. Também havia a participação de docentes em reuniões relacionadas à atividade turística, no Conselho Municipal de Turismo, na Secretaria de Estado do Turismo, além de convênios de treinamento e parcerias.

Ruschmann (2002, p. 23) considera que essa integração, entre as empresas do setor e os cursos de Turismo, é fundamental para a capacitação adequada dos alunos para um exercício profissional apropriado. “As escolas propiciam os conhecimentos básicos (acadêmicos) e o conhecimento dos aspectos teóricos específicos da atividade turística. Já as empresas colaborariam com os práticos (técnicos), participando de seminários, palestras e depoimentos nas instituições de ensino”.

O jornal Correio do Povo/RS (08/04/1973) noticiou um Seminário sobre Turismo que foi realizado na FAMECOS, em que o Secretário de Turismo, Roberto Eduardo Xavier, esteve presente, sendo recebido pelos professores Alberto André,

diretor da FAMECOS, Irmão Elvo Clemente, vice-diretor e Antônio Firmo Gonzáles, responsável pelo Departamento de Jornalismo. Durante a visita ficou acertado que a Secretaria de Turismo e o curso de Turismo da FAMECOS iniciariam os estudos para a realização de um Seminário sobre o mercado de trabalho nos diversos setores ligados ao turismo. Ficou, ainda, decidido que a Secretaria de Turismo e a CRTUR iriam realizar um projeto para a sala de turismo da FAMECOS, com o objetivo de lhe dar uma função utilitária e, aos alunos, a oportunidade de se atualizarem no que dizia respeito às novas técnicas turísticas. Em 26 de abril de 1973, o reitor da PUCRS, Prof. Irmão José Otão, assinou um protocolo com a Secretaria de Turismo e também um convênio e um acordo de cooperação técnica com a SUDESUL.

André (1993) reforça que vários fatos ocorridos em sua gestão registraram o dinamismo do nascente curso. Um deles foi a conferência do deputado Victor Faccioni, para professores e alunos, em junho de 1973; outro foi a criação, em novembro do ano seguinte, de uma Agência Experimental de Turismo nas dependências do prédio da FAMECOS, destinada às aulas práticas dos alunos de Turismo, com equipamento doado pelo secretário Roberto Eduardo Xavier, então titular da Secretaria Estadual de Turismo.

No Relatório de atividades da Secretaria do Estado do Rio Grande do Sul/Secretaria de Turismo (1974), o Secretário do Turismo Roberto Eduardo Xavier comenta que, a partir de 1974, a CRTUR estabeleceu um contrato com o CIEE – Centro de Integração Empresa-Escola, onde foi estabelecida a abertura de 12 vagas para estagiários na área de Planejamento. No mesmo ano, o secretário de Turismo do Estado proferiu, no auditório da FAMECOS, a aula inaugural do “IV Cursos de Inverno”, que contaram com o patrocínio do convênio celebrado entre o Conselho Federal de Cultura e a PUCRS.

Aula inaugural dos cursos de turismo

O secretário de Turismo, Roberto Eduardo Xavier, proferiu no Auditório da Faculdade dos Meios de Comunicação Social (FAMECOS), a aula inaugural dos IV Cursos de Inverno da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Falando aos participantes dos cursos e a 80 professores e alunos dos cursos de Turismo da Universidade de São Paulo e Faculdade de Santos e São Bernardo do Campo, que se encontram em visita ao Estado, o Secretário Roberto Eduardo Xavier traçou um painel da situação atual do turismo em todo o mundo e, em particular, no Brasil.

Férias escolares

A titular da 1.ª Delegacia de Educação comunica as direções que as férias escolares terão início para as escolas de 1.º grau no dia 17 de julho e para as de 2.º grau no dia 14 de julho a fim de dar cumprimento ao Calendário Escolar.

da UFPel

módulo correspondente aos Departamentos de Matemática, Estatística e Física, além do setor administrativo do Instituto de Física e Matemática e o primeiro módulo do Instituto de Química e Geociências, onde funcionará o Departamento de Bioquímica, foram inaugurados recentemente no campus da Universidade Federal de Pelotas.

No prédio correspondente à primeira parte da Biblioteca Central da UFPel será instalado, brevemente, todo o bibliográfico das unidades do campus, num total de 23 500 livros, 14 000 folhetos, 836 títulos de periódicos, 69 mapas, 23 micro-filmes e 89 títulos de publicações seriadas.

A solenidade de inauguração das três referidas obras foi presidida pelo reitor Delfim Silveira, que tem como uma das principais metas a concentração no campus de todas as unidades e setores administrativos, consti-

Dentro desse quadro, o secretário de Turismo destacou o papel do Rio Grande do Sul, Estado pioneiro no Brasil em matéria de legislação turística (a primeira lei de turismo brasileira, do Governo Valter Jobim, completará 25 anos no dia 25 de janeiro de 1975) e que vem aplicando recursos para o desenvolvimento do turismo. Depois de mostrar as diversas formas com que o Poder Público Estadual beneficia, direto e indiretamente, o setor turístico, o secretário Roberto Eduardo Xavier relacionou os principais pontos de atuação de sua Pasta (empreendimentos, legislação, promoção, informação, proteção de recursos e qualificação de recursos humanos).

Após a palestra do secretário de Turismo, o diretor da FAMECOS, jornalista Alberto André, que presidia a instalação dos Cursos de Inverno, convidou o professor José Calander dos Reis, chefe da delegação de professores e acadêmicos paulistas de turismo, a usar a palavra. O professor Calander dos Reis agradeceu a acolhida em Porto Alegre e entregou aos membros da mesa lembranças dos cursos de Turismo de São Paulo.

Ontem o 80 acadêmicos e professores de turismo paulistas amocaram com o Secretário de Turismo do Rio Grande do Sul.

A vinda dos estudantes paulistas ao Estado faz parte da "Semana de Inverno Gaúcho" para universitário de Turismo, promovido pelo Curso Superior de Turismo da FAMECOS, com o objetivo de integrar os estudantes de turismo das diversas faculdade do País e promover a oferta turística do Rio Grande do Sul. O programa visa, também, a submeter os roteiros turísticos de inverno à análise e apreciação dos futuros turistólogo e estabelecer uma ação integrada na troca de experiências similares à atual, isto é, dar nova motivação a roteiros já divulgados e criação de novos roteiros dentro dos Estados de origem dos respectivos grupos.

Amanhã, os estudantes de turismo irão a Osório e a Torres; sexta, a Novo Hamburgo e São Leopoldo; sábado, a Caxias do Sul e Flores da Cunha e, domingo, a Canela e Gramado. Segunda-feira, retornarão a São Paulo.

No período de 08 a 22 de julho de 1974, a FAMECOS/PUCRS, juntamente com o Centro Universitário de Pesquisa e Estudos de Turismo (CUPET) e a Secretaria de Turismo, promoveu quatro Cursos de Turismo de Inverno¹⁰⁷, destinados aos acadêmicos de Turismo e aos interessados em geral, especialmente diretores de empresas privadas e organismos municipais de turismo. Os Cursos foram divididos em duas categorias: Técnicos e de Cultura Geral¹⁰⁸. A aula inaugural proferida pelo Secretário de Turismo, Roberto Eduardo Xavier, traçou um painel sobre a situação do turismo no mundo e, de maneira particular, no Brasil¹⁰⁹. Além dos alunos da PUCRS, assistiram a palestra 80 professores e alunos dos cursos de Turismo da Universidade de São Paulo e das Faculdades de Santos e São Bernardo do Campo (Folha da Tarde/RS, 10/06/1974, p. 39).

Esses cursos foram muito referidos pela mídia, que noticiou, em diversos jornais do Estado¹¹⁰, tanto a aula inaugural proferida pelo secretário, quanto o andamento dos cursos. Era um período de inúmeras atividades na área de Turismo, e diariamente o jornal Correio do Povo/RS publicava reportagens referentes ao assunto. Os artigos levam a crer que havia aceitação e reconhecimento do trabalho desenvolvido pelo curso de Turismo da PUCRS e pela Secretaria de Turismo, explicitando o discurso da época de apoio à formação nessa área como solução para o desenvolvimento do setor turístico. O curso de Turismo da PUCRS afirmava-se como um espaço em que se produziam, se difundiam e se legitimavam discursos políticos e educacionais, próprios dos anos de 1970.

¹⁰⁷ Para apresentar o programa dos Cursos, estiveram na Secretaria de Turismo, onde foram recebidos pelo titular da Pasta, Roberto Eduardo Xavier, o vice-diretor da FAMECOS, Irmão Elvo Clemente, e a presidente do CUPET, Maria de Lourdes Venturini.

¹⁰⁸ Entre os cursos técnicos tinha-se “Organização de Congressos, Feiras e Convenções”, ministrado pelo professor Bolivar Madruga Duarte, ex-diretor da Agência Alcântara Machado e ex-Secretário de Turismo do Estado de São Paulo, e de “Comercialização Turística”, ministrado pelo professor Geraldo Castelli, técnico da Secretaria de Turismo, que possuía cursos de especialização no exterior. Os cursos de Cultura Geral eram “Porto Alegre: Aspectos Históricos e Turísticos” (pelo professor Moacir Flores, da Cadeira de História da PUCRS) e “Folclore e Gastronomia” (pelo professor Glaucus Saraiva, diretor de Departamento de Cultura do Palácio Piratini) (Diário de Notícias/RS, 07/07/1974).

¹⁰⁹ Dentro desse quadro, o secretário de Turismo destacou o papel do Rio Grande do Sul, Estado pioneiro no Brasil em matéria de legislação turística (a primeira lei de turismo brasileira, do Governo Valter Jobim, completou 25 anos no dia 25 de janeiro de 1975) e que vinha aplicando grandes recursos para o desenvolvimento do turismo. Depois de mostrar as diversas formas com que o Poder Público Estadual beneficiava direta e indiretamente, o setor turístico, o Secretário Roberto Eduardo Xavier relacionou os principais pontos de atuação de sua Pasta (empreendimentos, legislação, promoção, informação, proteção de recursos e qualificação de recursos humanos) (Correio do Povo/RS, 10/07/1974, p. 10).

¹¹⁰ Diário de Notícias/RS, 13/06/1974, p. 10; Folha da Manhã/RS, 11/06/, p.6; Jornal da Manhã (Ijuí/RS), 18/06/1974; Folha de São Borja (São Borja/RS), 03/06/1974; Jornal do Comércio/RS, 12/06/1974, p. 19; A UNIDADE (Carazinho/RS), 19/06/1974; O Peixeiro (Rio Grande/RS), 23/06/1974; Jornal do Comércio/RS, 28/06/1974, p.31; Diário de Notícias/RS, 29/06/1974, p.11; Correio Rural (Viamão/RS), 29/1974; Folha da Tarde/RS, 10/07/1974. p. 39; Diário de Notícias/RS, 07/07/1974, p.9; Folha de Uruguaiana/RS, 08/07/1974; Jornal do Comércio/RS, 16/07/1974, p. 26; Diário de Notícias/RS, 16/07/1974, p. 5; Folha da Tarde/RS, 16/07/1974, p. 38.

Convém lembrar que, no ano de 1974, esses cursos de inverno foram realizados no mesmo período em que os formandos do Curso de Turismo estavam realizando a promoção “Venha ver as cores do inverno gaúcho”¹¹¹. Os alunos da FAMECOS reuniram, no RS, 80 universitários de cursos de Turismo de outros Estados. A seleção dos participantes foi feita pelo Curso de Turismo da ECA/USP, através do julgamento de trabalhos de estudantes sobre “A Epopéia, as Imigração e a Colonização no Rio Grande do Sul”, alusivos ao Biênio da Colonização e Imigração do nosso Estado.¹¹²



ESTUDANTES DE TURISMO VÊM CONHECER PORTO ALEGRE

Um grupo de 70 universitários, formandos em turismo e jornalismo chegarão à nossa Capital no próximo dia 8 para participar da “Semana de Inverno Gaúcho para Universitários de Turismo”. Trata-se de uma promoção do Curso Superior de Turismo da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC, visando, entre outras coisas, integrar os estudantes de turismo do País, promover a oferta turística do Rio Grande do Sul na baixa temporada e sub-

meter os roteiros turísticos de inverno à análise e apreciação dos futuros profissionais. O grupo que vem ao Sul representa cinco escolas: Morumbi, USP, Iberoamericana, Ideal e Padre Manoel da Nóbrega-Cubatão. Além da Capital, visitarão Osório, Torres, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Caxias, Flores da Cunha, Canela e Gramado, concluindo o programa dia 14. Na foto as coordenadoras da promoção, Tânia Mariana Lopes Reis, Ligia Encarnação Basto, Te-

reza Jesus de Oliveira e Norma Martini Moesch

Ilustração 32 – Correio do Povo/RS, 06/07/1974, p. 10

¹¹¹ A “Semana do Inverno Gaúcho para a Universidade de Turismo” tinha sete objetivos principais: 1) integrar os estudantes de Turismo das diversas faculdades do país; 2) promover a oferta turística do Estado na baixa temporada; 3) submeter os roteiros turísticos de inverno à análise e apreciação dos futuros turismólogos; 4) estabelecer uma ação integrada na troca de experiências; 5) ampliar as possibilidades de permanência média do turista em nossa Capital, fazendo de Porto Alegre o ponto centralizante desses “tours” radiais; 6) maiores deficiências no que tange à infra-estrutura geral do turismo: alojamento, gastronomia, vias de acesso, prestação de serviços, etc.; 7) estreitar laços de amizade visando, além do aspecto humano, o ângulo econômico, através da divulgação e emissão do turismo receptivo (Correio do Povo/RS, 03/07/1974, p. 12.). Esta programação fazia parte das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração do Estado.

¹¹² Foi estabelecida a seguinte programação, com visitas a estes locais: dia 8, Vila Manrese, campus da PUCRS e Secretaria de Turismo; dia 9, Catedral Metropolitana, Teatro São Pedro, Palácio Piratini, Assembléia Legislativa; dia 10, Prefeitura Municipal, Correio do Povo/RS, CTG 35 (oferecido um carreteiro com charque), diversos pontos turísticos de Porto Alegre e no Jockey Club, durante uma prova noturna; dia 11, Parque General Osório, em Osório e Torres; dia 12, Novo Hamburgo e São Leopoldo; dia 13 Caxias do Sul e Flores da Cunha; e dia 14 Canela, Gramado e retorno a Porto Alegre (Correio do Povo/RS, 03/07/1974, p. 12).



ESTUDANTES PAULISTAS DE TURISMO

Sessenta estudantes de Turismo de São Paulo, que ontem visitaram o chefe da Casa Civil do Palácio Piratini, deputado Victor Faccioni, vieram ao Estado a convite da Secretaria de Turismo e da Pontifícia Universidade Católica, que estão promovendo, em conjunto, o

1.º Encontro de Inverno. Os visitantes cursam o terceiro ano de turismo nas Faculdades Ibero-Americana, Ideal, Pe. Manoel da Nóbrega, Santos, Baixada Santista e Universidade de São Paulo, e viajam acompanhados da professora Célia Portugal Matia

Ilustração 33– Correio do Povo/RS, 10/07/1974, p. 11

Norma Martini Moesch (12/03/2009) narra suas vivências, durante a comemoração do Biênio da Colonização alemã, e o sexto centenário da imigração italiana no RS, em que participou efetivamente da preparação e da coordenação desse evento:

Eu era aluna da PUCRS e participei da coordenação de um trabalho interessante, o Rio Grande do Sul comemorava o biênio da colonização alemã no estado, e o sexto centenário da imigração italiana. Então, a comemoração do biênio, atendeu uma organização de comitê muito grande, uma comissão de festejos, e o Victor Faccioni¹¹³ faz parte dessa comissão de festejos, que ele é do gabinete do coordenador, enfim. Eu ainda estou estudando, estou pela finalização do curso, e temos como prefeito Telmo Tompson Flores e o irmão Elvo Clemente como vice-diretor da FAMECOS, e o Alberto André como diretor da FAMECOS, isso acontece há menos de um ano da minha ida e da Tereza a São Paulo para participarmos do I Ciclo Nacional de Estudos de Turismo, e do nosso convite que fizemos naquele momento, de que no ano seguinte, o Rio Grande do Sul estaria realizando esse grande evento comemorativo ao processo imigratório italo-germânico ou germânico-italiano, e seria muito bom se aquela gente maravilhosa que nós havíamos conhecido, pudesse vir a esse evento, e eles então estariam sendo convidados, anunciando e dizendo que gostaríamos de tê-los conosco nessa oportunidade, no fechamento do evento

¹¹³ O Victor Faccioni é um eterno, um eterno baluarte do turismo (Norma Martini Moesch, 12/03/2009)

então, registra o convite do Rio Grande do Sul e que eles esperam a oficialização desse convite para virem de fato, em caravana para o nosso estado. Ok, voltamos para o Rio Grande do Sul, fomos ao Palácio procurar o Victor Faccioni, a comissão, nessa comissão fazia parte também a Lourdes Fellini Sartori, que estava na Secretaria de Turismo, também atuava na Comissão Intersetorial de Turismo, e fizemos ao Victor Faccioni essa exposição, a Tereza Oliveira e eu, dizendo que gostaríamos muito de trazer os estudantes de turismo do Brasil, dos cursos de turismo, que não eram tantos, só havia em São Paulo e no Rio, e que para isso nós achamos que deveríamos criar um apelo, uma razão, quem sabe uma monografia temática. E o Victor Faccioni achou a idéia muito boa, de boa pra muito boa, já estávamos com o Roberto Eduardo Xavier na Secretaria de Turismo do Estado, eu já tinha feito um estágio nessa secretaria, estava fazendo um estágio nessa secretaria e a idéia pegou, pegou e colou, então deu-se o título a monografia, e se fez a divulgação às IES de outros estados do Brasil. Os cinquenta melhores trabalhos seriam contemplados com um convite oficial do Rio Grande do Sul, do governo do estado do Rio Grande do Sul e do governo municipal de Porto Alegre e de outros municípios, para que esses vencedores ficassem oito dias no nosso estado, e a promoção chamava “Venham ver as cores do inverno Gaúcho”, eu tenho a medalha guardada até agora do mapa do Rio Grande do Sul. A PUCRS que selecionaria os trabalhos, juntamente com representantes da comissão. Lançamos o evento e a resposta foi formidável, então Mario Beni pela USP, a Celia Portugal, e professores da Ibero Americana, só a Morumbi não veio. Acabou que vieram muitas pessoas (Norma Martini Moesch, 12/03/2009)

A fim de tratar da estruturação da viagem dessas pessoas, da permanência delas durante o evento, o Irmão Elvo Clemente e Norma Martini Moesch passaram a contactar com diversos órgãos oficiais de Turismo no estado, para viabilizarem a vinda de 80 estudantes de turismo para o estado. Visitaram a prefeitura de Porto Alegre, falaram com o prefeito Telmo Tompson Flores; foram a Novo Hamburgo, conversaram com Miguel Schimit, que era o prefeito, e nessas localidades tiveram todo acolhimento para o grupo de estudantes que viriam. Posteriormente, foram a Caxias do Sul, e o então prefeito, Mario Ramos, a princípio não se interessou em colaborar¹¹⁴. No entanto, Norma argumentou e, no dia seguinte, o irmão Elvo recebeu o comunicado por fax, que Caxias estava à disposição para receber e hospedar os visitantes.¹¹⁵

¹¹⁴ Descartou toda e qualquer possibilidade de se envolver com ações pró-turismo, porque o turismo de Caxias já era, Caxias naquele momento viveu o apogeu da sua ascensão industrial, comercial, exportadora

¹¹⁵ Passaram o fim de semana com muita festividade para mostrar o gauchismo, foram ao Rincão da Lealdade que Porto Alegre ainda não tinha a casa aberta para o tradicionalismo, o Trinta e Cinco era uma casa lacrada, não era nem só fechada era lacrada, e os agentes de viagem para promover e mostrar as manifestações tradicionalistas, enfim, a projeção folclórica do estado tinham que incorporar uma visita ao

Terminado o evento, Norma Martini Moesch, que ainda era estudante e estagiava na Secretaria de Turismo do Estado, no dia 10 de dezembro de 1974 recebeu um representante de Mario Ramos, futuro Secretário de Turismo do Estado, convidando-a para compor a equipe de governo da secretaria. Norma antes mesmo de finalizar a sua formação, em 1975, assumi a coordenação da CITUR.

Dentre os eventos realizados, ainda no ano de 1974, no mês de agosto, podemos citar, na PUCRS, o I Ciclo de Estudos de Turismo e Comunicações, promovido pela Secretaria de Turismo, FAMECOS/PUCRS, Associação Riograndense de Imprensa e Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre. O Ciclo estava incluído na programação que assinalava o terceiro aniversário da Secretaria de Turismo, que transcorreu no dia 23 de julho. Vale lembrar que, no ano anterior, a USP realizou um Ciclo para discutir Turismo e Comunicação¹¹⁶. Podemos perceber que a PUCRS seguia algumas dessas discussões acadêmicas.

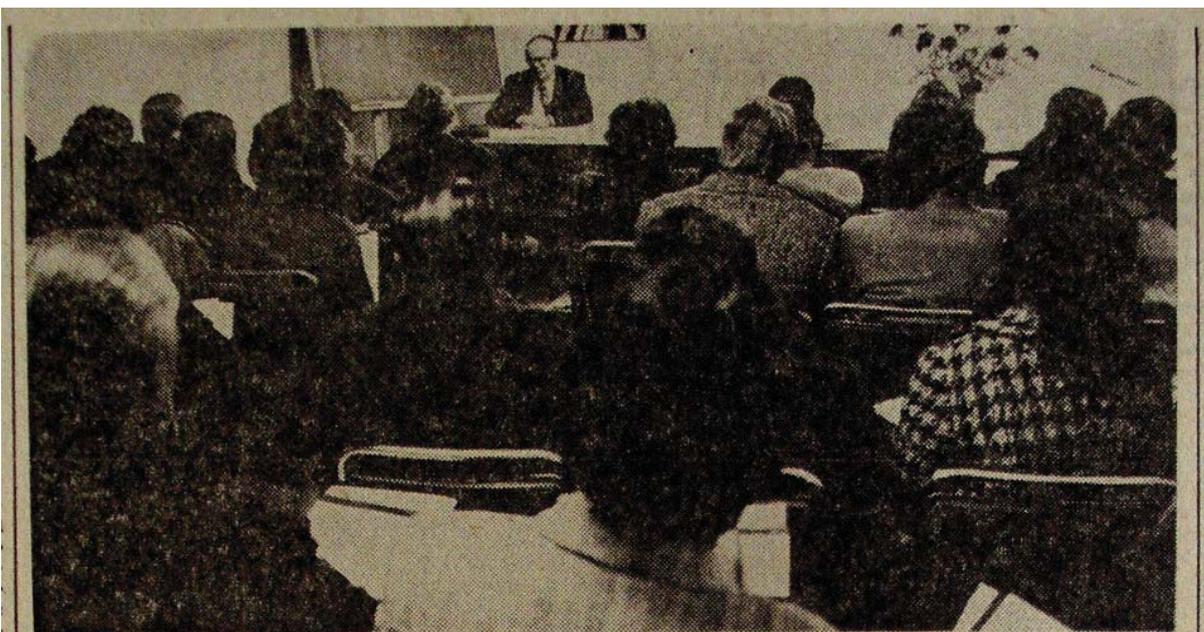
As conferências do I Ciclo de Estudos de Turismo e Comunicação foram realizadas na sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre e contaram com a participação de Humberto Pelegri Seabra Fagundes, vice-presidente do Instituto Brasileiro de Turismo e professor da Escola de Comunicação da Guanabara, que abordou “O Turismo e sua Realidade no Brasil¹¹⁷”; do jornalista Joel Andrade Loes, do Suplemento de Turismo de “O Estado de São Paulo”, que falou sobre “Jornalismo de Turismo”; de Mauro Ivã, da Revista “Quatro Rodas”, que tratou dos “Aspectos

Rincão da Lealdade em Caxias, junto com os galetos e polentas, porque senão não se tinha acesso. Assim, abriu-se o Rincão da Lealdade para receber os visitantes, tivemos muito a presença do prefeito, os corais italianos, no meio de muita musicalidade, italianidade, comemoramos portanto a nossa hospitalidade serrana para os visitantes. Aqui deu-se uma semana maravilhosa no fechamento o Roberto Eduardo Xavier desculpou-se por não ter estado em São Paulo, quando o evento que havia acontecido da USP, que ele sabia que não tinha sido muito bem entendido a sua ausência porque ele estava programado, mas que houve uma, um chamamento do qual ele não pode se furtar. Com isso saíram daqui contentes e felizes premiados os nossos amigos, que são amigos até hoje, pelo Brasil a fora. A hospedagem se deu na casa Anchieta, no morro da Glória, um retiro Monte dos Alpes ou qualquer coisa assim, e foi um momento maravilhoso, porque pessoas que não se encontravam, viajaram para dentro de si, ha muito tempo conseguiram fazer isso, acho que catar-se, essa meditação, porque havia o órgão da capela e o professor, as cinco horas da manhã apresentando um concerto de órgão onde as criaturas se levantaram, meio de pijama ainda, todos a volta dentro daquela capela vendo aquela manifestação, porque era hora da missa dos padres jesuítas, são do colegio Anchieta, e nós que recebemos os convidados também dormiamos lá para respeitar a convivência (Norma Martini Moesch, 12/03/2009).

¹¹⁶ No dia 22 de setembro de 1973, o jornal Correio do Povo/RS, informou que estavam chegando às mãos da Comissão Organizadora do I Ciclo Nacional Universitário de Turismo e Comunicações, promovido pelo Departamento de Relações Públicas e Propaganda da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, as confirmações de participação dos secretários e diretores de Turismo dos Estados da União, bem como um número elevado de correspondências dos prefeitos de todo o território nacional.

¹¹⁷ O economista Luis Carlos de Andrade era professor da Universidade do Estado da Guanabara e coordenador dos cursos do Instituto Brasileiro de Turismo e do Centro Técnico de Turismo e Promoções (Correio do Povo/RS, 13/10/1974, p.7).

Peculiares à Comunicação de Turismo”; e do jornalista Roberto Eduardo Xavier, Secretário de Turismo do Rio Grande do Sul, que analisou o turismo no Estado. Também participaram do Ciclo o presidente do Sindicato de Hotelaria da Guanabara, Milton Carvalho, e o presidente do Sindicato das Empresas de Turismo do Estado de São Paulo, Eduardo Nascimento, que vieram para o painel sobre “Equipamento para o Turismo: Transporte, Agências de Viagens e Hotelaria”.



Economista Luís Carlos de Andrade falou sobre turismo atual, na sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre

Instalado ontem o 1.º Ciclo Sobre Turismo e Comunicação

O economista Luís Carlos de Andrade, professor da Universidade do Estado da Guanabara, e coordenador dos cursos do Instituto Brasileiro de Turismo e do Centro Técnico de Turismo e Promoções, abriu, ontem pela manhã, na sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre, o I Ciclo de Estudos de Turismo e Comunicações, propondo uma conferência sobre "O Turismo e sua Realidade Econômica no Brasil".

O I CETCO foi instalado pelo presidente do Sindicato, jornalista João Borges de Souza, às 10h15min, e a apresentação do conferencista esteve a cargo do secretário de Turismo, jornalista Roberto Eduardo Xavier. O Ciclo, promovido pela Secretaria de Turismo, Famecos, Sindicato dos Jornalistas Profissionais, ARI e Associação dos Bacharéis em Comunicação Social, integra o programa alusivo ao terceiro aniversário da Pasta de Turismo.

A REALIDADE DO TURISMO

O conferencista destacou os aspectos polivalentes do turismo, ressaltando a importância econômica do setor no desenvolvimento nacional. Segundo ele, a explosão registrada no número de turistas em todo o mundo (215 milhões em 1973, contra 130,8 milhões em 1966) requer um cuidado maior em qualificar as situações, muitas delas ainda não devidamente consideradas na política turística brasileira.

Lembrou, também, a inflação que está desorganizando o mercado externo, tanto em países receptores como em países emissores de turistas. Esse fenômeno — disse — oferece uma possibilidade ao Brasil de se situar em uma melhor posição de alternativa para os fluxos relativamente saturados, intraeuropeus e emitidos pelos Estados Unidos. Acrescentou que a saturação dos destinos e o encarecimento do serviço turístico externo abrem a brecha para o desenvolvimento do turismo no Brasil, mas, para isso, "temos de nos organizar e ajustar o sistema nacional, ainda apoiado em uma legislação que de certo modo envelheceu".

Mais adiante, disse que a atualização exige um mais estreito entrosamento governamental, em sentido horizontal entre órgãos da administração estadual, municipal e federal, e vertical, reunindo empresários e os diferentes setores da atividade governamental interventores no desenvolvimento do setor. Para toda essa tarefa — lembrou — é também necessário vender melhor o produto turístico como um elemento de desenvolvimento econômico.

No outro ponto de sua conferência, o economista Luís Carlos de Andrade disse que o turismo impõe também soluções empresariais para a própria aplicação de recursos públicos. A própria mobilização do operador turístico do exterior sugere a necessi-

dade de ajustarmos a comercialização existente no País, dando-lhe o realismo econômico de novas operações a serem negociadas no exterior, a exemplo do que se terá no Brasil, na próxima reunião da ASTA (American Society of Travel's Agents). "Caso a empresa turística nacional não se estruturar para essa nova perspectiva, a reunião da ASTA será simplesmente um balcão para a venda de outros destinos em nosso próprio país" — alertou o conferencista.

Em tudo, afirmou Luís Carlos de Andrade, vale dar ao turismo um sentido amplo, não se limitando a aspectos isolados da oferta, a exemplo de incentivos hoteleiros ou projetos promocionais isolados. Uma visão global de aplicações, reexaminando instrumentos de fomento, e uma agressiva posição nos mercados turísticos externo e interno permitirão implantar o Turismo como uma atividade econômica identificada com o desenvolvimento nacional — concluiu.

CONFERENCIA DE HOJE

O I Ciclo de Estudos de Turismo e Comunicações prossegue hoje com a conferência do jornalista Joel Andrade Loes, do jornal "O Estado de São Paulo", que falará sobre o "Jornalismo de Turismo no Brasil". Amanhã, haverá um painel sobre hotelaria, transportes e agências de viagens.

Muitas reportagens¹¹⁸ anunciavam a construção da sala do Curso de Turismo da FAMECOS. O projeto seria elaborado pela Companhia Riograndense de Turismo (CRTUR), por determinação da Secretaria de Turismo, onde funcionaria uma agência de turismo, para proporcionar aos estudantes uma visão prática da área, além de servir para reuniões. Conforme Clemente (1993), para melhor unir a teoria à prática, o curso contava com uma sala que funcionava como mini agência. À sua inauguração compareceram personalidades ligadas ao ramo turístico e promoções de eventos, como Roberto Eduardo Xavier, Secretário de Estado de Turismo, responsável pela doação dos equipamentos e mobiliários do Departamento de Turismo. Porém, o funcionamento como agência de viagens, embora fosse uma reivindicação constante de professores e alunos, nunca se efetivou.



Ilustração 35 – Correio do Povo/RS, 07/05/1974, p.11

¹¹⁸ O jornal Correio do Povo/RS (07/05/1974, p. 11); Jornal do Comércio/RS (10/05/1974, p. 20).



CURSO SUPERIOR DE TURISMO

Com a presença do titular da Secretaria de Turismo, Roberto Eduardo Xavier e de diversas autoridades representantes da Companhia Rio-grandense de Turismo, foi inaugurado na última terça-feira, o Departamento do Curso Superior de Turismo da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC. A sala, especialmente montada com o auxílio da Secretaria de Turismo, para funcionar como um "fac-símile" de um departamento ligado ao turismo, destina-se ao aperfeiçoamento dos alunos do curso. O diretor da FAMECOS, prof. Alberto André, falou da importância que representa para alunos e professores do curso, possuir um local adequado para a complementação dos ensinamentos teóri-

cos. O reitor, Irmão José Otão, dirigindo-se ao Secretário, salientou que em breve a Faculdade estará retribuindo o apoio que recebe agora, fornecendo a mão-de-obra qualificada para trabalhar pelo desenvolvimento do turismo no Rio Grande do Sul. Lembrando que no Brasil os cursos de turismo em nível superior constituem um pioneirismo merecedor de todo o apoio por parte dos governos, o sr. Robert Eduardo Xavier enfatizou que só agora estamos entrando na fase industrial do turismo, e, por isso mesmo, cada vez mais será necessário o técnico especializado que as Faculdades estão formando. Logo após o Secretário e o reitor, descerraram a placa alusiva à inauguração (foto).

Ilustração 36 – Correio do Povo/RS, 28/11/1974, p. 12

Nessa época, o país atravessava uma fase de grande dinamismo e expansão do ensino superior. A regulamentação do currículo mínimo ocorreu paralelamente à expansão da atividade turística no Brasil, quando o governo se conscientizou do potencial turístico nacional com o descobrimento das perspectivas do mercado, e, conseqüentemente, a institucionalização do turismo no Brasil. Assim se fazia necessária a criação de cursos que formassem mão-de-obra especializada em nível superior, capaz de atender aos reclamos do setor em perspectivas. Foi nesse contexto, de efervescência da atividade turística no Brasil e no RS que se iniciou o Curso de Turismo da PUCRS.

A relação do Curso de Turismo com a atividade turística, e a presença constante de representantes de segmentos relacionados ao setor são referências constantes nas recordações do grupo entrevistado. O curso permite integrar outras redes de pertencimento, e vice-versa, ou seja, a participação, a atuação na atividade turística leva, ao curso, tanto os professores quanto os alunos.

Ao mesmo tempo em que lembravam do início do curso também como um espaço apropriado para preparar os profissionais, evocando a necessidade das aulas

práticas, costuravam a este quadro as recordações das atividades turísticas no estado nesse período como retroalimentadora desse processo de ensino. Estavam recriando ideias de referências coletivas sobre o turismo, em um tempo reordenado que almejava a continuidade e o crescimento da atividade no estado e no Brasil.

Em meio às narrativas, cada narrador deixou transparecer, de certa maneira, a condição social ocupada naquela época. O vínculo profissional dos narradores estreitava relações e indicava a condição econômica, social e profissional de cada um: pessoas ligadas à área de turismo, ex alunos, professor, diretores. O discurso era condizente com o cargo/situação ocupado.

Em 1975, o Curso de Turismo da PUCRS encaminha ao CFE o processo de reconhecimento, conforme abordaremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 5 A CONSOLIDAÇÃO DO CURSO (1976 ao final da década de 1990)

Neste capítulo, iremos analisar o processo de consolidação do curso de Turismo da PUCRS, a partir do seu reconhecimento, em 1976, até o período considerado *áureo*, *auge* pelos narradores.

No dia 30 de dezembro de 1975, o prof. Alberto André, diretor da FAMECOS, solicitou demissão, e foi nomeado para o cargo, o prof. Antônio Firmo de Oliveira Gonzalez, e, como vice-diretor, o professor Eurico Saldanha de Lemos. O Irmão Elvo Clemente deixou a vice-direção por ter sido designado para presidir a organização da superintendência de pesquisa e pós-graduação, hoje a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Assim, em 1976, o professor Antônio Firmo de Oliveira Gonzalez assume a direção da FAMECOS, recebendo a missão de obter o reconhecimento do Curso Superior de Turismo junto ao CFE, uma vez que já havia graduado duas turmas, aguardando o processo de reconhecimento para realizarem a formatura.

5.1 O Processo de Reconhecimento do Curso

Em 1975 foi encaminhado pedido para o reconhecimento do Curso de Turismo, que decorreu do Parecer nº16.148/75. Na documentação necessária para o encaminhamento do processo, além de inúmeros documentos da universidade e do curso, também era exigido atestado de idoneidade moral de todos os professores indicados para compor o corpo docente do curso, que era composto pelos seguintes professores e suas respectivas disciplinas.

Professor	Disciplina
Alberto André	Contabilidade de Empresas Turísticas I e II
Althair Antonio Rech	Administração I e Administração e Organização de Empresas Turísticas
Anangelo Costa	Cultura Religiosa I e II
Antonio Muza Naime	Mercadologia Turística I e II
Ariosto Jaeger	Estudos de Problemas Brasileiros I e II, Noções de Direito I e II
Braz Augusto Aquino Brancato	História do Brasil I e II, História da Cultura I e II
Cleusa Maria Andrade	Geografia do Brasil I e II
Geraldo Valente Canali	Técnicas de Comunicação Social I e II
Gilberto Scarton	Língua Portuguesa e Redação da Comunicação
Guido Bakos	Administração Hoteleira e Ordenação Turística
Henrique Richter	Sociologia Geral e Sociologia da Comunicação
Iara de Almeida Bendati	Teoria da Comunicação
Ingo Oscar Seitz	Educação Física I e II
Ruan José Mouruño Mosquera	Língua Espanhola A e B
Júlio Rubbo	Planificação Territorial e Urbana
Leopoldo Justino Girardi	Filosofia
Maria Zita Englert	Inglês
Mario Frederico Schardong	Técnica Fotográfica
Melchiades Striches Filho	Promoções Turísticas I e II
Moacyr Flores	Roteiros Turísticos I e II
Osmar Inacio da Silva	Economia Política, Economia aplicada ao Turismo
Paulo Sperry	Estatística I e II
Renato Batista Masina	Planejamento Turístico I e II, Estágio Prático
Roberto José Porto Simões	Psicologia Geral

Quadro 7 – Professores e suas respectivas disciplinas

Fonte: Processo de Reconhecimento do Curso (1975)

Conforme Portaria nº 292, de 07 de novembro de 1975, o presidente do Conselho Federal de Educação, no uso de atribuição legal e tendo em vista o art. 6º da Portaria nº 71/72 – CFE, de 29 de dezembro de 1972, resolveu designar os Professores Adalgisa Maria Vieira do Rosário (presidente) – Universidade de Brasília e Waldir Ferreira – Universidade de São Paulo para constituírem comissão que verificaria “in loco” as condições de funcionamento do curso de Turismo da FAMECOS da PUCRS, objeto do Processo nº 16.148/75, referente ao Reconhecimento do Curso.

No relatório da comissão, foram apontados o não cumprimento de alguns requisitos tais como: disciplinas do currículo, a falta de material bibliográfico, entre outros. O relator, Antônio Martins Filho, foi de parecer que o processo deveria baixar em diligência, para que a entidade mantenedora, dentro do prazo de 60 (sessenta) dias, prestasse esclarecimento e normalizasse as irregularidades detectadas pela comissão verificadora. A Câmara de Ensino Superior, 3º Grupo, aprovou o voto do relator em 9 de março de 1976.

Em 05 de maio de 1976, o presidente da União Sul Brasileira de Educação e Ensino, professor Norberto Rauch, enviou um ofício nº 520/76 ao presidente do Conselho Federal de Educação, José Vieira de Vasconcellos, informando os dados solicitados pelo relator. Em atendimento às ponderações do Senhor Conselheiro, professor Antônio Martins Filho, através do parecer nº 838/76, encaminhou as providências adotadas para o cumprimento das exigências. Tais ponderações se

referiam: a) enriquecimento da bibliografia específica do curso de Turismo (o documento explicava a bibliografia não era grande, mas dela fazia parte praticamente a totalidade de obras editadas em língua nacional sobre o assunto, além de algumas publicações estrangeiras); b) inclusão da sociologia no elenco de disciplinas obrigatórias, uma vez que estava previsto no currículo mínimo (esclarecimento: sociologia não era disciplina opcional, mas obrigatória no currículo; opcional era apenas o semestre em que o aluno iria cursá-la); c) esclarecimento das dúvidas mencionadas nos vários itens do parecer, diferentes ao confronto do currículo pleno com o currículo mínimo fixado pelo Conselho Federal de Educação (a disciplina de Estudos de Problemas Brasileiros continuava com seu programa normal). Estudos Brasileiros, também disciplina obrigatória, vinha sendo ministrada sob o título de Roteiros Turísticos, a fim de evitar erros de interpretação devido a ter nome semelhante a de EPB. Todavia, em consequência das ponderações e para facilitar o estudo do CFE e do MEC, passaram a adotar, a partir de 1976, a denominação Estudos Brasileiros, ampliando-se, inclusive, seu programa para dar uma visão mais completa da realidade e possibilidades turísticas do Estado e do País. O curso possuía a disciplina Técnicas dos Meios de Comunicação na qual eram tratados jornalismo, publicidade e propaganda, porém, a fim de proporcionar melhor entendimento, a disciplina foi desmembrada em Técnicas Publicitárias e Relações Públicas Aplicada ao Turismo. Também foram mantidas as disciplinas de Teoria da Comunicação e Promoção Turística; d) no que diz respeito ao histórico do ensino das disciplinas, elucidação dos pontos dubitativos, levantados pela comissão verificadora, no que concerne ao programa de estágio supervisionado, sociologia da comunicação e planos e projetos turísticos; e) indicação de professores para a língua francesa e alemã e para planos e projetos turísticos.

Após o cumprimento da diligência, do encaminhamento por parte da entidade mantenedora, dentro do prazo previsto, da documentação, ao Conselho Federal de Educação, o relator julgou satisfatórios os esclarecimentos e deferiu o pedido de reconhecimento do curso. Assim, a meta foi conquistada e, após a aprovação do colegiado e o *referendum* do Ministério da Educação e Cultura, pelo Parecer nº 1658/76, de 10 de agosto de 1976, recebeu a chancela presidencial, através do Decreto nº. 78.266, de 17 de agosto de 1976.

CURSO DE TURISMO PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DE TURISMO	
Reconhecimento: Decreto nº.78.266, de 17-08-76 (Diário Oficial 18/09/76)	
Duração mínima: 1.600 horas-atividades	
Legislação: Res. de 28.01.71 (par. 35/71)	
Nível I	Cultura Religiosa Língua Portuguesa I Psicologia Geral Filosofia Teoria da Comunicação I Técnica Fotográfica Economia Política
Nível II	Sociologia Geral História do Brasil I História da Cultura I Redação da Comunicação Noções de Direito I Economia Aplicada ao Turismo Int. à Administração de Emp. Turísticas Geografia do Brasil I Educação Turística I
Nível III	História do Brasil II História da Cultura II Técnica Publicitária Adm. e Org. de Empresas Turísticas Contabilidade de Emp. Turísticas I Agências de Viagens e Transporte Noções de Direito II Geografia do Brasil II Educação Física II Língua Estrangeira A
Nível IV	Contabilidade de Emp. Turísticas II Mercadologia Turística I Estudos Brasileiros Relações Públicas Aplicadas ao Turismo Promoções Turísticas I Ordenação Turística Brasileira Introdução à Estatística I Língua Estrangeira B
Nível V	Estudo de Problemas Brasileiros I Promoções Turísticas II Mercadologia Turística II Planejamento Turístico I Administração Hoteleira I Introdução à Estatística II Língua Estrangeira C
Nível VI	Estudo de Problemas Brasileiras II Planejamento Turístico II Planificação Territorial e Urbana Sociologia Turística Administração Hoteleira II Estágio Prático Língua Estrangeira D
TOTAL DE HORAS/AULAS	1.875 h
ESTÁGIO PROFISSIONAL	240 h
TOTAL HORAS/ATIVIDADES	2.115 h

Quadro 8 – Estrutura Curricular do Curso – 1976

Fonte: Processo de Reconhecimento do Curso, 1976

O currículo aprovado já havia sofrido algumas alterações em relação ao inicial. No relatório da comissão avaliadora, verificamos que, nos anos de 1972 e 1973 a instituição ofereceu um rol de disciplinas que sofreu alteração em 1974, procurando dar maior autonomia curricular ao curso.

Rodrigues (2005) descreve as dificuldades vivenciadas para a elaboração do processo de reconhecimento do Curso de Turismo do Morumbi nesse mesmo período. Narra suas inúmeras idas e vindas ao Conselho Federal de Educação. Destaca que foi um vaivém interminável, pois quem no MEC estaria habilitado a analisar os conteúdos, a metodologia de ensino, se não havia ninguém que entendia da matéria? Também registra que, no fim de 1971, tinham concluído quase tudo em termos de documentação para a autorização do curso; o projeto estava tramitando e a comissão já havia feito a vistoria quando, de repente, foram atropelados, pois a Faculdade Ibero-Americana¹¹⁹ conseguiu a autorização para o Curso Superior de Turismo antes, embora a Faculdade Morumbi tenha sido a primeira a entrar com o pedido e a documentação.

Em 1975, foi suspensa a abertura de novos cursos de Turismo, ano em que a PUCRS solicitou o reconhecimento seu. O Ministro da Educação suspendeu a criação de novos cursos a pedido do presidente da EMBRATUR, que, conforme já relatamos, posicionava-se contra a criação de tais cursos. Paulo Protásio sugeriu que fosse realizado um estudo do currículo e entendia que, sendo um curso profissionalizante, seria necessário que o mercado fosse consultado na sua elaboração deste.

¹¹⁹O professor Júlio Morejón, o idealizador da faculdade, é catedrático de língua espanhola da Universidade de São Paulo. Natural de Valência de Don Juan, Espanha, formou-se em filosofia, Letras e filosofia Românica na Universidade de Salamanca, em 1953. No Brasil desde 1954, é considerado uma das maiores autoridades em Educação e Hispanismo. Ele entrou com requerimento no Conselho Federal de Educação em 17 de agosto de 1971. E nós, na Morumbi, seis meses antes, em 19 de fevereiro do mesmo ano. Então, como o curso de turismo da Ibero Americana pode ser autorizado antes que o nosso? Valeu-se da sua influência para acelerar a aprovação do processo, o que não condeno. Se tivesse o cacife dele, teria feito exatamente o mesmo. (RODRIGUES, 2005, p. 121)

Suspensão o registro de Faculdades de Turismo

Atendendo a uma exposição de motivos do presidente da EMBRATUR, sr. Paulo Protásio, o ministro Nei Braga, da Educação decidiu suspender, por algum tempo, o registro de novas Faculdades de Turismo no país, até que um estudo profundo da matéria possa orientar a elaboração dos currículos de forma objetiva e profissionalizante.

A medida visa evitar a proliferação de Faculdades cujos cursos não atendem às realidades do mercado, o que prejudica tanto o turismo, que continua sem profissionais especializados, como os estudantes, que saem das faculdades sem condições de serem absorvidos pelo mercado de trabalho.

Conforme explicou o presidente da EMBRATUR, sendo o Curso de Turismo exclusivamente profissionalizante, é imprescindível que os dados do mercado sejam considerados na elaboração dos currículos. Do contrário, que é o que acontece em geral, o estudante sai da Faculdade com o diploma na mão mas sem quaisquer condições de posicionar-se no mercado de trabalho, pois a melhor classificação que se lhe poderia dar seria a de "inexperiente técnico em generalidades".

A atividade turística — continuou — bastante complexa, exige cada vez mais um grau de especialidade suficiente para que o profissional possa se definir e localizar no mercado de trabalho. Daí, a necessidade de se observar na formação dos currículos, o interrelacionamento entre o que se poderia chamar de matérias-meio e matérias-fim.

Uma das presenças mais importantes em qualquer currículo de turismo, por exemplo, é a do "Marketing", tendo em vista o estágio alcançado pela atividade e, sobretudo, pela influência que exerce hoje em dia no desempenho de praticamente todos os setores.

Por outro lado, a tipologia das diversas especialidades operacionais utilizadas na atividade turística, como, por exemplo, análise de projetos, planejamento, legislação, promoção, recursos humanos, comercialização, estatística, informação, etc., exige uma formação profissional cuja solidez requer o conhecimento de diferentes elementos de nível técnico-cultural que, interrelacionados, constituam um currículo realmente capaz de formar um profissional de turismo.

Ilustração 37 – Correio do Povo/RS, 23/01/1975 p.04.

Para Rodrigues (2005, p. 167), havia uma explicação bastante razoável, a EMBRATUR, desde a sua fundação, em 1966, até 1975, teve somente profissionais ligados à economia na sua direção¹²⁰. Na esfera federal, esses profissionais tinham preferência porque se entendia o turismo como fonte estratégica de recursos, portanto ligado à área econômica.

Os coordenadores de curso de Turismo, como da Unimonte, da USP, da Ibero-Americana, da Manuel da Nóbrega, da Ideal, da Guanabara e de Belo Horizonte, encontravam o presidente da EMBRATUR em diversos eventos e tentaram várias vezes uma aproximação, no entanto não tiveram sucesso, pois como já analisamos no capítulo anterior, Paulo Protásio manifestava-se contra os curso de Bacharelado em Turismo.

O homem não entendia absolutamente coisa alguma de turismo e não

¹²⁰ Paulo Protásio era economista e assumiu a presidência da EMBRATUR no início do governo Geisel.

demonstrava o menor interesse em querer entender. Desde começo da sua gestão, posicionou-se contra as faculdades de turismo simplesmente por "achar" que o curso não deveria ser de nível superior. Uma posição que assumia somente perante nós, nunca publicamente. Quando pedimos o seu apoio junto ao Conselho Federal de Educação para o reconhecimento do curso, mostrou-se deselegante, fazendo um gesto característico de que nos iria degolar. Mais: disse-nos reservadamente, que ele e a sua equipe acabariam com os cursos superiores de Turismo. Bem, isso não constava na lista de problemas que teríamos de enfrentar. Concluímos, os representantes das outras faculdades e nós, que seria perda de tempo continuar com a aproximação. Então deixamos o homem livre para conspirar. Não é que a figurinha quase conseguiu. No dia 24 de janeiro de 1975, fomos surpreendidos com esta bomba:

Atendendo a ponderações do presidente da EMBRATUR, o Sr. Paulo Protásio, o ministro Ney Braga, da Educação, decidiu suspender, por algum tempo, o registro de novas faculdades de Turismo no País, até que um estudo profundo da matéria possa orientar a elaboração dos currículos de forma objetiva e profissionalizante. (RODRIGUES, 2005, p. 168)¹²¹

5.2 O Curso após o Reconhecimento

Em 1976, aconteceu de 7 a 10 de setembro, o II Congresso Nacional de Turismo – CONTUR foi produzido pela FAMECOS e pela Secretaria Estadual de Turismo. Teve a participação de 1.500 inscritos, no Salão de Atos da PUCRS. A Secretaria de Turismo deu muito apoio através do Secretário de Turismo, Mario Bernardino Ramos e o Presidente da EMBRATUR, Said Farhat. *O Salão de Atos da PUCRS lotado, de empresários, estudantes, interessados das mais variadas origens* (Antoninho Muza Naime, 08/10/2008). O Congresso foi bastante divulgado pela mídia.

¹²¹ No entanto, quatro meses e meio depois, o Decreto nº 75.849, de 11 de junho de 1975, concede reconhecimento do curso de Turismo da Faculdade de Turismo do Morumbi, mantida pela Organização Bandeirante de Tecnologia e Cultura, com sede na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo.

Porto Alegre terá em setembro seminário sobre turismo e lazer

Já estão definidos os temas e os conferencistas do Seminário Paralelo do 2.º Congresso Nacional de Turismo a realizar-se de 7 a 10 de setembro próximo, em Porto Alegre. Para o dia 8, sob o título geral "Turismo e Lazer" estão programadas as seguintes palestras: Educação e Turismo, pelo CELAR — Centro de Lazer e Recreação — da PUC; Turismo e Lazer como Fenômeno de Massa, pelo espanhol Francisco Menor Monasterio; Turismo e Lazer, Concomitantes e Inter-relações, pelo francês René Baretje, e Turismo e Lazer como Confraternização Humana, pelo espanhol Luiz Fernandez Fuster.

Turismo e Desenvolvimento

sera o tema do dia 9, quando voltarão a falar Francisco Menor Monasterio, sobre os Custos e os Benefícios do Setor Turístico nos Países em Desenvolvimento René Marteje, Balança de Pagamentos do Setor Turístico nos Países em Desenvolvimento, e Luiz Fernandez Fuster, A Política Turística para os Países em Desenvolvimento.

O 2.º CONTUR, aberto a estudantes, agentes de viagens hoteleiros, transportadores, já recebeu inúmeras inscrições de todo o País. A Secretaria Executiva do Congresso, que funciona à rua Sete de Setembro, 1069, 10.º andar, informa que as inscrições estão abertas até o dia 20 de agosto, ao preço de Cr\$... 200,00 (individual), Cr\$ 500,00 (institucional para três pessoas) e Cr\$ 150,00 para estudantes.

Ilustração 38 – Correio do Povo/RS, 27/07/1976, p. 12

Paralelo ao Congresso, foi realizado um Seminário, e um dos grandes temas foi "Turismo e Lazer". Diversas palestras foram proferidas com a participação do Centro de Lazer e Recreação da PUCRS – CELAR e dos palestrantes Francisco Menor Monastério e Luiz Fernando Fuster.

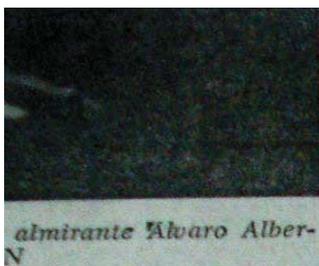
Lourdes Fellini Sartori escreveu a matéria "Ensino de Turismo em Debate" no jornal Correio do Povo/RS (08/08/1976, p. 19) destacando que o II Congresso Nacional de Turismo teria a participação das 13 Faculdades de Turismo existentes no país. Questões relevantes nas discussões foram a preocupação quanto ao currículo e aos programas das disciplinas que são bastante heterogêneos; a carência de formação didático-profissional dos professores e o mercado de trabalho para o profissional. Nesse período, já tramitava na Câmara dos Deputados a regulamentação da profissão¹²². O

¹²² No que se refere à questão da regulamentação da profissão vale frisar que a profissão do *turismólogo* não está regulamentada, embora exista, desde 1988, um órgão nacional representativo da classe – a Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo – ABBTUR.¹²² O histórico das propostas encaminhadas para a regulamentação profissional do turismólogo encontra-se detalhado em Matias (2002, p. 25-29).

Congresso teve a participação de estudantes, hoteleiros, agentes de viagens e órgãos públicos. (ANEXO C)

Durante o encerramento, foi bastante discutida a relação entre escola e mercado, embora tenham lembrado que esse é um problema que não afeta somente o turismo, mas todas as atividades. Um dos palestrantes destacou que as escolas não se justificam se não atendem às necessidades do mercado. (ANEXO C)

Diversas dificuldades enfrentadas pelo Curso de Turismo da PUCRS, também eram motivo de preocupação nos demais cursos de Turismo no Brasil e foram analisadas durante o Congresso, ao qual se fizeram presentes pessoas influentes na área do Turismo, Said Farhat, presidente da EMBRATUR; os espanhóis, professores Francisco Menor Monastério e Luiz Fernando Fuster; o professor francês René Baretje e Mario Beni, professor de Turismo da USP.



almirante Alvaro Alber
N

Brasília: pra HPS

DMAE, DMLU e DEMHAB) e sem computar-se o valor das operações de crédito, o Orçamento (então somente na administração centralizada) atingirá de 900 milhões a 1 bilhão de cruzeiros.

Depois de ratificar que a Reavaliação do Plano Diretor da Cidade forçosamente mudará critérios sobre gabaritos (altura, índices de ocupação e uso do solo), o prefeito exemplifica: talvez, em ruas centrais tenham de ser reduzido estes índices, enquanto em outras zonas (4º Distrito) tenham que ser ampliados.

BAHIA

Finalmente, o prefeito falou sobre sua viagem à Bahia, atendendo a convite da Confederação dos Diretores Lojistas. Em Salvador, pronunciará palestra subordinada ao tema: "Uso do solo na área central de Porto Alegre".



Professores espanhóis Luiz Fernando Fuster e Francisco Menor Monastério participando como conferencistas do II CONTUR.

Congresso de Turismo se instala hoje com mais de mil participantes

Conferências sobre Currículo e Programa, Turismo e Lazer, Integração Escola e Mercado de Trabalho, Formação de Professores, Turismo e Desenvolvimento, Regulamentação Profissional e Organismos de Turismo serão proferidas por especialistas renomados no decorrer do II Congresso Nacional de Turismo, que hoje se inicia em Porto Alegre reunindo mais de mil participantes. A sessão solene de abertura ocorrerá às 20 horas no salão de atos da Pontifícia Universidade Católica, contando com a presença do governador Sinval Guazzelli; do presidente da Empresa Brasileira de Turismo, Said Farhad, que chega hoje, às 14h30min; e do secretário de Turismo, Mário Ramos, além de outras autoridades.

Os professores espanhóis Luiz Fernando Fuster e Francisco Menor Monastério, que proferirão conferências no II CONTUR, chegaram ontem a Porto Alegre, tendo se avistado com o secretário Mário Ramos, com quem conversaram sobre a necessidade da conscientização comunitária da importância do turismo, sobre as necessidades de investimentos no setor e a deficiência de recursos, mesmo em países que têm no turismo uma das principais atividades econômicas, e ainda sobre problemas ligados ao ensino e formação de técnicos em turismo.

Também ontem chegou a Porto Alegre o professor Mário Carlos Beni, da Universidade de São Paulo.

PROGRAMA

O programa a ser desenvolvido durante o II CONTUR, elaborado pela Secretaria de Turismo, é o seguinte:

Hoje, das 10 às 18 horas, entrega de credenciais na PUC; às 20 horas, sessão solene de abertura no salão de atos da PUC.

Amanhã, às 8h30min, instalação técnica do Congresso e das comissões especializadas; às 9h30min, conferência a cargo dos professores Francisco Menor Monastério, espanhol e René Baretja, francês, sobre "Currículo e Programa"; às 11 horas, conferência do secretário de Turismo, Mário Bernardino Ramos; às 14h30min, trabalho das comissões especializadas: I) Currículo e Programa; II) Integração Escola e Mercado de Trabalho; III) Organismos Oficiais de Turismo, tendo como locais salas a serem previamente indicadas; às 20h30min, seminário sobre "Turismo e Lazer" a cargo do Centro de Recreação e Lazer e dos professores espanhóis Luiz Fernando Fuster e Francisco Menor Monastério, no salão de convenções.

Quinta-feira, às 8h30min, conferência sob o título "Integração Escola e Mercado de Trabalho" a cargo dos professores René Baretje e Francisco Menor Monastério; às 10 horas, conferência pelo prof. Mário Carlos Beni, de São Paulo, sobre "Currículo e Programa"; às 11 horas, pela equipe do Centro de Pós-Graduação da PUC, no salão de convenções, conferência sobre "Formação de Professores"; às 14h30min, trabalho das comissões especializadas; às 20h30min, seminário sobre "Turismo e Desenvolvimento" a cargo dos professores René Baretje e Luiz Fernando Fuster, no salão de convenções.

Sexta-feira, às 8h30min, conferência sobre "Regulamentação Profissional" pelo dr. Flávio Obino, do SETUR; e professores René Baretje e Luiz Fernando Fuster; às 10 horas, conferência sobre "Organismos Oficiais de Turismo" pelo diretor da EMBRATUR; às 11 horas, "Organismos Oficiais de Turismo e a Comunicação" pelo jornalista Waldyr Figueiredo, no salão de convenções; às 14h30min, sessão plenária com apresentação de conclusões das comissões especializadas; 18 horas, sessão solene de encerramento; e às 20h30min, churrasco de confraternização no Parque de Exposições de Esteio.

Ilustração 39 - Correio do Povo/RS, 07/09/1976, p.06

Quando surgiram os primeiros cursos de graduação em turismo no Brasil, a bibliografia sobre o tema era quase inexistente; o único livro era de autoria de Fuster; o

material bibliográfico utilizado pelos professores eram textos traduzidos do espanhol, algumas normatizações da EMBRATUR e algum material da SETUR.

Antoninho Muza Naime (08/10/2008) conta que, quando os estudantes de Turismo começaram a se formar, alguns foram ao exterior para fazer cursos rápidos, adquiriram alguns livros e começaram a formar uma bibliografia razoável; depois criaram, durante o II Congresso Nacional de Turismo, o Centro de Pesquisas e Estudos de Turismo (CUPET)¹²³.

Nesse período, foi criado o Centro de Pesquisas e Estudos de Turismo (CUPET), ou como era chamado por alguns, Instituto, que tinha como objetivo desenvolver estudos na área do turismo. Muitos cursos de Turismo, nesse período, também criaram seus centros de estudos ou de pesquisas. Na Faculdade Morumbi criaram o Centro de Pesquisas e Estudos Turísticos – CPETur (RODRIGUES, 2005); na Faculdade de Turismo em Petrópolis, os alunos do último ano formaram um Centro de Pesquisas Turísticas (Jornal do Brasil/RJ, 31/10/1974).

Conforme o professor Muza Naime (08/10/2008), esse centro envolvia órgãos públicos, privados, acadêmicos, para desenvolver estudos na área do turismo. O Instituto chegou a funcionar, inclusive tem o registro no livro de atas, no entanto, acabou sendo desativado. *Funcionou, eu tenho a impressão que o último presidente deve ter sido o Chaves Barcellos, ele funcionou acho que uns seis, sete anos, a gente fazia convênios, recebia algumas verbas, financiava alguns trabalhos, se recebeu da própria EMBRATUR, da própria SUDESUL, através desses espanhóis algumas obras, que também hoje ninguém sabe onde é que esta* (Antoninho Muza Naime, 08/10/2008).

Em 1977, a ata de reunião do Departamento do dia 5 de abril, registra um debate sobre a possibilidade de aumentar o curso para quatro anos, oportunidade em que o professor Geraldo Castelli apresentou duas sugestões: 1) estudos dos currículos para verificar se em 3 anos, o aluno não poderia adquirir os conhecimentos necessários; 2) caso seja constatada a inviabilidade dos 3 anos, então sim, pensar em aumentar o curso. Nessa reunião, foi formada uma comissão visando a estudar a possibilidade de criar áreas de especialização no curso. A comissão foi composta por Prof. Antonio Muza

¹²³ Conforme a documentação, os alunos do IV Semestre do Curso Superior em Turismo se reuniram no dia 04 de dezembro de 1973 para tratar da Fundação do Centro de Pesquisas e Estudos de Turismo (CUPET), tendo como Presidente a professora Maria de Lourdes Venturin e vice-presidente a discente Norma Martini Moesch. Em outubro de 1974, Maria Zandonai assume a presidência do Centro. Na documentação e nas narrativas, poucas vezes esse centro foi citado.

Naime, Renato Masina e Prof^ª. Ondina da Silveira (ministrava Agência de Viagens), para reestruturação do currículo do curso¹²⁴.

Na oportunidade, o professor Geraldo Castelli comunicou a intenção de criar um Instituto de Estudos e Pesquisas Temáticas. Essa questão retornou à pauta na reunião do dia 3 de maio de 1977, permitindo inferir que, embora tenha sido criado em dezembro de 1973, não estava em funcionamento.

Em reunião de departamento, no dia 4 de abril de 1978, a coordenação informou aos docentes que a reforma do currículo deveria aguardar, pois que a EMBRATUR e o Ministério da Educação organizavam um grupo de trabalho para elaborar diretrizes para os currículos da Faculdade de Turismo.

Nesse ano, a USP foi designada pelo Ministério da Educação, para discutir o Projeto pedagógico do Curso de Turismo e buscar um conjunto de disciplinas e áreas de conhecimento, capaz de formar e capacitar o profissional de turismo para as competências exigidas pelo mercado e para a pesquisa científica do setor. Foi a partir daí que houve um grande debate. Registra um momento importante, um divisor de águas: por um lado, a Faculdade de Turismo do Morumbi, que se associou a parceiros em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro, cujo projeto pedagógico é mais voltado ao mercado, portanto, mais profissionalizante. Do outro lado, a linha da USP, que assumiu uma postura de pesquisa, buscando desenvolver toda a questão epistemológica do turismo, vendo o Turismo através de variáveis sociológicas, econômicas, psicossociais, culturais. Tendo adotado essa linha, a USP inspirou algumas universidades, entre elas a PUCRS e as universidades federais (Mário Carlos Beni, 06/05/2009).

Em 1978, a FAMECOS ofereceu um curso de especialização em Administração Turística para qualificar o corpo docente do curso. Alguns narradores se recordam de terem cursado: Antoninho Muza Naime, Ana Lucia Touguinha Weigdle, Diney Adriana de Oliveira, Norma Martini Moesch e Paulo Francisco Rolhano Nardi.

A professora Cleusa Scroferneker foi chamada pelo professor Antonio Gonzáles para montar o curso de especialização em Turismo e Lazer, porque, nesse período, trabalhava nessa área, não especificamente com lazer, mas trabalhava o enfoque do Turismo sob a ótica do lazer.

Na PUCRS, existia o Centro de Estudos de Lazer e Recreação – CELAR, criado em 1973, que funcionava como órgão suplementar, em caráter técnico científico, diretamente subordinado à Reitoria. É importante destacar que, desde o final de 1973, a

¹²⁴ Em 06/09/1977 – 14/09/1977 – 22/11/1977 foram realizadas reuniões do Departamento do Turismo com o objetivo de tratar da Reforma do Currículo.

PUCRS já vinha discutindo o tema Lazer (ANEXO D), inclusive promoveu o 1º Encontro Estadual sobre Lazer e Recreação, em março de 1974, através do CELAR¹²⁵. No mesmo ano, foi oferecido um curso de especialização e aperfeiçoamento em Lazer e Recreação¹²⁶. Também o II Congresso Nacional de Turismo, em 1976, teve como tema Turismo e Lazer¹²⁷.

Cleusa Scroferneker (11/06/2008) recorda que o Centro de Lazer funcionava no prédio três, *até trouxeram Dumazedier¹²⁸ para falar na época sobre lazer, que era uma coisa meio emergente, [...], foi exatamente em função do lazer muito presente na questão do Turismo, então o nosso curso foi especialização em Turismo e Lazer, em 1978.*

A professora explica que, em 1978, foram criados, três cursos de especialização na FAMECOS: Administração na área de Jornalismo; Administração Relações Públicas (RP), Publicidade e Propaganda (PP); e Turismo e Lazer, todos com o objetivo de capacitar os docentes,

tanto é que nós fomos os primeiros, primeira especialização de todo o Rio Grande do Sul [...]. No caso de RP, porque se entendia na época que precisava trabalhar a parte de gestão, e

¹²⁵ Werneck (2002)¹²⁵ afirma que o primeiro Centro de Estudos de Lazer e Recreação do Brasil foi o CELAR. Nas palavras de Andréa Bonow, em entrevista concedida a Werneck (2002), o CELAR: “[...] foi um órgão suplementar da Pontifícia Universidade Católica (PUCRS) do Rio Grande do Sul. O CELAR foi criado, em 1973, a partir de uma parceria estabelecida entre a PUCRS e a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, através de sua Secretaria Municipal de Educação e Cultura”. (WERNECK, 2002, p.127) O CELAR da PUCRS funcionou de 1973 a 1978. Nesse período, Joffre Dumazedier¹²⁵ se fez presente três vezes nessa instituição, apoiado pelo consulado francês, com o objetivo de ministrar cursos e palestras, demonstrando, assim, a importância que era atribuída aos estudos desse sociólogo pelo primeiro Centro de Estudos de Lazer do país.

¹²⁶ Reportagens no jornal Correio do Povo/RS (13/06/1974, p. 12) e Zero Hora/RS (26/05/1974, p. 10), comentam que o secretário Roberto Eduardo Xavier falou em lazer e da existência de um Centro de Estudos e Lazer na PUCRS, com curso de pós-graduação, durante sua visita à sede do CELAR, onde foi recebido pelo Ir. José Otão e pela diretora do centro, Zilah Mattos Totta. A reportagem explicava a relação existente entre o lazer e o turismo, em seguida relatava que já estaria sendo encaminhado um convênio do CELAR e a CRTUR, que viabilizaria a realização de uma pesquisa nas cidades pólos, com a finalidade de levantar a estrutura de lazer para o turismo no Estado, na época.

¹²⁷ Lazer é um assunto seríssimo, em termos universais. A grosso modo, a evolução conceitual de turismo pode ser resumida em três fases: 1) Fase da paisagem, onde a falta de conhecimento técnico pressupunha que bastava a uma comunidade haver sido bem dotada pela natureza (cascatas, montes, vales, etc.) para que o “milagre” do turismo acontecesse. 2) Fase da implantação de estruturas de gastos, já com aporte técnico, quando se começou a entender que o turismo é indústria e, portanto, exige investimentos: acessos, infra-estrutura, hotéis, restaurantes, mão-de-obra qualificada, etc. 3) Fase da implantação das estruturas de Lazer, quando se chega, por amadurecimento, a entender que não basta atrair o turista mas que há que conservá-lo, afastando-o do ócio. As três fases coabitam no tempo e no espaço, a termo universal. Enquanto comunidades que já chegaram a fase III prosperam e aceleram geometricamente o seu desenvolvimento, há comunidades que ainda se encontram na fase I, esperando que a paisagem seja instrumento motivador suficiente para atrair grandes massas de visitantes. Na fase II, você tem hotel, tem restaurante, tem paisagem, tem acesso e faz promoção. E atrai o turista. Mas, se não tiver estrutura de lazer, o turista vem, se entendia, abrevia a estada e segue adiante ou volta. (Zero Hora/RS, 26/05/1974, p. 10).

¹²⁸ Nesse período, a grande referência teórica para os estudos sobre o lazer foi Joffre Dumazedier.

porque Turismo e Lazer? Porque exatamente esses discursos, esse discurso de Lazer já tinha uma trajetória, já tinha esses quatro anos, cinco anos de Turismo e que de certa forma já sinalizavam que o Curso tinha atingido uma certa maturidade. (Cleusa Scroferneker, 11/06/2008)

Salienta-se que o CELAR não estava vinculado ao Curso de Turismo na PUCRS. É exatamente em 1978, quando se inicia a especialização em Turismo e Lazer, que o CELAR encerra suas atividades. Camargo (2002) explica que a relação dos cursos de Turismo à área de comunicação está vinculada à idéia de lazer, porém na PUCRS não foi o que inicialmente se verificou.

O Curso Superior de Turismo da PUCRS recebeu destaque, em 1980, com o Prêmio João de Barro, concedido pela Empresa POA de Turismo e conferido por seu reconhecido esforço em prol da qualificação de recursos humanos.

No início dos anos 1980, ocorreram duas tentativas para acabar com a autonomia dos cursos de Turismo, sem que bacharéis e os estudantes de turismo fossem consultados: a primeira foi na área profissional, quando o conselho Federal de Técnicos de Administração criou, por meio das resoluções 27 e 28¹²⁹, nos Conselhos Regionais de Técnicos em Administração, o registro específico para os bacharéis em Turismo, sem a reserva de mercado para esse bacharel e inserindo uma categoria dentro de outra. A segunda tentativa ocorreu na área da formação, por meio da indicação nº 3/81, dos Conselheiros Fernando Afonso Gay da Fonseca, Hélcio U. Saraiva e Esther de Figueiredo Ferraz e com parecer do Conselheiro Paulo Natanael Pereira de Souza. Essa legislação era favorável à reestruturação dos cursos isolados de turismo, para transformá-los em habilitação do curso de Administração ou de outro, onde fossem ministrados, no caso de universidades, a critério da instituição (MATIAS, 2002).

A PUCRS participou ativamente desse processo. Em 17 de junho de 1981, o Prof. Antonio F. O. Gonzalez, diretor da FAMECOS, atendendo ao despacho do Diretor Geral do Conselho Federal de Educação, e por solicitação do Reitor da PUCRS, Irmão Norberto Rauch, decidiu compor uma comissão de professores do Curso Superior de Turismo para realizarem estudos, a fim de propor sugestões ao CFE. Essa comissão foi composta dos Profs. Renato B. Masina, Norma M. Moesch, Diney Adriana Oliveira, Ondina Becker e sob coordenação de Antonio Gonzalez. Sugeriram: 1- não entrar no mérito da reorientação filosófica que entendiam estava sendo dada aos cursos de Turismo, ou seja, da área de planejamento para a da administração; 2- deixar a critério

¹²⁹ Em 1983, o Ministério do Trabalho torna sem efeito essas resoluções.

dessa direção a vinculação do curso de Turismo a outras Unidades desta Universidade; 3- caso fosse aceita a nova vinculação às cadeiras constantes do currículo básico comum do Curso de Administração de Empresas, agregar as cadeiras profissionalizantes, com a seguinte distribuição: no V Nível: História do Brasil I, Geografia do Brasil I, História da Cultura, Economia Aplicada ao Turismo, Sociologia aplicada ao Turismo, Organização e Administração Empr. Turísticas I (Agências de Viagens e Transporte) e Língua Estrangeira A; no VI Nível: História do Brasil II, Geografia do Brasil II, História da Cultura II, Org. Adm. Empr. Tur. II (Hotelaria), Técnica Publicitária, Mercadologia Turística I e Língua Estrangeira B; no VII Nível: Mercadologia Turística II, Promoções Turísticas, Relações Públicas Aplicada ao Turismo, Planejamento Turístico I, Administração de Pessoal, Ordenação Turística Brasileira, Língua Estrangeira C e Prática Profissional I; no VIII Nível: Promoções Turísticas II, Planejamento Turístico II, Legislação Turística, Projetos Turísticos, Língua Estrangeira D e Prática Profissional II.

O documento destacava que a matéria não se esgotava na sugestão apresentada. Todavia, a Comissão era de opinião que, sendo aprovada a proposta, a composição curricular encerrava todos os elementos necessários à formação do Administrador Turístico, dentro do novo enfoque que entendia estava sendo dado, embasada nas cadeiras de formação básico do Curso de Administração de Empresas.

O Diretor da FAMECOS, Prof. Antônio Firmo de Oliveira Gonzalez, encaminhou o ofício 539/81 de 16 de julho de 1981, para Brasília, ao Diretor Geral do CFE, Genuino Bordignon, dizendo que, em atendimento à solicitação, esclarecia que aquela Faculdade era contrária à transformação dos Cursos de Turismo em habilitação da área de Administração de Empresas, sendo de parecer de que esses cursos deveriam possuir estrutura própria face aos objetivos, deixando-se às universidades ou instituições similares a opção de vínculos às unidades que julgassem mais adequadas. Sugeriu que o CFE adiasse a discussão da matéria, pois de 16 a 20 de setembro de 1981, em Porto Alegre/RS, seria realizado o III Encontro Nacional de Bacharéis e Estudantes de Turismo – ENBETUR¹³⁰, que permitiria importantes subsídios para o estudo do tema.

O III ENBETUR teve como desfecho uma manifestação contrária a que o curso de Turismo se tornasse uma habilitação do curso de Administração. Nesse evento foi aprovada uma proposta a ser encaminhada pelo III ENBETUR ao CFE e demais órgãos competentes, conforme segue:

¹³⁰ O III Encontro Nacional de Bacharéis e Estudantes de Turismo teve como principais temas o estudo de novo currículo para o Curso Superior de Turismo, regulamentação profissional e abertura do mercado de trabalho.

Matérias do Currículo Mínimo	Sociologia História Geografia Administração Direito Ciência e Técnica da Comunicação Planejamento e Organização do Turismo Estatística Metodologia Científica Economia Psicologia Antropologia Contabilidade
Habilitações	Administração de Empresas Turísticas Planejamento do Turismo Animação Turística

Quadro 9 – Proposta de currículo mínimo para os cursos de Turismo do III ENBETUR, 1981
Fonte: Secretaria de Esporte e Turismo do Estado de São Paulo, 1985.

Conforme essa proposta, os cursos de Turismo poderiam oferecer três habilitações, sujeitas à opção dos alunos: Administração de Empresas Turísticas, para o Planejamento do Turismo ou Animação Turística. Diante dessa posição do ENBETUR, a EMBRATUR realizou vários encontros para discussão e análise com os envolvidos no assunto: instituições de ensino superior, bacharéis e estudantes de turismo, empresários e associações de classe do setor, e órgãos públicos em nível municipal, estadual e nacional. Após consultar esses segmentos, o grupo de trabalho propôs que o curso continuasse autônomo, com sugestão de habilitações optativas.

Matérias Básicas	Matemática Estatística Contabilidade Teoria Econômica Metodologia Científica Planejamento e Organização do Turismo Legislação Aplicada Mercadologia Psicologia
Habilitações Alternativas	<p>1ª Opção – Hotelaria: Organização Hoteleira e Técnicas Operacionais Administração Hoteleira Administração Financeira e Orçamento Mercadologia Aplicada Prática - Estágio</p> <p>2ª Opção - Agenciamento e transporte: Produção e Organização de Serviços Turísticos Administração Aplicada Administração Financeira e Orçamento Mercadologia Prática - Estágio</p> <p>3ª Opção – Planejamento: Sociologia Organização de turismo Interno e Externo Infra-estrutura Turística Equipamento Turístico Elaboração e Análise de Projetos Prática - Estágio</p>

Quadro 10 – Proposta de Currículo da EMBRATUR para os cursos de Turismo, 1981.
Fonte: Secretaria de Esporte e Turismo do Estado de São Paulo, 1985.

Na proposta da EMBRATUR, as habilitações oferecidas pelo curso de Turismo seriam Hotelaria, Agenciamento e Transporte e Planejamento. Se compararmos esse currículo com a proposta do ENBETUR, percebemos o tecnicismo que dominava o entendimento do Turismo pela EMBRATUR, preocupada em atender o mercado, para

que as universidades e faculdades formassem a mão de obra para a qual o importante era sua adequação ao mercado. Esse adestramento dentro dos padrões do tecnólogo, secundariza, oculta, inibe, desestimula a consciência crítica e empobrece a visão de cidadania permitindo a formação de um turismólogo despolitizado. Para Santos Filho (2003), turismo era sinônimo de viagem e entendido como uma atividade eminentemente técnica. O interessante é que assim enxergava a EMBRATUR quando propôs, em 1981, um currículo mínimo exclusivamente técnico (SANTOS FILHO, 2003).

Em 1983, as intenções de transformar o curso de Turismo em Administração ressurgiram, pois ele continuava sem reformulações. As discussões sobre o currículo mínimo continuaram, mas não chegaram a um consenso, permanecendo em vigor a resolução 35/71.

Na primeira metade dos anos de 1980 houve uma série de seminários e debates internos com alunos, professores e externos à Faculdade, promovidos pela ABBTUR, EMBRATUR, Conselho das Faculdades de Turismo do Estado de São Paulo – CONFATESP, Secretaria de Esporte e Turismo do Estado de São Paulo. O departamento de Turismo da PUCRS foi chamado, articulado a uma discussão nacional em que os cursos de Turismo do Brasil estavam sendo questionados quanto às propostas curriculares.

Essas questões continuavam pendentes, sem definições. Para Mário Carlos Beni (06/05/2009) houve um ciclo de crescimento na oferta de cursos de Turismo no Brasil: na segunda metade da década de 1970 até mais ou menos 1985, deu-se a primeira etapa desse crescimento. Segundo o professor, nesse momento, o desejável era que eles tivessem se consolidado, porém isso não ocorreu porque faltava um projeto pedagógico capaz de harmonizar o conhecimento teórico com àquele prático, técnico absolutamente necessário.

Paulo Francisco Nardi (16/04/2008) conta que, quando ingressou no curso, na década de 1980, o turismo era uma área nova; a PUCRS era uma universidade pioneira nessa área; não havia um caminho preestabelecido; os professores eram bastante idealistas e havia uma integração entre todos e, enfim, uma doação até, para que o curso tivesse sucesso.

Em 1988, ocorreu a 1ª edição do Festival de Laboratórios em Comunicação – SET UNIVERSITÁRIO. O evento era direcionado a alunos de Comunicação Social e Turismo do país e da América Latina, com inúmeras palestras, workshops e concursos em diversas categorias, e passou a ser realizado anualmente. Esse evento continua

ocorrendo, e, durante um período, nos anos de 2000, tinha um Grupo de Trabalho – GT em Turismo coordenado pela professora Susana Gastal.

Em 1989, o Departamento de Turismo planejou a formulação de um Convênio Técnico entre a PUCRS – FAMECOS e a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, através da EPATUR, com a finalidade de desenvolver projetos integrados no campo do Turismo metropolitano, utilizando a mão de obra estagiária do Curso Superior de Turismo e outros convênios com a CRTUR (Governo Estadual), ABAV e ABRASEL (Associação Brasileira de Bares e Restaurantes).

Nos anos de 1980, a maioria dos alunos que optava pelo Turismo era do sexo feminino e de diferentes faixas-etárias. Márcia Merllo (03/08/2008) relata que, naquele tempo, era o curso de quem gostava de viajar, não era visto como uma escolha profissional, como uma profissão, ou, então, eram pessoas que já trabalhavam na área do turismo e iam fazer a faculdade.

Essa ex-aluna, no período de 1984 a 1987, diz que o vestibular não era concorrido, era fácil passar, não estava na moda como é hoje. Também narra que, mesmo não sendo das primeiras turmas, ainda era tudo muito incipiente,

a todo o momento passavam essa idéia de nada formatado ainda, [...] a impressão que se tinha é que era para preencher lacunas, a própria faculdade não tinha certeza do conteúdo, dos professores, era uma coisa que estava em transição, eles tinham percebido nas primeiras turmas algumas coisas, não sabiam certo onde chegar e a gente foi mais ou menos cobaia, nesse meio tempo; e os professores, na verdade, o que eles traziam, traziam da experiência pessoal, na área de cada um, então não era nada teórico, era tudo experiência pessoal.

Para Márcia Merllo (03/08/2008), a formação dada era basicamente para atuar em agências ou hotéis, não havia outra perspectiva. Não havia aulas práticas, nem estágio ou não era necessária sua realização. O trabalho de conclusão era praticamente o inventário turístico de um município, não tinha que ter um embasamento teórico.

Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008) conta que havia muitos alunos no curso nesse período. As turmas eram grandes, e o perfil era bastante variado. Alguns alunos já trabalhavam com turismo, porque na época havia um boato de que a profissão iria ser regulamentada e quem trabalhava com turismo era obrigado a ter curso superior, então, durante alguns anos, muita gente, já com experiência na área, procurava formação.

A ex-aluna Rita de Cássia Michelin (21/07/2008), que também realizou sua formação na década de 1980, nos diz que muitos dos professores não entendiam de

turismo. A bibliografia existente era basicamente do Castelli, bastante utilizada. Para ela, o contexto era nebuloso, ninguém sabia o caminho, as pessoas queriam produzir um conhecimento que não existia. A sociedade não sabia o que era um turismólogo; o mercado não o valorizava e, realmente, não havia uma formação acadêmica forte; era tudo muito empírico; era tudo muito no *achometro*.

Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008) diz que a professora Norma sempre trazia muitos profissionais do mercado. *Ela pegava pessoas de experiência do mercado, da prática e trazia para dar aulas nas suas áreas, isso também enriquecia o curso, porque não tinha também metodologia, na realidade não existia teoria [...].*

Na década de 1980, os docentes continuam sendo pessoas que estavam no mercado; e as disciplinas básicas, Psicologia, Economia, Direito não eram aplicadas ao Turismo. Passavam uma idéia de que Turismo era uma profissão do futuro.

Não se falava tanto em Rio Grande do Sul na faculdade, como destino, também não se falava o contrário, que não era um destino, que não tinha condições, mas se falava em termos de Brasil, e também tinha naquela época uma coisa muito forte, de recursos humanos gaúchos trabalharem no Nordeste, então naquela época, o turismo no Nordeste já era, diria já era forte como é hoje e se tinha uma expectativa de exportar mão-de-obra gaúcha. (Márcia Merllo, 03/08/2008).

Norma Martini Moesch (12/03/2009) conta que os ex-alunos, bacharéis em Turismo foram buscando novas perspectivas, houve um grande processo migratório de formandos da PUCRS para outros Estados do Brasil, por inúmeras razões, tanto profissionais quanto pessoais. O Nordeste chamou muitos profissionais, com uma frequência muito grande por longos anos, *e basta dizer que o curso de Turismo ficou por vinte e dois anos único, é um fato inédito, porque não houve outras manifestações de outras instituições em criar cursos de Turismo, isso se deu nos últimos anos agora.* Ainda diz que, nas décadas de 1970/1980, havia claramente a intenção de que o estagiário conseguisse marcar a sua presença em uma organização, de modo que ele fosse absorvido por aquele segmento, e por mais de uma década foi absolutamente viável essa concepção pedagógica porque não havia profissionais.

No ano de 1990, a Coordenação preparou uma série de convênios com as prefeituras de Flores da Cunha, Capão da Canoa e Bom Jesus, por meio dos quais, reformulou a administração do Turismo nos municípios e foi oferecido local de estágio e de emprego para os alunos do Curso. É a universidade desempenhando seu papel social, atuante na sociedade. Para Becher e Silva (2008), o momento de reabertura política no Brasil, a partir de 1985, representa um contexto de reformulação do ensino

superior, a partir de uma proposta de democratização das discussões no âmbito acadêmico e formação de uma universidade voltada para a comunidade. Nesse período, o Curso de Turismo da PUCRS começa a desenvolver ações voltadas para a comunidade.

Até 1991, o Curso de Turismo da PUCRS era o único do Estado. Em 1992, a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) inicia seu curso em Torres, e, em 1994 a Universidade de Caxias do Sul (UCS), no Núcleo Universitário de Canela.

Em 1992, o Curso Superior de Turismo comemorou seus 20 anos com o tema: Turismo – PUCRS: 20 anos conquistando o seu espaço – 1972/1992 (ANEXO E). A comemoração contou com uma diversificada programação: diversos seminários; cursos; oficinas; *city tour* cultural; projetos experimentais e o lançamento do livro “Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil” (FLORES, 1993).¹³¹ ¹³² Para Edison Batista Chaves (06/06/2008), Oswaldo Goidanich foi pioneiro no turismo no Rio Grande do Sul, *Felizmente ele participou desse livro da PUCRS onde conta essa história porque se não, com a morte dele, nós teríamos perdido toda essa memória.*

Nesses vinte anos que transcorreram, o turismo passou a ser concebido não apenas em seus aspectos exteriores, relacionado com a promoção de eventos, mas como atividade econômica rentável, capaz de gerar empregos e, em última análise, redimensionar uma nova área produtora de bens de serviços. Incluíam-se, pois, as funções sociais do turismo nessa nova concepção. (MASINA, 1993, p.128)

Para André (1993), o Curso Superior de Turismo da PUCRS tornou-se uma das peças relevantes do trabalho da FAMECOS e do aprendizado do turismo entre nós. Gonzales (1993) reforça que o curso vinha ocupando posição invejável entre todos os similares. “A PUCRS, ao considerar a FAMECOS e o seu Curso Superior de Turismo como prioridades, está investindo em sua imagem, é bem verdade, mas a fundamental e maior verdade é que está ajudando o Rio Grande a crescer”. (GONZALEZ, 1993, p.131-132)

Nesse período, observamos que havia uma preocupação do curso em manter convênios com organizações públicas e privadas relacionadas à atividade turística.

¹³¹ Destaca na parte inicial o testemunho de Norma Martini Moesch, mentora da obra de resgate histórico, e Oswaldo Goidanich, pioneiro turismo, descreve a trajetória do Turismo no Rio Grande do Sul, desde 1935. Na segunda parte, Alberto André, Irmão Elvo Clemente, Renato Masina e Antônio Firmo de Oliveira Gonzáles, cada um destes personagens escreve um capítulo da história do curso superior de Turismo da PUCRS e na terceira parte trabalha a gestão dos secretários na Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul até 1992.

¹³² Esse livro está presente e influencia a memória coletiva, teve e tem uma importância significativa na memória dos narradores; algumas falas são “cópias” de trechos do livro que são transmitidas e reafirmadas diversas vezes.

Havia um relacionamento estreito da academia e o mercado. Para alguns narradores, esse era o perfil da coordenadora, professora Norma Moesch.

Apesar de alguns retoques feitos na sua estrutura, o currículo inicial perdurou até 1993, quando foi reorganizado. Havia uma concepção dicotômica presente no modelo que sempre permaneceu. O curso era, basicamente, dividido em dois blocos distintos e autônomos, colocando de um lado, as disciplinas chamadas básicas (teóricas) e, de outro, as disciplinas profissionalizantes (práticas). Clemente (1993) destaca que, no percurso de mais de 20 anos, atendendo à dinâmica do desenvolvimento, houve várias adequações dos conteúdos curriculares do Curso de Turismo. No ano letivo de 1994, houve uma completa reformulação de currículo e programas, levada a efeito sob a coordenação da Prof^a. Marutschka Martini Moesch.

As discussões sobre o currículo e sobre as dificuldades pelas quais o curso vinha passando já estavam sendo detectadas e analisadas há bastante tempo. Em reunião de Departamento no dia 19/11/1988, o professor Celso Ernani Santos Netto¹³³, responsável pela disciplina Economia Aplicada ao Turismo, encaminha uma série de considerações à coordenação do Curso. Dentre outras, de que a representatividade do Turismo no contexto da Universidade e da FAMECOS estaria em função de alguns aspectos sistematizados: a consciência da atividade turística como ciência social e econômica capaz de contribuir decisivamente na formação da renda nacional, etc.; a crise da Universidade como legítima produtora de formação e conhecimento; a necessidade de o Curso Superior de Turismo demonstrar sua auto-afirmação no contexto da Universidade no que diz respeito ao gerenciamento e imposição firme e democrática, sustentado pela magnitude e importância histórica não só da atividade turística; a mudança no conceito de bacharéis sem qualificação à altura das necessidades do mercado, como por muitos era vista, através da participação da Universidade (apoio) outorgando e demonstrando competência, e consciência nesse aspecto que nos parece um dos pontos mais nevrálgicos; a deformação conceitual da real função e formação da atividade turística, que leva o Ensino Superior em Turismo no Brasil (cerca de 20 cursos) a uma preparação de recursos humanos distanciada da realidade concreta, e ao mesmo tempo, frágil em conteúdos de base. O professor sugeriu que fossem realizados um estudo e uma avaliação da qualidade do ensino no Curso Superior de Turismo e da visão da Universidade para o suprimento de vazios; o prosseguimento das atividades extra-aulas com a participação do corpo docente/ alunos/ iniciativa pública e privada; a execução de estudos, trabalhos em nível de assessoramento à iniciativa privada e pública através do

¹³³ Foi aluno do Curso de Especialização em Turismo na Universidade Federal de Santa Maria em 1972.

Instituto de Estudos Turísticos, como também inserção do trabalho de conclusão nesse Instituto que poderia contribuir no processo de dinâmica, qual seja, sair do seio da Universidade (estrita) e ir ao encontro de órgãos e instituições afins; a reativação do Instituto de Estudos Turísticos; um maior intercâmbio com órgãos afins (que poderiam ser filiados ao Instituto) que poderiam atuar interdependente com o curso.

Para os entrevistados, a FAMECOS não priorizava o curso – o primeiro era o Jornalismo, depois a Publicidade, depois Relações Públicas e o Turismo em quarto. Termos como *curso de segunda linha, pertence ao quarto mundo, filho bastardo da FAMECOS, o Turismo ficava sempre em último plano dentro da FAMECOS, os excluídos*, eram comumente utilizados para descrever a situação do curso nessa unidade. Esses fatos são narrados como algo velado e quase sempre dizem: *tu não colocas isso, mas..., desliga o gravador que eu te conto...* Assim, o turismo era relegado sempre a último plano, inclusive as salas eram as piores, tudo o que sobrava era para o turismo. Isso perpassa todas as narrativas, em todos os tempos.

Antoninho Muza Naime (08/10/2008) afirma que as direções davam pouca atenção ao curso. *Houve momentos que eu estava brabo, revoltado, que eu batia na mesa, eu dizia que chegava e se não querem nos dar cobertura então nos mandem para outro lugar, tinham que nos dar atenção, tinham que ter ouvido isso.*

Norma Martini Moesch (12/03/2009) conta que, na verdade, o Curso de Turismo nunca foi aceito dentro da FAMECOS como legítimo, foi imposto, o último curso a chegar e não era reconhecido como um curso que tivesse de fato identidade com a comunicação. *Nós éramos o patinho feio, nós éramos os enjeitados, éramos uma excelente fonte de receita [...] mas, por outro lado, tudo era franqueado para os outros cursos e tudo era dificultado para o Turismo.* Para Susana de Araujo Gastal, (14/07/2008) o curso sempre foi menosprezado como um curso não intelectual, como um curso de segunda linha.

Alguns docentes, no entanto, relatam que nunca se sentiram excluídos dentro da FAMECOS. Diney Adriana de Oliveira (08/10/2008) foi um deles e diz ter sido sempre participava, e que essa questão nunca a incomodou.

Para os narradores, a professora Norma conseguiu vencer diversas dificuldades, estabelecendo um melhor entendimento do curso com a FAMECOS:

conseguimos fazer com que o curso de turismo deixasse de ser aquele, aquele apêndice, eu acho que uma prótese como era entendido, nós éramos a verdadeira prótese da FAMECOS, para nos verem com outros olhos, mostrando que jornalista pode ter um belo campo profissional no turismo, publicitário pode ter uma agência que se sustente até a partir do turismo

como cliente, que relações públicas não pode ficar longe do turismo. Então trabalhando outra concepção, não a do isolamento do curso de turismo que na verdade na concepção da época estaria muito mais bem encaixado na área da atual FACE, certo, porque era entendido apenas como um curso que preparava a operação turismo, e não pensar o turismo, pensar pra que?, nessa época não se era autorizado a pensar, nós eramos autorizados e sim, a aprender a ser comandados, alguém ia nos mandar, então, não perguntar porque e não perguntar como. (Norma Martini Moesch, 12/03/2009)

Ao que tudo indicava o curso estava passando por algumas dificuldades, como a inexistência de um quadro de professores com dedicação exclusiva, o que impedia o desenvolvimento de um processo educativo articulado à pesquisa, ou seja, a produção de conhecimento na área do turismo. A maioria dos docentes era ligada ao mercado, mas sem a fundamentação pedagógica necessária para papel de educadores, função esta exercida como mais uma atividade profissional.

As discussões sobre o curso começavam a se intensificar e se aprofundar, e, em 1990, por uma decisão da coordenação, juntamente com seus professores, e pelo desejo e necessidade de mudanças no currículo, foi desencadeado o longo processo de reformulação curricular.

5.3 O Processo de Reestruturação Curricular do Curso

A coordenação da época manifestava preocupação com questões de qualidade e, dentre elas, o viés teórico do curso. Norma Martini Moesch (12/03/2009) conta que, quando assumiu como professora, já percebia que existiam algumas lacunas na estrutura curricular. Quando assumiu como coordenadora, achou que seria o momento de *desmontar essa construção e dar um outro desenho, um outro formato a esse curso*. A professora entendia que não poderia fazer isso sozinha, então buscou uma consultoria pedagógica, convidando a professora Marutschka Moesch, que vinha de uma formação socióloga, tinha mestrado em estruturas curriculares e trabalhava na Secretaria de Educação exatamente nesse campo de orientação, para assumir a coordenação pedagógica do curso. A coordenação instituída tratou de esboçar uma proposta de trabalho, de discussão do novo currículo do Turismo, inclusive ampliando-o para quatro anos¹³⁴, a qual foi apresentada em seminários pedagógicos aos professores e coordenação do curso.

¹³⁴ Marutschka Moesch (11/09/2008) conta que havia uma discussão do Curso de Turismo, que tinha três anos de duração, e que os professores entendiam que ele não tinha um status para bacharelado, que era de

O Projeto Pedagógico “Reestruturação Curricular do Curso Superior de Turismo/PUCRS – Uma Experiência em Pesquisa Ação” realizou-se no período de 1990 a 1993. O objetivo norteador fora a construção de um novo currículo, que garantisse a qualidade acadêmica necessária aos profissionais que ingressam em um mercado de trabalho dinâmico como o do turismo e que permitisse uma formação teórico-prática crítica e criativa o suficiente para adaptar-se às constantes transformações tecnológicas do mundo do trabalho.

Os professores começaram a trabalhar em grupo e foram para Atlântida passar um fim de semana, no período de baixa temporada, com o intuito de:

abrir esse currículo, para abrir esse curso, para repensar, para discutir, com todos os professores do cursoe foi muito interessante, porque ao final de dois dias de trabalho nós tínhamos uma reestruturação do curso e houve uma avaliação mais ou menos conduzida da seguinte forma, a professora Maru falou “eu li, interpretei, avaliei a estrutura curricular desse curso de turismo, e quero lhes dizer que de acordo com o projeto pedagógico, que até então era meia dúzia de páginas e não dizia nada, ou quase nada, nós temos aqui uma grande fila, uma penca baiana, sabe?”, ela disse “aquela penca baiana que a gente vai pendurando tudo ali, sabemos que é uma penca, mas para quê tem aqueles objetos pendurados ali não se tem explicação e nós vamos trabalhar numa dinâmica que cada professor vai representar a sua disciplina e vai defender o significado dessa disciplina, desses conteúdos, desses saberes na formação desse profissional e o quanto essa disciplina vai ser necessária para instrumentalizar a suas praxis da vida profissional, se não conseguir dar conta dessa justificativa, sinto muito, essa disciplina precisa sair, esse elemento precisa sair da penca”. Foi assim que começou, ao final de dois dias e meio, amiga, nós tínhamos descartado em torno de 40% das disciplinas totalmente obsoletas e também um bom número de professores que se tornaram também obsoletos porque só concebiam o entendimento da sua presença no curso a partir daquele tipo de trabalho. Então, ressurge daí, até me lembro que eu disse temos que fazer como a Fênix¹³⁵, fazer com que haja um ressurgimento vigoroso, sadio, revitalizado das cinzas de um período de uma história, tempos que não podemos soterrar essa historia, que ela é alimentadora, mas não podemos permanecer naquele cotidiano que ela vinha nos impondo. Então surge daí o novo currículo, a nova estrutura, vamos buscar aquilo que desde o começo entendíamos que fazia falta [...] (Norma Martini Moesch, 12/03/2009)

quatro anos, então já havia uma discussão interna do grupo de professores, sobre a necessidade de uma reforma curricular.

¹³⁵ A fênix ou fénix (em grego φοῖνιξ) é um pássaro da mitologia grega que, quando morria, entrava em auto-combustão e, passado algum tempo, renascia das próprias cinzas. (Enciclopédia Wikipédia, 2010)

As análises realizadas permitiram aos docentes entender a complexidade de um currículo¹³⁶. As conclusões desses encontros indicaram que um novo currículo não depende só de um elenco de novas disciplinas, mas, acima de tudo, de uma nova postura didático-pedagógica dos docentes. Esta nova postura pressupõe um maior comprometimento, enquanto educador e não apenas transmissor de conteúdos. Desse modo, faz-se de extrema importância a participação dos docentes na construção curricular, pois, segundo Masetto (2003, p. 72), “concebe-se o professor como um mediador decisivo entre o currículo estabelecido e os alunos, um agente ativo no desenvolvimento curricular.”

Diante dessas considerações, no Projeto de reformulação curricular do Curso foi organizado, juntamente com a Faculdade de Educação, um “Seminário de Qualificação Docente”, que teve como pressuposto proporcionar aos professores a oportunidade de discutir, analisar e avaliar a sua prática docente na busca da melhoria de sua qualificação profissional enquanto educador.

A proposta desse seminário indicava que existiam conflitos no cotidiano pedagógico do grupo de professores do curso e que estas questões didático-pedagógicas deveriam ser trabalhadas.

Assim, foi dada uma ênfase à questão pedagógica, e realizado o seminário composto por duas etapas. Na primeira etapa, houver duas palestras: uma que visava uma fundamentação filosófica e epistemológica ao grupo de professores e outra que tinha o intuito de contribuir para um entendimento das Teorias do Conhecimento (concepção de conhecimento, método), a fim de subsidiar a concepção de ensino crítico, como expressa o marco referencial da PUCRS, e a proposta metodológica do Curso de Turismo, em que a relação teoria-prática deve ser permanente; e a segunda etapa que visava a instrumentalizar didaticamente o professor, de forma que sua prática contemplasse a filosofia educacional expressa pela Universidade.

No projeto também estavam previstas reuniões com diferentes segmentos com o objetivo de diagnosticar, criticamente, a situação do curso. Nesse sentido, Masetto (2003) considera que o ensino superior não pode deixar de rever seus currículos de formação dos profissionais, não pode também querer revê-los apenas com a visão dos especialistas da instituição (os professores). Há necessidade de a Universidade sair de si mesma, arejar-se com o ar da sociedade em mudança, e então voltar para discutir com

¹³⁶ Para Masetto (2003, p. 67), “[...] currículo é um conjunto de conhecimentos, de saberes, competências, habilidades, experiências, vivências e valores que os alunos precisam adquirir e desenvolver, de maneira integrada e explícita, mediante práticas e atividades de ensino e de situações de aprendizagem”.

seus especialistas as mudanças curriculares exigidas e compatíveis com seus princípios educacionais.

A construção desse diagnóstico possibilitou a organização de um grupo de trabalho participativo, pois o acesso às informações sobre o tema em estudo, a análise crítica destas informações, bem como a defesa de posicionamentos pessoais, permitiu um processo de conscientização de todos os envolvidos, conseqüentemente, a formação de um grupo comprometido. A análise do diagnóstico do currículo vigente possibilitou identificar os pontos críticos que foram contrapostos com diferentes propostas curriculares de outros cursos no país e com as necessidades do mercado de trabalho. A partir daí desencadeou-se o processo de reestruturação, possibilitando um trabalho interdisciplinar.

A concepção filosófica definida pelo grupo era de que a formação universitária a ser desenvolvida pelo curso deveria ter como objetivo uma educação crítica, criativa, responsável, questionadora quanto ao tipo de indivíduo e de sociedade que se deseja formar, contribuindo com a criação de alternativas para fazer surgir uma sociedade democrática, renovada, mais perfeita, que atenda às aspirações e anseios fundamentais do homem como um todo, e a totalidade social à qual ele está inserido.

Houve uma preocupação em propor um curso que tivesse uma concepção holística a partir da construção de conhecimentos teórico-práticos, da análise crítica da realidade para transformá-la, a fim de que o fenômeno turístico se tornasse uma prática social acessível à maioria da população brasileira, contribuindo na melhoria da qualidade de sua vida.

A nova proposta curricular previa uma carga horária de 2.685 horas, a serem desenvolvidas em 4 anos, no mínimo. A aprovação do novo currículo oficializou-se em outubro de 1993, através do parecer da Câmara Universitária, e sua implantação ocorreu a partir de março de 1994.

O currículo estava dividido em quatro níveis: básico – que garantia a formação humanista do aluno; fundamentação teórica – fundamentar o aluno para a apreensão do objeto turístico enquanto conhecimento científico; habilitação técnica – formação técnica que atendia o fazer turístico; estágio profissional e projetos/monografia – contato com a realidade do mercado de trabalho, relação com a teoria e elaboração de propostas de planejamento críticas as situações estudadas. Buscava uma abordagem interdisciplinar, com a proposta de levar o aluno a uma visão global, integrada e crítica da profissão e da atuação profissional, buscando competência técnico-científica, administrativa e política do bacharel para atuar nos diferentes níveis de complexidade

da atividade turística, evidenciando, também, a relevância da pesquisa para o desenvolvimento da profissão, através dos projetos experimentais e da monografia.

Semestre	Disciplinas
I Semestre	Cultura Religiosa I Língua Portuguesa I Filosofia I Sociologia Geral História do Brasil I Geografia do Brasil I Teoria da Comunicação Fundamentos do Turismo I Noções de Direito
II Semestre	Cultura Religiosa II Língua Portuguesa II Filosofia II Sociologia Geral II História do Brasil II História da Cultura Geografia do Brasil II Fundamentos do Turismo II Legislação Turística Cultura Religiosa I
III Semestre	Língua Espanhola A Língua Inglesa A Patrimônio/Museologia Urbana Turística Recursos Audiovisuais Introdução ao Planejamento Turístico Economia do Turismo Estatística I
IV Semestre	Língua Espanhola B Língua Inglesa B Psicologia Social Mercadologia Turística I Metodologia Científica do Turismo Princípios Gerais da Administração Turística Folclore e Turismo Planejamento Territorial e Urbano Estatística II
V Semestre	Língua Espanhola C Língua Inglesa C Relações Públicas Aplicada ao Turismo I Mercadologia Turística II Sociologia Aplicada ao Turismo Administração de Empresas Turísticas Planejamento Turístico Contabilidade de Empresas Turísticas
VI Semestre	Língua Espanhola D Língua Inglesa D Relações Públicas Aplicada ao Turismo II Promoções Turísticas I Administração Hoteleira I Agências de Viagens e Transportes I Cerimonial e Protocolo Análise Econômica e Financeira da Empresa Turística
VII Semestre	Língua Espanhola E Língua Inglesa E Promoções Turísticas II Administração Hoteleira Agências de Viagens e Transportes II Lazer e Animação Administração de Serviço de Alimentação Relações Humanas Aplicadas no Turismo Estágio A – Marketing Hotel/Restaurante (150h) Estágio A – Agências de Viagens. (150h) Estágio A – Organização de Eventos (150h) Estágio A – Planejamento Público do Turismo (150h) Estágio A – Animação Turística (150h)
VIII Semestre	Realidade Brasileira e o Turismo Estágio B – Marketing Hotel/Restaurante (150h) Estágio B – Agências de Viagens (150h) Estágio B – Organização de Eventos (150h) Estágio B – Planejamento Público de Turismo (150h) Estágio B – Animação Turística (150h) Projeto Experimental - Marketing Hotel/Restaurante Projeto Experimental - Agências de Viagens Projeto Experimental - Organização de Eventos Projeto Experimental - Planejamento Público do Turismo Projeto Experimental - Animação Turística Monografia - Marketing Hotel/Restaurante Monografia - Agências de Viagens Monografia - Organização de Eventos Monografia - Planejamento Público do Turismo Monografia - Animação Turística

Quadro 11 – Currículo implantado em 1994

Fonte: Projeto Pedagógico – Reestruturação Curricular do Curso Superior de Turismo/PUCRS, 1993

Em relação ao currículo anterior, podemos verificar que a nova proposta retoma as disciplinas de História, Geografia e Filosofia e acrescenta várias disciplinas específicas relacionadas à promoção turística: Cerimonial e Protocolo, Relações Públicas, Promoção e Marketing. Divide o estágio por áreas profissionalizantes e acrescenta monografia, o que indica uma ênfase na pesquisa, que deve ser realizada nas áreas de Marketing Hotel/Restaurante, Agências de Viagens, Organização de Eventos, Planejamento Público de Turismo ou Animação Turística.

A disciplina Projeto Experimental é interdisciplinar, em que atuavam cinco professores, com um grupo de alunos. No entanto, essa proposta só foi viável por dois semestres, depois não foi mais possível pela falta de cultura do grupo e da universidade em trabalhar de uma forma interdisciplinar.

Essa reestruturação curricular foi muito lembrada e todos destacam esse como um momento importante do curso, talvez o período mais “fértil” em termos de consolidação, qualificação do corpo docente, entrosamento e comprometimento dos professores, do turismo enquanto ciência. Foi um processo em que o currículo foi construído com base no grupo de professores, em que se discutia porque que as disciplinas eram ensinadas, com que objetivo. Cada professor teve que fazer um exercício para justificar a importância de sua disciplina a partir de uma concepção de turismo que foi construída. Estabeleceu-se um marco referencial e filosófico, e, a partir dele, foram sendo delineadas as disciplinas e não ao contrário, como havia sido feito anteriormente. Mesmo que o grupo seguisse o documento oficial do MEC, as resoluções de 1971, que determinavam o mínimo que deveria ser trabalhado em cada curso, houve liberdade.

Lembrando que a formação desse turismólogo, o seu diploma, era em planejamento, então essa sempre foi uma diferença na formação da PUCRS, que teve uma ênfase muito grande no processo de planejamento, criação e organização de turismo, e não na área de negócio, não era a ênfase da PUCRS, e mesmo com essa reforma curricular nós entendíamos que essa visão mais sistêmica, ela devia permanecer e não ser abandonada, e ser até aprofundada, ampliada com a criação de projetos experimentais

foi um exercício bem interessante que mostrou como o turismo tinha que se desenvolver interdisciplinar, então esse processo foi um processo extremamente rico, porque formou um grupo, com uma concepção clara do que estava atuando, então os alunos tinham um grupo de professores que tinham uma linha comum de concepção do turismo, do fenômeno, e ao mesmo tempo nos projetou como um currículo estruturado a partir de uma fundamentação filosófica e uma concepção de

conhecimento sobre turismo, que era muito incipiente ainda (Marutschka Martini Moesch, 11/09/2008).

Durante esse processo, o cronograma de trabalho era bastante intenso. Passavam finais de semana inteiros discutindo sobre Turismo e trouxeram profissionais de outras áreas para auxiliar nas discussões. Conforme as narrativas, esse foi uma época decisiva para o curso, e aqueles que participaram se recordam dos seminários realizados e do trabalho conjunto. É percebido como o momento em que o curso se consolidou, e que deveria ter dado “o grande salto”, também na sua pós-graduação, no entanto, e com muito pesar os narradores recordam que isso não aconteceu e se ressentem.

Conforme Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008), até aquele momento, o curso era mais prático, embora os docentes realizassem algumas discussões mais teóricas,

a Norma sempre tinha essa preocupação de saber, primeiro de acolher o grupo para sentir o que estamos fazendo, fazíamos várias reuniões, era muito interessante, a gente fazia muito mais do que hoje, fazíamos muitas reuniões sempre levantando questões teóricas, que nós não sabíamos muito bem o que é, na verdade. [...] o curso tinha duas turismólogas, que era a Norma e a Diney, que eram formadas, o resto, todos nós tínhamos experiência em Turismo [...].

Assim, houve uma construção coletiva da concepção filosófica do curso, o que gerou um envolvimento e comprometimento do corpo docente, pois até então o que havia eram professores oriundos de diferentes formações acadêmicas, muito competentes nas suas práticas profissionais, mas sem formação didático-pedagógica. Não conseguiam relacionar os seus conteúdos com outras disciplinas e com pouco conhecimento sistematizado, teórico sobre o campo turístico.

É nesse momento também que se inicia a qualificação do corpo docente. Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008), diz: *eu me lembro que o meu mestrado ele já foi uma provocação nos outros, então eu conclui o mestrado em 1992, e aí todo mundo começou a fazer mestrado, isso mexeu bastante com o curso, produção teórica e tudo mais.* Muitos professores, mesmo tendo formação em outras áreas, começaram a se qualificar em turismo.

Assim como Antonio Carlos Castrogiovanni, a professora Marutschka Moesch (06/05/2009) também optou por se qualificar na área do turismo, porque se identificou e entendia que aquele era um espaço de construção do novo, extremamente desafiador, principalmente na área da pesquisa do turismo. Lembra que também foi um momento

em que a PUCRS teve que atender ao critério do MEC quanto ao número de mestres e doutores, então houve incentivo real que possibilitou essa qualificação. No entanto, alguns professores optaram por não se qualificarem e hoje não estão mais no corpo docente.

Também o professor Leandro Lemos, da Economia, foi fazer o seu doutorado em Economia do Turismo. Enquanto pesquisador, Leandro de Lemos começou a perceber as dimensões do turismo, *não pense que eu não passei lá pelas minhas reflexões, bem será que eu estou no caminho certo, será que o Turismo é ciência, será que o Turismo não é algo pueril, eu passei também pelas minhas crises de pensamento, eu comecei a perceber que sim, que Turismo é uma ciência, porque ele é um fenômeno totalmente atípico, [...]* (Leandro Antonio de Lemos, 24/11/2008).

Assim, a reestruturação curricular efetivou-se e desencadeou um processo de qualificação de alguns professores incentivados também por uma política do MEC, encampada pela Instituição. Importante dizer que também foi o momento em que vários professores, não necessariamente do curso, mas da FAMECOS, começam a fazer pós-graduação, mestrado e doutorado, a cultura da faculdade começa a mudar, porque os cursos da FAMECOS em geral eram muito operacionais, era uma faculdade voltada para o mercado, para a prática.

Norma Martini Moesch (12/03/2009) confessa que efetivamente,

cria-se uma atmosfera que eles, os meus colegas, dizem que foi única, em qualquer tempo de trabalho que eles compartilharam, era um caso de amor eu acho com o curso de turismo, não havia ninguém que se negasse a essas participações, não havia ninguém que deixasse de priorizar os encontros de sábado especialmente, [...] eu acho que esse foi o momento auge do curso de turismo, que é o marco, a lembrança, que todos os professores compartilharam dessa fase, dessa década.

Nas narrativas, fica explícito que, naquele momento, houve um trabalho interdisciplinar no curso; aquele era um espaço fértil para se trabalhar o turismo. O grupo de professores, cada um dando a sua contribuição e participando das discussões teóricas, tornou-se um grupo de pesquisadores, mudando o perfil docente. Não era mais aquele que estava no mercado, era aquele que também discutia teoricamente o turismo, que procurava a qualificação acadêmica.

Nas narrativas de ex-alunos, podemos perceber a mudança no enfoque do curso. Giana Pereira Borges (22/01/2009), por exemplo, que se formou em 1996, mas foi da última turma do currículo antigo, confirma que *nos preparavam muito para agenciamento*. Já a ex-aluna Ivone dos Passos Maio (16/12/2008) que ingressou em

1999, no novo currículo, narra que a PUCRS sempre teve ênfase em planejamento turístico, *nós tínhamos um currículo bem amplo, então nós tínhamos desde hospedagem, eventos, agência, transportes, nós tínhamos todas as áreas, mas a ênfase do curso sempre foi planejamento, [...]*.

Assim, o currículo deixou de ser entendido como aquela listagem de disciplinas e passou a ter uma concepção apoiada na interdisciplinaridade, na pesquisa e na epistemologia. É no relacionamento do conteúdo das disciplinas com o contexto social que está o significado e a utilidade do currículo.

O currículo antigo do curso era fragmentado; as disciplinas mantinham-se independentes, havendo pouca ou nenhuma comunicação entre elas; fruto da visão tradicional. Uma abordagem positivista aplicada à educação, que desloca os conteúdos de um contexto social maior para as questões instrumentais e técnicas. A nova proposta rompia com a formação positivista e propunha colocar o aluno numa posição de produtor de conhecimento, questionador, um cidadão mais crítico e participativo. Contudo, o currículo de 1994 não negava a formação técnica do bacharel em turismo, em favor de um humanismo que prescindia desse aspecto, mas demonstrava que ambos são importantes e devem ser desenvolvidos, buscando um currículo aberto, que propiciasse a reflexão e a participação dos sujeitos envolvidos nesse processo.

A partir dessa reestruturação curricular, o curso passou a ganhar destaque na região, tendo uma crescente e considerável demanda, fazendo com que até mesmo alunos da rede privada de municípios vizinhos procurassem a instituição. Para a professora Marutschka Moesch (11/09/2008), esse período foi o de maior crescimento do curso. Também em relação ao número de alunos, as turmas eram de 65, 70 e a procura no vestibular de 1994, 1995, foi de 7 alunos por vaga; era o terceiro curso mais disputado da PUCRS.

Os alunos na década de 1990 eram, na sua maioria, jovens e do sexo feminino. Conforme Sabrina Dias (22/01/2009), a PUCRS, nessa época, representava a elite. Seus colegas – a maioria tinha 18 anos –, tinham o seu carro e não trabalhavam, *não vou dizer patricinha e mauricinho, porque a gente não usava esses termos, mas todo mundo ali era bem...* Acha, no entanto, que hoje mudou esse perfil. A ex-aluna formou-se em 1996, na última turma do currículo de 3 anos. Conta que o Turismo era um curso mais liberal; os professores podiam fumar dentro da sala de aula; alguns permitiam que os alunos fumassem também. Era um curso descontraído, uma convivência muito boa, e essa integração sempre foi o que lhe chamava a atenção na área do Turismo. Destaca a atuação dos seus professores no meio político, porque os docentes da PUCRS atuavam

em Secretarias, em órgãos municipais, e diz que percebia isso como um benefício para a formação, porque muitas vezes estava tendo aulas com aquele que era seu chefe. Segundo ela, a formação que teve durante o curso foi completamente comercial, o turismo era visto como atividade econômica. O forte do curso eram as agências, *tanto é que eu fui descobrir o outro mundo do Turismo após essa experiência acadêmica, que existia educação, acho que o forte mesmo naquela época era agência de viagens, de vender pacotes, roteiros [...]*.

Para a ex- aluna Ivone dos Passos Maio (16/12/2008), que ingressou em 1999, o aluno do Turismo era um aluno mais *relax*, mais descompromissado. Salienta que a estrutura curricular possibilitava uma formação mais ampla, e que as disciplinas tais como Filosofia, Sociologia, possibilitavam uma inserção na comunidade.

O Turismo era um curso considerado *fácil* pelos ex-alunos, pois, nos relatos, aparecem expressões como: *o que menos se fazia era estudar*. Para ex-aluna Ivone dos Passos Maio (16/12/2008), uma das principais limitações do curso *é que os alunos não eram alunos de estudar muito e eu falo por mim mesma, porque os primeiros três anos de curso, era assim, a aula eu freqüentava, mas eu digo aquela coisa de estudar, o curso não exigia isso da gente, hoje sendo professora eu acho isso muito ruim [...]*. Não há relatos de dificuldades de aprendizagem ou de disciplinas muito difíceis ou de noites estudando.

Era bastante frequente a concepção da necessidade do aluno se inserir no mercado antes de se formar, *então a gente entrava na faculdade e em seguida procurava emprego em agência, hotel, então todo mundo trabalhava, e era curso noturno, [...]* (Ivone dos Passos Maio, 16/12/2008).

Leandro Antonio de Lemos (24/11/2008), falando sobre suas aulas no curso de Turismo, diz que sua experiência foi bastante diferente daquela vivida no Curso de Economia. O padrão de aula era muito mais socrático, era um método muito mais participativo do que o método tradicional expositivo,

eu quebrei a cara no início, tive que aprender a dar aula, acho que eu me formei como professor no Turismo, o Turismo foi um grande ensinamento para mim como professor, e essa questão da participação te aproxima mais do ser humano que está ali, o aluno e o professor, na aula tradicional expositiva, eu acho que tu tens um afastamento, onde tem agentes quase antagônicos as vezes, um que vai formar e outro que tem que ser formado, aprovado, há uma certa disputa por nota, então ali havia um aprendizado, mas para mim compreender isso, no início eu achava meio anárquico, o pessoal era muito inquieto, aí comecei e reconceituar que eles não eram inquietos, eu que era chato, porque eles eram criativos, eles eram intensos e eu não

tinha o que oferecer para eles, então eu tive que adaptar muito meu padrão de aula, para essa inquietude, esse vetor criativo, participativo dos alunos, aprendi muito com isso [...].

Os ex-alunos recordam das feiras que realizavam nas disciplinas, *desde o segundo semestre nós já tínhamos uma disciplina, que era o Castrogiovanni que dava, nós montávamos estandes, cada grupo era de um estado brasileiro, e aí nós tínhamos que fazer comida típica [...], e depois, nos projetos experimentais também, era uma feira [...]* (Ivone dos Passos Maio, 16/12/2008). Os alunos participavam de vários eventos, promovidos pelo próprio curso (palestras, relatos de experiências), pela Secretaria de Turismo do Estado ou pelo Escritório de Turismo de Porto Alegre. Recorda da vinda de Krippendorf¹³⁷ à PUCRS, quando o curso tinha uma ligação com Escritório de Turismo de Porto Alegre.

Outra forma de trabalho, bastante comum, eram os inventários turísticos. Ivone dos Passos Maio (16/12/2008) lembra que *a própria rota Romântica, procurou a PUCRS para fazer [...] muitos projetos dos alunos da PUCRS saíram do papel, muitos mesmo, as vezes pequenas coisas, a propriedade rural de não sei quem e as vezes coisas de município, Triunfo mesmo começou com trabalhos dos alunos, a Ilha da Pintada começou com trabalho dos alunos, depois passou para a prefeitura, então o curso tinha essa relação bem de prática, principalmente de planejamento ligado à atividade turística [...].*

Sabrina Dias (22/01/2009) também recorda dos inventários realizados durante o seu período de aluna do curso, *eu me lembro de Picada Café, Antonio Prado, e era nossa, o máximo!, saída de campo era um momento de bastante aprendizado.* Isso sempre foi tradição da PUCRS, levar os alunos para campo para fazer a parte da inventariação.

Os ex-alunos da década de 1990 dizem que, durante o curso, tinham muitas disciplinas, uma carga horária “pesada”; a turma passava muito tempo junto e convivia

¹³⁷Jost Krippendorf, foi Doutor em Ciências Econômicas pela Universidade de Berna. Durante as décadas de 1970 e 1980, lecionou Teoria Política do Lazer e do Turismo e foi diretor do Instituto de Investigação sobre lazer e turismo da Universidade de Berna, Suíça, organização reconhecida mundialmente como um dos Institutos Científicos de Turismo de maior renome. No mesmo período, também foi diretor da Federação Suíça de Turismo.

A partir de 1988 até 1991, lecionou Ecologia Humana, também na Universidade de Berna, e, desde 1992, trabalhou como assessor independente em matérias de ecologia, lazer e turismo, atuando em várias organizações internacionais, tais como UNESCO, OCDE, Conselho da Europa, e diferentes Governos e Instituições. Autor de diversos artigos e livros sobre os aspectos econômicos, sociais e ambientais do lazer e do turismo, assim como a Ecologia Humana. No Brasil, sua obra mais conhecida é “Sociologia do Turismo”.

bastante; realizava diversos projetos e trabalhos fora de sala de aula. Mauricio Schaidhauer (23/01/2009) construiu grandes amizades durante o curso,

lembro, a gente ficava ali no redondo, ali na frente da FAMECOS, todo mundo se achava, então se construiu uma relação entre todos, a melhor lembrança era dos amigos, claro, depois dos grupos de estudo que a gente fez, e trabalhos que a gente fazia, porque a gente fazia trabalhos bem legais, que além de aprender bastante tu te divertias demais, foi uma passagem bem boa de uma época vivida, bem boa mesmo, muitas coisas aconteceram sabe, acho que foi muito bom.

Os ex-alunos não se recordam de terem realizado atividades de pesquisa. Conforme Ivone dos Passos Maio (16/12/2008) não havia um incentivo à pesquisa e à continuidade dos estudos em pós-graduação, *se bem que essa história do Leandro Lemos ter feito doutorado era uma coisa assim ó, foi uma coisa bastante comentada pelos alunos, bastante valorizada, assim na época, me lembro que os professores falavam, vocês tem um professor doutor pela USP [...].*

Na segunda metade da década 1990, havia uma expectativa de que o turismo fosse a atividade do futuro. Em uma reportagem sobre o curso de Turismo na Revista Experiência (1997, p.06) era possível perceber esse discurso, “sabe-se que a profissão turística é uma das mais promissoras para o próximo milênio, e é este um dos motivos da grande procura pelos cursos universitários ligados à área”. Esse era o imaginário desde a década de 1970, bastante reforçado pela mídia. A Revista Veja (04/11/1998) divulgou que o turismo era o curso mais disputado pelos vestibulandos da USP. Muitos meios de comunicação apontavam o turismo como uma das profissões mais promissoras.

Quanto aos docentes, muitos relatam que realizavam suas pesquisas “por fora”, e explicam que isso era uma prática no curso de Turismo, porque eram horistas e não dispunham de carga horária para a atividade de pesquisa. Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008), como também era professor da UFRGS, realizava suas pesquisas nessa instituição. Nos relatos aparece a necessidade de o curso ter investido em pesquisa. Os docentes se ressentiam de não terem carga horária para pesquisar, o que inviabilizava o aprofundamento da área, e, conseqüentemente, a pós-graduação.

Se a pesquisa não era uma atividade prioritária, a extensão aparece como um ponto forte. As saídas de campo eram consideradas momentos de grande aprendizagem, como, por exemplo os inventários turísticos em muitos municípios. Foram comuns as narrativas que ressaltaram a posição de destaque que assumiam ao chegarem nas comunidades. Os ex-alunos, mesmo alguns sendo muito jovens, se orgulham de terem

sido respeitados, demandados para aconselhamentos, e atribuem a capacidade de enfrentamento a situações adversas, ao preparo pedagógico proporcionado pelas saídas de campo.

Durante a gestão da professora Norma Moesch, foi realizada a inventariação turística em todo o interior do estado, em consonância com a Secretaria de Turismo do Estado. Desenvolveram projetos conjugados com a prefeitura de Porto Alegre, com a Secretaria do Meio Ambiente, com a Secretaria da Cultura, *com o objetivo de tirar o curso de turismo de dentro dos portais da PUCRS e buscar a sua relação com a comunidade externa* (Norma Martini Moesch, 12/03/2009). O curso tornou-se parceiro da Associação Brasileira de Agências de Viagens – ABAV, que ministrava treinamento dos sistemas AMADEUS¹³⁸ ¹³⁹, outra inovação em termos tecnológicos; da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis – ABIH onde também havia treinamento para os alunos que quisessem se voltar para a hotelaria.

Para Marutschka Martini Moesch (11/09/2008), a professora Norma, pela experiência que possuía por ter sido uma das primeiras turismólogas a coordenar um curso de Turismo na época, o que foi uma inovação, manteve essa linha de relação com o mercado, tornando-o muito próximo. Na reforma curricular, realizada no início de 1990, realizaram entrevistas com os dirigentes das diferentes entidades. A PUCRS mantinha convênio com a ABIH, a ABAV, com a Secretaria de Turismo; havia estagiários em todos os setores e uma parceria com a VARIG. Outra marca do curso foi que, entre a década de 1980 e o início de 1990, os municípios tinham poder aquisitivo e bancavam muitos projetos, então os inventários turísticos eram uma prática que se fazia como exercício didático, em qualquer disciplina, porque as prefeituras financiavam o transporte, alimentação e, às vezes, até hospedagem dos alunos, o que facilitava o trabalho.

Outro aspecto que vinha se alterando é que os alunos tinham condições econômicas de pagar o seu curso; muitos não precisavam trabalhar e realizavam estágios não remunerados nas regiões. Esse quadro se modificou muito a partir da década de 1990. O poder aquisitivo dos alunos que hoje ingressam na universidade é bem menor, precisam estagiar e trabalhar, e isso limita a atuação nos municípios. Também há uma regionalização entre as instituições que ofertam cursos de Turismo;

¹³⁸ O sistema Amadeus disponibiliza informações em tempo real sobre voos e tarifas, além de reserva e emissão de passagens aéreas.

¹³⁹ Em 1997, no dia 29 de abril, às 11 horas, nas dependências do Prédio 40, a PUCRS celebrou convênio com a Associação Brasileira de Agência de Viagem – ABAV – RS, visando à efetivação de Treinamento AMADEUS aos alunos do curso. O objetivo do referido convênio foi possibilitar estágio prático.

cada região tem a sua atuação como extensão, e a PUCRS fica muito restrita a Porto Alegre e a alguns municípios da grande Porto Alegre.

Ao completar 25 anos do Curso de Turismo, a coordenadora, professora Norma Moesch, discursa durante comemoração (ANEXO F). A Revista *Experiência*¹⁴⁰, de 1997, pelos alunos da Faculdade de Comunicação Social da PUCRS, é dedicada ao Turismo (ANEXO G). Destaca que são 25 anos de muita luta para conquistar um lugar ao sol. Sem regulamentação específica, os profissionais que saem deste curso precisam enfrentar a concorrência de amadores ou de pessoas que tiveram a sua formação moldada à força no mercado de trabalho. A falta de regulamentação deixa os profissionais à mercê do mercado, que, na maioria das vezes, oferece remuneração que não valoriza a formação acadêmica.

Com um título bastante sugestivo “Uma utopia transformada em ciência”, Carmem Oliveira e Cristina Teixeira abordam que o desenvolvimento do turismo gaúcho e a história do Curso de Turismo da PUCRS estão intimamente ligados. O esforço oficial, o trabalho acadêmico e a visão empresarial transformaram a utopia de um sonho em realidade. Caminhos convergentes em busca de objetivos comuns desde os anos 1970.

Na reportagem de Ana Cristina Moura, ex-alunos, que atuam na área, dão depoimentos sobre sua trajetória de vida profissional. Elisabet Fleck Diefenthaler, que fez parte da segunda turma do curso, é diretora da Ouro e Prata Turismo; Fernando Corrêa de Araújo Lopes formou-se na primeira turma de Turismo e atualmente é diretor da Aliátur Turismo Ltda; Cláudia Varante Ávila e sua sócia Sheila Gatiboni Barragana, proprietárias da Campo 3 Consultoria em Turismo, Promoções e Eventos Ltda. Conforme Elisabet Fleck Diefenthaler, o mercado de trabalho não valoriza a profissão, “Acho que o profissional de turismo é bem desvalorizado. Paga-se pouco pelo tanto que se trabalha e pela responsabilidade que se tem, ponderou com um olhar reflexivo” (REVISTA EXPERIÊNCIA, 1997, p. 13).

A revista ainda traz uma reportagem sob o título “Uma vida dedicada ao turismo”, em que ex-alunos, colegas e profissionais ligados à atividade turística dão seu depoimento sobre o trabalho desenvolvido pela professora Norma Moesch, não só no aspecto profissional, mas destacam, também, suas características pessoais: o seu esforço em prol da profissão, o seu entusiasmo e sua paixão pelo Turismo, o orgulho de tê-la

¹⁴⁰ Revista *Experiência* trata-se da publicação experimental da disciplina de Produção de Revista da Famescos/PUCRS, pelos alunos dos últimos anos. A experiência é um veículo que publica textos de cunho mais literário.

como colega, a sua concepção de turismo e o seu apoio a todas as iniciativas relacionadas ao Turismo.

Nesse mesmo ano, a professora Norma Moesch encaminhou às instâncias superiores da PUCRS, um “Relatório de Desempenho do Departamento de Turismo”, no qual registra algumas considerações, que, segundo ela, poderiam contribuir para um melhor rendimento futuro dessa unidade acadêmica¹⁴¹. Nesse relatório abordava o Turismo enquanto fenômeno social e a intensificação deste nos últimos 50 anos, e, portanto, da importância de se capacitarem profissionais na área. Destacava que a PUCRS, esteve sozinha no cenário por 20 anos e que, naquele momento, compartilhava o mercado com outras Universidades. Enfatizava que se fazia necessário, para que o corpo docente da PUCRS correspondesse às exigências da realidade descrita, que a instituição disponibilizasse muito mais do que espaço físico, currículo, programas, conteúdos programáticos e ementas – era necessário uma compreensão do fenômeno turístico e suas implicações acadêmicas. Destacava que não bastava contar com o interesse e simpatia dos órgãos superiores da PUCRS, era imperativo que um curso constituído de modo quase “artesanal”, que se sustentava sobre o esforço, a boa-vontade e desprendimento dos professores das disciplinas técnicas, e de uns poucos colaboradores dos institutos, pelo “amor à causa do turismo”, fosse reconhecido e respeitado pela Pró-reitoria de Graduação. Lamentava que jamais, enquanto coordenadora, teve a oportunidade de ter um contato direto com a Pró-reitoria de Graduação.

O professor Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008) lembra que quando Norma Moesch deixou a coordenação,

fez um relatório muito interessante, ela fez questão, eu achei muito válido, ela deixou bem pontuado o que ela fez, e ela é uma grande batalhadora, [...], mas eu acho que essa instituição deve sim, muito a Norma, pela projeção do curso de Turismo, pela manutenção, pela divulgação do curso de Turismo, e pelo empenho que ela tinha sabe, em buscar profissionais, sempre reunir o corpo docente, ela chegava chamava a gente, ela conversava conosco, sobre o que os alunos estavam trazendo para ela, então ela tinha um empenho muito grande, [...].

Norma Moesch deixou a coordenação do curso, mas permaneceu como professora. Ela confessa que estava muito cansada, estava querendo passar adiante, porque dez anos é muito tempo para ficar em uma coordenação; tinha que renovar.

¹⁴¹ Comunicava também, o desejo de se afastar da coordenação do Turismo, a partir de dezembro de 1997, e continuar a exercer suas funções docentes.

E eu também estava querendo sair e completar meus setenta anos, e aos setenta anos eu tinha programado deixar a PUCRS, então já tinha que começar a me preparar porque não foi fácil essa ruptura¹⁴², eu mesmo criava um novo projeto para depois me sentir comprometida e não ter como sair. Enfim, chegou a hora e chegou o momento, mas continuei dando aula por mais três anos, só uma aula na sexta-feira à noite pra não me desvincular de todo. E assim encerrou-se a minha fase aqui no curso de turismo da PUCRS (Norma Martini Moesch, 12/03/2009).

Os narradores lembram que o período de coordenação exercido pela professora Norma Moesch foi muito importante para o curso, pois ela agregava as pessoas, e, embora alguns professores saíssem do curso, por diversos motivos, o grupo se mantinha unido, *porque tinha uma certa linha, não sei se de pensamento, mas de atividade, nós pegávamos muitos trabalhos juntos, a gente trabalhava muito e tudo de graça, fazíamos inventários, fazíamos projetos, na Rota Romântica nós trabalhamos horrores, [...] pela experiência, [...] (Antonio Carlos Castrogiovanni, 03/11/2008). Leandro Antonio de Lemos (24/11/2008)¹⁴³ também reforça essa capacidade de agregar, *o grande mérito da Norma é a grande capacidade que ela tem de agregar, e agregar é fundamental dentro do Turismo, fundamental, porque ela tinha na mão um exército trabalhando de graça para ela e para a universidade, que acabava fazendo o curso de Turismo uma consequência, dessa grande causa que era o Turismo [...].**

Para os narradores, a professora Norma conseguia dar ao curso de Turismo um caráter de que era uma opção de vida das pessoas, e procurava trazer professores que acabavam se apaixonando pelo Turismo. Susana de Araujo Gastal (14/07/2008) cita, como exemplo, quando a Norma Moesch trouxe, na época, o Leandro Lemos, que era professor de Economia na PUCRS,

um cara jovem, começando, e ela seduz o Leandro no Turismo, aí o Leandro vai fazer o Mestrado, vai fazer o doutorado e vai se especializar como autoridade na área de Turismo, e ter um reconhecimento para além da sua área, por ser um professor da Faculdade de Economia que esta no curso, em outros cursos, dando uma disciplina de Economia, a mesma coisa com o Antonio Carlos, o Castro também se apaixona, ele vem de outra área e também entra nessa paixão pelo Turismo, e eu diria que

¹⁴² Assim como a professora Norma, a maioria dos ex-professores entrevistados teve esse mesmo sentimento, dificuldade de se afastar do curso e da PUCRS. Alguns nos contam que seguidamente vão a Universidade caminhar, encontrar amigos, conversar.

¹⁴³ Leandro Antonio de Lemos (24/11/2008) diz que aprendeu muito com os colegas professores, *sobretudo com a Norma que é uma, era coordenadora dos tempos áureos do Turismo aqui, sobretudo porque não era um curso, era uma causa, ela colocava bem isso.*

com a Maru também, então são pessoas que assumem o Turismo como um desafio, um percurso intelectual, um percurso pessoal, para além das suas áreas de base.

Leandro Antonio de Lemos (24/11/2008) reforça o seu encantamento com o tema Turismo e com a maneira como a professora Norma coordenava o curso. Ele diz *o Turismo não era um curso, era uma causa*. O professor prossegue contando que a professora Norma envolvia os professores e alunos em ações, projetos de Turismo no Rio Grande do Sul, trazia para o curso pessoas ligadas ao turismo, sejam empresários, representantes de órgãos oficiais, pesquisadores da área do estado do Rio Grande do Sul e do Brasil e isso criava uma efervescência muito grande quanto a pensar e agir sobre o Turismo, sobre o saber e o fazer Turismo, *e isso foi criando um imã, que cada vez mais atraía pessoas, mais atraía profissionais, mais atraía competências, a tal ponto que um determinado grupo de professores se entusiasmou a fazer doutorado em Turismo, dentre eles eu.*

Marutschka Moesch (06/05/2009) diz que, nesse período, o grupo era muito forte, muito unido, talvez por ter sido um grupo que sempre tivesse que sobreviver a uma certa negligência dentro da FAMECOS, e tinha essa linha da professora Norma de buscar autonomia, então acabou criando um grupo que se alimentava e batalhava; havia muitas vitórias coletivas.

Eu acho que a Norma teve uma liderança, que foi a marca desse curso muito tempo, tanto que se nota que com a saída dela houve uma desagregação, tu nunca ouvia falar de dois grupos, tinha o grupo do turismo. Depois da saída dela tinham dois grupos, o grupo pró-coordenação e o grupo não, o que é muito natural em grupos de trabalho. Por que isso, obviamente é uma marca da liderança e, por ser muito pró-ativa, no momento em que o grupo não tinha mais essa liderança pró-ativa, as diferenças que existiam, óbvio, pessoas diferentes, elas se aguçaram, eu acredito que foi isso que aconteceu.

Para os docentes do curso, a professora Norma era uma batalhadora. Ela conquistou espaço, na FAMECOS, pois o curso sempre trouxe muito dinheiro para a FAMECOS e para a PUCRS. As turmas eram grandes, e as mensalidades, muito caras. No entanto, o curso não tinha nenhum retorno; os alunos pagavam pelas saídas de campo. A luta era constante por salas de aula dentro da unidade, por laboratórios, por saídas de campo, etc. Antonio Carlos Castrogiovanni, (03/11/2008) lembra que havia muita falta de material; era difícil conseguir máquina fotográfica, por exemplo. Era uma

dificuldade, na época, ter um retroprojektor, então conta que os professores decidiram comprar um retroprojektor para o curso. O professor revela que,

uma coisa que era muito interessante quando a Norma era coordenadora, é que ela assumia muito conosco, então nos sentíamos muito respaldados, embora não tivéssemos uma convivência com os demais cursos da FAMECOS, o departamento de Turismo era um sala de convivência, impressionante, os alunos ficavam conosco, nós não íamos para a sala dos professores da FAMECOS, nós íamos lá, assinávamos o ponto e íamos lá para a nossa sala do Turismo, é uma coisa sintomática a espaceologia, nós saíamos dali e íamos para a nossa sala que era muito grande, eram três salas grudadas, a coordenação e duas salas e os alunos ficavam ali, os alunos, era bem interessante, ali era o ponto de encontro, aquele canto ali da FAMECOS, no primeiro andar, [...] (Antonio Carlos Castrogiovanni, 03/11/2008)

A saída da professora Norma da coordenação trouxe muitas implicações, por que

no fundo ela era como se fosse uma mãe para a gente sabe, e eram todos nós, o grupo, entramos através dela, naquela época a PUCRS não tinha seleção, era convite, então, ela conhecia a gente por fora e tal e ela ia trazendo, e por ela conhecer e por existir uma certa afinidade, digamos assim, eu acho que a saída da Norma foi uma coisa assim que o grupo sentiu muito. (Antonio Carlos Castrogiovanni, 03/11/2008)

Para Leandro Antonio de Lemos (24/11/2008), o curso entrou em crise, não sabia o que era, não sabia o que ofertava, se fragmentou demais, *mas eu acho que nós nos perdemos, porque aquela energia que a Norma tinha de congregar, chamar para reuniões, participar do pensar junto, foi se esmorecendo, e o curso, apesar de se fragmentar, que poderia virar uma oportunidade, ele acabou na sua alma, se empobrecendo.*

Para Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008), a unidade do curso de turismo, nos anos de 1980 e 1990, decorria de muita discussão, o que deixou de ocorrer.

Eu diria assim, o grupo até a Norma sair, não mudou, daí depois começa a mudar, antes, com a Norma como coordenadora o grupo tinha um ligação muito forte sabe, ela conseguia, embora às vezes a gente fizesse algumas reuniões, nós tivéssemos, digamos, algumas desavenças, mas ela conseguiu unir sempre o grupo, e nos convencia a fazer as coisas, interessante, e se sentia prazer, isso também é interessante, a gente fazia um monte de viagens naquelas combis, quando eu me lembro daquelas combis pra cima e pra baixo, sábado e domingo, [...], e a gente ia com prazer sabe, porque era um aprendizado, e ela motivava, entusiasmava, depois que a Norma saiu, nós temos alguns momentos digamos

de dificuldades, de perdas, houve muitas mudanças (Antonio Carlos Castrogiovanni, 03/11/2008).

Mesmo assim, a consolidação do Curso de Turismo da PUCRS se deu a partir de seu reconhecimento em 1976. Nesse período, existia um certo *glamour*, um certo deslumbre com a área de Turismo. No decorrer da pesquisa, foram muitos os momentos das entrevistas em que percebemos o significado e a força desses relatos, expressos nas falas das pessoas, nas lembranças exaltadoras do passado vivido. No entanto, esse discurso não era condizente com a realidade profissional encontrada pelos ex-alunos nas décadas de 1970 e 1980, como podemos observar: *Ninguém sabia o que era o profissional de Turismo [...]*.

Nos anos 1970 e 1980, o marco conceitual do ensino incluía a integração de aspectos (práticos e econômicos) sociais e psicológicos para formação do bacharel, além do enfoque de administração (planejamento). No final dos anos 1980 e início de 1990, iniciava-se um processo de discussão sobre o curso de Turismo e de questões referentes à área que culminaram em uma mudança de foco dessa aprendizagem, do nível pragmático para o acadêmico. Colocaram o turismo num contexto mais amplo de identificar preocupações maiores antes de definir a educação do turismo e o seu currículo; examinaram questões pedagógicas do curso; focalizaram os problemas críticos na educação do turismo; conceituaram o turismo em termos mais gerais; vislumbraram o ensino em turismo como um campo interdisciplinar de estudos.

Entretanto, no final da década de 1990, algumas mudanças começavam a acontecer, e o Curso passou, novamente, por alterações, as quais serão abordadas no próximo capítulo.

CAPÍTULO 6 O CURSO NA ATUALIDADE (do final da década de 1990 a 2010)

O objetivo deste capítulo é compreender a situação do Curso de Turismo da PUCRS e as principais dificuldades enfrentadas desde o final da década de 1990 até o seu processo de extinção, em 2010. Também procuramos relacionar os períodos vivenciados, no intuito de ampliar as reflexões e o diálogo acerca dos desafios político-pedagógicos do curso de Turismo da PUCRS e os do Brasil.

6.1 O Constante Processo de Mudanças do Curso

Em 1997, o professor Jerônimo Braga assumiu a direção da FAMECOS e logo iniciou-se a elaboração de um novo projeto pedagógico para a faculdade, o qual, posteriormente, serviria de base para que todos os cursos da unidade atualizassem seus projetos pedagógicos, em função da nova LDB de 1996. Quando mudou a direção da FAMECOS, também mudou a coordenação do curso de Turismo. Com a saída da professora Norma Moesch, em 1998 assumiu o professor Paulo Nardi, e, logo em seguida, um ano depois, a professora Berenice Mércio Pereira.

O projeto pedagógico da FAMECOS previa que os currículos deveriam ser realistas e flexíveis, aliando a teoria à prática, buscando o crescimento erudito e o aprofundamento de cada curso, encantando pela possibilidade da prática profissional e, por ela, levar ao interesse na busca do aprofundamento teórico. O Projeto procurou estabelecer um diferencial que caracterizasse seus cursos, tendo, por base, as seguintes premissas: o conhecimento teórico deve estar permeado entre as diversas disciplinas práticas; o conhecimento geral deve ser estabelecido ao longo do curso, fazendo desaparecer o muro que separa esse conhecimento do profissionalizante; perfeito entrosamento entre a graduação e a pós-graduação; oferecer o máximo de conhecimento prático através de laboratórios (PROJETO PEDAGÓGICO DA FAMECOS, s/d).

A mudança do reitor¹⁴⁴, da direção da FAMECOS e da coordenação do Curso também provocaram transformações no perfil do Turismo. Para os narradores, essas mudanças decorreram do fato de haver consenso de que o curso deveria ter um maior número de bacharéis de Turismo no seu corpo docente. Essa foi uma decisão superior imposta; não foi discutida com os docentes do curso. Alguns professores foram deslocados, perderam carga horária, o que acabou gerando problemas. O professor Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008) explica que *nós éramos um grupo que já*

¹⁴⁴ O Reitor era o Irmão Norberto Francisco Rauch (1979 a 2004) e, em dezembro de 2004, passou a ocupar o cargo o Irmão Joaquim Clotet.

estávamos a um certo tempo na instituição, isso vem te fortalecendo, então vem professores novos, e cria certos descontentamentos, algumas disputas, enfim, aí começa uma outra coisa .

O estudo do currículo do Curso de Turismo durou de três a quatro anos, sendo aprovado pela Câmara de Graduação em 29 de maio de 2003¹⁴⁵. Mas, em 2004, esse currículo sofreu novamente uma revisão, em cumprimento às regras internas da Universidade. Sua duração passou de quatro para três anos e meio, com uma redução para 7 semestres, com 60 vagas e conseqüente diminuição da carga horária. A revisão curricular teve como objetivos: oferecer uma proposta pedagógica atualizada, de acordo com a agilidade que o mercado profissional estava exigindo e dinamizar a estrutura curricular, atualizando as disciplinas a serem ofertadas, dirigindo-as para o estudo do Turismo, melhorando a qualidade do que até então vinha sendo ofertado. Para o então diretor, *essa revisão do projeto pedagógico do curso de Turismo fez com que nós enxugássemos o curso em tempo, numa determinada carga horária, e toda uma atualização do projeto pedagógico, uma vez que era o projeto que o Curso mantinha era um projeto de muito tempo* (Jerônimo Carlos Santos Braga, 11/11/2008).

A justificativa do projeto destacava que necessária se fazia a implantação de uma nova proposta pedagógica, que viesse a contemplar as exigências que se apresentavam frente às transformações vivenciadas. Apresentava o cenário no qual o curso estava inserido e destacava que, no panorama da época, o Turismo era atividade econômica que mais crescia no mundo. No mercado profissional em expansão, além dos segmentos tradicionais como hospedagem, transporte, agenciamento, alimentação, lazer, eventos, hospitalidade, órgãos oficiais e consultoria, despontavam oportunidades, não só na segmentação representada pelo Turismo ecológico, social, étnico, infanto-juvenil, terceira idade, entre outros, como na possibilidade de atuar na área de magistério, em publicações, em pesquisa, em centros de informação e documentação, em montagem de banco de dados e de sites específicos e de outros ramos do conhecimento humano, o que testemunhava a multiplicidade de aspectos que a atividade englobava e o desafio que tal realidade representava para a Universidade (PROJETO DE REVISÃO CURRICULAR, 2004). Ainda enfatizava que a atualização também se fazia necessária pelo mercado competitivo enfrentado no solo gaúcho e que era representado por instituições congêneres.

¹⁴⁵ A comissão organizadora desse projeto era constituída pelos professores Jerônimo Carlos Santos Braga, Berenice Curtis Mércio Pereira e Diney Adriana Nogueira de Oliveira.

Nesse período começava a redução do número de alunos e uma preocupação com a concorrência e a adequação do curso ao mercado. A redução do curso para 3 anos e meio, evidenciava a preocupação de reduzir o tempo de permanência do aluno na Universidade, minimizando os custos para os discentes.

Semestre	Disciplinas
I Semestre	Comunicação e Turismo Geografia das Paisagens Turísticas História da Arte e o Turismo Português: Redação e Expressão Oral Teorias do Turismo
II Semestre	Estatística Aplicada ao Turismo Ética Geral Fotografia e Imagem no Turismo Legislação Turística Língua Estrangeira I Relações Interpessoais no Turismo
III Semestre	Agências de Viagens e Turismo Economia do Turismo Língua Estrangeira II Planejamento dos Espaços Turísticos Sociologia do Turismo e Lazer Turismo e Meio Ambiente
IV Semestre	Contabilidade Gerencial no Turismo Língua Estrangeira III Linguagens Tecnológicas no Turismo Marketing de Serviços Turísticos Pesquisa em Turismo Transportes Turísticos
V Semestre	Empreendedorismo e Negócios Turísticos Gestão das Organizações Turísticas Meios de Hospedagem e o Turismo Organização de Eventos I Serviços de Alimentação e o Turismo Estágio Supervisionado I – 195 h Disciplina Eletiva I
VI Semestre	Elaboração e Análise de Projetos Turísticos Organização de Eventos II Planejamento e Organização do Turismo TCC I Turismo e Cultura Estágio Supervisionado II – 195h Disciplina Eletiva II
VII Semestre	Cultura Religiosa Projeto Experimental I Projeto Experimental II TCC II Turismo Contemporâneo
I a VII Semestre	Atividades Complementares – 120 horas
Carga Horária Total de disciplinas 2175 horas	
Atividades Complementares 120 horas	
Estágio 300 horas	
Carga Horária Total do Curso 2595 horas	

Quadro 12 – Currículo do Curso, 2004

Fonte: Projeto de Revisão Curricular (2004)

Analisando o processo de reestruturação curricular de 2003/2004, observamos que as modificações propostas trataram, basicamente, da reorganização das disciplinas com redução do número de créditos, como possibilidade de otimização do tempo, com remodelação da metodologia de ensino e manutenção da qualidade do processo ensino-aprendizagem, garantindo o conteúdo básico e possibilitando ao aluno concluir seu

curso em menos tempo. Contudo, houve uma redução do número de disciplinas na área das Ciências Humanas, com diminuição da carga horária de disciplinas de Filosofia, de História e de Geografia.

Para o professor Jerônimo Carlos Santos Braga (11/11/2008), essa alteração curricular se fez necessária para proporcionar ao bacharel

um perfil mais atual e mais atuante, um conhecimento mais profundo do Turismo nacional e internacional [...], e dar a esse profissional a capacidade de intervir no mercado do Turismo, como uma pessoa capaz de pensar, ter uma visão holística do todo, [...], ter esta formação geral, que o profissional é capaz de planejar, e muito especialmente de intervir no processo, de confiar que ele é capaz de planejar em alto nível, de pensar estrategicamente [...].

Percebemos que houve mudança na concepção filosófica do Curso. A ênfase dessa nova proposta era na prática profissional, mais voltada para o mercado, para negócios. Essa mudança aparecia no projeto de reestruturação que buscava *uma formação diferenciada e qualificada pautada no eixo planejamento e gestão, perpassando pelo empreendedorismo.* (PROJETO DE REFORMULAÇÃO CURRICULAR, 2003)

Falando sobre a relação do Curso de Turismo com o mercado, Cleusa Scroferneker (11/06/2008) diz que isso é uma tendência dos cursos da Comunicação,

essa preocupação de estar atrelado, de não estar descolado, isso vale tanto para o Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas, [...], sempre tiveram com essa preocupação, até porque o curso de certa forma era uma marca do diretor, do Gonzáles, ele não admitia, e acho que ele estava correto, que a universidade ficasse distante do mercado, precisava dessa interlocução, eu concordo com isso, mas eu penso que a universidade, ela tem que ter muito cuidado em não ficar refém do mercado, por ser universidade tem que estar na vanguarda, ela tem essa possibilidade de estar fornecendo novos conhecimentos, então esse cuidado tem que ter. Eu acho que precisa realmente atender o mercado, mas não ficar refém, isso as vezes acontece, monta um curso em função do que o mercado exige, e o mercado idolatra, daqui a três anos não é mais isso, [...].

Segundo os narradores, esse foi um momento de muitas discussões pouco produtivas e de desgaste das relações entre os docentes. Nesse período houve um reagrupamento do corpo docente em dois grupos; não era mais o grupo do turismo; criaram-se grupos no Turismo. Houve uma diversificação do corpo docente, um maior número de professores da Administração, um número maior de professores do mercado,

sem mestrado, e, para alguns, isso desqualificou o curso, não garantindo aquilo que vinha sendo pensado.

Muitos veem esse período como um retrocesso. Para Marutschka Martini Moesch (11/09/2008), na reforma curricular de 2003/2004, *vira-se o curso, que era um curso de fundamentação de planejamento, de uma posição mais crítica, de disciplinas de fundamentação sobre uma visão de território, sobre uma visão das relações da cultura; para um curso de negócios, e no meu entendimento há um retrocesso [...]*.

Leandro de Lemos (24/11/2008) sente que no início dos anos 2000 houve uma ruptura, o que provocou muitas perdas em uma trajetória de sucesso. Diz que não sabe explicar exatamente o que ocorreu. Justifica que estava vinculado à FACE, *e alguma coisa nos bastidores aconteceu, não me comunicaram esses capítulos, mas de alguma forma me senti excluído do processo...* Para ele, institucionalmente, houve uma opção por não dar continuidade ao Turismo, ao crescimento da pesquisa no Turismo, do vetor que o Turismo tinha naquela época, *porque de certa forma nós nos antecipamos no tempo, porque se tivéssemos mantido aquele ritmo [...]*.

Na realidade, depois da saída da professora Norma Moesch há um certo silêncio nas narrativas. Convém analisar o significado desse silêncio, pois é tão importante quanto analisar os discursos. As lembranças que se ocultam, quase sempre, detêm a chave do entendimento da memória de uma pessoa¹⁴⁶.

O que aconteceu foi revelado pelas narrativas – uma ruptura, um *desmoronamento* de toda uma construção que estava sendo realizada coletivamente, tanto do conhecimento em turismo, quanto das relações entre o corpo docente.

Diferentemente de muitos narradores, a professora Diney Adriana de Oliveira (08/10/2008) considera que esse período foi um momento importante do curso.

Eu acho que nós tivemos uma fase áurea no curso, uma fase máxima que foi durante a gestão da Berenice. A Berenice, sempre foi uma pessoa muito informada, formação Jornalista [...] acho que foi de 1995 a 2005, ela deve ter ficado uns dez anos, e a Bere vinha de um berço essencialmente turístico, ela trabalhou na EPATUR muitos anos, eu sempre gostei muito da administração dela, [...]. Teve uma fase, no início para mim

¹⁴⁶ Retomando Pollak (1989), podemos verificar que lembrar também significa esquecer, porque envolve momentos de seleção, ordenamentos e censuras. O ambiente, os sujeitos e os motivos que os levaram a reunir-se no tempo presente vai demandar o que será lembrado, o que poderá ser dito, reiterado ou mesmo silenciado. Mas silenciar não significa esquecer. O autor esclarece que o silêncio sobre si mesmo ou sobre o grupo em questão é um processo distinto do esquecimento. O silêncio pode ser uma condição necessária para a manutenção dos laços afetivos, e esse é o significado do silêncio nesse momento sobre o curso. Silencia-se sobre determinadas lembranças para resistir e preservar aquilo que não deve ser esquecido pelo grupo. São os segredos que dizem respeito ao espaço privado que une e reitera os laços solidários entre os sujeitos.

marcante, o Muza, a seguir uma pessoa marcante a Norma Martini Moesch, que soube fazer um trabalho muito bom durante uns dez anos e depois a Berenice, também marcou muito [...].

Durante a gestão da professora Berenice Pereira (1999-20005) foram realizadas reuniões sistemáticas com todos os coordenadores dos cursos de Turismo do Rio Grande do Sul. Essa iniciativa gerou um espaço importante para a discussão de questões pertinentes ao ensino superior nessa área, *tanto é que em uns dos salões, o Salão de Turismo do Rio Grande do Sul, a gente fez um espaço para apresentação de trabalhos e dividiu o espaço com todos os cursos, isso eu fiz com muito prazer, me dava muito prazer ver o pessoal [...].* (Berenice Mércio Pereira, 13/05/2008)

Nesse período, a Universidade começou a exigir que seus docentes tivessem mestrado e doutorado. Muitos entrevistados falam sobre a política da instituição de qualificação do corpo docente, quando foi lançado o programa, “Mil mestres e doutores até o ano 2000”. A partir disso, a faculdade elaborou o seu projeto de qualificação. O curso de Turismo foi chamado e alertado que os docentes com apenas especialização não poderiam permanecer no quadro; era uma exigência do MEC que os professores tivessem, no mínimo, mestrado.

Foi nesse período, em 1999, que a FAMECOS implantou, no seu Programa de pós-graduação, o doutorado, o que possibilitou aos docentes fazerem suas qualificações na universidade ou em outras instituições. A Unidade já tinha o curso de Mestrado em comunicação Social desde 1994.

Essa política da universidade acabou gerando mudanças no curso. Uma das mais importantes é que o Turismo passou a ser abordado de maneira mais científica. A professora Cleusa Scroferneker (11/06/2008) explica que, quando os professores vão fazer mestrado, doutorado, *não tem como passar imune, voltam com outras idéias, com outras possibilidades, outras leituras, então acabam imprimindo isso nas disciplinas e isso de certa forma, acaba desenvolvendo o curso.* O curso passou a ter uma outra concepção de Turismo, tanto que a produção aumentou.

Na mesma perspectiva, Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008) diz que a qualificação docente em mestrado e doutorado foi muito rápida, *isso mexe muito com o curso, porque começa a haver uma cobrança interna dos professores, os professores começam a se cobrar, suas posturas, [...] alguns colegas começam a ficar um pouco, talvez inibidos, não sei, há uma cobrança, e os alunos vem e cobram, ah! porque você não fez doutorado!, faz o doutorado, porque sabem que vais trazer outras leituras de*

mundo. Alguns docentes do curso que não tinham e não fizeram mestrado, começaram a ser demitidos, *o grupo se desarticulou entraram pessoas novas, ai criaram-se grupos, no grupo. [...] (Antonio Carlos Castrogiovanni, 03/11/2008).*

Paralelamente a essa reordenação interna, há a concorrência externa dos novos cursos de Turismo, principalmente pelo preço. A redução da procura e do número de alunos deixou a instituição preocupada, o que pode ser observado no projeto de reformulação curricular: “A concorrência existe e necessita ser considerada, temos que buscar a excelência, renovando o Curso, sob pena de não acompanharmos a rapidez que caracteriza o setor turístico atual e de perdermos um espaço conquistado numa sólida história de 30 anos”. (PROJETO DE REFORMULAÇÃO CURRICULAR, 2003)

Conforme APÊNDICE C, a procura pelo curso começou a se alterar a partir dos anos 1990. Em 1992, houve uma queda muito grande de inscritos no vestibular, e a redução acentuou-se a partir de 2001, quando o MEC facilitou o registro de novos cursos nas universidades, *não se tem mais todo aquele processo que se tinha antes, e as universidades vêem que é um curso, praticamente barato de montar, que na realidade não exige laboratórios, poucos custos de trabalho de campo [...]. (Antonio Carlos Castrogiovanni, 03/11/2008)*

Para os narradores, as instituições de ensino superior, principalmente as privadas, cientes de que era um curso barato de se constituir em termos de proposta e a legislação facilitava, começam a abrir vários cursos de Turismo no interior do Rio Grande do Sul. De 1992 a 2010, foram criados 35 cursos, sendo 23 bacharelados, 4 deles a distância; 12 tecnólogos, 3 a distância.

INSTITUIÇÃO	MUNICÍPIO	ANO DE INÍCIO	SITUAÇÃO	GRAU
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL - PUCRS	Porto Alegre	1972	Reconhecido	Bacharelado
UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL - ULBRA	Torres	1992	Reconhecido	Bacharelado
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL - UCS	Canela	1994	Reconhecido	Bacharelado
UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - UNISC	Santa Cruz do Sul	1997	Reconhecido	Bacharelado
CENTRO UNIVERSITÁRIO FEEVALE - FEEVALE	Novo Hamburgo	1999	Reconhecido	Bacharelado
CENTRO UNIVERSITÁRIO FRANCISCANO - UNIFRA	Santa Maria	1999	Reconhecido	Bacharelado
UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA - UNICRUZ	Cruz Alta	1999	Reconhecido	Bacharelado
CENTRO UNIVERSITÁRIO METODISTA - IPA	Porto Alegre	2000	Reconhecido	Bacharelado
FACULDADES RIOGRANDENSES - FARGS	Porto Alegre	2000	Reconhecido	Bacharelado
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL - UCS	Bento Gonçalves	2000	Reconhecido	Bacharelado
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL	Pelotas	2000	Reconhecido	Bacharelado
FACULDADES INTEGRADAS DE TAQUARA - FACCAT	Taquara	2001	Autorizado	Bacharelado
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR CENECISTA DE FARROUPILHA - CESF	Farroupilha	2002	Reconhecido	Bacharelado
UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL - ULBRA	Canoas	2003	Autorizado	Tecnológico
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE - UNILASALLE	Canoas	2004	Autorizado	Bacharelado
CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES - UNIVATES	Lajeado	2004	Reconhecido	Bacharelado
UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO - UPF	Casca	2004	Reconhecido	Tecnológico
UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL - ULBRA	Guaíba	2004	Autorizado	Bacharelado
UNIVERSIDADE NORTE DO PARANÁ - UNOPAR	Alegrete, Butiá, Cachoeirinha, Camaquã, Canguçu, Canoas, Carazinho, Caxias do Sul, Crissiumal, Cruz Alta, Erechim, Frederico Westphalen, Gramado, Guaíba, Ibirubá, Ijuí, Lagoa Vermelha, Lajeado, Morro Redondo, Passo Fundo, Pelotas, Rio Grande, Rosário do Sul, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santa Rosa, Santiago, São Lourenço do Sul, São Luiz Gonzaga, Três de Maio, Três Passos, Tupanciretã, Uruguiana e Veranópolis	2004	Reconhecido	Tecnológico - Educação a Distância
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA - UCB	Porto Alegre	2005	Autorizado	Bacharelado - Educação a Distância
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS - UCPEL	Pelotas	2005	Autorizado	Bacharelado
FACULDADE DE GETÚLIO VARGAS - FACULDADE IDEAU	Getúlio Vargas	2006	Autorizado	Bacharelado
FACULDADE DE INTEGRAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR DO CONE SUL - FISUL	Garibaldi	2006	Reconhecido	Tecnológico
UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA - UNISUL	Caxias do Sul, Passo Fundo, Pelotas, Santa Maria e Santo Ângelo	2006	Reconhecido	Bacharelado - Educação a Distância
FACULDADE ANGLO-AMERICANO DE CAXIAS DO SUL - FAACS	Caxias do Sul	2007	Autorizado	Bacharelado
FACULDADE CENECISTA DE BENTO GONÇALVES - FACEBG	Bento Gonçalves	2007	Autorizado	Bacharelado
INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR COC	Porto Alegre	2007	Autorizado	Bacharelado - Educação a Distância
INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR COC	Santa Maria	2007	Autorizado	Bacharelado - Educação a Distância
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA - UCB	Porto Alegre	2007	Autorizado	Tecnológico - Educação a Distância
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS - UCPEL	Pelotas	2007	Autorizado	Tecnológico
FACULDADE DE TECNOLOGIA TECBRASIL - FTECBRASIL	Caxias do Sul	2008	Autorizado	Tecnológico
FACULDADE ANGLO-AMERICANO DE PASSO FUNDO - FAAPF	Passo Fundo	2009	Autorizado	Bacharelado
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM	Silveira Martins	2009	Autorizado	Tecnológico
UNIVERSIDADE ANHANGUERA - UNIDERP	Bagé, Cachoeira do Sul, Caxias do Sul, Erechim, Faxinal do Soturno, Gravataí, Ijuí, Novo Hamburgo, Passo Fundo, Pelotas, Porto Alegre, Rio Grande, Santa Bárbara do Sul, Santa Maria e Santana do Livramento	2010	Autorizado	Tecnológico - Educação a Distância
FACULDADE DE TECNOLOGIA LA SALLE - ESTRELA - FACSALLE	Estrela	Não Disponível	Não foram encontrados dados legais	Tecnológico
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA	Jaguarão	Não Disponível	Não foram encontrados dados legais	Tecnológico
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL - PUCRS	Porto Alegre	Não Disponível	Não foram encontrados dados legais	Tecnológico

Quadro 13 – Cursos de Turismo no Rio Grande do Sul

Fonte: <http://emec.mec.gov.br/> (17/03/2010)

A expansão dos cursos de Bacharelado no RS se deu, portanto, a partir do final dos anos 1990 e 2000. Atualmente, os que estão sendo criados são, na maioria, Tecnológicos, e, muitos, na modalidade de educação a distância.

Atualmente, conforme o INEP, o Rio Grande do Sul possui 30 instituições de Ensino Superior que oferecem cursos de Turismo. Estas instituições, geralmente particulares, estão distribuídas pelo interior do Estado, formando uma rede em expansão¹⁴⁷, de caráter diversificado.

Para Beni, o próprio Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PMNT¹⁴⁸ foi responsável pela criação de muitas faculdades. Com a interiorização e a conscientização do turismo em todo território nacional, todo mundo achou que turismo era um grande negócio, campo de trabalho e atividade profissional, se esquecendo que é um curso complexo que envolve sempre a inter e a transdisciplinaridade (PANOSSO NETTO, 2005).

Grande parte desses cursos tomou por base o currículo da PUCRS, um aspecto lembrado com muito orgulho pelos narradores. Segundo Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008), *pode ser que não se mantenham mais, não sei, mas na época a gente fez até um estudo, acho que foi em 1995, por ai, mas era o modelo PUCRS, que a gente brincava que era o modelinho Chanel PUCRS.* (Antonio Carlos Castrogiovanni, 03/11/2008) O professor explica que talvez isso tenha ocorrido em função de que foram os ex-alunos da PUCRS que criaram esses cursos no interior do estado. Berenice Mércio Pereira (13/05/2008) também destaca que o grande mérito do Curso da PUCRS foi ter servido de base para todos os demais cursos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e que muitos desses cursos são coordenados por ex-alunos da PUCRS.

Em 2001, o Ministério da Educação, através da Portaria N° 1.945, de 29 de agosto de 2001, estabeleceu prazos para a solicitação de reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos superiores. Assim, todos os cursos superiores integrantes do Sistema Federal de Ensino reconhecidos por prazo indeterminado deveriam solicitar, no prazo de 30 (trinta) dias a contar da publicação daquela Portaria, abertura de processo de renovação de reconhecimento, nos termos do Decreto n° 3.860, de 9 de julho de

¹⁴⁷ Em maio de 2004, o Ministro da Educação decretou a suspensão por 180 dias da abertura e reconhecimento de novos cursos, em todas as áreas, como forma de rever critérios de qualidade estabelecidos para a abertura desses cursos face ao crescente número já existente e da necessidade de uma constante avaliação destas IES e da forma como tem ocorrido.

¹⁴⁸ O Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT) foi implantado no Brasil entre os anos de 1994 e 2001. Foi elaborado pela EMBRATUR, tendo a Organização Mundial de Turismo – OMT como consultora, para orientar o planejamento da atividade turística em âmbito municipal.

2001. É importante salientar que o curso de Turismo da PUCRS nunca passou pelo processo de renovação de reconhecimento.

Em 2002, o curso completou 30 anos. Para comemorar, foram realizadas diversas programações, entre elas, homenagens, palestras, divulgação e exposições.

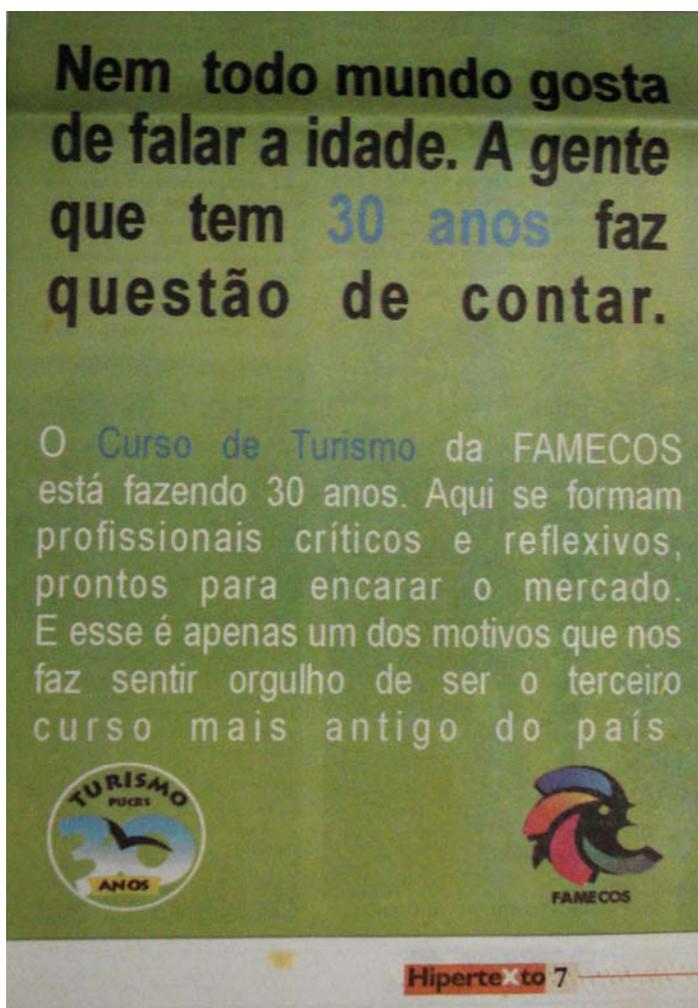


Ilustração 40 – Jornal Hipertexto, 2002, p. 7

Naquele momento, tinha, como proposta, formar profissionais críticos e reflexivos. Prevendo uma nova mudança em seu currículo, passando por várias dificuldades e ciente da necessidade de avançar na produção e difusão do conhecimento na área, o curso encontra-se em um impasse – como aliar a tradição às atuais exigências de mudanças.

Enquanto o Curso de Turismo buscava alternativas para minimizar os problemas pelos quais vinha passando, a FAMECOS iniciou um estudo para a criação de um curso de Hotelaria. Conforme Marutschka Martini Moesch (11/09/2008), o curso de Hotelaria nasceu de uma idéia anterior, a qual estimulava a criação de um hotel albergue para receber professores na Universidade. Dentro do Curso de Turismo, pensavam na possibilidade de oferecer algumas especializações de gestão na área da hotelaria, mas,

por pesquisas sabiam que existia uma demanda momentânea em Porto Alegre por Hotelaria, e que isso não iria se manter.

Contudo, o Curso de Bacharelado em Hotelaria foi criado pelo parecer do Conselho Universitário nº 07/03, na sessão nº 02/03 de 16/10/03 e, posteriormente, reconhecido pela Portaria nº 1030, de 7 de dezembro de 2006, publicada no Diário Oficial da União em 8 de dezembro de 2006. Demorou alguns anos (de 2000 a 2004) para se efetivar e, apesar do alto investimento da instituição, não teve a procura que se imaginava. O primeiro coordenador do Curso de Hotelaria foi o professor Marcelo Azambuja.

Jerônimo Carlos Santos Braga (11/11/2008) conta uma versão um pouco diferente sobre a ideia do Curso de Hotelaria, a qual teria surgido das discussões e nas reuniões departamentais com os professores de Turismo. Explica que Porto Alegre estava sendo, nesse período, a terceira cidade mais procurada para turismo de negócios. Muitos hotéis nascendo e uma grande previsão da necessidade desses estabelecimentos. Então, se fazia necessário um maior conhecimento nessa área. Surgiu daí a necessidade de um curso especializado, o curso de Hotelaria, o qual teve todo o apoio da Universidade, criando, inclusive, um Laboratório de Hotelaria.

Conforme as narrativas, o projeto do Curso de Hotelaria foi feito por professores que tinham formação na área. Basicamente, o professor Marcelo Azambuja montou o curso. Houve um grupo de professores que julgava interessante que esse curso fosse criado, porém muitos outros achavam que foi um equívoco, porque acabou dividindo os alunos.

Como o Curso de Turismo estava lotado na FAMECOS, a Hotelaria acabou ficando na mesma unidade. Teixeira, Fletcher e Westlake (2000) destacam, em seu estudo, as diferenças entre os cursos de turismo e hotelaria:

Eu acredito que hotelaria é uma das partes do turismo, que é o ambiente maior, sendo hotelaria um setor dele. Existem muitos pontos em comum, muita transferência de uma área para outra. Mas a cultura dos dois é bem diferente, pois hotelaria originou-se de ciências aplicadas, tipo economia doméstica e nutrição, enquanto turismo originou-se de ciências como antropologia, geografia, sociologia e economia (T. Barum, Strathclyde University). (TEIXEIRA, FLETCHER E WESTLAKE, 2000, p. 20)

Em 2003, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo¹⁴⁹ foram aprovadas pelo Parecer CNE/CES nº 288/03.

¹⁴⁹ A Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo (ABBTUR) congrega os profissionais em turismo no Brasil e a Associação Brasileira de Dirigentes de Escolas de Turismo e Hotelaria (ABDETH), os responsáveis pelos cursos de turismo. As associações realizam encontros anuais e discutem questões referentes à formação profissional em turismo no Brasil. Em 1996, ocorreu o Encontro Nacional de

Na FAMECOS, em 2004, também foram implantados novos projetos pedagógicos das Habilitações (Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda) do Curso de Comunicação Social, bem como a criação de dois novos cursos: Bacharel em Hotelaria¹⁵⁰ e Tecnólogo em Produção Audiovisual – Cinema e Vídeo.

Em 2005, o Curso Superior de Turismo passou a denominar-se Curso de Turismo. Essa alteração foi justificada pelo fato de que há três décadas, no Rio Grande do Sul, os cursos de "preparação de mão-de-obra" para a área eram oferecidos por instituições como o SENAC e o Touring Club. Em função da proposta de cunho acadêmico, a Universidade optou pela denominação de Curso Superior de Turismo, mas posteriormente, não se justificava tal titulação.

No dia 09 de dezembro de 2005, tomou posse a nova diretora da Faculdade de Comunicação Social, professora Máгда Rodrigues da Cunha, e, como coordenadora do Departamento de Turismo, a professora Marutschka Moesch. No ano seguinte, o professor Luis Gustavo Silva assumiu a coordenação do curso de Hotelaria.

Essa nova coordenação enfrentou um momento de dificuldades – reduzido número de alunos e, desde 2003, não era mais oferecido no vestibular de inverno da PUCRS, por falta de procura. Uma fala define esse momento: *estávamos com uma*

Bacharéis e Estudantes de Turismo (Enbetur), realizado pela ABBTUR em São Paulo, e vários encontros da ABDETH, com o intuito de discutir as novas diretrizes curriculares a serem apreciadas pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC) com base na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996.

Em 1996, os cursos de turismo no Brasil estavam sob a responsabilidade da Comissão de Especialistas em Administração, por intermédio do seu presidente, o bacharel Rui Otávio Bernardes de Andrade, acumulando cargo de presidente do Conselho Federal de Administração (CFA), que convidou o Prof. Luiz Gonzaga Godoi Trigo para participar.

No ano 2000, por meio da Portaria nº1.518/00, foi criada a Comissão de Especialistas de Ensino de Turismo. A partir dessa portaria, os cursos superiores de turismo e hotelaria deixaram de ser competência da área de administração. Os bacharéis em Turismo nomeados foram: Luiz Gonzaga Godoi Trigo, Miriam Rejowski e Miguel Bahl.

As atuais Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo foram aprovadas pelo Parecer CNE/CES nº 288/03 e constituem um conjunto de indicações que devem direcionar o processo educacional do ensino superior, orientando o planejamento acadêmico dos cursos de graduação. Caracterizam-se pela flexibilidade, buscando romper com o modelo rígido de ensino, trazendo o Projeto Pedagógico como base de gestão acadêmico-administrativa de cada curso e fornecendo os elementos das bases filosóficas, conceituais, políticas e metodológicas que definem as competências e habilidades essenciais à formação dos profissionais.

¹⁵⁰ No dia 12 de julho de 2000, os professores Abdon Barretto Filho, Diney Adriana Nogueira de Oliveira e Marcelo Schenk de Azambuja encaminham ao diretor da FAMECOS, Jerônimo Carlos dos Santos Braga, o estudo para implantação do Curso de Hotelaria nesta Universidade. Nesta etapa dos estudos surgem dúvidas quanto à constituição do curso, havia duas possibilidades: o Bacharel em Hotelaria (habilidades teóricas, práticas e de negócios) com 3.000 horas no mínimo ou o Tecnólogo em Hotelaria (ênfase em habilidades práticas) com o mínimo de 2.300 horas. A modalidade que seria implantada coube às instâncias superiores, que optaram pelo Bacharelado.

espada em cima da cabeça. O Curso tentava retomar algumas iniciativas que haviam sido interrompidas anos atrás.

A professora Marutschka aceitou a coordenação no intuito de retomar aquilo que entendiam ser uma diferenciação do curso – um aporte acadêmico, com ênfase no planejamento e que os alunos saíssem com olhar mais reflexivo. A PUCRS adotava a política de ter menos professores com maior carga horária para que fossem mais engajados, mais disponíveis, e isso aconteceu também no Curso de Turismo, alguns professores saíram ou se aposentaram.

Para Mário Carlos Beni (06/05/2009) houve um momento de incertezas no Curso de Turismo da PUCRS; ele não manteve a produção que vinha desenvolvendo, houve um hiato, e, quando a professora Marutschka assumiu a coordenação, buscou, já nas primeiras semanas, estabelecer convênio com a USP para tentar um mestrado inter-unidades, mas, logo em seguida, o próprio programa da USP foi suspenso, infelizmente, pela aposentadoria de professores¹⁵¹. Havia toda uma expectativa dos narradores de que aquele seria o momento de o curso retomar o que havia sido perdido anos atrás, quando estava em ritmo ascendente¹⁵².

Nesse ano de 2006, a Universidade solicitou um novo projeto para os cursos de Turismo e de Hotelaria. A proposta foi de unificação dos dois cursos com uma terminalidade em Hospitalidade. Desse modo, o curso passou, novamente, por uma adaptação curricular¹⁵³, buscando a essência do turismólogo na área do planejamento e um maior envolvimento com a comunidade. O grupo de professores estava sentindo uma defasagem do currículo, uma necessidade de retomada, então reestruturaram o curso, tendo como proposta pedagógica uma fundamentação baseada nas novas áreas de atuação do turismólogo, e revendo as disciplinas do currículo. Se dependesse do professor Leandro de Lemos (24/11/2008), retornaria a ideia de transformar o curso de Turismo em um centro de pesquisa, de desenvolvimento de projetos, de inovação, que pudesse responder às necessidades do Rio Grande do Sul.

Essa adaptação curricular foi proposta para o segundo semestre de 2006, objetivando a retenção de um maior número de alunos matriculados no desenrolar dos

¹⁵¹ *Eu acho que retorna no próximo ano, decorrido o tempo e a produção desse novo corpo docente, e aí sim eu acho que a PUCRS pode retomar aquilo que havia imaginado que era um convênio com a possibilidade de um curso inter-unidades, até pelo seu próprio curso.* (Mário Carlos Beni, 06/05/2009)

¹⁵² *Porém a coordenadora lamenta: Mas eu tenho que ser muito honesta, por maior liderança que eu tenha tentado ser, eu ter sido indicada ou referendada a escolha do meu nome por ser liderança, eu não tive a habilidade, a competência dessa unidade que já houve antes no grupo.* (Marutschka Martini Moesch, 06/05/2009)

¹⁵³ A Comissão Organizadora dessa adaptação foi composta pelos professores: Marutschka Martini Moesch, Antonio Carlos Castrogiovanni, Luis Gustavo Silva e Susana Gastal.

semestres. Teve como objetivos: reconstruir as competências necessárias aos egressos do Curso de Turismo, dentro de paradigmas de um conhecimento inovador, articulando teorias e práticas; reordenar as disciplinas, por níveis, antecipando as essencialidades no aprendizado da área, de forma a criar e aprofundar vínculos profissionais desde o início da formação acadêmica; minimizar a evasão entre o segundo e terceiro níveis, facilitando o ingresso dos alunos no mercado de trabalho e permitindo sua sustentação econômica, em consequência de saberes já adquiridos nos primeiros níveis acadêmicos; incentivar a conclusão do curso no prazo estipulado. A justificativa para tal adaptação foi a de construir uma nova compreensão do real, levando o educando a vê-lo e vivenciá-lo na sua totalidade transdisciplinar – que só é apreendida em retrototalidades permanentes –, permitindo retomar o caminho da utopia. (PROJETO DE ADAPTAÇÃO CURRICULAR, 2006). Essa alteração curricular nunca foi aprovada.

No que se refere à estrutura curricular dos cursos de Graduação em Turismo, Ansarah (2002) avalia como importante a questão da “reflexão multidisciplinar” com aplicação interdisciplinar:

... os conteúdos programáticos das disciplinas componentes da estrutura curricular dos cursos de turismo devem abranger aspectos econômicos, sociológicos, culturais, ambientais, geográficos, políticos, legais, tecnológicos, administrativos, históricos, do produto turístico, institucionais e muitos outros, com integração e coerência, proporcionando enfoques interdisciplinares e sistêmicos. (ANSARAH, 2002, p. 24)

Quando assumiu a coordenação, Marutschka Martini Moesch (11/09/2008), tinha como uma de suas metas retomar o trabalho de extensão, base da formação do turismólogo e que o curso entendia como essencial. O objetivo do Curso de Turismo, segundo as narrativas, seria de formar bacharéis em Turismo, trabalhando no processo de planejamento e organização do fenômeno turístico, além de formá-lo enquanto cidadão (Abdon Barretto Filho, 11/11/2008). Para Berenice Mércio Pereira (13/05/2008), o compromisso do curso é formar profissionais críticos, com uma visão de cidadania, de inclusão social, um profissional responsável, que pense, que empreenda e saiba gerir com responsabilidade; que seja empreendedor mas não mercantilista.

Outro fato importante foi quando as coordenações do Curso de Turismo e do curso de Hotelaria transferiram-se para o Laboratório de Hotelaria¹⁵⁴ a fim de unirem forças. Durante vários anos, as aulas do Curso de Turismo eram ministradas em diversos prédios espalhados pela PUCRS. Isso era uma reclamação constante dos

¹⁵⁴ No dia 28 de abril de 2005 foi inaugurado o Laboratório de Hospedagem da FAMECOS. O Laboratório localizava-se no andar térreo do prédio 41 e, posteriormente, foi denominado Laboratório de Hospitalidade.

alunos. A partir de 2006, mesmo que o curso Turismo tenha permanecido vinculado à FAMECOS, não estava fisicamente dentro da FAMECOS, mas no Laboratório de Hotelaria, possuindo uma vinculação administrativa com a Faculdade.

6.2 Os Alunos e a hospitalidade do Curso

Os alunos do curso, nos anos de 2000, mantinham as características dos anteriores: eram jovens e a maioria do sexo feminino. Um grande percentual fazia parte do Programa Universidade para Todos (ProUni)¹⁵⁵.

Conforme Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008), o Curso de Turismo era procurado por dois tipos de alunos: um que queria fazer Turismo, que chegava com uma leitura sobre Turismo; e outros que iam fazer Turismo, porque não sabiam o que era Turismo, não sabiam por que vinham, acham que era uma área nova.

Nas narrativas, diversas vezes os docentes comparavam os alunos do curso nos diferentes períodos. Marutschka Martini Moesch (06/05/2009) explica que, como os saberes são interdisciplinares, há alunos mais politizados que outros, porque discutem globalização, crise, cidadania, desenvolvimento endógeno e exógeno, pobreza, enriquecimento, meio ambiente, realiza saídas de campo. *Há uma avaliação dos professores que atuam menos no nosso curso e que são de outros cursos, da qualidade desse aluno, da qualidade como crítico, como aluno que lê mais, como aluno que estuda mais que muitos cursos* (Marutschka Martini Moesch, 06/05/2009).

Berenice Mércio Pereira (13/05/2008) salienta que uma característica do Curso era ser hospitaleiro, sempre acolheu muito bem o aluno, tinha muito respeito e uma relação muito próxima com ele.

Os ex-alunos frequentemente reforçam o empenho do corpo docente do curso: Giana Pereira Borges (22/01/2009) percebe que os professores, mesmo quando não estavam ministrando disciplina, acompanhavam os alunos, se interessavam pelo que estavam fazendo, tinham todo um carinho. Havia um comprometimento dos professores com o Curso e com a Universidade.

Marutschka Martini Moesch (06/05/2009) também ressalta a proximidade entre professores e alunos. *Acredito, cada vez mais que o tema do turismo, ele permite isso até porque o que se faz é uma construção de relacionamento. Então, a gente é sempre muito próximo.* Essa proximidade se dá tanto na questão intelectual, como na vida pessoal. A professora acredita que as experiências vivenciadas no curso aproximavam

¹⁵⁵ Tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação em instituições privadas de educação superior.

docentes e alunos que permaneciam muito tempo próximos, compartilhando, dormindo e realizando todas as refeições juntos; isso aproxima.

Esses vínculos afetivos, nas relações entre professor e aluno, são considerados importantes. Muitas vezes a qualidade do vínculo com o professor acabava influenciando diretamente no interesse do aluno pela disciplina, pela área e pela profissão. Assim, alguns ex-alunos enfatizam que simplesmente não poderiam ser alunos relapsos, porque estabeleciam um outro canal de comunicação, além da sala de aula. Entretanto, não se omitiram em comentar, sem citar nomes, que havia também professores individualistas, que ficavam somente na exposição de suas aulas e que acabavam desmotivando os alunos. Nesse ambiente de constantes aproximações e trocas afetivas, era importante a troca de vivências, experiências. Mauricio Schaidhauer (23/01/2009) lembra que, durante as aulas, as histórias que os docentes contavam, as vivências que possuíam, as discussões que faziam, criavam oportunidades de ampliar a visão de mundo. Também destacam que, mesmo depois de formados, sempre mantiveram vínculo com professores, seja na sua atuação profissional, na pós-graduação, ou, simplesmente, durante sua trajetória de vida.

Muitos dos professores do Curso, por serem oriundos de outras áreas do conhecimento, da geografia, da sociologia, do jornalismo, entre outros, tiveram que construir, a partir daí, um conhecimento turístico. Isso fez com que esse grupo de professores se unisse e construísse uma identidade,

é um grupo que tem uma identidade, é um grupo que estabelece acordos para que o curso seja qualificado. Há um compromisso eu diria, muito maior e um amor pelo que se faz, acho que essa é a diferença desse curso, e eu posso dizer que, inclusive quando eu trabalhei em Santa Maria, também com o curso de graduação, eu senti o mesmo empenho dos professores nessa construção. Então, me parece que o tema do turismo, o saber turístico, ele acaba quebrando essa barreira disciplinar e fazendo com que a gente se construa como um grupo coletivo e solidário e isso os alunos sentem e então se reproduz uma relação. (Marutschka Martini Moesch, 06/05/2009)

A ex-aluna Giana Pereira Borges (22/01/2009) se considera “filha da PUCRS”, *a gente fala eu sou filha da PUCRS, falo isso com orgulho. Conta, em tom de brincadeira, Turismo é uma cachaça, se tu passar na faculdade, do segundo semestre, te identificou com aquilo, e melhor ainda se conseguir um estágio ou um trabalho e gostar, tu não larga nunca mais.*

Para o professor Mário Beni (06/05/2009) o turismo interno, doméstico, estava crescendo no país, absorvendo mão-de-obra e retomando uma perspectiva de

aproveitamento do bacharel nestas novas oportunidades. *Mas, exatamente por ter passado um período longo onde turismólogos foram alocados em outras atividades acabou criando um desgaste, se criou um hiato difícil, que comprometeu a formação e a capacitação em si, as pessoas passaram a desacreditar, e com muita razão em alguns casos, porque eram maus profissionais que estavam no mercado.* Para o professor, os cursos de Turismo, em nível de graduação deixaram muito a desejar, no entanto, salienta que isso não é exclusivo do Turismo.

6.3 A Pós-graduação em Turismo na PUCRS e o Turismo enquanto Área de Conhecimento

A pós-graduação foi ponto importante no caminho pelo qual o curso trilhava, confirmando o processo de cientificidade do estudo do turismo, conforme proposto por Jafari (1992).

Conforme já abordamos no capítulo 5, no final da década de 1970, a PUCRS iniciou o curso de especialização em Lazer e Turismo, sob a coordenação da Prof^a Cleusa Maria Andrade Scroferneker, mas o objetivo era qualificar o corpo docente da instituição. Nos anos de 1997, 1998, 1999 foi oferecido o curso de Especialização em Produção e Gestão do Turismo (Parecer nº 15/96, 05/05/96), sob a coordenação da professora Susana Gastal. Constatamos que houve um esforço do curso no sentido de qualificar o profissional da área, oferecendo a oportunidade de continuidade dos estudos em turismo.

Norma Martini Moesch (06/04/2010) diz que o curso de pós-graduação *lato sensu* em Turismo foi o primeiro projeto de curso de pós-graduação encaminhado à FAMECOS, *razão pela qual causou grande impacto a falta de modéstia do curso de Turismo em querer criar um curso de pós-graduação*, quando os demais cursos da FAMECOS ainda não haviam se mobilizado nesse sentido. O projeto de curso de especialização levou dois anos e meio para ser aprovado, para que desse tempo para que os demais cursos elaborassem o seus.

Alguns narradores qualificam esse nível de especialização como um momento interessante do curso de Turismo. Na leitura de Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008), a especialização possibilitou a vinda de pessoas de fora para ministrar disciplinas, tais como o professor Mário Beni, a Taís Russo, o Wilson Bueno da Costa, que colaboraram para que os docentes do Curso de Turismo fizessem uma reflexão, começassem a escrever, a produzir conhecimento nessa área.

Posteriormente, o curso de Especialização Comunicação, Gestão e Marketing Turístico, foi oferecido em duas edições, 2004 e 2005, tendo um enfoque mais vinculado a marketing e negócios.

Mário Carlos Beni (06/05/2009) salienta que a PUCRS lançou, quase concomitante com a USP, o primeiro *Lato Sensu*, com professores da USP dando aulas na PUCRS e os da PUCRS, na USP. A partir desse relacionamento, surgiu a ideia do curso de pós-graduação *Strito Sensu*. Participaram da elaboração desse projeto, juntamente com as professoras Susana, Norma e Marutschka,

naquele período nós nos empolgamos e achávamos, a USP já tinha implantado o seu pós-graduação Strito Sensu em nível de mestrado e doutorado. Também a UNIVALI que foi posterior, [...] nós imaginávamos que era a hora da PUCRS, fizemos o projeto, a professora Norma, a professora Susana e eu apresentamos o projeto, que durante algum tempo tramitou e enfim, era para ter nascido na PUCRS, mas como houve resistências de toda ordem. (Mário Carlos Beni, 06/05/2009)

Para a professora Marutschka Martini Moesch (11/09/2008), quando se mudou o enfoque do Curso na reforma curricular de 2003/2004, perdeu-se o viés de um aprofundamento mais teórico da área e, por isso, talvez, não tenham garantido o mestrado, *porque não se tinha uma base de produção de conhecimento, de pesquisa, e o mestrado não tinha como ser alimentado.*

Inicialmente, a proposta era que a área do Turismo se integrasse ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social¹⁵⁶ e que esse Programa expandisse suas atividades para contemplar a área. Em 2001, foi apresentado um projeto de Curso de Mestrado Profissional em Turismo, cujo relator foi o professor Thadeu Weber. Seu parecer recomendava que a aprovação fosse condicionada à conclusão do Doutorado de 03 professores e à alteração do regime de trabalho para 40 horas desses docentes. O projeto foi aprovado, sendo homologado por unanimidade pela Câmara de Pesquisa e Pós-Graduação em 22/10/2001.

Em dezembro de 2002, durante a tramitação do projeto, como a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, se mostrava titubeante em relação ao encaminhamento de processos e consequente aprovação de propostas em torno de Mestrados Profissionais, realizou-se um reexame da situação. Também havia resistência dos consultores da CAPES em aceitarem a inclusão do curso de Turismo no

¹⁵⁶ O Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRSRS (Mestrado) nasceu em 1994 e o Doutorado surgiu em 1999.

âmbito os Programas de Comunicação, dando-se preferência à constituição destes novos cursos em Programas, junto à Câmara de Administração.

Tudo isso levou a uma nova proposta de criação de um Programa de Mestrado Acadêmico, “Mestrado em Gestão e Marketing Turístico”, em um Programa de Pós-Graduação em Turismo. Proposta que também não se efetivou.

Em 2005, retomou-se a idéia de propor um curso de Mestrado Profissional na área de Turismo, que, nesse período, era uma tendência da CAPES. A professora Marutschka Moesch foi convidada a assumir quarenta horas¹⁵⁷ para desenvolver esse projeto, que foi apresentado à Pró-reitoria de Pós-graduação. O projeto estava se encaminhando para ser implantado, quando houve mudança de Reitoria, e a gestão seguinte fez uma nova avaliação sobre os mestrados, e o curso acabou não se efetivando.

Uma das exigências da CAPES para abertura de mestrado era que o corpo docente tivesse dedicação exclusiva e o Curso de Turismo teve seu primeiro professor com quarenta horas em 2005. Essa sempre foi uma reivindicação do curso.

Para Cleusa Scroferneker (11/06/2008), a implantação de um mestrado apresentava dificuldades, embora a universidade apostasse nesse Projeto. O mestrado profissional tinha alguns entraves, porque não exigia dedicação, tinha que ser à noite, mudava a qualidade do trabalho. Um mestrado acadêmico não tinha massa crítica suficiente para sua constituição, e exigia profissionais com titulação na área, *e quem tem titulação na área sou eu, a Claudia Peixoto de Moura e o Leandro de Lemos, que temos Turismo no nome dos nossos cursos*¹⁵⁸, *depois têm vários professores que fizeram doutorado em outras áreas com interface com o Turismo*¹⁵⁹.

Desse modo, foram elaborados diversos projetos de Mestrado, acadêmico, profissional, mas, a cada novo projeto, novas dificuldades e entraves se apresentavam. Inicialmente, não possuíam doutores suficientes para ter um Mestrado, depois, doutores com 40 horas e dedicação exclusiva precisavam ter produção teórica, e, assim por diante, sempre surgiam novas exigências, e o resultado, foi que o curso nunca se efetivou.

Marutschka Martini Moesch (11/09/2008) acredita, inclusive, que o *retrocesso do curso de Turismo*, decorreu do fato de que não conseguiram manter o crescimento

¹⁵⁷ Foi a primeira e única professora do Curso de Turismo a ter regime de trabalho de 40 horas.

¹⁵⁸ Os três professores cursaram o Doutorado em Ciências da Comunicação, na área de Relações Públicas, Propaganda e Turismo, pela Escola de Comunicações e Artes – ECA, da Universidade de São Paulo – USP.

¹⁵⁹ Posteriormente, a professora Marutschka Martini Moesch também cursou esse Programa no seu Doutorado.

que vinha ocorrendo na área e que culminaria na abertura do Mestrado. O que acabou acontecendo foi que a UCS¹⁶⁰, em 2001, criou o mestrado em Turismo. Alguns dos docentes do curso de Turismo da PUCRS participaram ou participam do Curso de Mestrado da UCS, Susana Gastal, Marutschka Martini Moesch, Leandro de Lemos.

Mário Carlos Beni (06/05/2009) lembra que o que ocorreu foi que a professora Norma se afastou da PUCRS e assumiu a coordenação do Curso de Turismo da UCS, no campus de Canela, oferecendo, também, os cursos *Lato Sensu* e o Mestrado em Turismo.

Leandro de Lemos (24/11/2008) destaca que, no resto do Brasil, o Turismo começou a crescer na área de pesquisa, nas grandes universidades como a USP, na FIPE – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, que têm hoje um grupo de pesquisa na área, *e nós acabamos ficando, perdemos o trem da história, nós que de certa forma provocamos no Brasil um movimento de pesquisa de Turismo, de produção científica, acabamos ficando de fora do trem da história, acho que o Turismo evoluiu muito na sua área de pesquisa no Brasil, mas a PUCRS optou por não entrar nessa caminhada, e a gente perdeu muitas oportunidades*. O professor diz que até hoje está tentando montar um Observatório de Turismo, pois há verbas, mas ainda não se efetivou.

A professora Marutschka Martini Moesch (11/09/2008) lembra que o que mantém os mestrados são as graduações, *nós ficamos prejudicados também por uma crise que o curso teve em número de alunos, o último decréscimo foi muito grande, então tudo isso marcou um contexto que freou o desenvolvimento, ou a implantação do mestrado. Acho que isso foi uma questão bem conjuntural do momento*.

Beni, reportando-se ao divisor de águas, diz que aquelas instituições que seguiram o modelo da Anhembi-Morumbi, estão tentando há muito tempo, mas até hoje não têm o curso de mestrado, porque não conseguiram formar massa crítica de pesquisa para consolidar o curso. Ao passo que o Sul, que seguiu a orientação da USP, principalmente a PUCRS de Porto Alegre, a Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI¹⁶¹ e a Universidade de Caxias do Sul – UCS, já vêm se destacando como centros de excelência em pesquisa e pós-graduação em turismo (PANOSSO NETTO, 2005).

¹⁶⁰ Norma Martini Moesch (06/04/2010) explica que quando saiu da PUCRS, passou a se dedicar a UCS, e como não havia conseguido aprovação do projeto de mestrado em Turismo, que havia idealizado na PUCRS, entendeu que esse projeto não deveria morrer. Então, conversou com o professor Mario Beni e o convidou para migrar para a UCS a fim de viabilizar o projeto de mestrado. Trabalharam no projeto Mário Beni, Mirian Rejowski e Margarida Barretto.

¹⁶¹ O Curso de Mestrado em Turismo e Hotelaria teve início em agosto de 1997. A UNIVALI possui Doutorado em Administração e Turismo, desde abril de 2007.

Com a consolidação de cursos de Pós-Graduação, a publicação editorial nacional sobre Turismo ampliou-se significativamente. No Curso de Turismo da PUCRS, além dos avanços na qualificação do corpo docente, outro aspecto a ser considerado foi o aumento da produção intelectual do corpo docente e a preocupação de divulgar a produção científica, como parte da institucionalização da pesquisa.

Nesse período, o corpo docente começou a discutir, por iniciativa do professor Antonio Carlos Castrogiovanni, a necessidade de organizarem um livro que registrasse as discussões que estavam sendo realizadas,

e nós começamos a fazer, no princípio de maneira muito singela, porque era uma preocupação tirar o hábito do xerox, vamos colocar nossos textos em livro. Produzimos dois livros, o Nove Propostas, e depois Cidade: sites de excitação, que foram livros cooperativados, nós pagamos a edição do livro e posteriormente os dois livros foram reeditados por editoras, um a editora da PUCRS e o outro a Contexto, compram os livros, compram no sentido de assumirem os livros e fazem edições oficiais, digamos assim desses livros. (Susana de Araujo Gastal, 14/07/2008).

A professora Susana Gastal complementa dizendo que foi um processo muito interessante, porque inseriu o professor na prática de pensar. A partir disso, alguns professores começaram a construir toda uma teorização em torno do Turismo. Os docentes percebiam que uma cientificização do Turismo era necessária, fenômeno que estava acontecendo no mundo inteiro, e começaram a interagir com pesquisadores de outras universidades, tais como Jafar Jafari, Jost Krippendorf, Lionel Punzo, que começaram a criar uma rede com suas pesquisas,

eu obviamente sobre economia do Turismo, que é muito carente, ainda é, porque tradicionalmente os economistas aplicam a teoria econômica ao Turismo e a minha visão sempre foi distinta, de enxergar no Turismo uma economia própria, com suas especificidades, sua distinção, as teorias tradicionais da economia não se aplicavam, então cada um de nós, com a sua abordagem, com suas visões, via no Turismo a necessidade e oportunidades de pesquisas e nós começamos a nos movimentar nesse sentido, a publicar, a escrever livros, a escrever artigos, a participar de congressos, de seminários, sempre pilhados pela Norma, sempre provocados, estimulados e motivados pela Norma, porque ela abriu muitas oportunidades para nós todos no Brasil, ai foi criando um corpo de conhecimento ali, a tal ponto que eu me lembro que os alunos do interior vinham estudar aqui, porque os nossos livros eram utilizados nas faculdades do interior, os nossos artigos, e eles diziam que é melhor estudar com os originais, do que estudar com quem esta reproduzindo o conhecimento, então tinha uma procura muito

grande pelo Curso de Turismo quando ele se vocacionou para essa área mais científica, de pesquisa (Leandro Antonio de Lemos, 24/11/2008).

Antonio Carlos Castrogiovanni, (03/11/2008) recorda que há alguns anos atrás, uma aluna veio de Cruz Alta para cursar Turismo na PUCRS, e o professor questionou, *por que tu não fizesse em Cruz Alta o curso de Turismo?*, pois existia o curso de Turismo em Cruz Alta, e a aluna respondeu *ah, eu disse para o meu pai que eu não quero estudar onde se lêem livros, quero estudar onde se escrevem livros*. O professor achou bastante interessante, porque o corpo docente estava produzindo bastante.

O professor Abdon Barretto Filho (11/11/2008) salienta que *a marca PUCRS, é inconfundível, 60 anos, já dá um diferencial muito grande ao Curso*. Também ressalta como importantes para o posicionamento do Curso, as realizações durante o percurso. É um curso que tem história; os ex-alunos ocupam espaços relevantes; a maioria dos outros cursos são coordenados por ex-alunos da PUCRS; todos os docentes possuem mestrado ou doutorado, com produção de livros e artigos. *Eu sempre digo isso na PUCRS você aprende com quem escreve, você está na sala de aula com autores de livros e palestrantes, e isso sem sombra de dúvida é uma diferença*.

A partir dos anos de 1990 ampliou-se a produção dos docentes do Curso¹⁶², considerada como uma referência na área, motivo de orgulho, de reconhecimento para muitos.

O conhecimento começou a ser produzido no interior das estruturas acadêmicas do Curso de Turismo da PUCRS. Mesmo os docentes não possuindo projetos de pesquisa e nem horas destinadas à pesquisa. Nesse sentido, o saber e o conhecimento sistematizado das práticas cotidianas começavam a ser teorizados; as regularidades eram aprendidas dando lugar às leis, expressões da base teórica, que passavam a ser

¹⁶² Já nos anos de 1977, 1984 e 1991, na Revista *Veritas*, fundada em 1955, organizada pelo programa de Pós- Graduação em Filosofia da PUCRS, encontramos quatro artigos dos docentes do curso de Turismo, mas que não refletem a produção docente.

Em março de 1977, o professor Elvo Clemente escreve o artigo “A Formação do Professor para o curso de Turismo”, no qual discute as características que deve possuir o professor do curso de Turismo: vocação; conhecimento e preparação profissional; disposição e amor ao magistério; senso crítico; e abertura para renovação e atualização.

Na revista *Veritas* de setembro de 1984, encontramos um artigo “O conceito de Turismo”, escrito pela professora Cleusa Maria Scroferneker, que discute o Turismo atrelado ao Lazer. No mesmo ano, no mês de dezembro, a professora escreve outro artigo na revista, “Breve Retrospectiva Histórica do Turismo”, no qual aborda algumas fases do Turismo e destaca os fatores que tiveram papel preponderante na dinamização e transformação do turismo em um fenômeno da sociedade contemporânea.

Outro artigo “Educação – cultura – turismo”, da mesma revista, em dezembro de 1991, foi escrito pelo professor Elvo Clemente, e afirma, entre outros aspectos, que na base do turismo está a sede de saber, de conhecer, de ver novas coisas, novas culturas, novas tradições, novos lugares, novas pessoas... o turismo faz parte da difusão e do consumo dos bens criados pelo folclore, pela cultura do povo, pela cultura artística e científica.

desvendadas e compreendidas. Os docentes começaram a publicar seus estudos. Os primeiros foram organizados, financiados e publicados pelos próprios autores.

O livro “Turismo – 9 Propostas Para Um Saber-Fazer” foi organizado pela professora Susana Gastal, editado pelos próprios autores, em 1998, e vem sendo reeditado pela EDIPUCRS. Foram reunidos textos de professores que trabalhavam junto ao curso de Turismo da PUCRS, em níveis de graduação e especialização.

Outro livro, editado, inicialmente, pelos próprios autores em 1999 e, posteriormente, pela editora Contexto, foi “Turismo Urbano – Cidades, Sites de Excitação Turística”, organizado pelos professores Antonio Carlos Castrogiovanni e Susana Gastal, em que professores da PUCRS e USP expõem suas preocupações voltadas à cidade auxiliando na construção de uma Teoria do Turismo¹⁶³.

A professora Diney Adriana de Oliveira (08/10/2008) fala sobre a obra, “Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas”, lançada em 2008 pela editora Manole. O livro foi editado pelos professores doutores Alexandre Panosso Netto (USP) e Marília Gomes do Reis Ansarah (UNIP) e conta com a participação dos 33 bacharéis em Turismo do Brasil, com título acadêmico de doutorado:

uma das minhas honras é que aqui tem Marcelo Ribeiro foi meu aluno, Carlos Alberto Tomelin foi meu aluno, Mary Sandra Guerra Asbton foi minha aluna, Liciane Rossetto Ferreira, então dos cinco doutores do Rio Grande do Sul que estão nesse livro, eu fui professora de quatro na PUCRS, então o que eu posso te dizer, eu sei que eu fui motivadora, fui inspiradora de muitos deles, então, isto começou há trinta anos.

Diante desses dados, podemos afirmar que o Curso de Turismo da PUCRS, a partir do esforço de seu corpo docente, conquistou e contribuiu para um avanço

¹⁶³ Os professores Antonio Carlos Castrogiovanni e Susana Gastal também organizaram os livros “Turismo, Investigação e Crítica”, editado pela Contexto; “Turismo na Pós-Modernidade (Des) Inquietações”, editado pela EDIPUCRS.

“A Produção do Saber Turístico”, livro elaborado pela professora Marutschka Martini Moesch, editado pela Contexto.

O professor Leandro de Lemos publicou dois livros, “Turismo que negócio é esse?” pela editora Papyrus e “O Valor Turístico na Economia da Sustentabilidade”, na coleção ABC do Turismo da editora Aleph.

Os livros “Turismo, Imagens e Imaginários” e “Alegorias Urbanas - O passado como subterfúgio”, da professora Susana Gastal, o primeiro publicado na Coleção ABC do Turismo da Aleph e o segundo da editora Papyrus.

“Um Outro Turismo é Possível”, livro organizado por Marutschka Martini Moesch e Susana Gastal, editado pela Contexto. Ainda pelas mesmas autoras, o livro “Turismo, Políticas Públicas e Cidadania” foi editado pela Aleph.

O livro “Turismo e a Ação de Variáveis Controláveis e Incontroláveis”, de Marcelo Schenk de Azambuja, editado pela EDIPUCRS.

O professor Abdon Barretto Filho editou o livro “Marketing Turístico” pelo SENAC e recentemente lançou o livro de “Economia & Turismo”.

Jacques A. Wainberg, professor da Faculdade de Comunicação da PUCRS, publicou “Turismo e Comunicação: A indústria da Diferença”, pela editora Contexto.

significativo na pesquisa e na produção acadêmica da área. São profissionais, muitas vezes de outras áreas, que se dedicaram a pensar e entender o fenômeno turístico.

O professor Mario Beni destaca que muitos pesquisadores, na área do Turismo, ficavam mais na interpretação e nos avanços voltados à gestão empresarial e mercadológica, preocupando-se fundamentalmente, com o mercado. No entanto, aos estudos que discutiam especificamente a epistemologia do turismo, como assunto de interesse eminentemente acadêmico, eram poucos os autores que tinham se dedicado. Reporta que, dentre esses autores, a professora Marutschka Martini Moesch vinha se preocupando e produzindo nessa linha mais científica. (PANOSSO NETTO, 2005)

Cleusa Scroferneker (11/06/2008) acredita que uma preocupação teórica com o fenômeno turístico no Brasil, se iniciou na USP. Para a professora, o fato de existirem poucos cursos de mestrado e de doutorado, a falta de um espaço acadêmico exclusivo para discussão do Turismo, comprometeram a produção de pesquisa, embora houvesse uma sociedade como o INTERCOM, Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação, com um núcleo de pesquisas de Turismo, coordenado, na época, pela professora Susana Gastal.

O professor Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008) considera que estamos nos encaminhando cada vez mais, pelos encontros, pelos congressos, pela apropriação de algumas teorias, inclusive com algumas releituras, para uma ciência do Turismo. Para o professor, infelizmente, ainda são poucos turismólogos, que seriam os sujeitos com mais competência teórica, produzindo teoria. O Turismo tem sido uma área de conhecimento que busca, em outros campos, uma teorização sobre a própria área. Julga que a academia deveria realizar um esforço no intuito de fazer discussões mais teóricas e epistemológicas do Turismo. Como exemplo, cita que o conceito de paisagem usado é o da Geografia, mas tem que ser do Turismo, porque a Geografia diz que o Turismo destrói as paisagens, pelo contrário, acredita-se que o Turismo reconstrói novas paisagens¹⁶⁴; então o conceito não é o mesmo.

Susana Gastal (14/07/2008), discorrendo sobre o turismo enquanto área de conhecimento, ressalta que temos as ciências do século XIX como a Sociologia, a Antropologia, a Economia, que se constituem cartesianamente por áreas muito bem delimitadas. Por outro lado, as ciências do século XX – Ecologia, Comunicação, Turismo –, constituem-se num campo multidisciplinar, nascem dessa integração. Para a

¹⁶⁴ O professor explica que *a Geografia vem de uma leitura de conservacionismo, e nós temos uma leitura de transformar a paisagem, a partir, enfim, de metodologias, que nós consideramos mais justas, corretas, ou sustentáveis, de certa forma desgastada, mas que nós temos que preparar para receber as pessoas, porque vai ter uma concentração de pessoas [...] (Antonio Carlos Castrogiovanni, 03/11/2008)*

professora, o turismo trabalha com a circunstância histórica, com o sociólogo, com diversos grupos, pelo discurso multidisciplinar para construir esse objeto, que não existe dentro de uma área, existe no diálogo com as áreas. Explica que, *para quem vem de um olhar cartesiano de ciência do século XIX não consegue entendê-lo como troca de conhecimento, num olhar de século XX, de transdisciplinariedade, multidisciplinaridade, complexidade. No olhar de Morin, ele se constitui sim como área de conhecimento*¹⁶⁵.

6.4 Impasses, Crises e Rupturas no Curso

Apesar de diversas tentativas, os problemas no Curso de Turismo vinham se acentuando. Para os professores, a problemática do curso era bastante complexa e atribuída a diversos aspectos, tanto internos, quanto externos, tais como: falta de legitimidade do Turismo dentro da FAMECOS, a concorrência, o mercado de atuação para o profissional, o valor das mensalidades, o curso de Hotelaria, estagnação da pesquisa e a não efetivação da pós-graduação.

Para Abdon Barretto Filho (11/11/2008),

Há uma demanda crescente nessa área, essa demanda foi tão grande que gerou inclusive uma oferta desnecessária, hoje o Brasil tem 540 faculdades de Turismo, e exatamente por esse boom, e por essa promoção de cursos no país todo, que se tornou coqueluche, principalmente na década de 1990, teve um excesso de oferta, isso se tornou um problema. Hoje, em 2008, já está existindo uma acomodação e uma revisão desse governo, para que possam adequar-se melhor, em primeiro lugar para o próprio aluno, o acadêmico e depois pela sua participação na sociedade, na economia.

Para alguns entrevistados, o Curso da PUCRS vinha perdendo alunos porque era caro e havia um incremento na oferta de outros mais baratos, o que prejudicou a área do turismo em geral apesar de a PUCRS não abrir mão da qualidade de seu Curso, que tinha um custo bem alto. Para Berenice Mércio Pereira (13/05/2008), a maior dificuldade enfrentada eram os valores das mensalidades, porque depois que se formavam, o mercado não pagava, não reembolsava os alunos. Lembra que acontecia de alguns alunos começarem a empreender, abrindo sua empresa ou consultoria.

¹⁶⁵ A interdisciplinaridade ganha importância crescente – e urgente – no contexto universitário atual, “Cada vez é maior a consciência de que as fronteiras históricas entre as diferentes disciplinas necessitam ser ultrapassadas e que, mais importante do que a exata delimitação do campo específico de cada disciplina, é a exploração da articulação entre os diferentes campos do conhecimento, tendo por objetivo uma visão dos problemas numa perspectiva de totalidade”. (CANDAUI, 1997, p. 39)

Falando sobre a proliferação dos cursos de Turismo no estado, o professor Jerônimo Carlos Santos Braga (11/11/2008) ressaltava que as universidades precisavam cumprir determinados padrões, como contarem com 33% de doutores e 33% de carga horária completa, quarenta horas, ou dedicação exclusiva. Obrigatoriamente tinha que oportunizar pesquisa, pós-graduação, e isso resultava um custo nas mensalidades do curso, diferente das entidades de ensino que não são universidades e não tem essas exigências, sempre bem mais baratas. A sociedade, não tendo recursos financeiros suficientes para escolher o melhor, escolhe o possível, e, escolhendo o possível, vai optar por um curso mais barato.

Em relação ao grande número de cursos de Turismo no Brasil e ao mercado de trabalho para esse profissional, Diney Adriana de Oliveira (08/10/2008) manifesta preocupação. Julga o turismo ainda uma atividade recente no País e está formando um grande número de bacharéis. *Dizem que o Brasil, [...] é o país do mundo que tem mais cursos universitários de turismo, um país que recebe menos visitantes que o Empire State nos Estados Unidos, por ano. Então, tem alguma coisa errada. Os cursos foram criados mais por oportunidade e, por um conjunto de pessoas querendo lecionar, do que realmente por uma necessidade de mercado.*

Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008) pondera que o que falta mesmo é mão-de-obra mais técnica. *Sempre coloquei isso, eu acho que o curso de bacharel em Turismo é uma necessidade, mas tem que ser com uma formação mais reflexiva em termos de planejamento, pessoas que pensem o Turismo. Para o professor, uma coisa é o técnico, que, na realidade, é uma pessoa muito mais pragmática, e outra coisa é o bacharel, que tem uma formação muito mais cognitiva.*

Eu acho que foi um equívoco durante um tempo essa questão, porque tem muitos países que não tem bacharel em Turismo, eu sou contra formar bacharéis em Turismo (o professor está se referindo à explosão dos cursos de Turismo, é contra formar esse número exorbitante de bacharéis), eu penso que foi uma irresponsabilidade desse governo, ou dos governos brasileiros, deixar essa quantidade de cursos, chegou a ter, me parece mais de 400 cursos no Brasil. [...] eu sempre achei isso um absurdo, mas, é que na realidade a pessoa virou mercadoria, então, essa irresponsabilidade não é só no Turismo. Há um descompasso, uma certa irresponsabilidade, é a universidade mercantilizada, o aluno como uma mercadoria. (Antonio Carlos Castrogiovanni, 03/11/2008)

Ivone Maio (16/12/2008) também manifesta preocupação em relação à quantidade de cursos de Turismo, e pondera que não tinha mercado em termos de

formação superior, no entanto, havia uma carência de profissionais com outro nível de formação no Brasil.

A disseminação de cursos de Turismo no Rio Grande do Sul, a partir do final dos anos 1990, promoveu uma maior concorrência entre as instituições e, conseqüentemente, reduziu a procura pelo curso da PUCRS. Por outro lado, a remuneração inicial destes profissionais, sofreu, de um lado, o problema do baixo salário, e de outro, a concorrência de pessoas que não possuíam esta formação, que não é exigida no mercado.

Conforme Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008) o grande problema em relação à baixa procura, tem duas questões,

uma questão é geral, houve uma propaganda, não totalmente honesta, faziam promessa que não é bem assim, lógico que tem empregos, mas o salário é baixíssimo, e o mercado não respeita muito o profissional do Turismo, o Bacharel, e na minha leitura não precisariam tantos cursos de bacharelado, mas poderiam ter cursos de técnicos em Turismo, e enfim, seria muito mais propício, [...]. Por outro lado o custo era caríssimo [do Curso de Turismo da PUCRS], embora se tenha a qualidade, aqui temos doutores, tínhamos um grupo qualificado, os professores com doutorado, mas no fundo, no fundo, as pessoas vêem o bolso.

De acordo com Leandro de Lemos (24/11/2008) o curso estava, em 2008, em franca decadência. Quanta às matrículas do vestibular, *saíram os dados recentes, são horripilantes!*. No entendimento do professor, se o curso tivesse mantido um ritmo crescente na pesquisa, na produção, na atração de projetos, seu status seria outro. No entanto, isso acabou não acontecendo e *o resto do Brasil acabou fazendo o que a gente optou por não fazer, agora quem optou não sei, quem apertou o botão, não sei.*

Alguns narradores são docentes em outros cursos de Turismo do estado e relatam que essa situação de baixa demanda não é um problema isolado da PUCRS, *quem dá aula aqui, dá aula lá, sabe que as coisas estão assim, não só nesses cursos mas em todos, é uma crise que estamos passando* (Silvana Lehn, 08/12/2008). Salientam que a baixa procura não é exclusiva do curso, mas está inserida em uma problemática geral do ensino superior, que se transformou em mercadoria.

Nessa busca de caminhos, a PUCRS criou o curso de Hotelaria, o que, na percepção de muitos narradores, foi um equívoco, porque acabou dividindo os alunos, o que reduziu mais ainda a procura pelo Turismo. Nesse sentido, a professora Diney Adriana de Oliveira (08/10/2008) avalia que *o momento em que a PUCRS desmembrou o curso de Turismo e o curso de Hotelaria, abriu a sua derrocada, no momento em que*

tem uma super oferta de cursos, ao invés de centralizar e manter uma excelência, ela abriu e de certa forma também perdeu essa excelência [...] menos gente vai para o Turismo, porque nós tínhamos esse pessoal concentrado.

Marutschka Martini Moesch (06/05/2009) também avalia que foi um equívoco o curso de Bacharelado em Hotelaria, e questiona o que é um bacharelado. *É um espaço de construção acadêmica de um profissional que tem uma área de conhecimento. Nós já estamos, nesses últimos dez anos, fazendo uma discussão árdua, às vezes até solitária, sobre o turismo como um campo de ciência. Então, imagina incluir a hotelaria como um campo próprio de conhecimento.*

Luis Gustavo Silva (01/10/2008) acredita que seria necessário uma reestruturação, inclusive uma fusão de Turismo e Hotelaria. Para o professor, o curso de Hotelaria está equivocadamente lotado na FAMECOS, o que acabou ocorrendo em função de sua afinidade com o Turismo, mas a Hotelaria deveria estar na Administração.

Hoje existe uma discussão dentro da Universidade para saber o que fazer com os cursos, se ficam ou se não ficam na FAMECOS. Se vão os dois para a FACE, se vai só a Hotelaria e fica o Turismo, então existe hoje essa discussão na Universidade e em nome dessa discussão a gente não consegue transcender, enquanto isso não se resolver... (Luis Gustavo Silva, 01/10/2008)

Há muito tempo se discute a hipótese de o Curso de Turismo ser lotado na Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia – FACE, como acontece em outras unidades da Federação. Na Universidade Federal Fluminense – UFF, o curso de Turismo está lotado junto à Faculdade de Administração, Contabilidade e Turismo; na Universidade Federal de Pernambuco – UFP, o curso é vinculado ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas, no Departamento de Ciências Administrativas.

Antoninho Muza Naime (08/10/2008) conta que, desde o início do Curso, existiam dois grupos, um defendia que o curso deveria ser lotado na FAMECOS, e outro na Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia. *Já naquela época tinha gente que pendia por um lado e para o outro. Eu achava que o curso tinha muito mais de administração porque a resolução 35/70, fala em planejamento turístico, então tem que ser na Faculdade de Administração, e não na Faculdade de Comunicação.* Diz ser contra a especificidade exagerada na formação superior. Defende que o turismo devia ser apenas uma derivação do curso de administração, como tinha Administração

de Empresas, Administração Pública; ou uma especialização, pós-graduação em Administração. Para ele, não há necessidade de se ter um curso de Turismo.

Diney Adriana de Oliveira (08/10/2008) confidencia que sempre vivenciou essa dualidade,

por vezes eu não entendia porque que o Curso de Turismo estava na Comunicação, teve uma época que nós chegamos a fazer um pequeno movimento para que fosse para Administração e não foi. Até bem pouco tempo ouviu-se um comentário, de novo, mas não foi. Eu acho que nós temos um ganho de estar na Comunicação, sem dúvida, até por toda a minha trajetória, depois eu fui fazer mestrado, doutorado, e sempre analisando coisas correlacionadas ao Turismo, mas, se fosse para Administração, eu vou te ser sincera, eu acho que nós teríamos muito mais mercado, gerenciamento, empreendedorismo, marketing, eu acho que seria mais apropriado [...].

Susana de Araujo Gastal, (14/07/2008) lembra que, nos anos 1970, já havia uma visão dessas duas vertentes – os cursos de turismo deveriam estar lotados nas faculdades de comunicação ou administração. Dentro da Comunicação, entraria o Turismo como uma versão do entretenimento. No entanto, hoje, para a professora, essas relações se tornaram mais complicadas, porque, conforme o MEC, o Turismo está na área de Administração.

O professor Antonio Carlos Castrogiovanni, (03/11/2008) pondera:

não sei se hoje se faz toda uma discussão, que talvez tivesse com a Administração, talvez tivesse com a Geografia, talvez tivesse criado junto com o curso de Ciências Aeronáuticas, eu não sei se seria melhor ou se seria pior, isso eu não posso dizer, mas na época os alunos tinham orgulho de ser da FAMECOS, a grife FAMECOS é muito forte, então os alunos diziam “eu sou da FAMECOS”, agora era uma luta constante para nos fazer incluir na FAMECOS definitivamente.

Nas narrativas aparecem muitas dessas dúvidas e questionamentos, porque não basta ter uma vinculação administrativa, tem que ser *de fato e não só de direito*. Essa discussão perpassa toda a trajetória do curso, que, em determinadas épocas, foi retomada internamente.

Durante as entrevista foi possível identificar dois grupos entre os professores do curso, duas visões de ensino superior em Turismo, aqueles que se posicionam, entendem e lutam por um curso mais prático, mais pragmático, que tinha como função preparar para o mercado; e o outro grupo, composto de docentes que acreditam que o curso deveria discutir o fenômeno turístico como um todo, trabalhar questões mais

amplas e complexas da atividade, mais humanista, conforme podemos observar na narrativa a seguir, quando o professor Paulo Nardi fala sobre os objetivos do curso:

O Curso da PUCRS sempre teve uma característica que foi de formar, tanto profissionais para o mercado, como profissionais que ultrapassassem um pouquinho essa visão mercadológica da atividade, e procurassem contribuir para que, justamente, essa área fosse considerada como uma área de conhecimento, [...]. Então o curso de Turismo aqui na PUCRS, até onde eu sei, sempre procurou balancear essas duas vertentes. No que eu acho que ele se saiu bastante bem, porque o profissional que tem formação superior ele deve se preocupar, tanto com a aplicação prática dessa atividade no mercado ou na sociedade, como também com o desenvolvimento dessa atividade no sentido de dar mais base teórica, pesquisas para essa atividade. (Paulo Francisco Rollano Nardi, 16/04/2008)

A discussão sobre os professores do curso serem do mercado ou não é bastante antiga. Algumas coordenações entendiam que era importante para o curso, docentes que atuassem no mercado; outras davam maior ênfase à qualificação acadêmica do professor. Isso é reflexo e reflete uma determinada visão do papel do ensino superior, do ensino superior em Turismo, de uma determinada filosofia de curso. Assim, nesses dois campos, alguns defendem um curso de Turismo mais voltado para o mercado, enquanto outros defendem que um curso superior em Turismo deve voltar-se para discussões teóricas e epistemológicas do Turismo, embora no discurso a totalidade julgue teoria e prática como necessárias e complementares.

Para Berenice Mércio Pereira (13/05/2008) o Curso tem que ter a parte prática com embasamento teórico, e o Curso da PUCRS tinha uma trajetória de inovar, se atualizar, de não se desvincular da realidade. Conforme a professora em outras épocas o curso trabalhou muito com o mercado, mas era outro momento no qual os docentes participavam de muitas reuniões conjuntas com a ABAV, a SETUR, ABIH, Câmara de Turismo, e hoje estão muito dispersos.

A importância de o Curso contar com professores que atuam no mercado é reforçada por ex-alunos e alguns professores. Nesse sentido, a ex-aluna Giana Pereira Borges (22/01/2009) julga esse um aspecto também importante. Explica que, logo que ingressou no curso, começou a trabalhar na área, e percebia um distanciamento da teoria e da prática. Isso, em alguns momentos, chegou até a desmotivá-la. Para ela, os professores não deveriam atuar somente na academia, deveriam atuar no mercado. *Eu acho que sempre que possível o professor ele tem que se envolver mais com a prática, não só com a academia, eu sei que as vezes é difícil, em função de todo o trabalho, mas*

de alguma maneira se envolver, porque o aluno valoriza mais, porque o aluno enxerga o mercado, [...].

Para a ex-aluna Sabrina Dias (22/01/2009) é essencial que os professores possuam um embasamento teórico e que consigam aliar a prática. Conforme Ivone Maio (16/12/2008), sempre foi e é uma preocupação da PUCRS, ter professores mais acadêmicos, que não estavam no mercado, *não trabalhavam, que nem dizem os alunos, que a gente não trabalha quando é só professor*, e também professores do mercado, que facilitassem o acesso dos alunos a estágios e empregos na área.

De acordo com Ansarah (2002), a relação teoria e prática é imprescindível no ensino do turismo,

[...] o ensino do turismo deve atingir dimensão tanto teórica como prática e que o docente poderá aprofundar-se nos conhecimentos e direcionar o ensino quando tiver domínio do conteúdo e vivenciar a prática do turismo, realizando visita in loco, antes da abordagem em sala de aula ou em visita técnica com os alunos para aplicação da teoria na prática [...] para que tal situação ocorra, é preciso que o docente mantenha-se atualizado no que concerne à teoria, adequando-a à prática [...] (ANSARAH, 2002, p.29).

Na narrativa dos ex-alunos é comum expressões *hoje já penso diferente, a gente era muito imaturo, agora tenho um outro entendimento*. Manifestam orgulho do que são hoje e do crescimento profissional e intelectual que tiveram, do maior entendimento da complexidade do fenômeno turístico. Alguns contam que com o tempo e as experiências de vida passaram a ter uma outra percepção sobre o curso. Luis Gustavo Silva (01/10/2008), ex-aluno e atualmente professor, diz que quando cursou pensava que quatro anos era muito tempo, *na época, enquanto alunos, as pessoas ainda discutiam bastante, um curso muito longo, [...] porque quando a gente tem uma visão de aluno é uma visão bem curtinha, equivocada, a gente não valoriza, então hoje, na condição, de professor [...] vejo que o curso era longo, mas era o mínimo que tinha que ser na época*. O ex-aluno Mauricio Schaidhauer (23/01/2009) diz que atualmente consegue perceber a importância das teorias para qualificar a prática profissional.

Silvana Lehn (08/12/2008), que é ex-aluna e também docente do curso, nos confidencia emocionada, *foi muito bom ter voltado, porque tu voltas com um outro olhar, voltar para o lugar de onde tu saiu pequeno e voltar quer dizer, um pouco maior, isso é muito legal, porque tu vê que poxa, um dia eu também vou crescer, isso é teu crescimento profissional, isso foi muito bacana*.

Para Ivone Maio (16/12/2008), *não dá para dizer que surge o curso superior em função do aumento de pesquisa, por exemplo, [...] então eu acho que ela vem já com esse pezinho no mercado, com a idéia que vai atender um mercado futuro*. O Curso não

vem de uma construção, como ocorreu com outras ciências, como a antropologia que se tornou independente da Sociologia, ou por uma construção científica própria que lhe deu condições para se tornar uma disciplina. Para ela a formação superior deveria estar mais ligada à idéia de universidade, que seria uma formação mais universal, que abordasse Filosofia, Sociologia.

Cleusa Scroferneker (11/06/2008) questiona muito a visão instrumental de alguns cursos de ensino superior. Diz estar cada vez mais convicta de que hoje, o mercado está buscando profissionais que pensem, não profissionais que façam, *eu diria profissionais que também façam, mas pensem, e que talvez antes a questão era muito mais do fazer, então se eu tenho um Curso de Turismo vai preparar esse profissional para pensar o Turismo, em todas as suas possibilidades, até mesmo em seus impactos efetivos sobre o meio ambiente.* Para ela, é necessária a formação superior em Turismo, mas se a intenção é formar um técnico, talvez não precisasse um curso superior. Pensa que o turismo poderia sim ser um curso superior, voltado para a questão do pensar, não só do fazer e salienta que isso não é uma exclusividade do Turismo.

Para muitos, o grande problema do curso foi não ter conseguido espaço na FAMECOS para criar o Mestrado, o que possibilitaria o aprofundamento da área. De acordo com Marutschka Moesch (11/09/2008), a tendência é que o curso não tinha, no cenário, mais esse papel de vanguarda como teve antes,

o que me deixa muito triste, porque acho que é um desperdício de todo um capital humano que se estabeleceu aqui, e de referência histórica, que acaba não tendo espaço para se colocar e a tendência é que essas pessoas acabem se aposentando, saindo daqui, vão atuar em outros lugares e posso te dizer que nesse momento eu não estou vendo um momento mais esperançoso para nós, acho que é um momento bem difícil que estamos vivendo, mas está muito marcado por um impasse institucional, para onde a área das humanas da PUCRS vai caminhar, não é só o Turismo da PUCRS [...], porque há um financiamento das pesquisas tecnológicas, e as áreas das humanas estão bastante..., sem referencial para onde vão caminhar, acho que é um momento que acabou nos pegando junto, talvez pela nossa linha, se nós fôssemos uma linha de negócios, vinculados a negócios, talvez nós tivéssemos na Administração muito bem, mas foi uma opção na época que se fez e acredito que acertada, e que agora nós vamos ter que nos rever dentro da instituição.

No entanto, percebe como um equívoco dar aos cursos de Turismo a visão muito de negócio, porque acaba concorrendo com a administração, e fazendo com que o curso

perca espaço na sua originalidade que é a produção do objeto turístico, que é o fenômeno, não é o negócio,

o negócio nós podemos procurar os profissionais da administração, agora o objeto, essa relação entre cultura, homem, espaço e território, esses desafios que estão estabelecidos por sustentabilidade, desenvolvimento local e mercado global, tudo isso é muito complicado, [...], nós estamos mantendo a graduação nisso, nosso aluno tem um diferencial na sua formação, ele tem uma formação, um embasamento mais crítico sobre o desenvolvimento turístico, então, ao mesmo tempo nós estamos com 70% dos alunos hoje estagiando já no primeiro nível, porque continua uma grande procura desse aluno da PUCRS, então nós temos essa responsabilidade de manter essa qualidade e talvez até atendendo hoje esse mercado diferenciado que não é o mercado operacional da década de 1970 e 1980, que é um mercado que necessita de uma competência para resolução de problemas, de conflitos, muito mais presentes do que um início, meio e fim dos modelos anteriores do trabalho. (Marutschka Moesch, 11/09/2008)

O Curso também é reconhecido por outras áreas do conhecimento. Ivone Maio (16/12/2008) assinala o preconceito de outras áreas, como da Antropologia em relação ao Turismo, *os antropólogos têm preconceito com os turismólogos, mas quando eu apresentei minha dissertação na ABA (Associação Brasileira de Antropologia), [...] os professores vieram falar comigo, me deram parabéns, e disseram turismóloga, mas onde é que tu te formou?, eu disse na PUCRS, ah bom!, te formou na PUCRS! Então tinha um espaço, era valorizado.*

Leandro de Lemos (24/11/2008), fazendo um balanço dos 15 anos, avalia que, o grupo de professores já haviam chegado a um consenso de que os cursos de Turismo tradicionais, voltados para a operacionalidade do Turismo, já tinham encerrado seu ciclo.

nós já tínhamos gerado uma quantidade significativa de profissionais nessa área, e de certa forma, a gestão do Turismo, [...], então quem era administrador de uma empresa, ele poderia tranquilamente fazer a gestão do Turismo porque, como a Administração se padronizou com técnicas, como a gestão da qualidade total, técnicas como a ISO 9000, tudo isso tem cheiro, tem metro, tem processo de padronização e o Turismo incorporou essas técnicas, não fazia mais sentido nós gerarmos gestores especificamente para essa área e qual é a lacuna que existia? Entender o Turismo como um vetor de desenvolvimento econômico. Se você pegar ainda hoje os mais de 5 mil municípios existentes no Brasil nós temos poucos profissionais que desenvolvam projetos turísticos, que saibam captar recursos financeiros, e transformar esses recursos em realidade.

Então esse tipo de profissional há 12 anos atrás a gente já via que havia necessidade de gerar, só que esse tipo de profissional ele só seria viável com um outro tipo de desenvolvimento, que era o desenvolvimento do nível de informação científica, de estatística econômica, social, ambiental sobre o Turismo, para embasar [...].

O professor explica que isso, de certa forma, é o Observatório, mas não somente o Observatório. A partir da criação do mestrado, formar pesquisadores, formar uma base metodológica que pudesse gerar conhecimento.

Hoje o Rio Grande do Sul, é uma vergonha dizer isso, mas está totalmente abandonado em termos de monitoramento estatístico sobre o Turismo, sobre o desenvolvimento econômico, até os parques de visitação estão descobertos, não sabemos quantas pessoas entram, quantas pessoas saem, então não tem monitoramento de controle quantitativo em áreas muito sensíveis, então a gente pode até perder alguns e estamos perdendo alguns parques, algumas áreas de proteção ambiental, áreas de proteção verde para visitação monitorada com manejo ambiental do Turismo, porque a gente não tem uma coisa ridícula que é o controle de entrada e saída, para ter um dimensionamento da capacidade de recepção das localidades, então, de certa forma, a gente ficou para trás, e eu vejo, felizmente vejo que alguns seguidores de nossas idéias em Santa Catarina, Paraná, em São Paulo, na Bahia, em Tocantins, no Acre, Roraima, em Mato Grosso, profissionais que passaram pela PUCRS estão lá trabalhando com as nossas idéias e conseguiram criar centros de pesquisa, conseguiram criar cursos avançados, conseguiram criar, com as próprias secretarias de Turismo locais e com o Ministério do Turismo, mecanismos de avaliação, de monitoramento, de desenvolvimento sustentável do Turismo e a gente infelizmente ficou para trás nessa caminhada¹⁶⁶.

De fato, na estrutura da educação superior brasileira, a pesquisa científica é obrigatoriedade das instituições credenciadas como ‘universidades’, sendo as demais desobrigadas à produção do conhecimento. A necessidade de uma maior produção de conhecimento em Turismo na PUCRS é apontada por muitos narradores como imprescindível, não só para a formação superior, mas também para o desenvolvimento da atividade turística no estado e no Brasil. Para Trigo (2003, p.97), a responsabilidade das universidades é tratar teoricamente dessas questões, exatamente o oposto das

¹⁶⁶ O professor Leandro de Lemos (24/11/2008) relata que em determinado momento, *apesar de termos a visão, não houve a implementação,[...], depois a Maru assumiu e de alguma forma tentou dar um resgate nessa movimentação da compreensão do Turismo, do entendimento científico dele, mas ai eu acho que já havia uma força ladeira abaixo maior, [...].*

críticas de alguns que encaram os cursos superiores de turismo como muito “teóricos” e pouco direcionados ao “mercado”.

Embora os narradores sejam *apaixonados* pelo curso e pelo tema turismo e queiram acreditar em uma perspectiva nova, acham esta fase bastante delicada. O curso passou por momentos muito difíceis no final de 2007, decorrentes de desentendimentos entre o corpo docente, o que ocasionou demissões. Os narradores manifestaram preocupação sobre o futuro do Curso de Turismo da PUCRS e os do Brasil em geral. O professor Paulo Francisco Rollano Nardi (16/04/2008) reflete: *tive bastante sorte de conviver numa época que as vantagens, que os aspectos positivos sempre foram bem maiores que os negativos. E de alguma forma nós aqui na PUCRS, conseguimos montar uma base profissional, teórica, de conhecimento, um núcleo bastante importante não só para o nosso Estado, mas para o turismo brasileiro em geral.*

Conforme Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008), hoje o curso está se questionando,

como conseguir a partir da sua história, da sua competência, da experiência dos professores, conseguir transformar tudo isso realmente em um curso que tenha alunos. É um curso que está novamente tentando se reconstruir, com propostas, com pessoas que tem muita vontade, professores engajados, o corpo docente tem alguns que se mantém, mas são poucos, tem alguns novos, mas, a idéia do curso hoje é um curso enxuto, que tem poucos professores.

Para Leandro de Lemos (24/11/2008)¹⁶⁷, era necessário qualificar o curso para formar profissionais de alto nível, no que se refere ao desenvolvimento de projetos, pesquisas, a complementaridade entre ciência, extensão, educação e desenvolvimento. O papel da universidade é gerar educação, pesquisa, desenvolvimento e inovação, e o Turismo tinha tudo para contemplar essas áreas com alto padrão. Reforça que há uma carência enorme na sociedade por *profissionais de elevada envergadura*, uma vez que para lidar com o Turismo é necessário entender de relações internacionais, de legislação internacional, de línguas, de economia, de ambiente, de história, de arquitetura, de cultura, de gestão pública, política, capacidade de interação com pessoas.

O Curso de Turismo da PUCRS foi estrelado na avaliação de cursos superiores realizada pelo Guia do Estudante (GE) e consta da publicação GE Melhores

¹⁶⁷ Durante as discussões sobre o que fazer com o Curso de Turismo, alguns professores, dentre ele Leandro de Lemos, foram chamados pela gestão superior, como especialistas na área, para opinar, para dar uma contribuição sobre a ida do Turismo para a FACE, em função da problemática pela qual o curso estava passando, pelo declínio de matrículas.

Universidades 2008. A PUCRS também conquistou o Prêmio Melhores Universidades do Guia do Estudante Abril/Banco Real nas três categorias em que participou – entre eles o principal, de Sustentabilidade. Os dois outros foram de Melhor Universidade Privada da Região Sul e o da categoria Serviços. Na categoria Melhores por Área de Conhecimento, os cursos foram agrupados em 13 áreas, tendo a PUCRS conquistado o título na categoria Serviços, que inclui os cursos de Ciências Aeronáuticas, Gastronomia, Hotelaria, Secretariado Executivo e Turismo. Este último recebeu a categoria cinco estrelas, a mais elevada para cursos superiores.

Jerônimo Carlos Santos Braga (11/11/2008) lembra que o Curso era reconhecido, pelo guia do estudante, como de cinco estrelas,

o que para mim prova que não estava errado colocá-lo dentro da faculdade de Comunicação Social, e que pese, a grande maioria dos cursos no Brasil estão dentro das faculdades de Administração, porque se tem enxergado o Turismo mais como um processo de negócio administrativo do que como um processo de comunicação. Nós conseguimos provar que a visão via Comunicação Social também atende essas necessidades, foi daquele curso, do tempo que a professora Norma Moesch era coordenadora que nasceu a Rota Romântica e outras rotas da área, o que significa que sob esse ponto de vista, ele é de excelência [...].

6.5 Transferência do Curso para a Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia FACE e seu Processo de Extinção

No final de 2008, o Curso de Turismo, passou a ser lotado na FACE, física e administrativamente. Para os alguns narradores, essa decisão foi pouco discutida pelos docentes, foi uma decisão superior, e os professores foram comunicados. Vêm que a transferência para a FACE foi feita de uma forma abrupta, por uma necessidade de sustentabilidade econômica, o que foi traumático.

Para Marutschka Moesch (06/05/2009), o processo foi equivocado, porque ficaram discutindo muito se o curso deveria permanecer na FAMECOS ou ser deslocado para FACE,

nós somos mais comunicação ou somos mais um negócio ou somos mais pessoas ou [...] quem nós somos? Isso desgastou, não teve a discussão, eu acho que no fórum adequado, [...] ficamos discutindo o problema da crise da universidade, da PUCRS como um todo, que é a concorrência, como responsabilidade do curso de turismo, sem discutir, na verdade, posicionamento do que nós queríamos com essa área dentro da universidade, que provavelmente ela seria maior do que ficar na FAMECOS ou estar dentro da FACE. Então o processo foi equivocado, desgastante, porque desconstituiu todo um grupo

de professores que, ao longo desses anos, 2006, 2007, fez três projetos pedagógicos alternativos, inclusive chegando a conclusão que deveríamos fechar a hotelaria, transformar em um curso só e depois fazer uma especialização em gestão hoteleira.

Nessa entrevista, realizada logo após o Curso de Turismo ter ido para a FACE, a professora acreditava que a filosofia do Curso não iria se alterar. A concepção de um saber interdisciplinar, a necessidade de práticas, de trabalhar com resolução de problemas, situações problema, ênfase na pesquisa, o aluno construir esse conhecimento, isso continuaria e, *há uma tendência, inclusive que isso dissemine até nos outros cursos da FACE. Porque, na verdade, isso é o que está sendo apontado como a forma de ensinar hoje, diante desse desafio do inusitado* (Marutschka Martini Moesch, 06/05/2009).

Para Susana Gastal (14/07/2008), a expectativa dos cursos de Turismo *é de tentar passar esse tshunami e a gente conseguir voltar e sobreviver, então se inicia uma série de mudanças e tentando fazer toda uma aproximação para que o aluno realmente se sinta bem, e fique no curso, que não provoque desistência [...].*

O professor Leandro de Lemos (24/11/2008) manifesta preocupação em relação aos alunos nessa mudança do Turismo para a FACE,

eu acho que quem mais vai sentir é o aluno, talvez se assuste um pouco porque nosso padrão aqui de tribo, é uma tribo completamente diferente da tribo do Turismo, a gente vai ter que administrar muito bem essa aproximação, para que não gere mais uma sensação de exclusão, de conflito [...]. Aqui, queira ou não, nós somos mais formais, mais cabulatórios, mais controladores, mais disciplinadores, porque é o que a gente lida, administração [...].

Em 2009, o Curso de Turismo da PUCRS, inserido em uma nova unidade, tendo um corpo docente com experiência histórica, teórica e profissional na área, poucos alunos, redução de carga horária dos docentes e a dúvida no final do semestre de quais os professores permaneceriam e quais seriam demitidos, discutiu incessantemente alternativas para seus problemas. Em muitas narrativas aparece o sentimento de que o curso de Turismo da PUCRS estagnara e perdera espaço, e estava fazendo um esforço para retomar.

Para os docentes, o Curso de Turismo foi literalmente acolhido pela FACE. A narrativa da professora Marutschka Martini Moesch (06/05/2009) é bastante elucidatória sobre essa questão:

ingressamos num debate maior que a própria FACE está fazendo, de posicionamento da FACE, porque já que a administração também é um curso que tem muita concorrência, então é um debate mais qualificado nesse sentido e amplo, de futuro, não de resolver o problema para um ou dois vestibulares, e nesse futuro o quanto a universidade vai investir num projeto que tenha o tamanho da PUCRS. Então eu acho que a última reunião, nós estamos nos reunindo, o grupo de professores, agora ampliado com colegas da FACE e outros coordenadores, discutindo a formatação, o novo projeto para esse ano apresentar até junho e uma das questões que está sendo colocada é essa, o novo projeto tem que ser do tamanho da PUCRS, não pode ser menor. Então não é só mudar o currículo novamente, é mudar toda a estrutura de como vai se estabelecer a imagem desses cursos. Há uma tendência de nós propormos um tecnológico para hotelaria e mantermos o turismo na linha de bacharelado, mas com uma possibilidade de disciplinas comuns, num tronco comum entre tecnológico e bacharelado. Talvez alguma coisa modular, aí é nosso receio que o aluno não tenha maturidade para o modular e ache que dois anos são suficientes, porque se ele ficar no mercado que está dado, ele não precisa mais do que isso, porque ele não vai muito além, então essa é uma discussão que está se fazendo, mas eu acho que é uma discussão, pelo menos agora, permeada, vamos dizer assim, de uma intenção de permanência dos cursos. Então a ameaça de fechamento não existe, a universidade quer manter os cursos, mas como é que nós vamos manter esse curso que tem um custo de universidade, não tem um custo de uma pequena faculdade, mas que precisa, obviamente, inovar suficientemente para ter a sustentabilidade econômica e no nosso entendimento precisamos pensar graduação e educação continuada, extensão e mestrado.

Nesse contexto, era urgente criar um espaço coletivo de diálogo que promovesse a discussão do fazer político-pedagógico do Curso, envolvendo distintos atores, tomando como eixo os parâmetros presentes nas então atuais diretrizes curriculares: projeto pedagógico construído coletivamente, flexibilidade, formação integral, incorporação de atividades complementares em relação ao eixo fundamental do processo de formação, interdisciplinaridade, predominância da formação sobre a informação, articulação entre teoria e prática e indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Em 2009, a direção da FACE montou um grupo de trabalho para fazer um novo projeto que deveria ser apresentado à Pró-reitoria de Graduação, do qual todos os professores foram convidados a participar. Em dezembro de 2009, foi encaminhado o projeto que tinha como proposta unir os cursos de Turismo e Hotelaria.

Porém, a situação não se encaminhou na perspectiva que o grupo de docentes estava articulando e, logo em seguida, em janeiro de 2010, sem uma consulta ao grupo de docentes que atuava, o Curso entra em processo de extinção.

A PUCRS lança, para o vestibular de 2010, o novo curso, Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, que é um curso de graduação com duração de dois anos e meio, noturno, com 60 vagas, tendo como coordenadora a professora Ellen Regina Mayhé Nunes. Algumas narrativas já haviam sinalizado nesse sentido. Mário Beni (06/05/2009) destaca que isso aconteceu com os cursos de turismo na grande maioria das universidades brasileiras. Após o grande crescimento de 1974 a 1985, houve uma estabilização, e um novo impulso no final da década de 1990 a 2000. A partir desse período, alguns começaram a fechar. Susana Gastal (14/07/2008) aponta que, no ensino superior no Brasil, há uma pressão do MEC, para cursos mais operacionais, mais curtos.

Podemos constatar que muitas IES do RS entendem que o Turismo necessita dessa formação técnica, e vêm criando cursos de tecnólogos em Turismo a Faculdade de Integração do Ensino Superior do Cone Sul – FISUL, a Universidade Anhanguera – UNIDERP, a Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, a Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, entre outras, inseridas em uma Política do Ministério da Educação que vem incentivando e investindo na criação de cursos técnicos e profissionalizantes em todas as áreas, como reforça a Zero Hora/RS (25/04/2010, p.1 e 3, do Caderno Empregos e Oportunidades), inclusive na área do Turismo (Zero Hora/RS, 05/05/2010, p.7).

Há uma pressão do mercado de São Paulo, das grandes fábricas de alunos de São Paulo que querem cursos mais curtos e mais operacionais, e, nessa política do MEC, quem perde são as privadas sérias, tipo as PUCs, porque têm estruturas acadêmicas, pós-graduação, estruturas pesadas e, portanto onerosas, e isso acaba incidindo no preço da mensalidade. Os cursos chamados “periféricos” não têm nenhum comprometimento nem de estrutura, nem de formação de professores, portanto acabam tendo um preço bem mais acessível e as PUCs não conseguem concorrer. Por outro lado, as universidades públicas não dão muita atenção às exigências do MEC. *A USP não dá a mínima para nota do MEC, nem para a CAPES, nem para os controles de graduação.* Então as privadas que atendem às exigências do MEC e, ao mesmo tempo, não conseguem ter o preço do mercado, ficam no meio do problema e, no Curso do Turismo, isso parece bem significativo (Susana Gastal, 14/07/2008).

Conforme consta na página oficial do curso www.pucrs.face.br (15/05/2010),

a evolução tecnológica e a dinamicidade presente na sociedade global impõem novos padrões e requisitos ao mundo do trabalho, exigindo que a formação profissional oferecida aos educandos se alinhe a estes novos contextos e atenda ao conjunto de habilidades e competências requeridas aos egressos. Em função deste cenário, a Universidade optou por construir um novo projeto pedagógico.

Visando continuar formando profissionais para atuarem neste segmento, de forma ajustada à realidade e às novas necessidades presentes nas atividades do Trade Turístico, a Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia da PUCRS está oferecendo, a partir de março de 2010/1, o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo.¹⁶⁸

Mário Carlos Beni (06/05/2009) conta que hoje está convencido de que a Faculdade Morumbi tinha razão. Lembra que, na época, a USP questionou muito esse modelo porque a universidade achou que havia pouca teoria e que deveriam aprofundar os estudos epistemológicos do turismo, e a Faculdade Morumbi, ao contrário, estava preocupada em preparar para o dia a dia, para o mercado, seguindo o modelo espanhol, só que o grande diferencial é que, na Europa, não existia formação superior em turismo, tinha formação em nível de tecnólogo. Podemos perceber como o trabalho da memória constrói uma rede de novas lembranças (no sentido de atualizar a experiência) que com o passar dos anos são refeitas pelo lugar que, no presente, ocupamos (HALBWACHS, 1990), quando Mario Beni pondera, *hoje eu estou convencido que ele não estava errado*, fazendo uma releitura sobre a experiência.

Para Mário Beni (06/05/2009) a grande maioria dos cursos não tinha corpo docente da qualidade da USP, da PUCRS de Porto Alegre, da PUC de Minas, de Poços de Caldas, que recentemente teve a maior nota no exame do ENEM, e é coordenado pelo professor Renê Correa Nascimento. Esses cursos diferenciados sobreviverão. Embora, recentemente, tenha surgido a triste notícia, pelo próprio professor Renê, que nem o curso que obteve a nota máxima no ENEM vai sobreviver, porque o interesse caiu radicalmente; praticamente não houve candidatos em número suficiente para formar uma turma.

Isso está acontecendo em todo o território nacional, eu acho que esses cursos vão migrar, em sua grande maioria, para as universidades tradicionais. Eu acho que as Universidades Federais já estão se organizando, se preparando para isso. As universidades privadas vão passar para nível de tecnólogo para sobreviver [...] e as universidades públicas vão manter ainda o Curso de Turismo, a tendência é essa. (Mário Beni, 06/05/2009)

¹⁶⁸ Após concluir com aprovação todas as disciplinas previstas para os dois primeiros semestres, os alunos obterão o Certificado de Qualificação Profissional Modular em Gestão de Empreendimentos Turísticos Sustentáveis. Desta forma, ao final do primeiro ano do curso, o educando já estará apto a ingressar no mercado de trabalho portando um certificado que oficializa sua formação e competência.

No entanto, os narradores aventavam essa possibilidade para outros cursos de Turismo do país, mas não, naquele momento, para o da PUCRS. Destacam a carência de profissionais técnicos na área do Turismo, porém acreditam que, no caso da PUCRS, na concepção de turismo e de Curso de turismo que sempre trabalhavam, com a formação e qualificação do corpo docente, seria adequado uma retomada do curso na perspectiva da pesquisa e geração de conhecimento, um curso de bacharelado para formar pesquisadores que contribuíssem para a construção de uma teoria do Turismo, de uma ciência do Turismo. Antonio Carlos Castrogiovanni (03/11/2008) acredita que *a instituição, pela história dela tem tudo para continuar, pela sua história, na realidade a história te ajuda efetivamente, mas quiçá, com muito mais tranqüilidade, [...]*.

Embora reconheçam a importância de uma formação técnica para o Turismo, os professores se posicionaram contra a decisão da PUCRS de extinção do Curso de Bacharelado em Turismo. Para eles foi um longo e desgastante processo, em 2009. O grupo de professores trabalhou muito em projetos de reestruturação e em uma proposta que foi entregue em dezembro, quando de repente, ficam sabendo do novo curso. Não tiveram participação na elaboração deste, que não leva em conta tudo o que o grupo de professores do Turismo estava pensando, construindo; não leva em conta a trajetória da PUCRS na área de Turismo, simplesmente desconsidera, nega o trabalho desenvolvido por esses profissionais durante 38 anos e a contribuição do curso na atividade turística do estado.

O Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo é composto por um conjunto de disciplinas que trabalha o conhecimento de forma equilibrada entre a teoria e a prática, possibilitando que os alunos desenvolvam o aprendizado em laboratórios especializados e experienciem o conhecimento realizando atividades práticas em organizações que ocupam posições destacadas no segmento de atuação, com as quais a Universidade possui convênios. Assim, através de aulas em laboratórios, visitas técnicas, saídas de campo e ambientações profissionais, vivenciando situações reais na área, espera-se que os egressos deste Curso sejam capazes de adquirir as competências e habilidades necessárias para desenvolver suas atividades com qualidade, criatividade, inovação e empreendedorismo. (www.pucrs.face.br , 15/05/2010).

Tem, como objetivos, oferecer uma proposta pedagógica de excelência, contemporânea do seu tempo, com uma estrutura curricular dinâmica e disciplinas ministradas por professores com competência acadêmica, mas também com vivência de mercado; preparar profissionais com autonomia de pensamento e ação, capazes de agir nas diferentes áreas do Turismo com responsabilidade, competência, crítica, ética e

solidariedade; oferecer discussões, textualizações, possibilidades experimentais e vivências profissionais nas áreas que contemplam as atividades relacionadas ao profissional de nível superior em Turismo; promover a construção do conhecimento, estimulando a transposição do campo teórico acadêmico para a prática profissional por meio de metodologias que permitam a constante reflexão-ação; propiciar situações pedagógicas que contemplem as exigências do mercado de trabalho, em especial, no que se refere às novas tecnologias; discutir, vivenciar e analisar a necessidade de um comportamento profissional calcado nos processos de construção teórica e no emprego constante da ética profissional, perpassado e enfatizado em todas as disciplinas; incentivar a pesquisa, contribuindo para construção do campo epistemológico do Turismo.

Esse profissional pode atuar em diversas áreas, entre elas órgãos e organismos oficiais de Turismo e hotelaria, associações de classes e clubes, agências de viagens, companhias aéreas e de navegação, restaurantes, bares e casas de shows, empresas organizadoras de eventos, consultorias, planejamento de estrutura de lazer e de hotéis, entre outros.

Não está disponível na página oficial do curso toda a estrutura curricular, apenas o nível I, com as seguintes disciplinas: Fundamentos Econômicos do Turismo; Introdução à Administração; Sistema Turístico; Práticas de Sustentabilidade Ambiental; saída de campo I; Oficina de Hospitalidade; e Gestão de meios de Hospedagem.¹⁶⁹

Podemos questionar quais as semelhanças/diferenças entre o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo e o Curso de Bacharelado em Turismo, no que tange à sua estruturação administrativa, pedagógica e curricular, aos seus objetivos e perspectivas profissionais?

O Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo se propõe, dentre outros aspectos, a promover a construção do conhecimento, estimulando a transposição do campo teórico acadêmico para a prática profissional por meio de metodologias que permitam a constante reflexão-ação; incentivar a pesquisa, contribuindo para construção do campo epistemológico do Turismo. Pode-se observar que existe certa similaridade entre os profissionais graduados em Cursos de Bacharelado em Turismo e os Tecnólogos em Gestão de Turismo. Essa “rivalidade” pode se acirrar, ainda mais,

¹⁶⁹ Salienta-se que, junto com o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, também foi criado o Curso Superior de Tecnologia de Hotelaria, que, conforme consta na página oficial da FACE, tem a mesma proposta, disciplinas do nível I idênticas, modificando, apenas, quando se refere às áreas de atuação do profissional.

quando os egressos dos referidos cursos se depararem como concorrentes no mercado de trabalho.

Um curso de Tecnólogo deve ser mais voltado para a prática, reduzindo o tempo de duração, o que pode se constituir como um dos “atrativos” que aumenta sua demanda. Porém, pode haver, para a sociedade, uma falta de uma definição dos referidos cursos.

Coincidentemente, ou não, muitos dos conteúdos do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo são idênticos aos contemplados pelo Curso de Bacharelado em Turismo. Podemos pensar, como pode um Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo ter um direcionamento específico, e, ao mesmo tempo, possuir uma dimensão ampla, peculiar ao Curso de Bacharelado em Turismo? Podemos pensar que o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo foi elaborado fazendo-se uma síntese/compactação do Curso de Bacharelado em Turismo. Dessa forma, preterizam-se as Diretrizes para a Formação de Tecnólogos, que expressam que “Importa, sobremaneira, a identificação de critérios e referenciais claros e de responsabilidade das instituições de ensino na oferta de cursos de formação de tecnólogos”. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010 [Parecer CNE/CP n. 29], p. 21) Dentre as peculiaridades do Curso de Tecnólogo, o referido documento menciona que as demandas do mercado de trabalho e da sociedade devem ser consideradas.

Entendemos que diversas especificidades do Curso de Bacharelado em Turismo se prestam a cursos de tecnólogos. Consideramos que os cursos direcionados a uma formação específica, como deve ser o caso dos tecnólogos, devem ter o cuidado de não adentrar no campo dos cursos de bacharelado. O Parecer CNE/CES n. 436/2001 reconheceu que os Cursos Superiores de Tecnologia se constituem como graduações com características específicas, bem diferenciadas das da graduação plena.

Em síntese, podemos afirmar que a diferença principal entre o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo e o Curso de bacharelado em Turismo está basicamente centrada na diferenciação de tempo, a eles conferidos. Por outro lado, as Diretrizes para a Formação do Tecnólogo enfatizam que: “[...] é muito difícil precisar a duração de um curso de formação de tecnólogo, objetivando fixar limites mínimos e máximos. De qualquer forma, há um relativo consenso de que o Tecnólogo corresponde a uma demanda mais imediata a ser atendida, de forma ágil e constantemente atualizada”. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010 [Parecer CNE/CP n. 29], p. 21)

A diferenciação também se dá, sobretudo, no campo das disciplinas de cunho humanístico, que não são ministradas no Curso Superior de Tecnologia em Gestão de

Turismo, e esse fato, indubitavelmente, prejudica à formação ético-cidadã dos alunos. Se na década de 1970 tínhamos um curso, um currículo, uma proposta, uma filosofia de um curso de Tecnólogo em Turismo, mascarado de Bacharelado, atualmente a situação é a mesma, só que invertida, temos um curso, segundo os objetivos de Bacharelado em Turismo, mascarado de Tecnólogo.

O Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo viabiliza uma formação rápida; possui um custo mais baixo; sintonizado com o mercado de trabalho e com as demandas do setor produtivo, possibilita aos trabalhadores-alunos o aproveitamento e a valorização de suas práticas e saberes tácitos. O que de acordo com Campos (2005) não é uma solução nova. “Não é um pensamento muito diferente daquele que permeava o empresariado de 1946, que chamou o governo federal à criação de serviços educacionais destinados a *atenuar a complexidade crescente das funções especializadas na área mercantil*. [...]. Já se pensou, até mesmo no século XIX, na tentativa de copiar-se o modelo dos *Community College* dos Estados Unidos”. (CAMPOS, 2005, p. 892)

Tinha que ser um curso economicamente viável, e essa configuração surgiu como uma opção, para que a área de Turismo permaneça na PUCRS. Porém em nenhum momento apareceu, nas narrativas dos docentes da PUCRS, a expectativa ou o desejo de que o curso se encaminhasse nesse sentido. A PUCRS cria o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, não em função de um entendimento do fenômeno turístico, mas, basicamente, por uma decisão relacionada muito mais a uma questão de orçamento da universidade, uma decisão tomada em função da planilha de custos. Campos (2005) destaca que quem mais está investindo nos cursos de nível tecnológico, são as instituições privadas que encontraram aí um nicho de mercado.

Realizamos uma entrevista com Norma Martini Moesch (06/04/2010), após a extinção do Curso de Bacharelado de Turismo da PUCRS. A professora inicia dizendo que, nesse tempo, em que estivemos separadas, fisicamente e também do objeto de estudo da entrevista, muita coisa aconteceu afetando este curso. *São os tsunamis da nossa sociedade e da nossa vida*. Para a professora, é muito curioso, estranho, e de certa maneira, incompreensível, o que está se passando, porque é difícil acreditar que tenha sido concluído o episódio de mudanças na PUCRS, tentando redefinir os campos destinados à formação nas áreas do turismo, este importante campo do conhecimento que é a formação dos profissionais a nível superior na área do turismo.

Qual é o paradoxo que tanto me inquieta, de fato me deixa eu diria confusa, e com pouca clareza? Não tenho como interpretar o que se passa hoje com a PUCRS porque sempre foi

uma instituição de vanguarda. O propósito de ter assumido o curso de Turismo numa época que era tão incipiente o conhecimento que se tinha dessa área e de ter enfrentado heroicamente, em torno de ¼ de século a sustentação de uma formação acadêmica nesse campo, onde a PUCRS atuou sozinha por quase 30 anos, e hoje, passado esse momento em que seria eu diria a etapa ou a meta desejada de qualquer instituição que tivesse se envolvido numa área nova, na busca de conhecimento, de saber e de formação, acho que seria o coroamento de uma vanguarda, de apostas num cenário e num segmento da sociedade que ainda poucos acreditavam, que era o Turismo como uma perspectiva de desenvolvimento, numa sociedade em transformação no século XX.

Para a professora é difícil entender essa decisão da PUCRS, porque exatamente no momento em que o turismo supera a fase inicial para a qual poucas instituições de ensino se voltavam, a fase da efervescência desenfreada da proliferação de cursos de forma ingênua, romantizada, ou empírica, para o enxugamento e uma ordenação, talvez fosse o momento de se valorizar um curso de bacharelado em Turismo. Temos cursos de pós-graduação, mestrados e doutorados, temos um Brasil diferente, que tem o privilégio de apresentar-se diante do mundo como um país que acredita no Turismo, que tem uma Política Nacional de Turismo fortemente estabelecida, que tem um Ministério de Turismo.

Eu diria que é praticamente inédito o que se dá hoje no nosso país, dentro do Ministério do Turismo em todas as áreas temos hoje egressos dos cursos superiores de Turismo. Concursos se repetem todos os anos, tentando buscar uma formação profissional que possa espelhar esta linguagem que foi criada e que alimenta o próprio plano nacional de Turismo, os seus grandes programas, projetos e o grande diálogo que o governo federal, que o Ministério do Turismo criou com a sociedade brasileira. (Norma Moesch, 06/04/2010)

No Programa Nacional de Regionalização do Turismo, em todas as ações e os subprogramas que o alimentam, temos a presença de Bacharéis de Turismo, e das IES que se ocuparam com a formação profissional em turismo.

Hoje é possível falar nacionalmente nessa linguagem que está alimentando o turismo nacional, porque as universidades lograram e acolheram os cursos superiores de Turismo e oferecem a sua contribuição a esse magnífico programa que hoje o governo enseja que é o Programa Nacional de Regionalização do Turismo. Então eu pergunto se esse é o momento de uma universidade de vanguarda que é responsável por boa parte das grandes inteligências do turismo deste país, que prospectou, projetou na sociedade esse capital humano

admirável que hoje se multiplica e que dá sustentação aos órgãos oficiais do setor empresarial, ao terceiro setor, enfim, que de forma inequívoca está hoje permeando todas as iniciativas por políticas públicas, privadas, que fazem do turismo um grande vetor do desenvolvimento do nosso país, da nossa nação? Por que a PUCRS se retira de um cenário tão importante que levou em torno de 40 anos para se configurar, se consolidar, um momento tão decisivo, tão expressivo, deixando espaços para que se questione se esse objeto chamado Turismo, se esse fenômeno chamado Turismo, que inspirou, que alimentou, e que entusiasmou a PUCRS do saudoso Irmão Ottão, hoje não tem mais significado como objeto de estudo superiores em turismo? (Norma Moesch, 06/04/2010)

Nessa fase do conhecimento em turismo se faz necessário a presença permanente e comprometida da academia. Para Norma Moesch (06/04/2010), é nesse momento, em que o Brasil mais precisa dessa inteligência humana em favor do turismo, que a PUCRS se retira e entrega a competência e a responsabilidade de gerar esse conhecimento a uma esfera do ensino das tecnologias. *Eu vejo com muita tristeza que nós estamos voltando pelo mesmo caminho, ou seja, fizemos uma trajetória de três décadas ou quatro décadas, e eu gostaria de continuar a avançar em direção a linha do horizonte que tanto me seduziu quando eu escolhi essa carreira e essa profissão.*

A presidente Nacional da ABBTUR, professora Tania Omena, ao discursar na 28ª reunião do Conselho Nacional de Turismo¹⁷⁰ em Brasília, no dia 27 de abril de 2010, encaminhou a solicitação de aproximação urgente do MTur com o MEC. Falou sobre a necessidade de uma maior interlocução entre os Ministérios na discussão da formação na área de Turismo, uma vez que o campo eminentemente técnico vem sendo a tônica da atuação do MEC, o que não é coerente com as ações e encaminhamentos do MTur. Salientou que a atuação do MEC está desconexa da Política Nacional de Turismo e do Plano Nacional de Turismo; o MEC desconhece oficialmente o Turismo como formação ampla quando trabalha centrando suas orientações, políticas e recursos, no campo das Escolas Técnicas.

Estamos, novamente, na discussão realizada na década de 1970, quando o MEC e a EMBRATUR, debatem sobre o nível dos cursos de turismo (técnico, de graduação, ou de pós-graduação).

Nesse sentido, Norma Moesch (06/04/2010) reforça:

¹⁷⁰ O Conselho Nacional de Turismo é um órgão colegiado com a atribuição de assessorar o ministro de Estado do Turismo na formulação e a aplicação da Política Nacional de Turismo e dos planos, programas, projetos e atividades derivadas. Esse Conselho é formado por representantes do governo federal e dos diversos segmentos do turismo. O Conselho é hoje integrado por 67 conselheiros de instituições públicas e entidades privadas do setor em âmbito nacional.

A PUCRS parece que na leitura que nos é permitido fazer nesse momento, a PUCRS está totalmente dissociada da Política Nacional de Turismo. A PUCRS não está associada com a Política Estadual de Turismo. A PUCRS não está vinculada as políticas emanadas pela Organização Mundial do Turismo. Com quem a PUCRS está sintonizada no momento em que ela extingue um curso de bacharelado em turismo, ela atende a que lógica, a que premissas? É o fato de não ter mais hoje 60 alunos na sala de aula, como era na década de 1970, 1980? É o fato dela não poder trabalhar com um universo tão dilatado quanto àquele que alimentava os cursos universitários há anos passados? Essa mudança, que ocorreu em todas as IES. (Norma Moesch, 06/04/2010)

Se o Brasil necessita da formação tecnológica, e essa formação é importante, não encontramos lógica para entender por que essa formação tem que tomar o lugar de um bacharelado. Parece que não existe mais na PUCRS o interesse em tratar o Turismo no contexto científico.

Norma Moesch (06/04/2010) lamenta que a PUCRS, neste momento, pelo pouco entendimento do turismo e do efetivo papel que a instituição desempenhou na formação desta consciência científica nacional que, e talvez por desconhecer a magnitude desse esforço da PUCRS, estejam se adequando a uma situação que talvez não tenha sido devidamente estudada, avaliada e compreendida. *Eu quero registrar o meu desconforto, meu desalento, a minha melancolia, a minha tristeza, porque acho que é uma luz que se apaga no horizonte do Rio Grande do Sul. A extinção do curso de bacharelado de Turismo da PUCRS é um adeus que cada um de nós tem que dar a si mesmo.* (Norma Moesch, 06/04/2010)

Para a professora, a PUCRS, deixou de arcar com o seu débito social, a sua contribuição social no campo do Turismo; retirou-se da área, por uma medida, eminentemente, econômica. No entanto questiona: por que não foram extintos os cursos de Geografia, de Filosofia, de Ciências Sociais, Serviço Social, Letras, são tantos os cursos deficitários da PUCRS, por que só o Turismo?

A área de turismo inicia uma outra etapa na PUCRS, com um curso tecnológico, retomando a idéia de um curso técnico, próximo ao dos anos de 1970. Exatamente aquilo que o corpo docente, que atuava no curso, entendia como sendo inadequado para um Curso de Bacharel em Turismo. Alguns consideram que o novo curso é uma contradição, é tudo aquilo que há décadas o Curso de Turismo vinha se questionando e tentando superar.

Para Norma Moesch (06/04/2010), os docentes do curso foram bastante afetados com esta mudança, especialmente aqueles que investiram longa e penosamente no seu doutorado e que hoje são tratados com indiferença imperdoável. No entanto, entende esse como um momento formidável para que o grupo de professores do Turismo da PUCRS, que são parte da grande inteligência nacional, do conhecimento em turismo¹⁷¹ e que não podem ficar distante da linha de frente da formação acadêmica em turismo, se organizem e estruturarem um Instituto de Estudo Superior em Turismo.

Eu não posso entender, não aceito, na cabeça, na mente, no coração, se eles não agirem dessa forma, [...] Porque eu não posso pensar em uma dessas criaturas sentadas numa mesa de professores, [...] fazendo tempo para cumprir suas 40 horas semanais por regimento e por contrato. [...]. Então penso que é a hora de criar uma instituição que possa complementar o que os bacharéis em turismo já incorporaram, já tem como saber e como conhecimento, e que aqueles que vão fazer o curso de tecnologia necessariamente vão sentir necessidade, vão sentir o desejo de avançar, de aprender, porque vão sentir o mesmo que eu senti quando fiz um curso que era o chamado bacharelado, mas que tinha uma estrutura de tecnologia, que era um curso de tecnólogo [...]. (Norma Moesch, 06/04/2010)

O professor Leandro explica que, como participa de fóruns internacionais, verifica que outros países enxergaram o Turismo como um braço para o desenvolvimento sustentável e se responsabilizaram por formar profissionais,

os cursos de Turismo tem um calibre diferente dos nossos cursos de Turismo, de maneira geral no Brasil, estão num nível de excelência superior ao nosso, inclusive aqui na Argentina, então acho que a gente teria que provocar, até repensar os discursos do Brasil, mas acho que o Rio Grande do Sul, falando pela PUCRS, acho que estamos com uma dívida enorme para o resgate do curso. (Leandro de Lemos, 24/11/2008)

Para a professora Marutschka Moesch (06/05/2009), o Curso de Turismo da PUCRS vinha desempenhando a sua função social em todos os projetos realizados. Na extensão, nos estágios, na relação com as comunidades, o curso deixa os resultados, atua e contribui. Cita como exemplos a Rota Romântica, a Ilha da Pintada, os Caminhos Rurais, a Rota das Especiarias – projetos que nasceram dentro da PUCRS. Recorda que, em 2008, foi fazer uma apresentação em Nova Petrópolis,

e foi tão inédito ouvir os elogios ao nosso trabalho, coisas que eu nem me lembrava que nós tínhamos feito, o grupo da PUCRS tinha feito e o agradecimento à PUCRS pelo trabalho de

¹⁷¹ Norma Moesch nomeou: Leandro de Lemos, Marutschka Martini Moesch, Susana Gastal, Antonio Carlos Castrogiovanni e Diney Adriana de Oliveira e outros professores mestres.

turismo do município, da região..., então eu entendo que, todo o Curso de Turismo que tenha na sua concepção o turismo como forma de desenvolvimento e não apenas negócio, ele contribui, e é isso que o curso da PUCRS, tem mérito nisso.

Também não podemos deixar de considerar que a extinção do Curso de Turismo da PUCRS será sentida por todos os envolvidos; pelos docentes e ex-alunos, pelos pesquisadores da área do Turismo, pelos cursos de Turismo dos estados que o referendaram ao utilizarem o seu currículo como base e pelos diversos segmentos da atividade turística no estado. Pensamos que essas situações devem ser levadas em conta, pois elas nos dão, de certo modo, o tom daquilo que é possível, nesse momento, nesse contexto, porém não as tomamos como imobilizadoras da “utopia”, talvez essa seja uma decisão necessária para angariar, conquistar novos caminhos.

6.6. Fazendo as Pontes: entre o Passado e o Presente

Um problema sempre presente na escrita é a necessidade de lidar com estruturas sequenciais, quando queremos, na verdade, mostrar estruturas simultâneas.

É importante esclarecer que a formação de profissionais para a “indústria do turismo” não se dá imediatamente na Universidade; ocorre, inicialmente, fora, em todos os setores. A Universidade, tardiamente, recupera essas experiências que acontecem “fora das suas muralhas”. É só lembrarmos que, desde 1948, o SENAC já ministrava cursos nessa área, porém esse “conhecimento” era basicamente prático, não sistematizado.

Interpretando-se as narrativas dos entrevistados, podemos perceber explicações diferentes no que se refere a fatores determinantes da origem do curso de Turismo da PUCRS. Essas diferenças, provavelmente, devem-se a suas participações em momentos ou circunstâncias distintas, tanto de sua inserção no mundo acadêmico, quanto do período histórico em que suas preocupações com a produção de conhecimento sobre turismo se iniciaram.

Não podemos esquecer que o fato de vários narradores serem aqueles que inauguraram o curso, mostra um forte significado em reconhecerem-se como “pioneiros da educação superior em Turismo no Rio Grande do Sul”. É assim que se autodenominam. Ou seja, inicialmente, nos primeiros anos de funcionamento da instituição, eram poucas as pessoas que compartilharam aquele ambiente pequeno, adaptado para um curso que proporcionava um contato muito próximo entre todos, professores, alunos e pessoas que trabalhavam com o turismo no estado.

Ao mesmo tempo em que lembram do início do curso como um espaço apropriado para preparar os profissionais, evocando a necessidade das aulas práticas, costuravam a este quadro as recordações das atividades turísticas no estado nesse período, como retroalimentadoras desse processo de ensino. Estavam recriando ideias de referências coletivos sobre o turismo, em um tempo reordenado que almejava a continuidade e o crescimento da atividade no estado e no Brasil.

Ao vasculhar o jornal *Correio do Povo*, deparamo-nos com uma gama variada de reportagens sobre turismo, capaz de instaurar com competência um discurso propício à implementação de novas práticas relativas à atividade no estado no período de 1970 a 1976. Nos anos 1970, os jornais tiveram uma participação e contribuíram na construção da memória do Turismo no Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, do Curso de Turismo da PUCRS e de suas práticas relativas à formação profissional.

Num mundo no qual a imprensa exerce papel preponderante ao popularizar e divulgar ideias, sentidos, conceitos transferíveis para os diversos campos que constituem o social, percebemos que, no Rio Grande do Sul, as reportagens sobre a atividade turística é legitimada pelos agentes envolvidos com a atividade turística. Salientamos, no entanto, que muitos desses agentes que trabalham com a atividade turística e no curso de Turismo da PUCRS são jornalistas e, muitas vezes, são eles próprios que escrevem sobre turismo. Isso nos possibilita compreender a construção social do turismo no estado, pois sabemos que o poder de um periódico é proporcional ao reconhecimento que recebe do grupo¹⁷².

O Curso de Turismo da PUCRS estava inserido em um contexto político, econômico, social e educacional, em que se insistia na valorização da profissão, na exaltação da educação em turismo como uma espécie de “redenção” ou de “salvação” frente aos problemas enfrentados pelo país. Na década de 1970, o reconhecimento acadêmico da comunidade ao curso de Turismo da PUCRS não teria ocorrido sem que, paralelamente à luta desenvolvida para implantar uma nova área de conhecimento na universidade, não tivesse também se constituído entre os grupos sociais que naquele momento histórico detinham o poder político e econômico e se apresentavam como os definidores dos destinos políticos da sociedade brasileira e que viabilizavam um projeto político modernizador e desenvolvimentista.

A década de 1970 tornou-se especialmente importante se pensarmos que, nesse período, formaram-se as relações entre aqueles que seriam os “teóricos”, estudiosos da

¹⁷² Sugerimos estudos sobre a circulação destes pioneiros na atividade turística, junto ao empresariado, no comércio, nos meios de comunicação, na política, no ensino em Turismo, etc, reforçando sua estreita ligação com as conjunturas do poder político do período.

área do Turismo que permanecem até hoje. Por exemplo, Norma Moesch, que conhece e inicia um relacionamento profissional com Mario Beni, com Mirian Rejoswski professores da USP. Foi nesse período que sugeriram essas redes de sociabilidades que influenciaram toda uma geração sobre o ensino em Turismo.

Observamos que o pioneirismo do curso trouxe consigo algumas dificuldades, particularmente, em relação ao corpo docente, que, devido ao caráter inovador, implicou a vinda de professores de outras áreas, além de pessoas que atuavam no mercado, para dar conta das demandas exigidas. Situação inversa a que enfrenta hoje, quando as demandas institucionais são supridas com corpo docente qualificado. Os professores do curso de turismo se constituem, enquanto docentes da área, a partir de sua história de vida ou história profissional.

Alguns narradores, por terem passado muitos anos no Curso e na PUCRS, combinam sentimentos de pertencimento múltiplos em relação à instituição. Não querem esquecer o que viveram, almejam a lembrança.

Mesmo que a história do curso esteja amalgamada pela mesma matriz de fundação, o sentido valorativo do ensino se mistura com a própria história da educação superior em turismo no Brasil. As memórias sobre o início do curso são articuladas ao discurso de um curso de tradição e referência, o que se tornou senso comum na evocação dos narradores. Até a atualidade, ainda é difundido e reatualizado por diferentes sujeitos e instâncias institucionais, não só no estado, como no Brasil.

O Curso Superior de Turismo da PUCRS tornou-se a célula-máter de irradiação do ensino em turismo no Rio Grande do Sul. Muitos outros cursos foram criados, tomando-o por base e tendo como docentes ex-alunos da PUCRS.

No Curso, o currículo é sempre resultado de uma constante luta e conflitos, e até esse momento, na construção e reformulação do currículo, por mais que o contexto e os atores envolvidos sejam considerados, ele reflete sempre a concepção daqueles que estavam na gestão do processo. São recorrentes reformas curriculares como busca de aprimoramento e adequação ao contexto socioeconômico regional e nacional. Mas, ao mesmo tempo, pode significar a fragilidade teórico-metodológica do Turismo, como área de conhecimento.

Durante sua trajetória, o curso desenvolveu inúmeras atividades, acordos de cooperação para estágios e ações na área do turismo, criação de laboratórios, semanas do turismo, palestras, promoções do departamento. Os professores sempre participaram de eventos relacionados ao Turismo pelo Brasil e, constantemente, eram convidados a proferir palestras nos mais diversos eventos pelo país (APÊNDICE D). A PUCRS

sempre esteve presente nas discussões referentes aos cursos de Turismo no Brasil, participando e influenciando nos seminários, congressos, nacionais e internacionais que, desde a década de 1970, definiram os rumos da educação superior em Turismo.

De maneira geral, o Curso de Turismo da PUCRS caracterizou-se por uma maior ênfase nas atividades de ensino e, fundamentalmente, na realização de várias ações de extensão, envolvendo vários segmentos da comunidade. A PUCRS, especialmente a FAMECOS, tem tido, desde as suas origens, uma constante preocupação com o desenvolvimento socioeconômico sul rio-grandense. Instituição comunitária e confessional, sempre criou faculdades e cursos em atendimento a reivindicações da sociedade em que está inserida. No curso de Turismo, esse diálogo entre o dentro e o fora do curso sempre foi intenso, frequentemente eram buscados interlocutores fora do espaço da sala de aula: afinal, tratava-se de um curso de portas abertas para a sociedade.

Apesar do predomínio do pensamento funcionalista, vigente no Curso de Turismo nas décadas de 1970 e 1980, novas preocupações começam a surgir como questões didático-pedagógicas; amplia-se o entendimento do turismo como um fenômeno social. A docência do professor do Curso anteriormente vinculada ao saber aprofundado de uma dada atividade profissional, logo ao domínio de um conhecimento prático, gradativamente foi sendo transformada pela cada vez mais exigente formação do exercício acadêmico de produção do conhecimento. O corpo docente começa a discutir e teorizar, buscando um turismo mais consciente, envolvendo todos os aspectos do fenômeno. No entanto, os estudos no país revelam um recorrente privilégio dos aspectos econômico-mercadológicos do setor, em detrimento da apreensão e condução de inúmeras e significativas dimensões nas demais esferas: ambiental, socioespacial, antropológica e epistemológica, prejudicando o avanço do conhecimento na área.

Outro aspecto relevante é que o conhecimento de teorias e a experiência profissional são vistos, muitas vezes, como perspectivas concorrentes, e a visão teórica, voltada a uma ciência social, e a visão das necessidades do mercado, vinculadas à reprodução técnica, determinam a concepção, os objetivos e a organização curricular, e os professores encontram-se enquadrados em uma destas perspectivas. Parece haver no interior do curso, o mesmo divisor de águas ao qual Mario Beni se reporta. Ao mesmo tempo, também aparece nas narrativas que o curso possui esse duplo papel, de proporcionar, ao discente, o conhecimento através da pesquisa e a experimentação prática de sua formação, mas, muitas vezes, na tentativa de solucionar alguns problemas, como por exemplo a baixa procura, acaba tendenciando mais para o mercado. No entanto, isso não é um fato isolado, pois Chauí nos alerta que:

Adaptando-se às exigências do mercado, a universidade alterou seus currículos, programas e atividades para garantir a inserção profissional dos estudantes no mercado de trabalho... Regida por contratos de gestão, avaliada por índices de produtividade, calculada para ser flexível, a universidade operacional está estruturada por estratégias e programas de eficácia organizacional e, portanto, pela particularidade e instabilidade dos meios e dos objetivos. (CHAUÍ, 1999)

Estava presente na PUCRS a ideia de que a constituição do fenômeno turístico exige, cada vez mais, profissionais com domínio das técnicas, fato relevante para que, em 2010, a instituição criasse o curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, e determinasse que o curso de Bacharelado em Turismo entraria em processo de extinção.

Percebemos nas memórias uma possibilidade para enfrentarmos os dilemas do ensino superior em Turismo no Brasil, pois as narrativas desta pesquisa contribuem nesse sentido. Deter o olhar na trajetória do ensino em Turismo da PUCRS nos estimula a refletir sobre nosso fazer político-pedagógico e as perspectivas e desafios a serem enfrentados no atual contexto de educação e turismo. Parece inegável que a pesquisa histórica da educação em Turismo seja essencial para o desenvolvimento do turismo enquanto ciência, não com a pretensão de resolver todos os seus impasses, mas pelo ensejo de inculcar o debate sobre novas possibilidades.

A luta por uma concepção e formulação mais elaborada de um futuro coletivo impõe um esforço crítico e reflexivo sobre os caminhos que nos trouxeram à realidade presente, e sobre as possibilidades de ruptura, ou seja "de poder fazer ver e fazer crer". E aqui se coloca a questão da esperança, que a incerteza do devir histórico nos permite.

Consideramos que a tão desejada retomada do curso ficou mais uma vez na "esfera do desejo", demandando transformações na ação político-pedagógica, transformações essas que se inserem, inclusive, em um processo mais amplo de necessidade de mudanças no contexto educacional.

FINALIZANDO: do Bacharel ao Tecnólogo

Quando secam os oásis utópicos estende-se um deserto de banalidades e perplexidade (HABERMAS, 1987)

A educação superior como um todo no Brasil vem passando por várias e significativas modificações ao longo dos anos. O início dos cursos de Turismo teve como objetivo atender necessidades emergentes do mercado de trabalho; assim, há uma relação direta, do ponto de vista histórico, entre a formação de profissionais para atuarem no turismo e o desenvolvimento da própria atividade turística. Nesse contexto, a Universidade brasileira teve um papel de omissão em relação a essa nova atividade pois, ao invés de se antecipar para estudar esses fenômenos e, ao mesmo tempo, começar a formar profissionais qualificados, ela viria a reboque.

O constante repensar do Curso de Turismo implica uma análise que extrapola o curso e mesmo a PUCRS. Ambos estão inseridos em um contexto que contempla uma gama complexa de esferas e nuances. É preciso pensar, por exemplo, as (re)configurações experimentadas pela sociedade contemporânea, em tempos que se está denominando de pós-modernidade. É necessário repensar o fazer científico – e os paradigmas que o sustentam – e, portanto, a Universidade e de seus cursos; atentar para as articulações entre o local e o global, as partes e o todo, e as razões de sua existência. É necessário atualizar-se como curso articulado à sociedade, dela interdependente. Nas mais diversas áreas do conhecimento (e essa divisão é cartesiana), o ser humano começa a perceber sobreposições que provocam algo como fusões, simbioses, tensões e transformações.

A história do ensino superior em Turismo está marcada por conflitos e problemas que se apresentam tanto nos domínios da teoria como no da prática, no institucional e no social, no político e no cultural.

O que foi realizado durante o longo percurso de quase quatro décadas pretende estar registrado e analisado neste trabalho. A conclusão que se pode tirar é de que, apesar das dificuldades encontradas, sua consolidação foi garantida, embora sua manutenção não. Experiências, tanto na graduação como na pós-graduação, testemunham a necessidade de um estudo aprofundado do fenômeno turístico. Porém, o que continua e continuará a ser problematizado é a adequação dos métodos e técnicas desse ensino, ou seja, como trabalhar o campo complexo e abrangente que envolve o fenômeno turístico – social, cultura, econômico, ambiental, jurídico, frente às condições

muitas vezes adversas, especialmente no que se refere ao ensino superior em geral no Brasil, que gera, muitas vezes, a mercantilização da educação, a competição entre instituições de ensino superior, com currículos de ensino cujas estruturas privilegiam o conhecimento a partir de uma perspectiva de mercado, cedendo pouco espaço às questões sociais, culturais, ambientais, de cidadania e a quase inexistência da pesquisa. O curso objeto desta pesquisa não está descolado de outros cursos de Turismo; seus problemas, inquietações, dúvidas, discussões, fazem parte de um contexto mais amplo.

O Curso seguiu uma trajetória consoante às condições do contexto em que se desenvolveu. Trabalhar com o curso de Turismo, suas práticas educativas e refletir sobre elas significa trabalhar com as rupturas e as (des)continuidades, como podemos perceber analisando a trajetória do curso que, se não é apenas um reflexo dos ajustes determinados pelas contingências históricas, antes mostra a busca intencional da construção de uma cidadania real.

A história do Curso de Turismo da PUCRS não significa apenas a história da instituição universitária; representa a história do Turismo no Brasil. Seja na formulação de interpretações ou análises que deem conta do presente ou do passado, o curso apresenta-se como local que porta um arsenal de fontes e de informações fundamentais para a formulação de interpretações sobre ele próprio, e, sobretudo, sobre a história da educação superior em Turismo no Brasil.

Para pensar um curso integrado com a sociedade é preciso, antes, saber que sociedade é essa e que fenômeno é esse – turismo. Há opção: ou se continua a reproduzir um modelo esgotado, ou se trabalha como turismólogos na transformação desse modelo, para, então sim, como curso articulado à sociedade, contribuir para a formação de profissionais críticos e conscientes de seu papel histórico. Esse vinha sendo o rumo das reflexões do curso de Turismo da PUCRS.

O Curso passa por uma profunda crise, o que ameaçou a sua sobrevivência e culminou na sua extinção em 2010. Porém, a área de turismo inicia outra etapa na PUCRS, com um curso tecnológico. O Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo¹⁷³, com certeza, é um desafio que vai exigir mudanças na área de turismo da PUCRS, nas relações com outros setores e entre os atores, envolvendo a construção de novos papéis para professores e alunos.

¹⁷³ O MEC estabelece que os cursos de Graduação em Turismo podem contemplar duas fases: uma, com formação em “Tecnologia em Turismo”, considerada a parte mais operacional do bacharelado, e outra, complementar, com a finalidade de preparar o “bacharel” para a atuação no planejamento, gestão, pesquisa e docência da área de turismo, tendo como foco o turismo como fenômeno econômico e social.

Simbolicamente, nas memórias destes grupos de pertencimento, o curso de Turismo na atualidade – tecnológico – se aproxima do curso da década de 1970, quando era referência de ser uma instituição de ensino, pesquisa e extensão na área da formação técnica em Turismo. Podemos perceber que, no decorrer do tempo, muda o enfoque dado pelo curso ao fenômeno turístico, inicialmente bastante preocupado com questões econômicas, logo em seguida aparece preocupação com o social, conscientização, educação, e há um período fortemente marcado pelo foco no marketing, na qualidade, na gestão do turismo. Notamos ora uma proposta mais teórica, direcionada para pesquisa; ora mais direcionada para o mercado, mais prática. Esse processo é constante no curso; ora as discussões avançam no sentido da necessidade de aprofundamento epistemológico do Turismo e ora há um retrocesso e começa outro processo; anda em espiral. Poderíamos pensar e questionar em que medida todos esses fatos e contradições que ocorreram contribuíram para que ele não se afirmasse dentro da própria universidade e procurasse, durante toda sua trajetória, uma definição e reafirmação de sua identidade, através de várias reformas curriculares, culminando em sua extinção.

Em sua própria gênese, o Curso de Turismo já revelava muitos dos problemas que o acompanharam ao longo do tempo. Criou um Bacharel, sem apresentar elementos que pudessem auxiliar na caracterização desse novo profissional. A referência é muito vaga para a identificação de um profissional criado naquele momento e que não possuía ainda suas funções definidas, na medida em que não dispunha de um campo profissional que o demandasse. A atividade era desempenhada por profissionais sem qualificação. Conseqüentemente, a prescrição de um currículo mínimo para a formação de um profissional ainda não claramente identificável, só poderia resultar inadequada. Essa inadequação é representada, principalmente, pela tensão provocada, de um lado, pela expectativa do exercício de funções de natureza técnica a serem realizadas por esse bacharel e, de outro, pelo caráter exclusivamente generalista das disciplinas fixadas para a sua formação. Mas se problemas de várias ordens já eram vividos pelos bacharéis em turismo, forçoso é admitir que, além dos problemas relacionados à sua formação e área de conhecimento, possuía também problemas relacionados ao seu campo de trabalho, pois não tinha o curso de turismo um campo exclusivo de atuação.

Atualmente o MEC vem incentivando a criação de cursos tecnológicos. Através dessa Política Pública para a Educação Profissional as instituições privadas vêm ofertando Cursos Técnicos e de Tecnólogos, racionalizando os gastos do Governo com essa modalidade de educação. No Turismo existe uma antiga promessa de futuro e de mercado de ocupação e trabalho, atualmente reforçada pela Copa do Mundo no Brasil

em 2014, que promete aquecer toda a cadeia de empregos relacionados ao turismo. Diante disso, inúmeros cursos tecnológicos em Turismo vêm sendo criados.

É provável, contudo, que o momento atual, vivido pela atividade turística e pelos cursos de bacharelado em Turismo no Brasil, esteja permitindo a construção de outra etapa dessa história que busca na reflexão teórica a aproximação mais consistente com a prática. Os narradores contribuem na construção desta outra etapa, como atores que participam do movimento da história e como estudiosos que pretendem compreender o que ocorreu e o que ocorre, posto que (parafraseando Hobsbawm) somos parte dessa história e ela é parte de nós.

Um aspecto que se torna importante lembrar é que a área de Turismo na PUCRS permanece, e que não importa onde se localiza, qual a filosofia ou há quanto tempo existe, importa se está onde estão as pessoas, se está com elas, e se sua presença qualifica a vida humana e indica rumos para o amanhã. Fundamentada no significado histórico já construído, ciente de que o desafio se impõe aqui e agora, a área de turismo na PUCRS sempre esteve comprometida com a qualificação social pelo valor do ensino que desenvolveu e por seu nível cultural e científico. Talvez essas exigências instiguem posicionamentos e soluções, e acabem por gerar conflitos no interior do novo curso e tensão na sua relação com a sociedade. Surgem algumas dúvidas que põem à prova a coerência institucional com relação às suas finalidades, manifestadas no fortalecimento do interesse econômico e do mercado, do valor ético e da promoção humana, ou ainda, da conjugação do desenvolvimento econômico em favor da equidade social.

Importante se faz também salientar alguns limites da pesquisa, pois ao compartilhar com a comunidade de historiadores de que devemos continuamente reescrever a história por acreditar que os documentos e as obras dos autores são históricos, entendemos que toda a interpretação do passado parte de uma posição do presente, que é o lugar da problemática da pesquisa. Trabalhar com História Oral é, sobretudo, não querer uma história totalizante a partir dos depoimentos; tampouco provar uma verdade absoluta. Escrever história sem sacramentar certezas, mas diminuindo o campo das dúvidas.

O prazer de interpretar emerge do trabalho delicado e dedicado de conhecer, aos poucos, o Curso de Turismo da PUCRS, num jogo de aproximações e distanciamentos. Por este motivo interpretar a História é voltar a um começo possível. O caminho de volta, no entanto, não é um simples retorno. O começo ao qual retornamos, avançando, já é um ponto diferente do inicial. Esta tensão se insinua na efetiva dificuldade que é problematizar o instituído e pensar simultaneamente nas diversas faces do problema

construído. Da mesma maneira que tentamos encaminhar uma finalização, ficamos a indagar-nos sobre as possibilidades que o Curso ainda suscita. Cada uma das questões trazidas poderia suscitar muitos aprofundamentos, no entanto, optamos por trazer a trajetória do curso, durante todo o seu período.

Enfim, chegamos ao final da jornada (e o que muito nos inquieta, junto conosco, chega ao fim o Curso de Turismo da PUCRS) e são inúmeros os sentimentos que se fazem presente neste momento: desde a profunda sensação do seu inacabamento/incompletude (tanto do trabalho, quanto do Curso), da necessidade de continuar o seu aprofundamento, até a angústia de ter que dar o seu fechamento. Esse curso que me acompanhou nos últimos quatro anos, e que me possibilitou “viajar” tanto, hoje chega a uma outra etapa. É possível que muitas dessas sensações tenham a ver com a perspectiva com que terminamos essa etapa de aprimoramento profissional com a sensação de que, junto conosco, termina (ficou para trás, findou) também o Curso, que é uma referência para nós pesquisadores da área e um espelho para professores de cursos de Turismo do estado. É possível encontrar algumas pistas para essa atitude: uma questão de custos? Baixa demanda? Também podemos pensar que o Turismo é uma prática social que não está ainda nem topologicamente diferenciada das demais no interior do espaço acadêmico, nem juridicamente estabelecida como campo profissional autônomo, nem, portanto, institucionalmente reconhecida como ciência. Além disso, embora o turismo já tenha construído as suas sociedades científicas, as suas revistas especializadas, os seus congressos específicos e os seus grupos de pesquisa no interior de algumas universidades, não existe um consenso, no centro da própria comunidade, se de fato deveríamos nos engajar coletiva e solidariamente em um projeto de cientificização do turismo. Prova disso é que a maioria das pesquisas em Turismo tem um enfoque mercadológico.

Consideramos os resultados como referentes e desafiantes para o conhecimento e a crítica de um processo de discussão sobre a educação superior em Turismo no Brasil, a partir do qual se deve exercitar a isenção e liberdade na mediação crítico-reflexiva sobre o valor dos atos e dos fatos revelados nessa trajetória. A própria educação superior em Turismo é confrontada, portanto, com desafios consideráveis e tem de proceder a mais radical mudança e renovação que por ventura lhe tenha sido exigido empreender, para que, assim como nossa sociedade, atualmente vivendo uma profunda crise de valores, possa transcender as meras considerações econômicas e incorporar outras dimensões fundamentais.

Sem a ingenuidade de que é tarefa fácil ou imediata, mas também comprometidos com o que sabemos, que estamos num momento de transição, que nos tira "o chão" e que precisamos enfrentá-la para continuar acreditando e participando da construção do conhecimento em Turismo. Um conhecimento que compreende um movimento de partida, viagem (percurso) e não contempla o retorno – é migrar, chegar a um novo lugar. Utopia? Por que não? O curso de Turismo da PUCRS: desafio de todos nós. A “utopia” se faz necessária na educação superior em Turismo, enquanto comunidade científica. Trazer à luz para uma discussão aberta no interior de nossa própria comunidade, na esperança de que tal reflexão possa representar uma contribuição a mais dentre as inúmeras outras que já foram e têm sido realizadas por nossos colegas. Ideais, utopias se fazem necessárias à educação – afinal, um ensino que não inclua a utopia, não vale a pena ser ensinado! Impõe-se reinventar um futuro, abrir um novo horizonte de possibilidades. Só há uma solução: a utopia.

Este momento final nos faz entender que, muitas vezes, aquilo que é inesperado torna-se possível e se realiza; e que, em outras, o improvável se realiza mais do que o provável, e que, portanto é preciso estar aberto para esperar o inesperado e trabalhar pelo improvável (MORIN, 2001).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACERENZA, Miguel Ángel. *Administração do Turismo*. Tradução Graciela Rabuske Hendges. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- ACERENZA, Miguel Angel. *El Turismo: su dinámica latinoamericana y sus limitaciones em el área de recursos humanos*. México. 1990.
- ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassnezi. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155 – 202.
- AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro – Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2001.
- ANDRÉ, Alberto. *O Curso Superior de Turismo da PUCRS. Razões do Curso*. In: FLORES, Hilda Agnes Hübner (org). *Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. p.121–124.
- ANDRÉ, Alberto. Projeto de Criação do Curso, 1972.
- ANGERS, Michel Bonneau. Lês formations superieures em tourisme à l’université. In: *Aiest. Formation supérieure en matière de tourisme: sa necessite – ses exigences*. Saint-Gaallen, Aiest, 1990,v. 31, p. 59–79.
- ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. *Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria: reflexões e cadastro das instituições educacionais no Brasil*. São Paulo: Aleph, 2002.
- AUGÉ, Marc. *O Sentido dos Outros*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- AZEVEDO, Julia. *Turismo: o desafio da sustentabilidade*. São Paulo: Futura, 2002.
- BACHELARD, Gaston. *A filosofia do não*. Tradução de Joaquim José Moura Ramos. São Paulo: Victor Civita, 1974.
- BALDISSERA, Rudimar; FLORES, Silvana Padinha; SÓLIO, Marlene Branca. 35 anos do Curso de Relações Públicas da Universidade de Caxias do Sul – UCS. In: MOURA, Cláudia Peixoto (Org.). *História das relações públicas: fragmentos da memória de uma área* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 518–535.
- BARDIN, I. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70. 1979.
- BARRETTO, Margarita e SANTOS, José dos Santos. Fazer Científico em Turismo no Brasil e seu reflexo nas Publicações. *Turismo Visão e Ação*. Itajaí, vol. 7, n. 2, maio/ago, 2005, p. 357 – 364.
- BARRETTO, Margarita. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. 11 ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- BARRETTO, Margarita. *Planejamento e organização do turismo*. Campinas: Papirus, 1991.
- BARRETTO, Margarita. *Revista Partes*. Entrevista realizada por Ana Marina Godoy. ISSN 1678-8419, 2007. Disponível em: www.partes.com.br/entrevista Acesso em: 15/03/2010.

- BARRETTO, Margarita; TAMANINI, Elizabete; e SILVA, Maria Ivonete Peixer da. *Discutindo o ensino universitário de turismo*. Campinas, SP: Papyrus, 2004. (Coleção Turismo).
- BASTOS, Maria Helena. Memórias de Professores: reflexões sobre uma proposta. In: MIGNOT, Ana Cristina Venâncio; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs). *Práticas de memória docente*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 167 – 183.
- BECHER, Gisele e SILVA, Carla Lemos da. O campo profissional de Relações Públicas e o momento de reabertura política no Brasil: Uma análise através da perspectiva da Pesquisa Histórica (1979–1985). In: MOURA, Cláudia Peixoto de (Org.). *História das relações públicas: fragmentos da memória de uma área* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 154 – 155
- BENI, Mário Carlos. A política de turismo. In: *Turismo como ensinar e como aprender*. v. 2, Porto Alegre: SENAC SP, 2001.
- BENI, Mário Carlos. *Globalização do turismo*. 2. ed.atual. e ampl. São Paulo: Aleph, 2003.
- BENI, Mário Carlos. *Política e planejamento de turismo no Brasil*. São Paulo: Aleph, 2006.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Editora Abril, 1975, p.1–85.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. (Obras Escolhidas, v. I). São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERTAUX, Daniel. *L'approche Biographique: sa validité methodologique, ses potencialités*. In Cahiers internationaux de Sociologie .[S.l.: s.n], 1980. v. LXIX.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOULLÓN, Roberto C. *Planificación del espacio turístico*. México:Trillas, 1994.
- BRINGHENTI, Alice do Amaral. *Turismo Internacional No Brasil: 1995–2002*. O Papel do Estado na História, Conquistas, Retrocessos. PUCRS. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Mestrado em História. Porto Alegre, 2007.
- CAMARGO, Luis Otávio de Lima. Turismo, Hotelaria e Hospitalidade. *Turismo em Análise*, São Paulo,13 (1): 07–22, maio 2002.
- CAMPOS, José Ruy Veloso. Educação Profissional no Brasil. In: In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. et al. *Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro*. São Paulo: Roca, 2005, p. 886 – 917.
- CANDAU, Vera .M.F. Universidade e formação de professores: Que rumos tomar? In: CANDAU, Vera. M.F. (org.) *Magistério, construção cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CATRAMBY, Teresa Cristina Viveiros; COSTA, Stella Regina Reis da. Estudo de Caso sobre a Capacitação Docente na área de Turismo no Estado do Rio de Janeiro. *Caderno Virtual de Turismo*. Vol. 5, Nº 2 (2005). ISSN: 1677–6976. Disponível em: www.ivt-rj.net/caderno/anteriores/16/catramby/catambry.htm Acesso em: 11/09/2007.
- CAVALCANTI, Keila; HORA, Alberto S. da. Política de turismo no Brasil. *Revista Turismo em Análise*. São Paulo, v. 13, n. 2, p. 54–73, nov. 2002.
- CELESTE FILHO, Marcioniro. *A institucionalização do turismo como curso universitário: décadas de 1960 e 1970*. Mestrado em Educação. PUC/São Paulo, 2002.

- CERONI, Giovani Costa. *A exposição do Centenário da Revolução Farroupilha nas páginas dos jornais Correio do Povo e A Federação*. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em História, PUCRS. Porto Alegre, 2009.
- CHARLE, Christophe; VERGER, Jaques. *História das Universidades*. São Paulo: UNESP Ed., 1996.
- CHARTIER, Roger. Uma crise da história? A história entre narração e conhecimento. In: PESAVENTO, Sandra J. (org). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001, p.115–140.
- CHARTIER, Roger. *Do palco à página*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- CHAUÍ, M. A universidade operacional. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 09 maio 1999.
- CHAVES, Edison Baptista. Turismo – Do Planejamento a Atividade Econômica – Uma Experiência Gaúcha. 1993 In: FLORES, Hilda Agnes Hübner (org). *Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993, p.135–141.
- CLEMENTE, Elvo. A formação do professor para o Curso de Turismo. *Veritas*. Porto Alegre. v. 22, n. 85, março, 1977, p. 5 – 14.
- CLEMENTE, Elvo. Educação – cultura – turismo. *Veritas*. Porto Alegre. v. 36, n. 144, dez, 1991, p. 577 – 580.
- CLEMENTE, Elvo. O Curso Superior de Turismo da PUCRS. Esforço Histórico. In: In: FLORES, Hilda Agnes Hübner (org). *Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993, p.125 – 127.
- CONSTANTINO, Núncia Santouro de. Teoria da história e reabilitação da oralidade: convergência de um processo. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). *A Aventura (auto)biográfica: teoria & empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 37–74.
- COOPER, Chris; SHEPERD, Rebecca; WESTLAKE, John. *Tourism and Hospitality Education*. Guilford, Reino Unido: The University of Surrey, 1994.
- COOPER, Chris; SHEPHERD, Rebecca; WESTLAKE, John. *Educando os educadores em turismo: manual de educação em turismo e hospitalidade*. São Paulo: Roca, 2001.
- CRUZ, Rita de Cássia e SANSOLO, Davis Gruber. *Plano nacional de Turismo: uma análise crítica*. Instituto Virtual de Turismo. Disponível em: www.ivt.coppe.ufrj.br, Acesso em: 04/12/2003.
- CRUZ, Rita de Cássia. *Política de Turismo e Território*. São Paulo: Ed. Contexto, 2000.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti. *Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior: uma experiência no curso de turismo*. São Paulo. Aleph, 2002.
- Dicionário Digital Aurélio Século XXI, CD-Rom, 2003.
- DORNELLES, Beatriz (org.). *PUCRS: 50 anos formando jornalistas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- ERRANTE, Antoinette. Mas, afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. *Revista da Educação*. Pelotas: Ed. UFPel, ASPHE, n.º 8, 2000, p. 141–174.
- FERNANDES, C. M. B. Formação do Professor Universitário: tarefa de quem? In: MASETTO, M. (Org.). *Docência Universitária*. Campinas, Papirus, 1998. p. 95–112.

- FERRAZ, Joandre. Regime jurídico do turismo. In: LAGE, Beatriz; Milone, Paulo (Orgs). *Turismo teoria e prática*. São Paulo: Atlas, 2000, p. 151-161.
- FISCHER, Beatriz Terezinha Daudt. *Professoras: histórias e discursos de um passado presente*. Tese. Doutorado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- FLORES, Elio Chaves. *As fundações historiográficas da turismologia*. *Saeculum – Revista de História*. [12]; João Pessoa, jan./ jun. 2005, p. 142 – 163. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum12_art10_flores.pdf. Acesso em: 12/04/2007.
- FLORES, Hilda Agnes Hübner (org). *Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.
- FONSECA, Márcia Mascarenhas da. *Políticas para o ensino superior em Turismo: um estudo sobre um curso de graduação em Belo Horizonte*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2005.
- FÚSTER, Luis Fernandez. *Introducción a la Teoría y Técnica del Turismo*. Alianza, Madrid, 1991.
- FUSTER, Luis Fernandez. *Teoría e técnica del turismo*. Madri: Madrid, 1974.
- GASTAL, Susana e CASTRO, Marta Nogueira. A construção do campo do Turismo: o papel do Touring Club no Rio Grande do Sul. In: CANDIDO, Luciane Aparecida e ZOTTIS, Alexandra Marcella (org.) *Turismo: Múltiplas Abordagens*. Novo Hamburgo, Feevale, 2008, p. 30–41.
- GASTAL, Susana. Da prática à teoria: pensando o turismo. In: MOESCH, Marutschka; GASTAL, Susana (orgs.). *Um outro turismo é possível*. São Paulo: Contexto, 2004. p.131–137.
- GATTAZ, André C. Lapidando a fala Bruta: a textualização em história oral. *I Encontro Regional de História Oral/ Sudeste – Sul*. São Paulo: 26, 27 e 28 de abril de 1995. p. 135–140.
- GATTI JUNIOR, Décio. A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAÚJO, José Carlos Souza e JUNIOR, Décio Gatti (orgs.). *Novos temas em História da educação Brasileira*. Instituições escolares e educação na imprensa. Campinas, SP: Editora autores associados, 2001, p. 3–24. (Coleção Memória da Educação).
- GERMANO, José Willington. *Estado Militar e Educação no Brasil (1964–1985)*. São Paulo: Cortez, 1993.
- GO, Frank M. A globalização e os problemas educacionais do turismo emergente. In: THEOBALD, William F (org.). *Turismo Global*. Trad. Anna Maria Capovilla, Maria Cristina Guimarães Cupertino, João Ricardo Barros Penteado. 2 ed. São Paulo: Editora SENAC, 2002, p. 459– 485.
- GOIDANICH, Oswaldo. A saga do Turismo no Rio Grande do Sul. . In: FLORES, Hilda Agnes Hübner (org). *Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. p.11–117.
- GONZALEZ, Antônio Firmo de Oliveira. O Curso Superior de Turismo da PUCRS. Ajudando o Rio Grande a Crescer. In: FLORES, Hilda Agnes Hübner (org). *Turismo no*

- Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. p. 131–132.
- HABERMAS, Jünger. A nova transparência. *Novos Estudos*. São Paulo, CEBRAP. N.18, setembro, 1987.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/ Editora dos Tribunais, 1990.
- HOBBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século 20 (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOHLFELDT, Antonio; VALLES, Rafael Rosinato. Dois pioneiros da comunicação no Rio Grande do Sul : Oswaldo Goidanich, Roberto Eduardo Xavier [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. 131 p. – (Coleção NUPECC)
- HOWEL, R. e UYSAL, M. Tourism education for developing countries. *Tourism Management*, vol 8, n. 1, p 62–64, 1987.
- ISAIA, Luiz Gonzaga. *UFSM Memórias*. Santa Maria. 2006.
- JAFARI, Jafar. La Cientificacion del Turismo. *Estudios y Perspectivas en Turismo*. Buenos Aires: CIET, v.3 (1), janeiro 1994.
- JAFARI, Jafar. The scientification of tourism. In: *Congresso Internacional del Turismo*. 1. Havana, 1992, 27p., mimeo.
- JAFARI, Jafar. Tourism education. *Annals of Tourism Research*. Edição especial. V. VIII, n. 1. Editada por Brent-Ritchie e Jafar Jafari. Alberta, Canadá: University of Calgary. 1981.
- JAFARI, Jafar. Turismo na Dialética Global/Local. *VI Congresso Internacional da Rede Mercocidades*. Porto Alegre, 2004.
- JAFARI, Jafar; RITCHIE, J. R. Brent. Toward a framework for tourism education: problems and prospects. *Annals of Tourism Research*. Menomonie, 1981. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em 12/01/2003.
- JOÃO, Faustino; CLEMENTE, Elvo. *História da PUCRS (1951 a 1978)*. vol.2. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- JOVICIC, Z. A plea for tourismological theory and methodology. In: *Revue du Tourism*. v. 43, n. 3, p. 2–5, 1988.
- KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- LEIPER, Neil. An Emerging Discipline, *Annals of Tourism Research*, Vol. 27, No. 3, 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em 12/01/2003.
- LEWIN, Helena. *Educação e Força de Trabalho Feminino no Brasil*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, fevereiro, 1980, n.32.
- LIMA, Valéria Maria de Souza. *Educação e turismo no Estado do Rio de Janeiro: um olhar panorâmico do ensino superior*. Dissertação (mestrado). PUC/Rio. Departamento de Educação. Rio de Janeiro, 2003.
- LUCCHESI, Camila. O tamanho do turismo brasileiro. *Revista Host17 - Hospitalidade e Turismo Sustentável*. Dez 2006/Jan 2007. Disponível em: www.revistahost.uol.com.br Acesso em: 20/01/2010.

- LUNA, Sergio Vasconcelos de. A Elaboração de Revisões de Literatura: Notas de Aula. *Chronos*. Caxias do Sul, v. 26, n. 1 e n. 2, p. 109 –122, jan/dez. 1993.
- MACHADO, Jr; CARMO, Jonas do. *Programa de turismo social do SESC-SP no contexto da hospitalidade*. São Paulo: SESC, 2006.
- MAGALHÃES, Justino. Breve apontamento para a História das Instituições Educativas. In: SANFELICE, José Luis, SAVIANI, Dermeval e LOMBARDI, José Claudinei. *História da Educação; perspectivas para um intercâmbio internacional*. Campinas: Autores Associados, 1999, p.67–72.
- MAGALHÃES, Justino. *Contributo para a História das Instituições Educativas: entre a memória e o arquivo*. Minho: Universidade de Minho, 1996. Mimeo.
- MAGALHÃES, Leandro Henrique; BRANCO, Patrícia Martins Castelo. Patrimônio, Memória e Turismo: Um Exercício do Olhar. *Revista Perspectivas Contemporâneas*. Campo Mourão, v.1, n.1, jan./jul . , 2006.
- MASETTO, Marcos Tarciso. *Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus, 2003
- MASSINA, Renato Batista. O Curso Superior de Turismo da PUCRS. Origens e Criação. In: FLORES, Hilda Agnes Hübner (org). *Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. p.127–130.
- MATIAS, Marlene. Formação Profissional em Turismo no Brasil no Início do Século XXI. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. et al. *Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro*. São Paulo: Roca, 2005. p.199 – 219.
- MATIAS, Marlene. *Turismo: Formação e Profissionalização/(30 anos de história)*. São Paulo, Barueri: Manole. 2002
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.
- McINTOSH, Robert W. GOELDNER; Charles R. *Turism – Principles, practices, philosophies*. 5 ed., Nova York, John Wiley & Sons, 1986, p. 415– 455.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom . *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1994.
- MELO, José Marques de. *Comunicação e Modernidade – o ensino e a pesquisa nas escolas de Comunicação*. São Paulo: Loyola, 1991
- MOESCH, Marutschka. *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto, 2000.
- MOESCH, Norma Martini. *Cortina de Cristal: Processo Imigratório, Identidade Cultural e Comunicação Turística*. Faculdade dos Meios de Comunicação da PUCRS. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 1997.
- MOESCH, Norma Martini. O Turismo no Século XXI: por uma concepção holística. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos e GASTAL, Suzana. (orgs). *Turismo na Pós-Modernidade (Des)inquietações*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 31 – 41.
- MOESCH, Norma Martini. Turismo, uma trajetória de fé. In: FLORES, Hilda Agnes Hübner (org). *Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. p. 07– 09.
- MORGAN, G. *Imagens da organização*. São Paulo: Atlas, 1996.
- MORIN, Edgar. *O método 3: O conhecimento do conhecimento*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulinas, 1999.

- MOTA, Karol Monteiro. Formação Superior em Turismo da UNIFOR (CE): proposta, realidade e reflexos. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Turismo. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul. 2007
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07–28, dezembro de 1993.
- NÓVOA, Antônio M. S.S.da. *História da Educação*. Tese de Livre Docência. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994.
- OLIVEIRA, Maria Angélica Rovina Galvão de. *Panorama do Ensino Superior em Hotelaria no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de Piracicaba Pós-Graduação em Educação. Piracicaba, SP, 2004.
- PANOSSO NETTO, Alexandre. Mário Carlos Beni Fala. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. et al. *Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro*. São Paulo: Roca, 2005. p. 859 – 868.
- PANOSSO NETTO, Alexandre. O problema epistemológico no Turismo: uma discussão teórica. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi e PANOSSO NETTO, Alexandre. *Reflexões sobre um novo Turismo: Política, Ciência e Sociedade*. São Paulo: Aleph, 2003. p. 57–86 (Série turismo).
- PATRUCCO, Luis Gustavo. *O Terceiro Setor no Turismo: o caso da Câmara de Turismo do Rio Grande do Sul (BRASIL)*. Mestrado em Turismo. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2005.
- PAULA, Maria de Fátima Costa de. *A Influência das Concepções Alemã e Francesa sobre a Universidade de São Paulo e a Universidade do Rio de Janeiro quando de suas fundações*. Trabalho apresentado na ANPED – GT 11: Política da Educação Superior. <http://www.anped.org.br/reunioes/25/mariafatimapaulat11.rtf>. Acesso em: 11/03/2010.
- PEARCE, Philip. *Defining tourism stud as a specialist: Justifications and implications*. *Theoros* 1, p. 25. Montreal: Université de Québec. 1993.
- PEREIRA, Cássio. Políticas públicas no setor de turismo. *Turismo em Análise*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 7–20, nov. 1999.
- PÉREZ GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A.(Org.) *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- PESAVENTO, Sandra J. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol 8, n. 16, 1995. p. 279 – 290.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 03 – 15.
- PRINS, Gwin. História Oral. In: Burke, Peter (org.). *A escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 163–198.
- REJOWSKI, M. et al. Desenvolvimento do Turismo Moderno. In: REJOWSKI, M. (org.) *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002, p.41–70.
- REJOWSKI, Mirian e SOLHA, Karina Toledo. Turismo em um cenário de mudanças. In: REJOWSKI, Mirian (org.) *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002, p. 71 – 116.
- REJOWSKI, Mirian. *Turismo e Pesquisa Científica: Pensamento Internacional x situação Brasileira*. 4 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996. (Coleção Turismo)

REVISTA EXPERIÊNCIA. Revista dos alunos da Faculdade de Comunicação Social da PUCRS. 1º semestre, 1997.

RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

RIBEIRO, Renato Janine. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. *Tempo Social*; Revista de Sociologia/USP, São Paulo, 11(1) maio de 1999, p.189–195.

RODRIGUES, Daniela Maria Lucena. *O Perfil Acadêmico-Profissional do Bacharel em Turismo Docente nos Cursos de Turismo de Santa Catarina*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2006

RODRIGUES, Gabriel Mário. *Se não foi a primeira, não foi a segunda: o desafio de implantar a Faculdade de Turismo do Morumbi no início dos anos 70*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

ROSSATO, Ricardo. *Universidade: nove séculos de história*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

RUSCHMANN, Dóris van de Meene. *Turismo no Brasil: análise e tendências*. Barueri: Manole, 2002.

SACRISTÁN, G. *O Currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre: Artmed, 1988.

SANTOS FILHO, João dos. 27 de Setembro Dia do Turismólogo: Festejar ou Organizar? *Revista Turismo*. Out, 2003. Disponível em www.revistaturismo.com.br/index.html. Acesso em 28/06/2007.

SANTOS FILHO, João dos. Espelho da História: o fenômeno turístico no percurso da humanidade. *Revista Espaço Acadêmico*. Maringá, nº 50, julho de 2005. Acesso em: 20/03/2006.

SANTOS FILHO, João. *Por que a ação da Embratur torna-se preocupante para a formulação de políticas públicas internas em turismo?* Disponível em: www.espacoacademico.com.br/048/48jsf.htm. Acesso em: 14/11/2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Da Idéia da Universidade à Universidade de Idéias. In: PINTO, Cristiano P.A. (org.). *Redefinindo a relação entre o professor e a universidade*. Brasília: Faculdade de Direito/CESP. 2002.

SANTOS, Carlos Afonso Marques dos. Memória, história e nação: propondo questões. *Revista Tempo Brasileiro*. n. 87, out./dez., 1986, p. 5–12.

SANTOS, Myrian. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: ANPOCS, n.º 23, ano 8, 1993, p.70–84.

SARMENTO, Manuel Jacinto. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto e VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.135–179.

SCHLÜTER, Regina G. A investigação turística nas universidades argentinas. In: MOESCH, Marutschka; GASTAL, Susana (orgs.). *Um outro turismo é possível*. São Paulo: Contexto, 2004. p.89–93.

- SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade. Breve Retrospectiva Histórica do Turismo. *Veritas*. Porto Alegre. v. 29, n.116, dez, 1984, p. 569 – 580.
- SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade. O conceito de Turismo. *Veritas*. Porto Alegre. v. 29, n.115, dez, 1984, p. 409 – 419.
- SESSA, Alberto. *La situation du système éducatif touristique et ses lignes de tendance*. Revue de Tourism. Saint-Gallen, n° 1, 1990.
- SILVEIRA, Carlos Eduardo Silveira; PAIXÃO, Dario Luiz Dias; e COBOS, Valdir José. Políticas Públicas de Turismo e a Política no Brasil: singularidades e (des)continuidade. *Ciência & Opinião*. Curitiba, v.3,n.1, jan/jun.2006. p. 120 – 135.
- SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *Turismo Prioridade Nacional*. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, s/d.
- SOLHA, Karina Toledo. Evolução do Turismo no Brasil. In: In: REJOWSKI, Mirian (org.) *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002, p. 117–153.
- SOUZA, Wilson Araújo de. *Economia Brasileira Contemporânea: de Getúlio à Lula*. Rio de Janeiro, Ed. Atlas, 2007.
- STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. História, Memória e História da Educação In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). *História e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, v. III. P. 416 – 429.
- TEIXEIRA, Rivanda Meira; FLETCHER; John, WESTLAKE, John. Ensino Superior em Turismo: Experiência do Reino Unido. *Turismo em Análise*. Escola de Comunicação e Artes – ECA. USP. v. 11, n. 2, nov. 2000. p. 14 – 37.
- TEIXEIRA, Rivanda. Ensino Superior em Turismo e Hotelaria no Brasil um estudo exploratório. *Turismo em Análise*. Escola de Comunicação e Artes – ECA. USP. São Paulo. v. 12, n. 2, nov. 2001. p. 07 – 31.
- TEIXEIRA, Sérgio Henrique Azevedo. *Cursos superiores de turismo: condicionantes sociais de sua implantação: uma abordagem histórica (1968/1976)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco. Itatiba, 2007.
- THEOBALD, William *et alli*. *Global Tourism. The next decade*. Oxford: BH, 1997.
- THOMPSON, Edward P. As peculiaridades dos ingleses. In: SILVA, Sergio & NEGRO, Antonio Luigi (orgs.). *As peculiaridades dos ingleses e outros textos*. Campinas, Editora da Unicamp, 2001
- THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. Revista do Programa de Estudos em História: PUC/SP, São Paulo, n.º 15, 1997, p. 51–84.
- TRIGO, Luis Gonzaga Godoi. *Cronologia do Turismo no Brasil*. São Paulo, CTI: TERRA, 1991.
- TRIGO, Luiz Godoi. *Viagens na memória: guia histórico das viagens e do turismo no Brasil*. São Paulo: SENAC, 2002.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi & PANOSSO NETTO, Alexandre. *Reflexões sobre um novo turismo*. São Paulo: Aleph. 2003.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *A Sociedade Pós-Industrial e o Profissional em Turismo*. Campinas, SP: Papirus, 1998. (coleção turismo).

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. A importância da educação para o turismo. In: LAGE, Beatriz Helena Gelas. e MILONE, Paulo César (org). *Turismo: teoria e prática*. São Paulo: Atlas, 2000, p. 243 – 255.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. et al. *Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro*. São Paulo: Roca, 2005.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Turismo Brasileiro e a Questão Social. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi e PANOSSO NETTO, Alexandre. *Reflexões sobre um novo Turismo: Política, Ciência e Sociedade*. São Paulo: Aleph, 2003. p. 87–109 (Série turismo).

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. *Turismólogo in foco*: revista mensal. Belo Horizonte: ABBTUR, mai. 2006.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História – ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 127 – 162.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. Trajetória do primeiro Centro de Estudos de Lazer no Brasil (1973 – 1978): conversando com Andréa Bonow. In: LICERE, *Revista do Centro de Estudos de Lazer e Recreação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, vol.5, n.1. 2002. p.127–133.

WESTLAKE, John. *Education for tourism*. Tourism Management, Butterworth-Heinemann, 1992. Acesso em 12 de Janeiro de 2003, disponível em: <<http://www.periodicos.capes.br>>. Acesso em: 11/09/2007.

YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da (Org.). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

Documentos

ANUÁRIOS PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, 1971 – 2008.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Relatório a Comissão Especial de Turismo*, 1970.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL E EDUCACIONAL DE GRAÇA. São Paulo, Disponível em: www.fauf.edu.br/principal/destaque.asp?wcdnotícia Acesso em: 25/10/2006.

CONSELHO DAS FACULDADES DE TURISMO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Secretaria de Esporte e Turismo do Estado de São Paulo, Paulo. Minuta Ante-projeto resolução do CFE sobre currículo mínimo dos cursos de Turismo, 1985.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Resolução s/nº de 28/01/1971.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Relatório de Atividades da Secretaria do Estado do Rio Grande do Sul*. Secretaria de Turismo, 1974

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Turismo: a estratégia gaúcha*. Secretaria de Turismo, s/d.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO . Parecer CNE/CES nº436/2001. Disponível em www.portal.mec.gov.br . Acesso em: 05/05/2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Parecer CNE/CP nº29. Disponível em www.portal.mec.gov.br . Acesso em: 05/05/2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. Cursos de Pós-graduação em Turismo. Disponível em: www.capes.gov.br Acesso em: 17/03/2010 e 05/04/2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Cursos Superiores de Turismo. Disponível em: www.emec.mec.gov.br. Acesso em: 17/03/2010.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA COMÉRCIO E TURISMO. “*Mãos à Obra, Brasil*”, 1996.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA COMÉRCIO E TURISMO. *Política Nacional de Turismo: diretrizes e programas 1996–1999*. Brasil: MICT, 1996.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO; CONSELHO NACIONAL DE TURISMO – CNTUR; e EMPRESA BRASILEIRA DE TURISMO – EMBRATUR. *Anais do I Encontro Oficial do Turismo Nacional*. 1967.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia. Site oficial do curso de Turismo. Disponível em: www.pucrs.face . Acesso em: 15/05/2010.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. FAMECOS. Projeto de Criação do Curso, 1972.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. FAMECOS. Disponível em: www.pucrs.br. Acesso em: 27/06/2007.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. FAMECOS. Livro de atas de reunião do Departamento de Turismo 1976 a 1984.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. FAMECOS. Projeto de Adaptação Curricular, 2006.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. FAMECOS. Processo de Reconhecimento do Curso de Turismo, 1976.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. FAMECOS. Projeto de Revisão Curricular do Curso de Turismo, 2004.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. FAMECOS. Projeto de Reformulação Curricular do Curso Superior de Turismo, 2003.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. FAMECOS. Projeto Pedagógico, Reestruturação Curricular do Curso Superior de Turismo, 1993.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. FAMECOS. Projeto Pedagógico da FAMECOS, s/d.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. FAMECOS. Site oficial do curso de Turismo. Disponível www.pucrs.famecos. Acesso em 25/08/2008.

REVISTA VEJA, 04/11/1998, Edição 1571.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PETRÓPOLIS. Site oficial do curso de Turismo. Disponível em: www.ucp.br . Acesso em: 02/06/2009.

Jornais

A Unidade (Carazinho/RS), 19/06/1974

Correio da Manhã/RJ, 22/05/1972

Correio da Manhã/RJ, 27/05/1972
Correio do Povo/RS, 21/04/1971
Correio do Povo/RS, 27/10/1971
Correio do Povo/RS, 06/11/1971
Correio do Povo/RS, 05/05/1972
Correio do Povo/RS, 02/06/1972
Correio do Povo/RS, 06/06/1972
Correio do Povo/RS, 08/06/1972
Correio do Povo/RS, 16/06/1972
Correio do Povo/RS, 13/07/1972
Correio do Povo/RS, 16/07/1972
Correio do Povo/RS, 17/07/1972
Correio do Povo/RS, 30/07/1972
Correio do Povo/RS, 03/08/1972
Correio do Povo/RS, 15/08/1972
Correio do Povo/RS, 07/09/1972
Correio do Povo/RS, 27/09/1972
Correio do Povo/RS, 18/10/1972
Correio do Povo/RS, 22/10/1972
Correio do Povo/RS, 26/10/1972
Correio do Povo/RS, 02/02/1973
Correio do Povo/RS, 18/02/1973
Correio do Povo/RS, 21/02/1973
Correio do Povo/RS, 11/03/1973
Correio do Povo/RS, 13/03/1973
Correio do Povo/RS, 28/03/1973
Correio do Povo/RS, 08/04/1973
Correio do Povo/RS, 09/06/1973
Correio do Povo/RS, 22/09/1973
Correio do Povo/RS, 20/10/1973
Correio do Povo/RS, 25/10/1973
Correio do Povo/RS, 23/12/1973
Correio do Povo/RS, 22/01/1974
Correio do Povo/RS, 21/02/1974
Correio do Povo/RS, 15/03/1974
Correio do Povo/RS, 16/03/1974
Correio do Povo/RS, 17/03/1974
Correio do Povo/RS, 20/03/1974
Correio do Povo/RS, 07/04/1974
Correio do Povo/RS, 21/04/1974
Correio do Povo/RS, 24/04/1974
Correio do Povo/RS, 07/05/1974
Correio do Povo/RS, 13/06/1974
Correio do Povo/RS, 03/07/1974
Correio do Povo/RS, 06/07/1974
Correio do Povo/RS, 10/07/1974
Correio do Povo/RS, 31/07/1974
Correio do Povo/RS, 13/08/1974
Correio do Povo/RS, 14/08/1974
Correio do Povo/RS, 13/10/1974
Correio do Povo/RS, 28/11/1974
Correio do Povo/RS, 13/12/1974

Correio do Povo/RS, 17/12/1974
Correio do Povo/RS, 23/01/1975
Correio do Povo/RS, 09/05/1976
Correio do Povo/RS, 27/07/1976
Correio do Povo/RS, 08/08/1976
Correio do Povo/RS, 12/08/1976
Correio do Povo/RS, 13/08/1976
Correio do Povo/RS, 15/08/1976
Correio do Povo/RS, 07/09/1976
Correio do Povo/RS, 10/09/1976
Correio do Povo/RS, 17/10/1976
Correio do Povo/RS, 16/12/1976
Correio Rural (Viamão/RS), 29/06/1974
Diário de Notícias/RS, 02/06/1972
Diário de Notícias/RS, 03/06/1972
Diário de Notícias/RS, 07/06/1972
Diário de Notícias/RS, 13/06/1974
Diário de Notícias/RS, 29/06/1974
Diário de Notícias/RS, 07/07/1974
Diário de Notícias/RS, 16/07/1974
Diário de Notícias/RS, 11/08/1974
Diário de Notícias/RS, 14/08/1974
Diário de Notícias/RS, 15/12/1974
Diário de Notícias/RS, 17/12/1974
Folha da Manhã/RS, 06/06/1972
Folha da Manhã/RS, 11/06/1974
Folha da Manhã/RS, 16/12/1974
Folha da Tarde/RS, 17/04/1972
Folha da Tarde/RS, 16/10/1973
Folha da Tarde/RS, 10/06/1974
Folha da Tarde/RS, 10/07/1974
Folha da Tarde/RS, 16/07/1974
Folha da Tarde/RS, 12/08/1974
Folha da Tarde/RS, 23/10/1974
Folha da Tarde/RS, 10/12/1974
Folha da Tarde/SP, 03/06/1972
Folha de São Borja/RS, 03/07/1974
Folha de Uruguaiana/RS, 08/07/1974
Jornal da Manhã (Ijuí/RS), 18/06/1974
Jornal do Brasil/RJ, 11/04/1974
Jornal do Brasil/RJ, 31/10/1974
Jornal do Brasil/RJ, 31/10/1974
Jornal do Comércio/RS, 02/03/1973
Jornal do Comércio/RS, 04/05/1973
Jornal do Comércio/RS, 07/06/1972
Jornal do Comércio/RS, 10/05/1974
Jornal do Comércio/RS, 12/06/1974
Jornal do Comércio/RS, 13/08/1974
Jornal do Comércio/RS, 16/07/1974
Jornal do Comércio/RS, 16/08/1974
Jornal do Comércio/RS, 20/07/1972
Jornal do Comércio/RS, 23/09/1974

Jornal do Comércio/RS, 28/06/1974
Jornal do Comércio/RS, 31/07/1974
Jornal Hipertexto, 2002
O Estado de São Paulo/SP, 21/10/1973 (Suplemento de Turismo)
O Peixeiro (Rio Grande/RS), 23/06/1974
O Quero-Quero/RS, 28/09/1973
Zero Hora/RS, 21/02/1973
Zero Hora/RS, 26/05/1974
Zero Hora/RS, 1/12/1985 (Suplemento de Turismo)
Zero Hora/RS, 25/04/2010 (Caderno Empregos e Oportunidades)
Zero Hora/RS, 05/05/2010

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Cessão ou de Autorização

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, RENATO BATISTA MASINA,
CPF número 000213000/97, Carteira de Identidade número
1000942746, emitida pelo SECRETARIA SEGURANÇA PÚBLICA/RS
domiciliado (a) e residente na cidade de PORTO ALEGRE, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 06 de maio de 2009, perante a
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 06 de maio de 2009.

Renato Batista Masina

assinatura

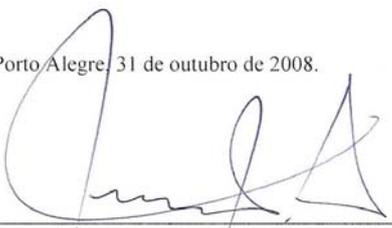
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Antoninho Muza Raimo
CPF número 003221300-00, Carteira de Identidade número
9007977219, emitida pelo SSP-RS,
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 31 de outubro de 2008, perante a
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 31 de outubro de 2008.



assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, EUGÊNIO MENDES MARADO
CPF número 001743600.10, Carteira de Identidade número
4007407291, emitida pelo DPC-04/02-RGS-,
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 02 de agosto de 2008, perante a
pesquisadora _____.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 02 de agosto de 2008.


_____ assinatura

**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral**

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, **Paulo Francisco R. Nardi**, CPF nº 082.215.290-87, Carteira de Identidade nº 1005501927, emitida pela SSP/RS, domiciliado (a) e residente na cidade de Canela (RS), declaro ceder ao Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 29 de abril de 2010, perante a pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 29 de abril de 2010.



assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Julio Roberto A. Pabasso
CPF número 016341290-72 Carteira de Identidade número
9022290986, emitida pelo SJS-RS,
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 12 de janeiro de 2009, perante a
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 12 de janeiro de 2009.


assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História

AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Pelo presente documento, eu, Cherise Jane Jacina Sauer
CPF número 183903280/87, Carteira de Identidade número
8003751644, emitida pelo SSP-RS,
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro autorizar a
utilização de minha entrevista, pela doutoranda Dalila Rosa Hallal, para a realização de sua
tese no Programa de Pós-graduação em História da PUCRS.

Porto Alegre, 03 de agosto de 2009.



assinatura

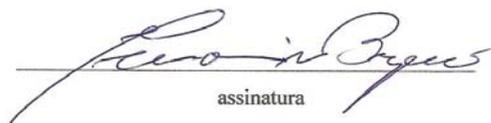
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Jerônimo Antônio Santos Braga
CPF número 10638113091, Carteira de Identidade número
1003397187, emitida pelo OSP/RS,
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 27 de março de 2009, perante a
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 27 de março de 2009.


assinatura

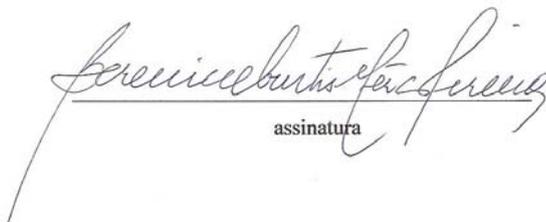
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, BERENICE CURTIS MEACIO PEREIRA
CPF número 178.523.150-20, Carteira de Identidade número
7002370513, emitida pelo SSP RS,
domiciliado (a) e residente na cidade de PORTO ALEGRE, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 16 de maio de 2009, perante a
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 16 de maio de 2009.


assinatura

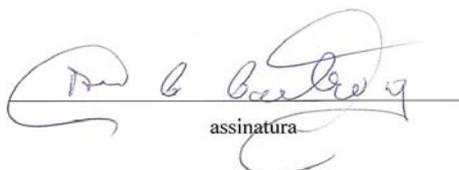
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Antonio Carlos Castrogiovanni CPF número 264117760-91, Carteira de Identidade número 42.143, emitida pelo CREA/RS, domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre/RS, declaro ceder ao Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 14 de setembro de 2009, perante a pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 14 de setembro de 2009.


assinatura

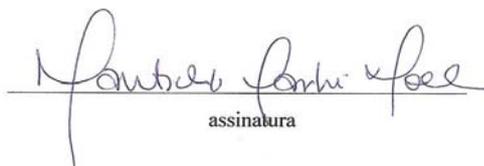
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, MARUTSCHKA MARTINI MOEJCH
CPF número 2004858868, Carteira de Identidade número
339.587.500-87, emitida pelo SSP. Polícia Civil,
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 29 de março de 2010, perante a
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 29 de março de 2010.


assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, LEANDRO AUSTONJO DE LEMOS,
CPF número 512970350 20, Carteira de Identidade número
6027281036, emitida pelo SSP-RS,
domiciliado (a) e residente na cidade de PORTO ALEGRE, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 21 de agosto de 2009, perante a
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 21 de agosto de 2009.



assinatura

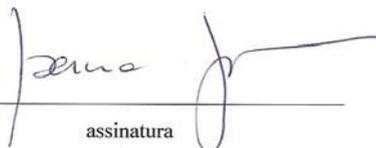
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Suzene de Araújo Gastel
CPF número 253 627 630-91 Carteira de Identidade número
4005630 654, emitida pelo SSP/RS,
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 29 de março de 2010, perante a
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 29 de março de 2010.



assinatura

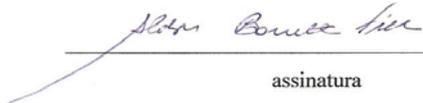
**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral**

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Abdon Barretto Filho, CPF número 080509455-53, Carteira de Identidade número 547045-53, emitida pelo SSP-BA_, domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre_, declaro ceder ao Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 19 de maio de 2009, perante a pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 19 de maio de 2009.



assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História

AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Pelo presente documento, eu, Jerma Martinini Soares,
CPF número 250996630/89, Carteira de Identidade número
2002371496 emitida pelo GGP-RS,
Jomiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre-RS, declaro autorizar a
utilização de minha entrevista, pela doutoranda Dalila Rosa Hallal, para a realização de sua
tese no Programa de Pós-graduação em História da PUCRS.

Porto Alegre, 30 de abril de 2010.

Jerma Martinini Soares
assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Diney Adriana N. de Oliveira,
CPF número 292231130/91, Carteira de Identidade número
7011385015, emitida pelo SJS/Instituto de Identificação
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 10 de novembro de 2008, perante
a pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 10 de novembro de 2008.

Diney Adriana N. de Oliveira

assinatura

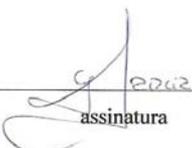
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Gláucia Tereziinha Fevaz,
CPF número 144.212.430-34, Carteira de Identidade número
1007090119, emitida pelo SSP,
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre-RS declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 17 de abril de 2009, perante a
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 17 de abril de 2009.


assinatura

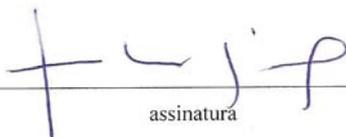
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Luis Gustavo Silva,
CPF número 92994560-53, Carteira de Identidade número
106148434, emitida pelo SSB-RJ,
domiciliado (a) e residente na cidade de PORTO ALEGRE, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 21 de junho de 2009, perante a
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 21 de junho de 2009.


assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Silvana Lehn, CPF número 640602680-20, Carteira de Identidade número 4044653865, emitida pelo SSPRS, domiciliado (a) e residente na cidade de Novo Hamburgo, declaro ceder ao Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 30 de abril de 2009, perante a pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 30 de abril de 2009.


assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, LENORA HORN SCHWEIDER
CPF número 220275050-91, Carteira de Identidade número
2012047615, emitida pelo _____,
domiciliado (a) e residente na cidade de PORTO ALEGRE, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 02 de dezembro de 2008, perante
a pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 02 de dezembro de 2008.



assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Ana Lucia Touguinho Weide
CPF número 26512700082, Carteira de Identidade número
6000540937, emitida pelo SSP-RS,
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 31 de outubro de 2008, perante a
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 31 de outubro de 2008.

Ana Lucia T-Weide

assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, MARCIA COLAO MERLO,
CPF número 453 697 470-91, Carteira de Identidade número
1029357561, emitida pelo SIS/RS,
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 31 de outubro de 2008, perante a
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 31 de outubro de 2008.

Marcia Colao Merlo

assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Rita de Cassia Micholon,
CPF número 417.227.730-91, Carteira de Identidade número
9029333201, emitida pelo SSP/RS,
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 02 de dezembro de 2008, perante
a pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 02 de dezembro de 2008.



assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, MAURICIO SCHAIDHAUER,
CPF número 920.700.860-20, Carteira de Identidade número
50.55.52.35.33, emitida pelo SEF/RS,
domiciliado (a) e residente na cidade de PORTO ALEGRE, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 04 de março de 2010, perante a
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 04 de março de 2010.


assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Sabrina Gomes Dias,
CPF número 89306872020, Carteira de Identidade número
1056460098, emitida pelo SSP RS,
domiciliado (a) e residente na cidade de POA, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 17 de abril de 2009, perante a
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 17 de abril de 2009.

Sabrina Gomes Dias

assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Ivone dos Passos Maio,
CPF número 99694816068, Carteira de Identidade número
8081493705, emitida pelo SJS/RS,
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 17 de abril de 2009, perante a
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 17 de abril de 2009.

Ivone Maio
assinatura

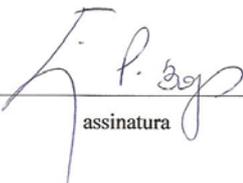
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Giana Pereira Borges,
CPF número 666.828.190-72, Carteira de Identidade número
8051.816117, emitida pelo SSP-RS,
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 17 de abril de 2009, perante a
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 17 de abril de 2009.



assinatura

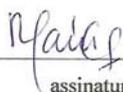
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Flávia D. da Silva Custódio
CPF número 528369240/04, Carteira de Identidade número
2035213632, emitida pelo SJS,
domiciliado (a) e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 27 de março de 2009, perante a
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 27 de março de 2009.



assinatura

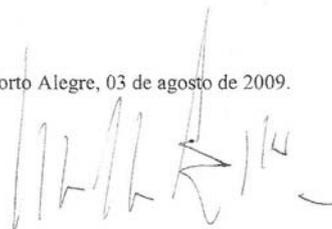
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, MARIO CARLOS BENI, CPF número 060818948-00, Carteira de Identidade número 1952532, emitida pelo SSP/SP, domiciliado (a) e residente na cidade de São Paulo, declaro ceder ao Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 03 de agosto de 2009, perante a pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 03 de agosto de 2009.



assinatura

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, EDISON BAPTISTA CHAVES,
CPF número 003839880, Carteira de Identidade número
1002396446, emitida pelo SSP-RS,
domiciliado (a) e residente na cidade de PORTO ALEGRE, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 07 de outubro de 2008, perante a
pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 07 de outubro de 2008.


assinatura

**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral**

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Victor José Faccioni, CPF nº 002.250.370-68, Carteira de Identidade nº 5001498749, emitida pela SSP/RS, domiciliado e residente na cidade de Porto Alegre, declaro ceder ao Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei a essa entidade, inclusive com as alterações contidas no documento escrito, que se encontra em anexo, na cidade de Porto Alegre, no dia 02 de agosto de 2008, perante a pesquisadora Dalila Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 02 de agosto de 2008.


Victor José Faccioni.

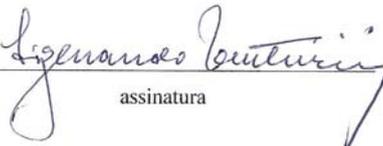
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em História
Centro de Pesquisa em História Oral

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DOCUMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, SIZENANDO VENTURINI,
CPF número 001501500-91, Carteira de Identidade número
5000323898, emitida pelo SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
domiciliado (a) e residente na cidade de PORTO ALEGRE, declaro ceder ao
Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS, sem quaisquer restrições, a plena
propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que
prestei a essa entidade, na cidade de Porto Alegre, no dia 03 de novembro de 2008, perante
a pesquisadora Dalila Rosa Hallal.

O Centro de Pesquisa em História Oral da PUCRS fica conseqüentemente
autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no
todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para
fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Porto Alegre, 03 de novembro de 2008.


assinatura